

LEENA LEHTOLAINEN

MULHER DE NEVE

Tensão
e ameaças
na nova
investigação
de Maria
Kallio

VESTÍGIO



LEENA LEHTOLAINEN

MULHER DE NEVE

Tensão e ameaças na nova investigação de Maria Kallio

Traduzido do francês por
Ana Carolina Oliveira

VESTÍGIO

Prólogo

Não sei quem estava com mais medo, eu ou a oficial na frente da qual eu estava de pé. Minha amiga de faculdade, Riina, nunca tinha casado ninguém, e vi que seus joelhos tremiam quando ela abriu a cerimônia; mas era meu primeiro casamento também. Minhas pernas estavam bambas, e o suor da minha mão, agarrada à de Antti, pingava forte sobre o taco da *Villa Elfvik*.

– Maria Kristina Kallio, você aceita Antti Johannes Sarkela, aqui presente, como esposo...

Eu já tinha esquecido que, mesmo em um casamento civil, se deve falar “Sim, eu aceito”. Quase não consegui articular uma palavra e Antti me olhou, provavelmente achando que eu iria dar para trás no último minuto. Suspirei em consentimento e, assustado, Antti gritou o seu com tanta força que Riina ficou sem ação. Mais tarde, contudo, nossos convidados disseram não terem visto nada de estranho naquela cena.

Riina nos declarou marido e mulher, e nos voltamos para os convidados, para nos beijarmos e receber nosso lote de felicitações. Queríamos que as núpcias fossem as mais informais possíveis, e a escolha do casamento civil tinha parecido lógica, já que Antti não era um homem de fé. Minha própria relação com a religião era tênue demais para que eu desejasse as bênçãos da igreja.

Os abraços se sucediam. Meus pais, minhas irmãs, meus amigos. Koivu me levantou bem alto no ar e disse a Antti, em um tom entre brincalhão e sério:

– Você aí, é melhor cuidar muito bem da Maria...

Meus colegas, vindos em bando, pareciam estranhamente morosos. Meu superior, o comissário chefe Jyrki Taskinen, da brigada contra a criminalidade e os atentados a pessoas da polícia de *Espoo*, me felicitou com a cara séria, e os outros representantes da nossa unidade, Palo e Ström, com um ar bastante incomodado, como se eles temessem que meu casamento fosse diminuir minha eficiência no trabalho. Para fechar com chave de ouro, o celular de Taskinen começou a tocar logo que ele apertou a mão de Antti.

– Espero que não tenham violentado ninguém, não estou exatamente disponível no momento – grunhi para Palo. Um colega de universidade de Antti, que se preparava para nos cumprimentar, me lançou um olhar hostil.

Continuei a apertar mãos e vi, com o canto do olho, Taskinen se misturar novamente aos outros; não devia ser nada que exigisse a presença dele. Engoli minha curiosidade e me concentrei nos convidados. O trabalho que me esperava não ia fugir durante minhas duas semanas de licença.

Faço parte desse grupo de mulheres que, quando crianças, sonhavam com o casamento como uma coisa segura, mas entenderam rapidamente que um véu branco e um marido rico não eram um objetivo de vida. Dos 15 aos 30, mais ou menos, fui uma solteira convicta e tenho que confessar que ainda ocorre de eu me perguntar o que me levou a aceitar o pedido de Antti Sarkela. Eu o amava, claro, a questão não era essa, mas amava mais ainda minha liberdade e adorava meu trabalho, apesar dos horários irregulares.

– Você continua se chamando Kallio? – perguntou-me a irmã de Antti.

– Cada um de nós manteve o próprio sobrenome – apressou-se em frisar Antti.

Ele parecia ainda maior e mais magro do que o normal, em seu smoking especial para a cerimônia, destoando de seus longos cabelos castanhos que caíam sobre os ombros. Meu vestido de noiva, apesar de longo e bege, era bem menos tradicional, com guirlandas de rosas em tecido vermelho sangue, uma das quais se prolongava para enfeitar meu penteado. Usava também luvas e sapatos de um vermelho libertino. Talvez a Maria de 10 anos atrás não tivesse ficado totalmente satisfeita com meu *look*, mas os convidados pareciam gostar do que viam.

– É bom ver você sem seu eterno jeans ou seu único *tailleur* – brincou Palo quando, ao fazermos o *tour* pelos nossos convidados, nos sentamos à mesa dos meus colegas.

Pertti Ström, Pertsas para os íntimos, deu um sorriso dissimulado porque, alguns anos antes, ele tinha me flagrado de minissaia de couro e meia-calça arrastão, durante nossas investigações sobre um caso de assassinato.

– Você deixou o relatório sobre o caso Vilen na minha mesa? – disparou ele.

Antes que eu tivesse tempo de responder, Taskinen interveio, com um ar irritado:

– Pertti, não vamos falar de trabalho. É o casamento da Maria.

– Se eu não tiver esse relatório, vou ser obrigado a incomodá-la em plena lua de mel – rosnou Ström.

– Não se preocupe, ele está em cima da sua mesa – assegurei-lhe, com um tom adocicado, antes de passar à mesa seguinte.

Ele não se cansava de espionar meus erros eventuais. Aliás, eu me perguntava o que ele fazia ali; não tínhamos rigorosamente nada em comum.

Eu não tinha podido engolir nada durante todo o dia, e o almoço de casamento estava mais que delicioso. Nossos pais e amigos fizeram discursos, desfiaram todos os *clichês* possíveis, da corda no pescoço de Antti até sua experiência como capitão, que parecia não tê-lo impedido de se afundar. Ninguém, felizmente, chegou ao ponto de evocar a Virgem Maria. Nossa valsa de bodas teve certo êxito graças a uma mulher baixinha e a um homem de quase dois metros. Eu estava dançando com Palo, quando Ström veio nos interromper.

– Raitio foi preso no aeroporto de Turku. Temos que ir buscá-lo.

Não precisava dizer mais nada. Tratava-se de um membro importante de uma quadrilha de traficantes de drogas que perseguíamos há muito tempo. Ele tinha desaparecido há algumas semanas, e estávamos quase certos de que tinha conseguido fugir do país.

– Você só vai ter que adiar um pouco sua noite de núpcias e vir conosco a Turku. De todo jeito, nada de novo a espera. – insinuou Pertsas, mais grosseiro do que normalmente.

– Mas vai ser a primeira vez na minha vida que vou transar legalmente – respondi, sem me intimidar, e desejei uma boa viagem a meus colegas.

Taskinen apertou minha mão. Palo me deu um beijo desajeitado. Antes de seguir os colegas, Pertsas sussurrou ao meu ouvido:

– Policiais podem sempre tentar se casar, mas isso nunca acaba bem. Mesmo na noite de núpcias, você só pensa no trabalho. Nenhum homem suporta isso.

– Obrigada pelo estímulo. – Dei um passo para trás, deixando uma marca de batom na sua bochecha.

Enquanto ele se retirava, carrancudo, fiquei me perguntando se ele não tinha razão. Felizmente, Antti me carregou para a pista de dança e eu esqueci todas as minhas dúvidas pelo resto da noite.

Um

O vento que sacudia meu pequeno Fiat jogava pedaços de neve no para-brisa. O mês de dezembro tinha tido um inverno especialmente rigoroso. Não passava das três, mas já era quase noite. Não me adiantou nada ter passado frequentemente por Nuuksio; de repente, a estrada parecia desconhecida. Repeti as orientações que me tinham dado: virar a primeira à direita depois da ponta do lago Pitkäjärvi, depois duas vezes à esquerda. A última parte era apertada e, provavelmente, estaria bloqueada pela neve. Por sorte, eu trazia uma pá no porta-malas.

Contudo, não precisei parar porque alguém tinha desbloqueado a estradinha que levava à mansão de Rosberga, cujas luzes brilhavam no alto de uma colina. Tinham até jogado sal no caminho que subia até o portal de pedra rosa. O local era, sem dúvida, magnífico no verão, mas naquela estação as roseiras ao redor das muralhas estavam cobertas só de espinhos.

O ferrolho duplo estava trancado, e a faixa presa a ele não tinha nada de muito acolhedor. Há alguns anos, quando o centro de treinamento de Rosberga fora inaugurado, muito se falou sobre isso. ENTRADA PROIBIDA A HOMENS estava escrito em austeras letras pretas. A estátua de um urso do tamanho de um gato, que ficava em cima do portal, parecia certamente mais simpática.

Elina Rosberg, a proprietária da mansão, não permitia que nenhum homem entrasse lá. As terapias de grupo e os seminários que conduzia eram reservados às mulheres. Dizem que ela só contratava encanadoras ou pedreiras para os trabalhos de manutenção de Rosberga. Quando quis que alguém da polícia fizesse uma palestra sobre um estágio de autodefesa intelectual, ela insistiu que fosse uma mulher.

O comissariado de Espoo, onde eu trabalhava, há anos fazia enormes esforços de interação. Havíamos distribuído aos estudantes miniaturas colecionáveis com as imagens dos funcionários dos nossos serviços, e esses participavam de bom grado de diferentes manifestações a fim de falar sobre seu trabalho e informar o público. Por isso, ninguém fez muita chacota quando Elina Rosberg pediu que uma policial fizesse uma palestra sobre os crimes contra as mulheres e as relações delas com as autoridades.

– É uma missão perfeita para Kallio – brincou Pertti Ström na sala de descanso da brigada. – Se quisermos que aquelas megeras tenham confiança na polícia, é melhor lhes enviarmos uma delas.

– É uma pena que os homens não possam entrar lá. Eu poderia exhibir você como um espécime de falocrata da pior espécie – respondi.

– Pertsu, falocrata? Agora que ele acabou deixando a mulher trabalhar, com as consequências que sabemos – golpeou Palo, escondendo-se debaixo da mesa para fugir do soco de Ström, dado de brincadeira, mas, talvez, não tão inofensivo como poderíamos achar. O divórcio dele, há alguns anos, tinha deixado marcas.

Preparei-me para descrever, da maneira mais realista, as mulheres que trabalhavam na polícia ou que tinham algum envolvimento com o departamento. O problema era que eu não sabia para que tipo de público falaria. A mansão de Rosberga era normalmente tida como um reduto ultrafeminista, tanto

que uma parte dos treinamentos era organizada em colaboração com a liga feminista Unioni e a Associação pelos direitos das lésbicas, gays, bissexuais e transexuais. Como membro das duas, conhecia a diversidade de suas participantes. Sem dúvida, fosse qual fosse, teria que honrar minha profissão. O público seria certamente diferente do de clubes de aposentados ou de mães de família, diante dos quais eu já tinha falado.

Fui incumbida tão facilmente de representar a profissão pelo fato de eu não corresponder à imagem tradicional de um policial. Além de ser mulher, eu era pequena, pouca coisa mais do que 1,60 m. Meus cabelos arrepiados puxavam naturalmente para o ruivo e eu costumava acentuar essa tendência com tinta para cabelos. Meu nariz era torto e eu tinha sardas que, felizmente, desapareciam no inverno. Meu corpo era uma mistura estranha de músculos e curvas e, sem dúvida, por causa da minha boca redonda e minhas roupas de adolescente, às vezes ainda me pediam documento de identidade quando eu comprava bebidas alcoólicas, mesmo já tendo mais de trinta anos. Naquele dia, eu estava usando jeans, uma blusa de lã de gola rolê, um colete com corte masculino e um pouco de maquiagem, com o propósito de me fazer parecer mais velha.

Do lado de fora do portal, à primeira vista, parecia não haver nem campainha nem aldrava. Eu ia descer do carro para olhar mais de perto quando os ferrolhos se abriram sozinhos. Ao entrar no pátio coberto de roseiras encarquilhadas de frio, ouvi-os fecharem-se novamente atrás de mim e, sem saber por que, apesar de eles estarem ali com o intuito de proteger o local dos perigos do exterior, seu barulho me soou ameaçador.

A mansão de Rosberga também era pintada de rosa, e os muros, assim como o pátio, desapareciam sob as roseiras. Muitas pessoas zombaram da aparência de castelo da Bela Adormecida quando foi aberto o centro de treinamento proibido para os homens. *As feministas só estão esperando, finalmente, o beijo do príncipe encantado?*, foi a manchete publicada por um tabloide. Parece que as roseiras tinham sido plantadas pela avó de Elina Rosberg.

Ela, que me esperava no degrau de entrada da porta emoldurada em branco, me acolheu com um vigoroso aperto de mão. A silhueta magra, apesar dos ombros largos e dos seios generosos, me ultrapassava em mais ou menos 20 centímetros. O vento balançava os cabelos curtos e louros e a luz, batendo de viés, valorizava seu nariz grande e fino e as bochechas altas. Mesmo usando jeans e botas velhas, ela tinha a postura de uma castelã. Sua voz era de contralto, agradável e alegre.

– Aceita uma xícara de chá antes da palestra? – perguntou, depois de me cumprimentar. – O grupo ainda está em pleno relaxamento.

O treinamento do qual eu deveria participar tinha como tema “Autodefesa intelectual”. Perguntei a Elina sobre o público que me aguardava.

– O número de participantes é especialmente alto, mais ou menos 20. É importante dizer que é a primeira vez que organizamos esse treinamento. Os debates são acalorados e as opiniões são, às vezes, bem divergentes.

Entramos em uma grande cozinha. Em um canto, um forno de tijolo para fazer pão exalava um calor doce. Só faltava um gato na beirada.

– Aira, você pode servir uma xícara de chá à inspetora chefe Kallio, por favor? Vou à sala ver em que ponto está o relaxamento – disse Elina Rosberg, antes de nos dar as costas, me deixando perplexa diante do formal “inspetora chefe Kallio”. A mulher sentada perto do forno se levantou e se apresentou como Aira Rosberg.

– Tia de Elina – acrescentou.

Mesmo sem essa informação, o parentesco era evidente. Aira Rosberg tinha, com certeza, mais de 70 anos, mas era quase tão alta e de postura tão elegante quanto a da sobrinha. O nariz grande e fino era idêntico, assim como os olhos, de um azul muito pálido. Porém, a cor da tinta dos cabelos as distinguia: os de Aira Rosberg formavam um belo capacete cinza.

O chá estava quente e com sabor de cassis. Eu me sentei numa poltrona em um canto da cozinha e recusei o pãozinho. Tentava pensar na minha palestra, mas meu olhar estava atraído por Aira que, usando um avental Marimekko, tradicional marca finlandesa, guardava em um armário as vasilhas e talheres que estavam no lava-louças. Será que ela assumia as funções de cozinheira em Rosberga? Seus gestos eram organizados e certos. Ela trabalhava sem se dar conta de mim, a não ser para me perguntar se eu queria mais chá.

O tempo parecia passar lentamente, mas, de acordo com meu relógio, só tinham se passado sete minutos quando Elina Rosberg voltou.

– Estamos prontas, se você estiver.

Eu a segui no *hall* ornamentado por uma grande escadaria. Uma porta a duplo batente dava para um cômodo que deveria ser o antigo salão da mansão. As paredes eram cobertas de papel de parede com desenho de rosas, mas, ao invés de móveis antigos, mesas e cadeiras leves, fáceis de carregar, alinhavam-se sobre o taco encerado.

Elina me mostrou o lugar reservado aos palestrantes, assim como o retroprojetor, e me apresentou às estagiárias. Comecei a balbuciar minha palestra, incomodada por estar diante de mesas dispostas como em uma sala de aula. Depois de alguns minutos, consegui disfarçar meu nervosismo e retomar minha voz normal. Elina me escutava, sentada na primeira fila. A blusa de lã azul clara se refletia em seus olhos pálidos, valorizando a cor deles. Ela tinha dobrado as longas pernas sobre a cadeira, em uma posição estranha, e dava para ver que uma de suas meias cinza tinha sido cerzida, inadvertidamente, com um fio roxo. Aira se esgueirou para a última fila. Tinha tirado o avental e parecia mais angulosa, usando uma camisa de flanela cinza e calça de veludo azul-escuro.

As participantes do treinamento de autodefesa intelectual de Rosberga escutavam em silêncio, com o ar surpreendentemente interessado, algumas até faziam anotações. Tinham o exato perfil que eu havia imaginado: uma média de 35 anos, roupas casuais e pelo menos a metade com os cabelos pintados de vermelho. Quase todas usavam brincos retrô e duas tinham as mesmas pequenas Deusas da Lua que eu. Poderia perfeitamente me misturar ao grupo, nada me distinguiria delas, nada faria que me apontassem o dedo como sendo da polícia.

Por outro lado, duas mulheres se sobressaíam. A mais jovem tinha os cabelos muito curtos, pretos com mechas roxas, e mais maquiagem que todas as outras estagiárias juntas. Enquanto a maioria usava roupa esportiva, provavelmente por causa da sessão de relaxamento, ela estava usando uma minissaia preta que mal cobria seu traseiro e moldava lindamente as curvas do seu corpo, uma jaqueta de couro da mesma cor e botas roxas de salto alto, de couro de veado. Sua maquiagem tinha a intenção de fazê-la parecer mais velha, mas dava para ver bem, olhando mais de perto, que ela não poderia ter mais do que vinte anos. Com um ar *blasé*, ela olhava fixamente as longas unhas roxo-escuras e, involuntariamente, fazia um beicinho cada vez que eu pronunciava a palavra “polícia”.

A segunda mulher que se destacava do grupo tinha a magreza das pessoas que correram exaustivamente a vida inteira. Seus cabelos, de um louro descorado, estavam presos em um coque apertado, os olhos azul-acinzentados miravam o vazio. Era difícil precisar-lhe a idade, pois o colete de lã marrom e o vestido de vovó, quadriculado com tons de marrom, envelheceriam qualquer uma.

Teria adorado vê-la de mais perto, ouvir sua voz. Ela estava sentada, imóvel, como se numa redoma de vidro que a isolasse do mundo. As outras estagiárias sorriam com as minhas histórias, se cutucavam, trocavam olhares, mas aquelas duas, como excluídas, estavam entrincheiradas numa solidão – para a de cabelos em mechas, barulhenta e impaciente, e para a de coque, muda e claramente angustiante.

No final da minha palestra, quando foi a vez das perguntas, não fiquei surpresa que elas tratassem, entre outras, da questão do aumento dos casos de assédio sexual nas vias públicas.

– A polícia se contenta em explicar que não se deve andar sozinha à noite e outras coisas do gênero – começou uma ruiva da minha idade, com o ar animado. – Eu, por exemplo, quero fazer minha corrida tranquila, no horário que me convém, quer dizer, quando meu marido está em casa e as crianças, na cama. Não sou eu que agrido as pessoas, por que eu deveria mudar meus horários por causa de alguns nojentos infelizes?

– Você tem razão, não deveria ser assim. Mas precisamos, apesar de tudo, evitar todos os riscos inúteis. Onde você corre?

Eu conhecia muito bem o medo que, às vezes, toma conta de você quando, durante uma corrida em um caminho desconhecido, pouco frequentado e mal iluminado, cada estalo faz você suspeitar que um assassino se esconde nas moitas. Uma das participantes contou como afugentou um agressor com uma mordida, outra lembrou a colega de emprego que cortou os avanços sexuais no trabalho contando à esposa do culpado durante a festa de Natal da empresa.

Percebi, constrangida, que aquelas mulheres me consideravam um tipo de psicoterapeuta em quem elas projetavam suas histórias. Estava ali só para falar sobre meu trabalho, não para dar lição de vida. Fiquei aliviada quando uma das estagiárias expressou sua raiva contra um policial, homem, que a tinha considerado, de cara, culpada de um acidente em um trevo e tinha se compadecido do previsível acesso de cólera do marido “quando ele vir que a mulherzinha arruinou seu carro”, sendo que ela tinha pago o carro com seu próprio dinheiro e proibia seu marido, péssimo motorista, de dirigi-lo. Eu conhecia aquele clima, aquela solidariedade entre as mulheres e, por dentro, sorri ao constatar que em Rosberga realmente se descia o pau nos homens, como a imprensa tinha informado.

De repente, meus conselhos práticos sobre a maneira de se comportar de acordo com a polícia foram interrompidos com um tumulto. A moça dos cabelos com mechas, que, durante minha palestra, tinha se concentrado praticamente só no seu esmalte roxo, se levantou num pulo e gritou:

– Suas histórias são de chorar! Um carro amassado, meu Deus, meu Deus! É para isso que precisam de um curso de autodefesa intelectual? Ou não querem falar de seus verdadeiros problemas? Hein?

Ela se aproximou de mim. O perfume dela era forte e almiscarado, suor orvalhava da sua testa, sob uma camada grossa de pó facial claro.

– Já fui violentada tantas vezes na minha vida, que já perdi a conta. Incesto, claro, depois um monte de outros caras dos quais nem me lembro, de tão bêbada que estava, a maior parte do tempo. Mas me lembro perfeitamente do último. Sou o que a maioria de vocês desprezam com certeza, ou, colocando de outra maneira, o que eu chamo de profissional do sexo, mas não uma prostituta, não transo com qualquer um, ganho dinheiro só dançando. Um de meus vizinhos veio várias vezes ver meu show e, uma noite, ele pulou em cima de mim no porão, onde eu tinha descido para buscar batatas. Ele se achou no direito de transar comigo daquele jeito porque eu danço nua. E fez ali no chão de cimento, ele achava excitante.

Os olhos dela, estranhamente apagados, demarcados por um traço preto de meio centímetro de espessura, me fixavam, e as abas do pequeno nariz, ornado com uma argola, tremiam como as de um animal enfurecido.

– Você pelo menos deu queixa? – perguntei, por não achar coisa mais pertinente para dizer.

– Não! Você não acredita mesmo que os policiais veriam as coisas de modo diferente dele! Mas eu lhe enviei uma carta para avisar que eu tinha aids – ela retrucou, em um tom furioso. – É mentira – acrescentou, como se por um constrangimento social –, a não ser que o vagabundo tenha me contaminado.

– O que você esperava realmente desse treinamento, Milla? – interveio Elina Rosberg, para meu grande alívio, pois não sabia como continuar a conversa.

– O que eu esperava? Nenhuma ideia. Eu me pergunto o que estou fazendo aqui, na verdade... Mas você – retomou Milla, virando-se de novo para mim – você é policial e feminista, ou o quê? O que me teria dito, se eu tivesse ido dar queixa? Teria me levado a sério?

– Claro.

– Você não teria me passado um sermão de moral, em nome dos direitos da mulher, do estilo não leva a nada ser *stripper*?

– Nesse tipo de situação, normalmente a gente se abstém de dar lição de moral. – Meu esforço de amabilidade não teve efeito, nada parecia conseguir atenuar o ataque de animosidade de Milla.

– Mas, não dando queixa, você se deixa vitimizar! – disparou uma mulher de formas generosas, sentada na primeira fila, que tinha conscienciosamente tomado notas. – Com seu comportamento, você ratifica a ideia de que os homens podem livremente se servir de você e, consequentemente, de qualquer uma de nós, já que não sobra para eles nenhum tipo de pena. Quando aconteceu? Talvez você ainda possa ir à polícia.

– Não me interessa – respondeu Milla. – E o sujeito felizmente não mostrou mais a cara no bar da esquina.

– Essa história de incesto... – começou Elina, com uma voz calma e empática, como uma pessoa acostumada a lidar com questões sensíveis. – Ela tem elementos que possam implicar demandas judiciais? Penso que seria mais interessante falar, agora, dos problemas relacionados à polícia, já que temos a inspetora chefe Kallio entre nós.

– Os fatos já prescreveram há muito tempo, imagine! – disse Milla secamente. – E não adianta nada voltar ao meu caso. É preferível falar das suas histórias de carros, de gatos perdidos. Vou fumar.

Girou sobre os saltos e se dirigiu, com um andar graciosamente rebolado, à porta pintada de rosa.

A feição de Elina Rosberg estava estranhamente perplexa; a situação parecia ter saído, por um instante, de seu controle. Ela olhou para todas as estagiárias, depois para mim, esperando que alguém dissesse alguma coisa. Comecei sem convicção a lembrar os diferentes passos de uma deposição de queixa, mas eu também estava perturbada, menos pela atitude de Milla do que pela de Elina. Eu conhecia Elina, de reputação, há muito tempo. Uns 15 anos antes, quando eu estava no ensino médio, ela tinha uma coluna, como psicóloga, em uma revista para adolescentes da qual minhas irmãs eram assinantes, mas que eu me julgava muito adulta para ler. Apesar de tudo, eu gostava dos seus artigos, porque ela não tentava nem dar lição de moral aos jovens, nem minimizar os problemas deles, e respondia às perguntas com segurança e objetividade. Eu a tinha considerado, sem dúvida, uma espécie de modelo e, quando entrei na escola de polícia, esperava me mostrar tão compreensiva

quanto ela no exercício cotidiano da minha profissão.

Eu me tinha desencantado rapidamente, mas imaginava que Elina seguia seu trabalho com o mesmo entusiasmo do começo. Graças ao centro de treinamentos de Rosberga, ela pôde se consagrar ao que lhe interessava mais do que tudo: às pacientes que sofriam de problemas psíquicos tipicamente femininos, como as desordens comportamentais alimentares.

Ninguém parecia ter mais perguntas a fazer. Eu ia guardar meus papéis na mochila quando a mulher do coque se levantou bruscamente. Ela abriu a boca, voltou a fechá-la e, como em busca de ajuda, olhou para Elina. Depois de um sinal de cabeça da diretora, ela finalmente soltou:

– Podem impedir uma pessoa de ver seus filhos?

Sua voz trêmula se quebrou, tal como um instrumento que tocamos com muita força, e seu rosto incolor ruborizou-se, como se pronunciar aquelas poucas palavras lhe tivesse exigido um esforço imenso.

– De que se trata exatamente? É difícil responder sem maiores detalhes.

A mulher, com um ar assustado, baixou a cabeça, e Elina respondeu por ela:

– Johanna deixou o domicílio conjugal e pediu o divórcio. Ela e o marido querem a guarda dos filhos, mas ele a impede de vê-los.

– Legalmente, ele não tem esse direito, desde que nenhuma decisão judicial a proíba de se aproximar deles. – olhei para Johanna, que estremeceu ao escutar as palavras “decisão judicial”. – Por que seu marido não deixa você ver seus filhos?

Desta vez, ela mesma respondeu, num tom quase provocador, mas sua voz falhou no final:

– Porque matei nosso último filho.

De repente, as estagiárias pareciam transformadas em um grupo de mulheres de neve, imóveis e congeladas. Depois de um breve suspiro coletivo de horror, ninguém deixou escapar o menor barulho, mas todos os olhos estavam fixos em Johanna, cujo rosto tinha passado de vermelho para cinza. Também eu olhava fixamente para ela – com a cabeça abaixada, as roupas muito grandes caindo sobre o corpo mirrado. Tinha ela sido presa? Seria por isso que parecia tão acabada?

A voz grave de Elina rompeu o silêncio:

– Creio que há um pequeno mal entendido. Não acho que alguém aqui considere aborto como assassinato, principalmente quando a gravidez coloca em risco a vida da mãe, assim como a do bebê. Johanna já tem nove filhos e quase morreu ao dar à luz o último.

– Os médicos não podiam ter ligado suas trompas ou colocado um DIU? – gritou a mulher que tinha acusado Milla de comprazer-se no papel de vítima.

– Nossa religião não admite a contracepção. Vai contra a vontade de Deus – respondeu Johanna, cuja voz inexpressiva parecia discursar frases decoradas.

– Você é católica ou o quê? – continuou a mulher.

– Johanna faz parte de uma das comunidades laestadianistas, as mais conservadoras do país – explicou Elina.

– Ela contratou um advogado? – perguntei, apesar da irritação que eu experimentava ao falar a Johanna por intermédio de outros, como se ela fosse idiota.

Sem responder, Elina declarou, num tom autoritário:

– Se ninguém tem mais perguntas para a inspetora chefe Kallio, vamos agradecer a ela e finalizar a sessão. Foi uma palestra muito interessante.

Aplaudiu, e o grupo, desorientado, foi juntando-se a ela. Enquanto as estagiárias deixavam o

salão, ela se aproximou de mim.

– Ainda temos que resolver a questão dos seus custos. Mas gostaria muito que conversasse um pouco com Johanna, se você tiver tempo.

Tempo não era o que me faltava, e estava realmente curiosa para entender a narrativa da vida de Johanna. Ela, seguindo o fluxo, se aproximou da minha mesa, situada ao lado da saída. Enquanto Elina se virou para fechar a porta, ela me dirigiu seu olhar pela primeira vez. Seus olhos cinza estavam cheios de uma angústia contagiante, tão forte que tive que me forçar para não virar o rosto. Na minha cidade natal também havia laestadianistas e Testemunhas de Jeová, mas a diferença mais visível entre a vida deles e a nossa, na escola, era que eles não podiam participar de nenhuma atividade física acompanhada de música, nem mesmo marchar ao som de um tamborim, nem assistir a programas educativos na televisão da escola. As pencas de filhos deles eram mesmo terrivelmente numerosas, mas nunca tinha ouvido falar de mulheres mortas no parto.

– Esses policiais ultrapassaram seus direitos, se você não teve um comportamento violento. Talvez fosse bom entrar em contato com o único entre eles que não é laestadianista e discutir com ele. E, claro, com a polícia departamental. Como se chama seu marido e qual é a profissão dele?

– Levi Sântti. Ele é um pregador – respondeu Johanna, e eu quase comecei a rir, de tão absurdo aquilo parecia.

– Então é um notável?

– É o pregador leigo nomeado da nossa igreja.

– Ele é conhecido em todo o país, para falar a verdade – acrescentou Elina.

Eu refletia. Não sabia verdadeiramente o que Johanna e ela esperavam de mim. Repeti a pergunta sobre o advogado, que parecia também ser um problema. O do escritório de ajuda judicial local também era laestadianista, e Johanna não tinha meios para remunerar qualquer outro.

Precisei me dar um chute mental na virilha para me impedir de prometer alguma coisa. Além do meu título de inspetora chefe, eu tinha feito um mestrado em direito e trabalhei durante quase um ano em um escritório de advogados, antes de ir à falência. Exercer minha segunda profissão me atraía, às vezes bastante, mas onde acharia tempo, já afogada nos casos a resolver? Não tinha certeza, além disso, de que seria deontologicamente aceitável, e o fato de Johanna viver longe de Espoo, sem dúvida, não ajudava nada. Talvez um policial em serviço não estivesse nem autorizado a exercer atividades jurídicas paralelas.

– Tenho uma amiga – reagi finalmente, lembrando-me da minha colega de faculdade, Leena – que dava, de tempos em tempos, plantões jurídicos na associação feminista Unioni. Vou lhe dar o telefone dela, ligue para ela. Ela vai com certeza poder ajudar você. Eu também... Vou checar se conheço alguém do departamento de polícia local. Você já deu entrada no seu processo de divórcio?

– Ainda não – murmurou Johanna.

– Você não é doente mental nem alcoólatra, acredito. E também não tem outras relações masculinas, além do seu marido, ou estou enganada? – Johanna sacudiu a cabeça, como que aterrorizada pela minha pergunta. – Não vejo nenhuma razão para que a justiça dê a ele guarda plena dos seus filhos.

Eu tentava parecer tranquilizadora, consciente de que, apesar de tudo, muita coisa dependia do juiz. Naquele momento, meu bipe tocou.

– Com licença, vou precisar de um telefone. Estou de plantão.

– O mais próximo é na cozinha. Aira se encarregará, ao mesmo tempo, dos papéis para assinar.

Não vai ficar para jantar?

– Infelizmente, não, mas mantenha-me informada sobre Johanna. – resmunguei, enquanto rabiscava o número de Leena em um pedaço de papel.

Na cozinha, Aira preparava o jantar – pelo aroma, um cozido de legumes, enriquecido de ervas. Preenchi minha folha de presença, ao mesmo tempo que discava o número do comissariado. Pertsu, do outro lado da linha, grunhiu que uma mulher tinha esfaqueado seu companheiro em Suvela, um caso, segundo ele, dentro das minhas atribuições. Prometi ir para lá em seguida.

Não reencontrei Elina, nem Johanna. Ao voltar ao meu carro, vi, através de uma janela sem cortina, um grupo de mulheres que se apertavam alegremente ao redor de uma mesa iluminada por velas. Elina estava se sentando enquanto Aira trazia um cesto de pão. Johanna parecia não estar lá. No momento em que dava partida, a porta da mansão se abriu. Percebi pelo espaço entreaberto a cabeça com mechas roxas de Milla, depois o batente se fechou e só vi pelo meu retrovisor, instantes depois, a ponta incandescente de um cigarro. Quando cheguei ao portal, mais uma vez, ele se abriu, como por mágica, e se fechou sem fazer barulho, atrás de mim, isolando Rosberga no interior de seus muros, longe do resto do mundo.

Dois

Com o olhar cansado, eu olhava fixamente, pela janela do meu escritório, a autopista de Turku, onde o tráfego da tarde começava a se intensificar. Um tédio estranho tinha tomado conta de mim, minha cabeça se inclinava irresistivelmente em direção à mesa, e o sofá, do outro lado do cômodo, parecia me chamar.

Talvez fossem os efeitos do Natal. Os dias 24, 25 e 26 de dezembro eram de feriado no comissariado, como em todo lugar. Antti e eu tínhamos passado todo esse tempo descansando e lendo em nossa nova casa, em Henttaa. Tinha escolhido trabalhar nos dias que antecedem o ano novo, porque era um bom pretexto para não passar as festas na casa dos pais de Antti, em Inkoo, ou dos meus, em Carélie Du Nord. Porém, agora, preferiria ter aproveitado uma folga a mais para relaxar em frente à lareira com o gato, Einstein, acabar de ler *O Natal de Hercule Poirot*, de Agatha Christie, e comer chocolate. Não, chocolate não, eca. De repente, só de pensar no doce, fiquei com náusea. Talvez tenha comido demais nesses dias.

Com um suspiro, abri um novo arquivo em meu computador e comecei a digitar o relatório do interrogatório que eu tinha acabado de conduzir. Muitos habitantes de Espoo estavam longe de ter tido um Natal tão tranquilo quanto o meu. Em geral, constatávamos nesse período um aumento da violência doméstica e, na minha volta ao escritório, tinha encontrado vários casos de golpes e machucados, além de um morto em uma briga de faca. Não era de se estranhar que vários de meus colegas tivessem uma atitude cínica com relação ao casamento e à vida em família. Só na nossa brigada, mais da metade era divorciada, e Palo já devia estar no terceiro casamento.

Como eu podia estar tão cansada, se não tinha feito nada demais? O frio estava tão rigoroso que nossos passeios diários de esqui tinham sido curtos e preguiçosos. Antti e eu morávamos em Henttaa desde o verão, em uma casa independente, bastante velha, que pertencia em copropriedade à família do irmão de um de seus colegas. Ela era difícil de vender porque ficava à margem do trajeto da futura Autopista Nº 2. Por enquanto, nossas janelas davam para campos abandonados, pouco a pouco invadidos pela floresta, onde as lebres brincavam entre os pequenos montes. No entanto, uma vez que a estrada fosse construída, só haveria asfalto cinza e barulho. Nós vivíamos lá um dia após o outro, sem que, por sinal, essa precariedade imposta me incomodasse. Talvez precisasse, na minha vida, da certeza de uma possibilidade de mudança. Principalmente agora, que eu tinha um trabalho fixo e também um marido. Até então, longos períodos em um mesmo trabalho nunca me tinham agradado, e funções com duração determinada ou substituições me caíam como luvas. Os dois anos e meio de relação com Antti foram também um tipo de recorde para mim. Se tinha me arriscado a me casar com ele, era simplesmente por ser tão fácil se divorciar hoje em dia.

Antti, por outro lado, tinha começado a se apegar a nosso ambiente e se entristecia com sua extinção. Entrou em contato com os opositores à autopista, mas a batalha parecia perdida mesmo antes de começar: o projeto que o Centro Nacional de Equipamento Rodoviário e os funcionários de Espoo enfiaram na cabeça se realizaria, apesar da inutilidade da tal nova rodovia. Antti já tinha

passado por um sofrimento parecido, quando alargaram a Radial Oeste e destruíram as paisagens da sua infância, em Tapiola, e foi sem dúvida por causa dessa perturbação que seus pais tinham vendido a casa de Itäranta, para se instalar definitivamente na sua segunda residência, em Inkoo.

Antti se tornou tão hostil à autopista e tão consciente dos problemas ecológicos em geral, que eu tinha previsto, meio a sério, meio de brincadeira, que ele se candidataria, junto ao Partido Verde, nas eleições municipais seguintes.

– Seria melhor você se infiltrar nos sociais-democratas ou no partido conservador, já que são eles os mais obstinados em construir rodovias – sugeri finalmente.

De qualquer maneira, Antti começava a precisar de atividades diferentes de seu trabalho. Já eu me contentava, como lazer, com as pistas de jogging, a sala de musculação e o estande de tiro do comissariado, que eu frequentava regularmente desde que tinha sido obrigada, durante uma investigação 18 meses antes, a usar uma arma, pela primeira vez na minha carreira, e constatado que minhas habilidades nesse quesito deixavam muito a desejar. Minha técnica voltava a ficar no ponto, mas sinceramente esperava não precisar colocar meu conhecimento em prática.

Meu telefone tocou, e o telefonista me informou que Aira Rosberg queria falar comigo. Demorei um tempo para me lembrar dela, de Elina e da mansão de Rosberga. Também não tinha tido mais notícias de Johanna e, entretida com as festas de Natal, tinha me esquecido da promessa de ver se conhecia alguém na polícia departamental da região dela. Tão logo a comunicação foi estabelecida, Aira começou a falar, com uma voz estranhamente hesitante:

– Não sei se se trata de um assunto com o qual se pode incomodar a polícia, mas... Elina desapareceu.

– Desapareceu? Como assim?

– Ninguém a viu, desde ontem à noite. Parece que ela não dormiu na cama dela, mas não encontramos sua camisola nem seu robe em lugar nenhum. Por outro lado, suas roupas estão no quarto. Como se ela tivesse saído com roupa de dormir.

– Quando ela foi vista pela última vez?

– Cruzei com ela por volta das 10 horas, ela tinha saído para passear e voltava para seu quarto. Algumas de nós estávamos reunidas aqui para o Natal, quatro convidadas, além de Elina e eu, mas ninguém se lembra de tê-la visto depois de ontem à noite.

– Ela não deixou nenhum bilhete?

Achei ter percebido uma certa vacilação na voz de Aira, quando ela respondeu:

– Não.

– Ela pode ter ido à casa de alguém? Quem são os amigos mais próximos dela?

– Claro que logo liguei para o Joona... Joona Kirstilä. Ela sai com ele. Mas também não estava na casa dele.

– O poeta Joona Kirstilä? – perguntei, curiosa.

Elina Rosberg estava relativamente presente na mídia, mas ninguém jamais tinha vasculhado suas relações masculinas.

– Ele mesmo. Eles estão juntos há quase dois anos. Elina passa a noite, de tempos em tempos, na casa dele, na Rua Lapinlahti, e pensei que talvez ela pudesse estar lá.

– Você tem alguma razão em particular para estar preocupada com esse desaparecimento? Aconteceu alguma coisa fora do comum no Natal, uma briga, por exemplo? Quem está em Rosberga neste momento?

– Johanna Sääntti e Milla Marttila, que você conheceu, se bem me lembro. Elas praticamente moram aqui, desde o seminário do começo do mês. Tarja Kivimäki, uma amiga antiga de Elina, que passou vários dias aqui durante o Natal, e Niina Kuusinen, que chegou dia 25. Ela também já participou de vários treinamentos organizados por Elina.

Fiquei surpresa em saber que Milla ainda estava em Rosberga, já que ela não parecia gostar muito de lá. E Johanna... Será que ela tinha sido obrigada a passar o Natal longe de seus filhos? Prefiro não pensar sobre aquilo e continuei:

– Então, Elina não tem costume de sumir sem avisar?

– Não! É muito estranho, eu...

– Ela desapareceu há menos de 24 horas e, no caso de adultos, a polícia não começa as buscas tão rapidamente. Ela tem outros amigos ou parentes com quem poderia estar?

Aira, mais uma vez, respondeu negativamente, mas, mesmo assim, não parecia disposta a colocar um ponto final na nossa conversa. Perguntei-me o que ela realmente queria que eu fizesse. Talvez ela tivesse me ligado só para ouvir de um profissional que não havia nada para preocupar-se, que um monte de gente desmaia por aí, sem explicação, e acorda em plena forma. Mas eu não tinha coragem. Também achava estranho o repentino desaparecimento de Elina Rosberg.

– Se ela não aparecer até amanhã de manhã, ligue para mim novamente – disse, afinal.

Era difícil chamar Aira de você, pois ela tinha 40 anos a mais do que eu, mas parecia ser o normal em Rosberga.

– Avise se ela voltar – acrescentei, sabendo que não deveria ter feito aquilo, e dei-lhe meu número de telefone pessoal. Tentei me convencer que tinha sido por pura curiosidade, mas sabia muito bem que era uma cilada. Eu estava preocupada.

Para não pensar mais em Elina, continuei a digitar meu relatório. Antes de ir embora, liguei para Antti para pedir a ele que encerasse meus esquis. A neve tinha caído grossa durante todo o dia, cobrindo os campos com uma camada espessa. As nuvens começavam a se dissipar e a temperatura, a baixar. As condições seriam ideais para esquiar. Uma das muitas vantagens da nossa casa em Henttaa era ser em plena natureza. E o esqui cross-country era uma ótima variação para o jogging.

Ao sair do meu escritório, no corredor, dei de cara com Pertti Ström. Ele tinha feito questão de não sair de folga durante as festas de Natal porque sua família não precisava dele, pelo que parecia. Sua ex-mulher, acompanhada do atual marido, tinha levado as crianças para as Ilhas Canárias. Pertsa estava com o ar ainda menos ameno do que o normal: o rosto largo, carrancudo, e os cabelos castanho-claros, colados pela transpiração ao crânio de têmporas calvas. O nariz vermelho, quebrado várias vezes, se destacava no meio da palidez invernal da sua face. Imaginei se ele não estaria pegando uma gripe.

– Perdi o dia com esses meliantes do tiroteio em Perkkää, eles garantem não se lembrar de nada – rosnou, em resposta ao meu cumprimento. – Merda! Tenho certeza que só foram encher a cara, depois de ter matado o outro, unicamente para poder jurar que esqueceram tudo e não podermos culpar ninguém. E como foi o Natal da jovem noivinha? Comendo ou transando?

Eu estava acostumada com o jeito dele desde a escola de polícia, onde estávamos na mesma classe e, portanto, me contentei em acenar com a cabeça e sorrir. Por sinal, ele tinha razão, se bem que, sem dúvida, eu teria descrito minhas atividades em termos ligeiramente diferentes.

– E você encomendou um bebê? – continuou ele, me checando da cabeça aos pés, para minha enorme irritação.

– Não é da sua conta, mas se é do seu interesse, saiba que não faz parte dos meus projetos. Uso um DIU – lancei, empurrando a porta do andar, antes que ele tivesse tempo de fazer outros comentários.

Não estava no clima para manter um combate verbal com ele. Nossas conversas frequentemente se degeneravam e viravam bate-bocas. Nós simplesmente não nos suportávamos. Desde o começo, eu temia trabalhar com Ström, apesar de ter sido exatamente ele, parece, que sugeriu ao nosso chefe, Jyrki Taskinen, que me chamasse para trabalhar na polícia de Espoo.

Alguns anos antes, quando eu trabalhava em um escritório jurídico em Tapiola, nós nos chocamos violentamente, por ocasião de um caso de assassinato. Pertsa tinha prendido um inocente, que me escolheu como advogada. No final das contas, eu tinha resolvido o caso antes da polícia – o que ele não digeriu bem. Eu só soube mais tarde que, na época, ele estava em pleno divórcio, o que tinha visivelmente prejudicado a qualidade do seu trabalho. Claro que ele mesmo não tinha me contado nada sobre suas frustrações conjugais, mas a esposa número três de Palo conhecia bem a ex-esposa de Pertsa, e as fofocas sobre a sua vida pessoal corriam soltas pelo comissariado.

A neve se acumulou nos acostamentos da rodovia de Vähä-Henttaa, refletindo as iluminações de Natal das casas e dando à paisagem um ar de cartão postal. Nossa velha casa vermelha parecia especialmente acolhedora: Antti tinha acendido uma vela em um lampião para me receber e, com uma pá, retirava a neve do jardim, pois os flocos voltavam a cair.

Enfiei minha roupa de esqui e engoli rapidamente uma banana. O ar fresco apagou o cansaço do meu rosto. O ruído áspero da neve sob meus esquis era ao mesmo tempo familiar e, a cada inverno, totalmente novo. Tentei, sem sucesso, me concentrar nos meus movimentos; meu pensamento sempre voltava a Elina Rosberg. Onde será que ela estaria? A imagem pública de uma pessoa com certeza não permitia conhecê-la verdadeiramente, mas Elina não parecia ser do tipo de agir por impulsos. Ela tinha participado, nos últimos anos, de inúmeros debates televisivos sobre questões referentes especialmente à sexualidade e aos estereótipos de gênero. Enquanto outros começavam a ficar nervosos e se interromper aos gritos, ela mantinha uma calma quase desesperadora. Sua voz era normalmente a que todos se calavam para escutar. Não, ela realmente não dava a impressão de ser do gênero a saltar em um trem, sem avisar ninguém, para visitar um amigo em outra cidade. Principalmente tendo convidados para o Natal.

Ao final de alguns quilômetros, meu cansaço voltou. Minhas pernas estavam estranhamente moles e pareciam não ter mais força para mover. Antti esquiava na minha frente, em um ritmo regular, e tive que, bem a contragosto, gritar para que ele fosse mais devagar.

– Então, mulher de neve, o que houve? – perguntou ele, rindo.

Sacudi os flocos de neve dos meus cabelos, antes de responder:

– Minhas pernas se recusam a me carregar, parecem gelatina. Acho que devo estar ficando doente. A não ser que seja só minha menstruação, deve estar chegando.

– Talvez devêssemos voltar para casa – sugeri.

Consegui, não sei como, obrigar meus pés confusos a fazer meia-volta e, esforçando-me para esquecer o cansaço extremo, concentrei-me nas costas de Antti à minha frente. Seu casaco verde se destacava na neve escurecida pela noite que caía, sua sombra se estendia, incrivelmente grande e magra, e seu nariz de bico de águia me pareceu mais indiano do que nunca, quando ele se virou para me perguntar que velocidade me convinha. Fiquei aliviada quando, finalmente, vi a luz de nossa casa e imaginei que uma sauna quente me esperava; depois minha cama, ao pé da qual Einstein se deitaria

enrolado, depois de comer. Mas, apesar da minha fadiga, ainda pensava em Elina, que me assombrou até os sonhos. Eu a vi andar sobre o gelo, vestindo uma camisola balançando ao vento. De repente, uma ventania a carregou e levantou nos ares, levando-a para cada vez mais longe... Mais longe... Mais longe... Até que ela se tornou só um minúsculo ponto no céu, perdido entre os flocos de neve giratórios.

Na manhã seguinte, eu acabava de chegar ao escritório, quando Aira Rosberg ligou, ainda sem nenhum sinal de Elina. A única coisa que pude dizer, com pesar, foi que os desaparecimentos sem um elemento criminal não cabiam à nossa brigada, mas sim, de acordo com a organização em vigor, à Unidade de Polícia Administrativa.

– Sinto muito incomodá-la com isso, mas... Sendo inspetora, você é a melhor pessoa para saber o que é importante ou não. Gostaria muito que... que você viesse a Rosberga – Aira soava, ao mesmo tempo, envergonhada e nervosa. – Se eu chamar a polícia administrativa, eles vão, certamente, enviar um homem. E Elina não gostaria disso.

– Eles têm agora um número bem razoável de mulheres, mas vou ver o que posso fazer.

Minha agenda da tarde ainda não estava confirmada, talvez eu tivesse tempo de dar um pulo em Nuuksio:

– Ligo para você por volta das duas da tarde. E ligue para mim, se tiver notícia de Elina.

Naquele momento, Taskinen empurrou minha porta e me pediu para ir urgentemente à sala de interrogatório. Além da violência do período de Natal, nós conduzíamos uma investigação preliminar sobre um caso de lavagem de dinheiro particularmente complexo, que nos foi confiado, em reforço à Brigada Financeira, porque um dos principais suspeitos era um economista domiciliado em Haukilahti, que acumulava fálências fraudulentas desde os idos dos anos 1960 e tinha organizado a lavagem de dentro de sua cela da prisão departamental. Tínhamos agora que interrogar o cunhado, um dos principais acionistas da sociedade pela qual passava o dinheiro sujo, mas que declarava vigorosamente a sua inocência. Tínhamos concluído, com Taskinen, que o melhor para conseguir desestabilizá-lo, mesmo que fosse por um instante, seria bombardeá-lo com perguntas. Nós o acoamos durante quase três horas antes de nos darmos por satisfeitos. Ele se contradisse suficientemente, além de outros pequenos deslizes, e em pouco tempo teríamos com o que o acusar.

Nós persistíamos naquele caso desde o verão e poder, finalmente, entregar o dossiê tinha um gosto de vitória.

– Você tem tempo para um almoço? – perguntou-me Taskinen, ao sair da sala de interrogatório.

– Tenho. Por sinal, queria mesmo conversar com você.

Contei a ele sobre o estranho desaparecimento de Elina Rosberg e pedi permissão para ir checar, oficiosamente, se encontrava em Rosberga alguma coisa que pudesse levar a pensar em um crime. Estava, de qualquer forma, decidida a ir, mesmo sem autorização.

– Tenho a impressão de que Aira Rosberg não me disse a verdadeira razão pela qual ela se preocupa tanto a ponto de envolver a polícia. E pelo resto também...

Pusemos a comida em nossas bandejas. Jyrki Taskinen, que bebia leite desnatado e comia pão sem manteiga, olhou de rabo de olho, divertindo-se com meu prato, onde se amontoavam macarrão gratinado abundantemente regado de ketchup e salada nadando no molho de alho. Ele esperou até que estivéssemos tranquilamente instalados em uma mesa no fundo da cantina, para comentar o desaparecimento de Elina.

– Você pode ir. Mas parece haver alguma coisa suspeita nessa história. Peça a Aira Rosberg para fazer uma declaração oficial à polícia. Poderemos, pelo menos, verificar se a sobrinha dela deixou o país. É sempre um pouco delicado, quando um adulto desaparece. Se eu fosse você, iria trocar umas palavras com o amante.

– Era exatamente minha intenção.

Mandei para dentro um bom bocado de macarrão gratinado e olhei para as mãos do meu chefe, que partiam cuidadosamente em pequenos pedaços a fatia de pão de centeio, antes de comê-la.

O comissário chefe Taskinen era um homem metódico e consciencioso. Ele media um pouco mais de 1,80 m; os cabelos loiros e lisos eram impecavelmente partidos de lado. Nunca uma minúscula caspa ou pelo perdido ornava a lapela de seu terno azul. Suas unhas estavam sempre bem cortadas. No seu rosto, tudo era fino e reto, mesmo os dentes formavam duas perfeitas filas brancas. Tinha um corpo de maratonista, magro e firme e, com quase 50 anos, ainda conseguia correr 10 quilômetros em menos de 40 minutos. A única exceção à sua silhueta linear era a aliança de ouro cintilante de quase um centímetro de largura. Por causa de sua aparência, no começo eu tinha julgado Taskinen minucioso demais, mas, na verdade, era um chefe sob cujas ordens era fácil trabalhar. Ele se empenhava nas suas tarefas à perfeição e exigia o mesmo dos outros, mas sabia explicar claramente o que queria, o que o satisfazia e com o que não estava satisfeito. Minha interpretação vaga do regulamento já o tinha, algumas vezes, deixado nervoso, mas nunca tivemos outro problema. Depois dos meus chefes anteriores – um comissário bêbado da Polícia Judiciária de Helsinque e um advogado pouco comunicativo –, trabalhar com Taskinen era um prazer. Não sabia quase nada de sua vida pessoal: sua mulher, se tinha entendido bem, trabalhava na administração das creches da cidade de Espoo e eles tinham uma filha adolescente.

Com exceção de Ström, eu me entendia bem com meus colegas, mesmo sendo a única mulher da brigada. Havia, felizmente, em outras brigadas e na polícia administrativa, algumas garotas bacanas com quem eu jogava vôlei uma vez por semana. Não me esforçava mais tanto quanto na época da escola de polícia e nos anos que se seguiram, para fazer o papel de ET, tendo por única função agora representar uma minoria.

Até tarde, depois do almoço, juntei com Taskinen diferentes peças de nossa investigação sobre o caso de lavagem de dinheiro. O sol já se punha quando peguei o volante do meu Fiat para ir a Nuuksio.

Quando mudamos para Henttaa, estávamos decididos a comprar um carro usado. No verão, eu poderia facilmente ir trabalhar de bicicleta ou, se não estivesse com pressa, a pé, e, para ir à universidade, Antti pegaria, sem reclamar, o ônibus com conexão que passava em média de hora em hora, a um quilômetro da nossa casa. Contudo, fazer compras e o resto era tão inconveniente que compramos um pequeno Fiat preto por dez mil marcos. Estava claro que esse carro italiano antigo não tinha sido construído para estradas escorregadias, pois sua traseira fugia perigosamente sobre as descidas sinuosas das colinas de Nuuksio.

Desta vez, Aira veio, ela mesma, abrir o portal de Rosberga, sempre cuidadosamente trancado. Os últimos raios de sol batiam de soslaio no muro da mansão, pintando o rosa pálido de cores brilhantes. Milla fumava do lado de fora. Com roupas pretas, ela se parecia bem mais com a bruxa má do que com a princesa da floresta adormecida.

– Olha só, senhora inspetora chefe. Você está aqui para encontrar o corpo de Elina?

Aira desviou-se de Milla e eu também me esquivei dela, mas sem tirar os olhos de seu rosto, que

me pareceu estampar uma autêntica inquietude, sob sua máscara zombadora.

– Espero que não – respondi, passando em frente a ela para entrar no *hall*.

Em algum lugar, atrás da porta, alguém tocava piano, a mesma peça de Satie, que Antti praticava às vezes para se divertir.

– Vamos ver os aposentos de Elina. Talvez você entenda por que eu estou preocupada.

Aira me guiou à esquerda, em direção à porta da cozinha.

– Os cômodos comuns são reunidos do lado direito do térreo, com a sala de jantar, o salão de conferência e a biblioteca. A cozinha é no meio, perto da escada. As estagiárias ficam acomodadas no andar de cima.

– Quantas vocês podem receber?

– Umas 20, divididas em oito quartos. Nossos aposentos privativos são por aqui – disse Aira, abrindo primeiro uma pequena porta pintada de azul. – Este é meu quarto.

Visivelmente, ela não tinha intenção de me deixar entrar, só me permitiria dar uma olhada. O cômodo parecia um antigo quarto de empregada, pois a segunda porta dava, sem dúvida, para a cozinha. Os móveis eram simples e banais: uma cama, uma escrivaninha, um sofá de dois lugares e, na estante em frente, uma televisão pequena. Uma litografia, acima da cama, representava um anjo da guarda, ajudando uma menina e um menino a atravessar uma ponte.

– E este é o quarto de Elina. Mas nós duas usamos o salão.

Aira fez um sinal para que eu entrasse e tive que segurar um soluço de surpresa ao ver o mobiliário romântico, ornado de flores e as cortinas de renda *guipure*, que combinavam perfeitamente com a mansão pintada de rosa, mas que eu tinha dificuldade em associar a Elina Rosberg. Para mim, seria mais fácil vê-la em um cômodo com decoração sóbria e cores claras, com móveis de design moderno.

As casinhas de abelha que ocultavam os pés das poltronas e os pedestais com tecidos de renda não combinavam de jeito nenhum com a imagem que eu tinha feito dela. Aira, com certeza, percebeu meu espanto, porque ela explicou:

– Era o quarto de minha mãe, avó de Elina. Ela morou no térreo durante os 20 últimos anos de vida, porque não podia mais subir a escada. E ela também amava a vista.

Dei uma olhada pela janela, mas, na penumbra, era difícil distinguir qualquer coisa além de formas vagas. Desse lado da casa, o terreno era em declive íngreme e nem mesmo o muro em torno da mansão era suficiente para tampar a paisagem ao fundo do vale. A grande mancha branca, ao longe, deveria ser o lago Pitkäjärvi.

– Elina quis conservar este cômodo do jeito que ele era. Só o quarto dela é mobiliado de acordo com seu gosto.

Aira abriu uma segunda porta. Lá, também, a decoração não correspondia à minha expectativa. O mobiliário era certamente moderno, com linhas refinadas, mas a paleta de cores era viva demais – vermelho vivo, amarelo e azul-claro. O espaço era dominado por uma cama grande, com certeza com um colchão de água. A colcha tinha sido retirada, mas era claro que ninguém tinha dormido lá, depois que a cama tinha sido preparada pela última vez. Perto da janela, uma poltrona, aparentemente desconfortável, ficava junto a um apoio triangular para pés. Havia uma escrivaninha equipada com um computador e, ao lado, uma estante cheia de obras de psiquiatria. Uma calça roxa, uma camisa branca e um suéter cinza estavam cuidadosamente estendidos sobre uma cadeira.

– É o que ela estava vestindo ontem e, geralmente, ela usa as mesmas roupas por vários dias,

enquanto não estiverem sujas. Se ela as deixou aí e não no cesto de roupa suja, é... – o súbito silêncio de Aira era mais que eloquente.

– Normalmente – continuou –, Elina deixa a camisola dobrada do lado do travesseiro, mas não está lá. Também não encontrei seu robe, que ela deixa, em princípio, no banheiro, com suas pantufas.

– O casaco e os sapatos de inverno dela estão aqui?

– Eles estão no lugar certo, no pequeno vestíbulo, separados dos pertences das estagiárias. Venha.

Aira foi à minha frente no hall e, de lá, em uma segunda entrada contígua à cozinha, que dava para o pátio de trás da mansão. Vários casacos femininos estavam dependurados em ganchos.

– Estes são meus – declarou Aira, apontando para uma pele de astracã usada, de corte *démodé*, e um casaco acolchoado azul-escuro. Uma jaqueta de couro que eu tinha visto sobre as costas de Elina estava dependurada ao lado deles, assim como uma esportiva, de matelassê, roxa. Um elegante sobretudo cinza-escuro estava cuidadosamente preso a um cabide.

– Elina não tinha outros casacos de inverno, a não ser estes. E todos os calçados estão aqui também: botas forradas, botas de borracha e sapatos para caminhada.

– Ela poderia ter pegado alguma roupa emprestada das estagiárias?

– Você deveria perguntar a elas. De qualquer jeito, nenhuma se queixou de que alguma coisa estava faltando. Mas voltemos ao quarto de Elina. Foi principalmente o que vi no banheiro que me fez achar que tinha alguma coisa errada.

O cômodo, contíguo ao quarto, tinha sido renovado em um estilo antigo, com uma banheira com pés aparentes e um assento de vaso sanitário de madeira. Havia também uma penteadeira pequena abarrotada de produtos de beleza. Uma escova de dente elétrica ficava presa à parede.

– Elina é extremamente cuidadosa com seu rosto, mas todos seus géis de limpeza e cremes estão aqui.

Examinei atentamente sua gama de caros produtos para a pele.

– Ela não poderia ter usado embalagens para viagem? Várias marcas oferecem. E ela poderia facilmente ter comprado o que lhe faltava.

– Mas ela não teria deixado os antibióticos! Ela estava com uma infecção das vias respiratórias superiores e só tinha começado o tratamento havia quarenta e oito horas. Estava com uma tosse insuportável e quase não tinha mais voz. Olhe, os remédios dela estão aqui!

Havia, realmente, na beirada da penteadeira, um pequeno frasco de plástico branco com a inscrição *Citrato de Eritromicina 400 mg*. A etiqueta colada em cima prescrevia a Elina Rosberg que tomasse uma cápsula, três vezes ao dia, até o fim do tratamento. Quando abri o frasco, constatei que ele ainda continha umas vinte cápsulas.

“É estranho. Mas ela poderia ter conseguido outras, com certeza, ela conhece médicos”, eu pensava.

Aira parecia convencida de que havia alguma coisa de anormal no desaparecimento de Elina. Ela desejava, sem dúvida alguma, a abertura de uma investigação oficial. No entanto, eu tinha a impressão de que ela não estava me dizendo tudo que sabia.

– Quando você viu Elina pela última vez?

– Na noite do dia 26, por volta das dez horas. Ela voltava do seu passeio. Estava cansada, a tosse a impedia de dormir havia muitas noites. Na minha opinião, foi loucura sair no frio, naquele estado, mas ela me disse que precisava de tranquilidade. Eu a obriguei a tomar uma xícara de chá, ou melhor,

levei uma para ela no quarto. Ela me pareceu bastante normal. Nada indicava que ela tivesse intenção de ir a qualquer lugar que fosse.

– Ela foi passear sozinha?

Aira refletiu por um instante.

– Acho que ela estava com Joonas Kirstilä, mas claro que não pude verificar. Elina nunca o convida para entrar. O acesso a Rosberga é proibido aos homens.

– Onde eles se encontravam, se não era aqui?

A recusa de Elina em abrir uma exceção para o próprio amante era lógica, mas devia complicar a vida deles na prática.

– Mais frequentemente, na casa de Joana – o tom de Aira deixava a entender que ela não era favorável ao relacionamento da sobrinha. – E, claro, no pequeno pavilhão.

– Pequeno pavilhão? Onde fica isso?

– É uma velha sauna, no lado oeste da mansão. Elina mandou instalar eletricidade lá há alguns anos. Acho que ela se encontrava com Joonas lá, mesmo que, em teoria, nenhum homem devesse ser admitido no interior de Rosberga – explicou Aira, com um ar envergonhado.

– Gostaria de ver esse pavilhão. Mas ainda tenho algumas perguntas. Então, você não ouviu Elina sair novamente?

Aira parecia incomodada, como se se sentisse culpada.

– Eu vinha dormindo mal há algumas noites, por causa da tosse de Elina. Tomei uns soníferos e coloquei protetores nos ouvidos. Só acordei por volta das nove horas, quando escutei Niina preparar o café da manhã na cozinha.

Teria que interrogar as outras mulheres presentes, na esperança de que uma delas pudesse me dizer alguma coisa a mais. Aira me explicou que Tarja Kivimäki, a amiga de Elina, já tinha voltado para casa, em Tapiola, e retomado o trabalho. Tarja Kivimäki... Onde eu já tinha ouvido esse nome? Pretendia ligar de manhã para a polícia departamental do domicílio de Johanna, mas não adiantaria: não conhecia ninguém lá. De qualquer forma, os representantes da lei não tinham nenhum motivo válido para impedi-la de ver seus filhos. Eu me perguntava se ela teria entrado em contato com o advogado cujo número eu lhe tinha dado. Quando perguntei a Aira, ela sacudiu a cabeça.

– Passar o Natal sem os filhos a deixou profundamente deprimida... Elina conversou com alguém sobre um escritório jurídico, parece, mas ela se esforçou principalmente em atenuar o sentimento de culpa de Johanna.

– Culpa? Por causa daquele aborto?

– E porque ela abandonou os filhos. Você podia começar pela Niina Kuusinen, parece que ela está tocando piano na biblioteca.

Atravessamos a sala de jantar para chegar ao cômodo de onde vinha um estudo de Chopin, executado com fervor. Niina era sem dúvida uma excelente pianista – Antti, que por sinal não tinha nada de iniciante, jamais se sairia tão bem nas difíceis volatas do meio. Ela estava tão concentrada na música que não nos escutou chegar. Primeiro só a vi de costas. Os cabelos castanhos lisos, que desciam até sua cintura, balançavam ao ritmo de seus movimentos. Estava vestindo uma camisa com listras azuis e brancas, jeans velhos boca de sino e botas de exército. Daquele ângulo, sua silhueta lhe dava um ar de adolescente delicada e frágil demais para aquele cômodo de cores sombrias, cheio de livros e móveis pesados, cuja atmosfera dos anos 1920 só tinha sido rompida por uma televisão colocada em um canto, ao lado da porta.

– Niina! – quase gritou Aira, quando a música silenciou-se. – A inspetora chefe Kallio tem umas perguntas para lhe fazer.

A jovem se virou tão bruscamente sobre o tamborete, que as partituras caíram no chão e a tampa do piano fechou, fazendo um barulho seco. De frente, sua aparência era um pouco menos adolescente, apesar do aspecto infantil da sua boca pequena e do olhar assustado dos olhos marrons, amendoados. O nariz grande e fino dava um ar adulto ao seu rosto de boneca. Ela devia ter 24 anos.

– Tem... alguma novidade sobre Elina? – perguntou nervosa, mexendo nas pontas do cabelo com os longos dedos enfeitados com anéis de prata.

– Não. É por isso que gostaria de conversar com você, mas não tem nada a ver com um interrogatório oficial. Quando você viu Elina pela última vez?

– Na noite do dia 26, no jantar... Por volta das 8 horas. Enquanto as outras vieram, em seguida, se encontrar aqui na biblioteca, para ler ou ver TV, ela fez questão de ir passear. Não a vi depois disso.

Niina parecia estar em pânico, e desviou o olhar, como que para negar a possibilidade de que qualquer coisa tivesse acontecido a Elina. Visivelmente, minha profissão em si já representava, a seus olhos, uma ameaça. A polícia não se envolvia na vida sem história das pessoas comuns.

– Aparentemente, você conhecia bem Elina, já que passou o Natal aqui.

Minha afirmação a fez sobressaltar e, de repente, percebi que eu falava da desaparecida no passado. No entanto, não me corrigi, pois isso só faria aumentar a confusão dela.

– Não tão bem assim. Participei de alguns dos seminários dela, e, no começo de dezembro, comecei uma terapia com ela. Não tinha mais ninguém com quem passar o Natal. Minha mãe faleceu, meu pai mora na França e não tenho irmãos – a voz de Niina vibrava com uma solidão, exacerbada pelo período de festas familiares.

– Você tem alguma ideia de onde ela poderia ter ido?

– Tentei olhar o mapa dela, mas não está muito claro...

– Que mapa?

– O mapa astral. Ela está sob uma forte influência de Saturno e Plutão, o que indica uma tendência à autodestruição. E um conflito com alguém próximo, um membro da família, por exemplo... – Niina deu uma olhada rápida para Aira.

A polícia recebia, de vez em quando, telefonemas de astrólogos, adivinhos ou de videntes, que ofereciam ajuda para resolver casos criminais complicados. Nunca tinha conseguido levá-los a sério e, quando acontecia de eu atender a ligação, desencorajava-os com algumas frases, antes de desligar. Não sabia quase nada sobre astrologia, na verdade, só que eu era peixes e, portanto, supostamente sensível, sentimental, versátil e criativa. Frequentemente, tinha dificuldade em me ver nos horóscopos das revistas, mesmo que sempre me divertisse lendo-os. Por outro lado, a maioria dos homens com quem tinha tido relações amorosas, inclusive Antti, eram do mesmo signo, sagitário. Será que havia, apesar de tudo, mais do que uma coincidência naquilo tudo?

Pedi a Niina os contatos dela, caso precisasse lhe perguntar mais alguma coisa. Ela parecia não saber quanto tempo ainda ficaria em Rosberga, mas me deu seu endereço e seu número de telefone. Achei ter percebido um alívio no seu rosto quando saímos da biblioteca para ver outras ocupantes da mansão.

Milla estava sentada à frente de seu computador, no salão de conferência, jogando paciência. As cartas pretas e vermelhas corriam pela tela, saltando umas sobre as outras, o *mouse* clicava freneticamente. Fiquei feliz por não ter nenhum jogo a meu dispor no escritório: eu ficaria, sem

dúvida alguma, totalmente viciada. Quando dirige a palavra à Milla, ela levantou os olhos, com um ar furioso, e depois desligou o aparelho com um suspiro.

– Você vai me encher o saco, não é? Já não chega a gente não poder fumar aqui dentro, merda!

O vocabulário e o jeito de falar de Milla me lembravam tanto Pertsu, que era cômico. Com certeza eles ficariam, cada um de seu lado, furiosos com a comparação. A ideia me pareceu tão engraçada, que senti uma ternura quase maternal.

– Você não é obrigada a responder minhas perguntas, não é um interrogatório oficial. Mas, se gostava da Elina a ponto de querer passar o Natal com ela, deveria estar pronta para me ajudar a encontrá-la.

– Besteira! Não sei de nada. Nem passei a noite aqui anteontem.

Aira pareceu surpresa:

– E onde você estava? Não dá para ir a lugar nenhum daqui, à noite.

– Exatamente! Tive que chafurdar na neve até a rodovia de Nuuk e pedir carona até Helsinque, merda! Em um frio glacial. Voltei no primeiro ônibus de manhã. Todo mundo ainda estava dormindo, claro, com exceção de Johanna. Passei por ela no corredor. Mas ela tem tanto medo de mim que nem ousou me perguntar de onde eu vinha.

Milla nos lançou um olhar desafiador. Seus olhos estavam ainda mais pesadamente delineados de preto do que na vez anterior, se isso era possível, e os lábios pintados de laranja.

– Por que vocês estão me olhando desse jeito? A gente ainda tem direito de sair, não? Não estamos na prisão!

– O que você foi fazer na cidade? – interveio Aira, com um tom de diretora de internato interrogando uma fugitiva.

– Comecei a entrar em abstinência de álcool e de homem. E, por falar nisso, vi Elina enquanto me arrastava pelo caminho. Ela estava passeando na colina de Rosberga, com seu poeta.

– A que horas? Como ela estava vestida?

– Deviam ser umas nove e quinze. Não olhei meu relógio.

– E você só voltou na manhã seguinte?

– Foi. Eu estava na casa de um cara em Kulosaari. Nem perguntei o nome dele, mas talvez me lembre onde ele mora, se me esforçar. Não é o tipo de cara na casa de quem eu teria vontade de ficar para o café da manhã, mas ele tinha dinheiro, felizmente.

– Ninguém, por enquanto, precisa de um alibi. Mas onde posso encontrar você, se a investigação tiver que continuar?

– Eu trabalho esta noite. No Fanny Hill, um clube de *striptease*, na Rua de Helsinque. Você é bem-vinda, o show vale a pena. Moro logo ao lado, na esquina da Rua Fleming. Porém, imagino o que aconteceu. Elina tinha intenção de mandar seu garanhão às favas, ele não suportou e choramingou para que ela fosse até a casa dele, depois a matou e se suicidou. Pensou, sem dúvida, que, assim, entraria para a história da poesia finlandesa. Meio Sid Vicious, entende?

A lenda do punk rock claramente não dizia nada a Aira, mas, da minha parte, a teoria de Milla quase me fez rir.

– Pelo que eu saiba, Joonas Kivistö ainda está vivo. Onde está Johanna, então?

Aira ficou em silêncio por um instante, depois me pediu para deixar Johanna tranquila por enquanto. Ela tinha, de qualquer maneira, garantido não ter visto Elina depois do jantar do dia 26 e sua situação me causava tanta aflição que aceitei de bom grado não falar com ela.

Mas ainda tinha que conversar com Tarja Kivimäki, em Tapiola, e com Joonas Kirstilä, na Rua de Lapinlahti. Aira certamente lhes tinha telefonado no dia anterior, contudo, parecia-me importante interrogá-los.

A velha construção rosa acinzentada se localizava ao pé do complexo, no lado oeste da mansão. A chave se encontrava na porta, que parecia nunca estar trancada. Aira já estava checando o interior, então eu não esperava encontrar Elina lá, mas talvez achasse outra coisa.

Um cheiro de cigarro atingiu meu nariz assim que abri a porta. Talvez Milla tivesse o hábito de se esconder lá, para fumar ao abrigo do frio. No interior, no cômodo que servia de vestiário, fazia cerca de 15 °C, mas o aquecedor estava gelado, a eletricidade não chegava lá. O mobiliário era simples, um aparador coberto por uma toalha de mesa, sobre a qual havia um vaso vazio, duas taças de vinho e um cinzeiro meio cheio, uma cadeira e uma cama de um metro de largura, suficiente para dormirem, ao mesmo tempo, duas pessoas apertadas. Havia também um roupão de banho em tecido de toalha azul delavê, algumas toalhas e, no armário do aparador, duas escovas de dente, um pote de hidratante para o rosto e uma garrafa de vinho tinto. A cama parecia ter sido refeita às pressas. Ao levantar a coberta, encontrei um fio de cabelo castanho, sobre o travesseiro ao lado da parede. Talvez Milla, além de fumar, tivesse também tirado uma soneca.

Voltei ao quarto de Elina para examinar sua agenda, sobre sua mesa, mas só constava, para a semana entre o Natal e o Réveillon, a anotação grifada de uma reunião da Comunidade de Terapia Feminista Radical. Pensei em levá-la, junto com a agenda de endereços que estava ao lado, mas acabei decidindo deixá-las em Rosberga. A dona delas poderia voltar a qualquer momento e, nesse caso, todo esse começo de investigação pareceria injustificável.

A rodovia de Nuksio estava iluminada e escorregadia, e a temperatura tinha abrandado. Eu me prometi ligar ao comissariado a fim de pedir que verificassem as listas de passageiros dos aviões e navios com destino ao exterior, sem, no entanto, acreditar demais na hipótese de uma viagem de última hora. Não conseguia ignorar uma antiga regra de ouro da polícia: quanto mais tempo uma pessoa fica desaparecida, menos chance temos de encontrá-la viva.

Três

Tentei telefonar, do meu carro, para Tarja Kivimäki, mas ninguém atendeu. Assim, escapei de uma visita a Tapiola. Nada de particularmente urgente me esperava no escritório, e voltei para a casa. Antti ainda estava na universidade. Não havia muita gente lá nesse período de férias, e ele aproveitava para se concentrar na sua pesquisa. Ele estava preparando pelo menos 10 artigos cujas datas de entrega se aproximavam. Uma cadeira de professor adjunto de matemática à qual ele tinha intenção de se candidatar estaria em breve disponível, e seria preciso ampliar sua lista de publicações.

– Se você for nomeado, vou poder me vangloriar de ser esposa de professor, é superchique – ironizei, quando ele me contou sobre seus planos.

– Tenho poucas chances, Kirsti Jensen está em uma posição melhor do que a minha. Mas o bom tom exige que a gente pelo menos se candidate, para que haja um pouco de concorrência.

Antti... De novo, eu me sentia tão cansada, que tinha vontade de me aninhar em minha cama e lhe telefonar para que ele viesse me reconfortar. Talvez estivesse com baixa de vitaminas. Mas tinha prometido à Aira que passaria na casa de Joonas Kirstilä. Fiz uma garrafa grande de café extraforte, tirei a maquiagem e troquei de roupa. Esses pequenos gestos me animaram um pouco, apesar de ter achado o café com um gosto um pouco metálico.

Tentei, mais uma vez, ligar para Tarja Kivimäki. Dessa vez, a secretária eletrônica atendeu, para informar que, em caso de urgência, se poderia ligar para seu escritório nos estúdios em Pasila. Foi nesse momento que a ficha caiu e eu me lembrei de onde conhecia seu nome: ela trabalhava na redação do telejornal do principal canal de televisão nacional, onde ela cobria questões políticas. Ao contrário de muitos dos seus colegas, ela nunca era vista na tela. Os espectadores só ouviam sua voz rouca, frequentemente agressiva, e viam, no máximo, seus longos dedos sem anéis segurando um microfone na direção das pessoas que ela entrevistava. Ela não costumava deixar seus entrevistados saírem ilesos, e eu adorava ouvi-la empurrar, até suas últimas trincheiras, pessoas como o ministro das Finanças, Iiro Viinanen, por exemplo. Tentei, sem sucesso, me lembrar do rosto de Kivimäki. Ela também não fazia parte dos jornalistas fotografados pelas revistas.

Liguei para o número fornecido pela secretária, mas não consegui contatá-la. Ela estava, pelo que entendi, montando uma reportagem que iria ao ar no jornal da noite. Deixei-lhe uma mensagem para que me ligasse, no escritório, na manhã seguinte, e coloquei bem alto um velho vinil de 36 rotações, de Eppu Normaali – uma banda finlandesa de punk rock –, e me remaqueiei para sair.

Quando Antti ligou, disse que iria ver se Joonas Kirstilä estava em sua casa, na Rua Lapinlahti, e depois tomar uma cerveja no Vastarannan Kiiski, onde combinamos nos encontrar. A ideia de uma boa loura belga era tentadora... mas, primeiro, o trabalho. Não queria prevenir Kirstilä sobre minha visita porque, se Elina, por uma razão que não consigo imaginar, estava se escondendo lá, queria surpreendê-la. Talvez ela tivesse simplesmente se cansado da invasão de visitas no Natal e tivesse querido passar alguns dias tranquila.

Depois de andar até o ponto, sob uma chuva de neve molhada, quase dormi no calor do ônibus. Felizmente, o vento glacial no qual esperei pela conexão, em Tapiola, me acordou.

Joona Kirstilä morava acima do restaurante japonês Kabuki. Ele estava em seu apartamento: escutei quando se aproximou da porta, pé-ante-pé, para olhar no olho-mágico e finalmente a abrir um pouco, sem retirar a corrente de segurança.

– O que você quer? – perguntou, em um tom pouco amável. Talvez admiradoras tocassem sua campainha todas as noites.

– Inspetora geral Maria Kallio, da polícia de Espoo, boa noite – respondi, mostrando meu distintivo da polícia pela fresta da porta. – Queria conversar com o senhor sobre Elina Rosberg.

– Qual é o interesse da polícia nela? – Havia descrença na voz de Kirstilä.

– Ela desapareceu. Achei que Aira Rosberg tivesse contado ao senhor.

– Aira me ligou ontem, mas... Como assim, desapareceu? O que isso quer dizer?

– Deixe-me entrar, eu lhe contarei. Ou, se preferir conversar em outro lugar, podemos ir a um café.

Depois de alguns instantes, Joona Kirstilä finalmente tirou a corrente da porta.

– Não ligue para a bagunça. Não tive tempo de arrumar a casa esses dias.

O apartamento era um dois cômodos bem apertado. Vi, à direita, um quarto onde o caos parecia reinar e uma pequena cozinha, onde só cabiam um fogareiro, um micro-ondas e uma geladeira barulhenta. O imóvel era antigo e os cômodos tinham pé direito alto, o que dava um certo charme ao escritório abarrotado de livros e papéis, que servia também de sala de estar. O lugar lembrava um pouco o alojamento de Antti, na Rua Isso-Roobert, antes de eu ir morar com ele, só que Kirstilä não tinha um piano. Sobre a mesa, uma máquina de escrever preta, pelo menos tão velha quanto ele, ficava ao lado de um sedutor *notebook*.

Joona Kirstilä abriu um espaço no sofá, jogando no chão uma pilha de papelada, e fez um sinal para que me sentasse. Ele se sentou no chão e acendeu um cigarro. Tinha sempre achado hilário como ele se parecia tanto com o arquétipo do poeta. Puxava para trás, com um gesto mecânico, os cabelos castanhos ondulados, que chegavam até abaixo das orelhas e caíam, às vezes, sobre o rosto, cobrindo os olhos negros, grandes e brilhantes, com cílios longos. Sua pele era pálida, o nariz reto e fino, os lábios sensuais, dos quais um dos cantos era ligeiramente caído. A verdadeira imagem de um jovem esteta, apesar de seus trinta e tantos anos. Era baixo, mal alcançava 1,60 m, e muito magro. Seu lado frágil era ainda mais acentuado por sua roupa predileta: um suéter preto, de onde emergiam suas mãos magras e seus punhos com os ossos salientes. Seus dedos finos pareciam feitos para segurar a caneta. Já tinha lido duas ou três de suas coleções e admirava a originalidade de sua linguagem, apesar de o romantismo viril de sua poesia ser um pouco apelativo demais para o meu gosto.

– Que história é essa de desaparecimento? – perguntou, soprando círculos de fumaça.

Antes que eu tivesse tempo de responder, os livros do canto da prateleira de cima da biblioteca começaram a balançar bizarramente. Mal tive tempo de evitar que eles caíssem sobre minha cabeça.

– Pare, Pentti! – gritou Kirstilä para o gato gracioso, com pelo listrado de cinza e marrom e o peito branco, que pulou agilmente de uma prateleira a outra, saltou no chão e correu para cheirar meus pés, nos quais, com certeza, sentia o cheiro de Einstein.

– Então, o nome dele é Pentti.

– É, em homenagem a Pentti Saarikoski, o poeta. Desculpe, ele é extremamente curioso. Mas Elina...

A preocupação na sua voz parecia sincera e aumentou mais ainda quando lhe expliquei que ninguém via Elina há dois dias. Ele acendeu um segundo cigarro na guimba do primeiro, e Pentti se refugiou na cozinha, com um ar ofendido, depois de ter levado uma baforada de fumaça nas narinas.

– Não sei onde ela pode estar – Kirstilä se levantou para ir à janela.

Ele esmagou o cigarro sobre a larga beirada e encostou, por um instante, a testa no vidro, onde seus olhos negros refletiram como em um espelho.

– Vocês não têm contato todos os dias?

– Não normalmente – respondeu, como se falasse com a janela. – Quando estou escrevendo, me isolo do mundo exterior. E Elina tem seus seminários. Tínhamos acabado de combinar de nos telefonarmos antes da São Silvestre. Elina deveria passar o Réveillon aqui... – Ele se calou, visivelmente acostumado a deixar suas frases em suspense.

– Quando o senhor viu Elina Rosberg pela última vez?

A resposta de Joonas Kirstilä me surpreendeu:

– Quando ela desapareceu?

– Na noite do dia 26, ou seja, antes de ontem.

– Foi no dia 23, à tarde, um pouco antes de eu pegar o trem para ir à casa dos meus pais, em Hämeenlinna.

Perguntei-me por que ele estava mentindo. Aira tinha quase certeza de que Elina estava passeando com ele, e Milla garantiu tê-los visto juntos. Mas eu não estava investigando um crime, e, sim, procurando saber onde Elina poderia estar então, ao invés de acusá-lo e me estrear, perguntei sobre a duração de sua estadia em Hämeenlinna. Ele disse ter voltado cedo, na manhã anterior.

– Então, Aira Rosberg lhe telefonou logo depois da sua chegada?

– Tinha acabado de me deitar. Tinha passado a noite bebendo com velhos amigos. Foi por isso, com certeza, que não entendi que ela estava preocupada com o desaparecimento de Elina. É aterrorizante. Normalmente, sou eu que desapareço.

Apesar de sua aparente fragilidade, Kirstilä tinha a reputação de perpetuar a gloriosa tradição de bebedeiras dos poetas finlandeses. Que uma mulher como Elina Rosberg o tivesse escolhido como amante parecia totalmente improvável. Mas os sentimentos humanos, sem dúvida, não obedecem a nenhuma lógica. Se eu só tivesse ouvido à lógica, provavelmente não teria me casado com Antti, nem com qualquer outra pessoa.

Deixei Joonas Kirstilä com sua perplexidade e tomei a direção do Vastarannan Kiiski. Estava chateada. Apesar de não ter encontrado uma mínima informação sobre o que poderia ter acontecido a Elina, tinha conseguido assustar um bom número de pessoas.

Sentado a uma mesa de canto, iluminada por uma vela, Antti tentava ler. As sombras dançantes lançadas pela chama faziam seu perfil de lâmina de faca parecer ainda mais indiano do que o normal. Bati à janela, um sorriso infantil iluminou seu rosto.

– O que você está bebendo? – perguntei, olhando curiosa para o copo bojudado, à sua frente, decorado com um coração vermelho e um homenzinho gorducho.

– Uma cerveja Oerbier. Belga, maravilha pura.

Experimentei, mas decidi ficar com a boa e velha Old Peculier. A fumaça de cigarro que tomava conta do ambiente me parecia ainda mais espessa do que o normal, eu tinha dificuldade para respirar, e até a cerveja me pareceu menos gostosa. Falamos dos poemas de Joonas Kirstilä, mas estava tão cansada que fomos embora cedo. Seria a idade que já se fazia sentir e me tirava até o gosto pelo

lúpulo? Em casa, dormi como uma pedra e, na manhã seguinte, acordei com uma sensação de ressaca, apesar de só ter bebido dois chopes pequenos.

À noite, tinha havido um arrombamento a um restaurante, e os autores pareciam ser profissionais. Palo e eu nos juntamos para procurar em nossos registros possíveis criminosos reincidentes e já tínhamos alguns na mira, quando Taskinen empurrou a porta.

– Encontramos na floresta de Nuuskio o corpo de uma mulher de mais ou menos 40 anos. Vestindo uma camisola. Quer ir ver, Maria?

Sinceramente, a resposta era não. Não queria ver o cadáver de Elina Rosberg, nem de nenhuma outra mulher. No entanto, me arrastei da minha cadeira e me equipei para sair, deixando Palo na luta com o computador.

– Ström desceu para escolher um carro. Vou só pegar meu casaco – disse Taskinen, enquanto eu saía para informar à central aonde estava indo.

No estacionamento, encontrei Pertsä ao volante do Saab mais reluzente do comissariado. Entrei ao lado dele, deixando o banco de trás para quem chegasse por último. Os alto-falantes chamavam os analistas de cena de crime.

– Nuuskio... É ao lado da estação de esqui de Solvalla? – perguntou Pertsä.

– Não sei onde o corpo foi encontrado, pergunte a Taskinen. – Ele chegava, munido de um saco de material.

– Temos que seguir a rodovia de Nuuskio até o cruzamento da mansão de Rosberg. É impossível chegar de carro até o local. Trouxe umas botas, mas, com certeza, elas são muito grandes para você, Maria.

– Como assim, impossível chegar de carro? Onde está essa porcaria de cadáver? – grunhiu Pertsä, sempre tão charmoso.

– Perto de uma pista de esqui cross-country, a um quilômetro da rodovia. Foi um esquiador que a encontrou e chamou a polícia, da casa mais próxima.

– Da mansão? Aira e as outras, com certeza, perceberam o que estava acontecendo.

– Não, de um vizinho. Ele até bateu na porta de Rosberg, mas não deixam entrar homens lá.

– E esse seria o corpo de uma dessas sapatões que confraternizam lá?

Pertsä virou na rua catando o meio-fio, jogando neve lamacenta em um velhinho que passava na calçada. A boca de Taskinen se retesou. Ele não gostava nem do jeito que Pertsä dirigia, nem do seu vocabulário.

– Elina Rosberg, a proprietária da mansão, desapareceu há alguns dias. – A irritação ainda não transparecia na voz de nosso chefe, que pegou o telefone para passar instruções aos analistas.

– A gente devia ter trazido os esquis – resmungou Pertsä, disfarçadamente. – Ir chafurdar na neve, merda...

O esportista que tinha encontrado o corpo nos esperava na beirada da rodovia que levava a Rosberg. Em seu conjunto azul metálico e esquis *high-tech*, parecia caído de Mercúrio. Dava dó de ver: aparentemente, ele tinha parado em plena aceleração, suando e transpirando, e agora estava congelado. Pertsä, para piorar a situação, inquireu a identidade dele sem a menor amabilidade. O espetáculo da floresta coberta de uma camada de neve de várias dezenas de centímetros de espessura, dividida pelo rastro do esquiador, também não me agradava especialmente. Mas seríamos certamente obrigados a ir chafurdar no gelo.

– Mais longe, no bosque, o terreno é mais fácil. A chuva dessa noite derreteu a neve – disse o

homem para nos consolar.

Enfie as botas, feliz por ter escolhido, de manhã, meu casaco acolchoado, que chegava até meus quadris, e não um casaco longo. Fiz o máximo para não me deixar distanciar, apesar da minha desvantagem evidente; Pertsas media quase dois metros, Taskinen corria a maratona e o esportista estava de esquis. Minha forma física também não deixava a desejar, mas hoje minhas pernas ainda estavam estranhamente moles.

Nas clareiras, a neve fofa estava tão alta que entrava nas minhas botas. No coração dos abetos, por outro lado, só havia um ou dois centímetros de neve congelada, dura e escorregadia. A céu aberto, o vento me obrigava a fazer caretas, enquanto, debaixo das árvores, os galhos arranhavam meu rosto. Os rastros de esqui levavam diretamente à meta. Uma fresta de dois metros de largura criada na floresta servia de trilha de caminhada no verão e de pista de esqui cross-country no inverno. O corpo jazia no alto de uma pequena colina, embaixo de um pinheiro espesso. À primeira vista, só se viam pés finos, nus, que, na véspera, deveriam estar cobertos de neve. A chuva que limpou a árvore deve ter também banhado o cadáver. Pertsas, o primeiro, separou cuidadosamente os galhos. Vi quando ele inspirou uma grande quantidade de ar e depois olhou fixamente para a silhueta estendida lá. Não sabia o que esperar, enquanto eu mesma avançava para olhar.

Evidentemente, tratava-se de Elina Rosberg. O robe de cetim rosa estava colado, pelo gelo, a seu corpo, mas a parte de baixo da camisola, descongelada pela água caída da árvore, moveu-se quando recuei bruscamente. Seus pés tinham rachaduras causadas pelo gelo, em contraste com seu rosto sereno, quase sorrindo e, no entanto, morto.

Acima de suas bochechas ainda bastante altas, as pálpebras tinham tomado uma cor azulada. O corpo não tinha nenhuma marca exterior de violência. Parecia que ela tinha se instalado tranquilamente sob aquela árvore e adormecido, tal qual a Bela Adormecida. Contudo, o príncipe que poderia acordá-la só existia nos contos de fadas.

– É ela, com certeza – confirmei a Taskinen, que olhava por cima do meu ombro.

Molhados pela neve, meus pés estavam congelados, e uma estranha dor de garganta tinha me pegado. Pertsas conversava em voz baixa com o esquiador, como se a descoberta do corpo de Elina o tivesse feito, por uma vez na vida, calar sua maldita boca. O silêncio da floresta, ao redor de nós, foi interrompido por barulhos provenientes de onde tínhamos vindo e pelo toque do celular de Taskinen. A equipe de analistas estava chegando.

O procedimento era familiar e reconfortante. Fotos, medidas, a procura aparentemente vã de pistas da chegada de Elina. Ela parecia ter morrido de frio, mas só saberíamos mais depois da autópsia.

– Acho que acabamos – suspirou finalmente Taskinen, quando os analistas anunciaram que não puderam achar nenhuma evidência de que outras pessoas tinham passado debaixo do pinheiro. – Maria, você sabe quem são os parentes mais próximos dessa Rosberg?

– Só conheço a tia, que mora na mansão. Que eu saiba, Elina não tinha nem marido nem filhos, e acho que seus pais já faleceram.

– Bom, em direção a Rosberga, então.

Taskinen saiu, com passos largos, em direção a nosso carro. Os analistas tinham pisoteado a neve, deixando sob sua passagem uma trilha larga, e seus enormes trenós, carregados de material, tinham deixado algumas partes do solo devastadas. Atravessamos a floresta rápido demais para o meu gosto, pois tentava pensar ao mesmo tempo no que iria dizer à Aira e em outro problema: a

proibição, feita aos homens, de colocar os pés dentro da mansão.

– Vamos ter que esperar do lado de fora, se essas franguinhas não nos deixarem entrar? – perguntou Pertsu, enquanto o Saab escalava, derrapando, a colina de Rosberga.

Ele parecia conhecer bem as regras da casa.

– Isso não faria nenhum sentido – respondi, descendo do carro em frente ao portal.

Aparentemente, Aira tinha nos visto chegar pela câmera de segurança, pois os ferrolhos se abriram automaticamente. O Saab entrou no pátio, tendo a bordo Taskinen e Ström, os primeiros homens a acessar a mansão desde o começo dos anos 1990.

Aira nos esperava na soleira. Seu rosto tinha envelhecido desde nosso último encontro e suas costas estavam arqueadas. Ela sabia o que nos trazia ali, como confirmaram suas primeiras palavras:

– Vocês encontraram Elina. Onde ela estava?

Taskinen lhe explicou, deixando claro que ainda não sabíamos como Elina tinha chegado até aquela árvore, nem se tinha havido um crime. Aira tinha um olhar perdido no vazio, os olhos secos.

– Posso vê-la? – ela finalmente perguntou, e eu me apressei a acrescentar que, de qualquer forma, precisaríamos de uma identificação oficial.

– Você teria força para vir agora, ou prefere esperar até amanhã? Temos também novas perguntas para fazer a você, assim como a todas as outras pessoas que estavam em Rosberga na noite de 26 de dezembro.

Aira ia responder quando um grito histérico, de repente, soou do andar de cima, depois uma porta bateu e Niina Kuusinen precipitou-se escada abaixo berrando. Ao nos ver, ela deu uma parada, mas logo em seguida avançou sobre Pertsu, gritando:

– Os homens são proibidos de entrar aqui!

Ela tentou empurrá-lo para a porta. A tentativa estava predestinada a falhar, pois, apesar de Niina Kuusinen ser alta para uma mulher, Pertsu, com seus 1,90 m e 100 quilos, era grande demais para ela. Apesar de tudo, corri para segurar suas garras, temendo, principalmente, que ele a machucasse.

– Niina! – a voz de Aira cruzou o ar, tão cortante e afiada quanto uma lança. – Eles são policiais. Encontraram Elina.

Niina parou de repente. Seu corpo relaxou entre minhas mãos e depois se contraiu de novo. Sem lhe dar tempo para fazer perguntas, Aira continuou, com um tom ainda mais ácido:

– Ela está morta.

Niina desmoronou no chão, sacudindo-se em soluços desesperados. Fiquei surpresa com a rapidez de sua reação: normalmente as pessoas levam um certo tempo até digerirem esse tipo de notícia. Aira a abraçou, murmurando palavras de consolo, das quais ela, com certeza, tinha mais necessidade do que Niina. Mas ela parecia ter se habituado a sempre passar as necessidades dos outros à frente das dela, a chorar sozinha, na penumbra de seu quarto. Eu mesma estava com lágrimas nos olhos, mas as contive para perguntar:

– Há mais alguém aqui que estava em Rosberga na noite de 26?

Minha voz estava tão fria e dura, e rangia como um trilho sob as rodas de um bonde freando. Aira desviou os olhos de Niina por um instante, para olhar para mim.

– Johanna está lá em cima – respondeu. – A senhora inspetora chefe talvez queira, ela mesma, lhe dar a notícia.

Foi uma frase mal-intencionada, cuja amargura foi ainda mais acentuada pelo uso do meu título. No entanto, eu tinha consciência de que não sabia como me comportar frente a Johanna. Tinha sempre

ficado perplexa diante de fiéis, talvez por temer um fanatismo do qual, às vezes, detectava traços em mim mesma. E tinha medo da lacuna em seus olhos, do seu olhar que revelava um universo no qual não teria, por nada nesse mundo, querido entrar.

– Posso me ocupar disso – respondi, com o queixo erguido. – E a identificação?

– Se você me der uma hora ou duas, eu irei. – Na voz de Aira havia também agressividade. –

Mas, no momento, Niina e Johanna precisam de mim.

A jovem, cujos soluços tinham se acalmado um pouco, e que agora chorava baixinho sobre o ombro de Aira, levantou a cabeça.

– Onde encontraram Elina?

Respondi a pergunta, assim como muitas outras possíveis, e prometi que lhes daria mais informações logo que tivesse os resultados da autópsia. De novo, um barulho no topo da escada nos fez virar as cabeças.

Johanna nos olhava, pálida e inexpressiva. Talvez ela tivesse acabado de acordar de um cochilo, porque estava vestindo um robe cinza azulado, fechado negligentemente por um cinto. Uma parte dos seus cabelos loiro-acinzentados soltava-se do coque e emoldurava seu rosto. Normalmente ela os usava tão apertados, que não tinha notado, até então, que eram naturalmente encaracolados. Suas palavras caíram sobre nós, como um sermão do alto de um púlpito:

– Suicídio é pecado! Quem atenta contra a própria vida não pode entrar no paraíso. Perguntei a Leevi se eu não cometia um pecado ao continuar com a gravidez do meu décimo filho, já que sabia que provavelmente morreríamos os dois. Não seria, ao mesmo tempo, um suicídio e um assassinato? Mas, de acordo com Leevi, era a vontade de Deus.

Vi o pânico subir aos olhos de Pertsu. Ele queria, obviamente, fugir o mais rápido possível dessas mulheres, que ele julgava malucas. Tentei fisgar o olhar de Taskinen, de deixar para ele a decisão de continuar o interrogatório ou não. Johanna desceu lentamente a escada, até Niina e Aira, e as abraçou com a segurança de uma mãe acostumada a tomar conta de uma família grande. Quando fechou as pálpebras e deixou seu rosto relaxar, ficou com um ar quase adolescente. Percebi que ela devia ter poucos anos a mais do que eu, 33 ou 34 talvez. Com certeza, ela tinha dado à luz o primeiro filho muito jovem.

– Quando as senhoras poderão vir ao comissariado? – perguntou Taskinen. – Gostaríamos de ouvir todas.

Era mais uma ordem do que um desejo, e marcamos para a manhã seguinte – outra perspectiva de um sábado de trabalho, mas não tinha escolha. Talvez eu pudesse, pelo menos, me safar de um almoço familiar, para o qual uma colega de Antti nos tinha convidado para o ano novo.

No caminho para o comissariado, contei a Pertsu e Taskinen o que sabia sobre o desaparecimento de Elina. Como já esperava, o chefe me pediu para me ocupar dos interrogatórios preliminares, supondo que uma investigação fosse necessária depois da autópsia.

– Talvez não haja nada de suspeito nesse caso, a não ser uma mulher que saiu para passear na neve, em uma noite congelante, de camisola e robe. Quem sabe há uma explicação plausível para isso? Deveríamos ter perguntado se ela costumava ter crises de sonambulismo. Verifique, de qualquer forma, a identidade de todos os envolvidos.

– Rosberg tinha grana. A casa vale milhões, e me parece que ela ganhou bastante dinheiro com a venda de uma parte das suas florestas ao Estado, para a criação da Reserva Natural de Nuuksio. Quem vai herdar tudo, se ela não tem marido nem filhos? A tia? Ou uma associação anti-homens?

– Sim, a Associação pela Castração dos Homens. – respondi a Pertsa, que tinha, no entanto, levantado uma questão interessante.

Elina Rosberg era rica. Tinha sido na indústria da madeira ou em outra que sua família tinha feito fortuna? Devia começar por estudar sua biografia detalhadamente.

De volta ao escritório, conectei-me à base de registros do Serviço Central do Registro Civil e, enquanto esperava que o computador encontrasse Elina Rosberg, contemplava a coleção de gatos sorridentes que minhas amigas me tinham dado, na minha despedida de solteira: o atleta Geir Moen, Hugh Grant, Mick Jagger, o atleta Valentin Kononen... A colagem, intitulada “CHANCE PERDIDA COM ESSES AÍ!”, geralmente causava comentários ácidos dos meus colegas masculinos, o que era, com certeza, uma razão a mais para mantê-la na parede. No entanto, ninguém, nem mesmo Ström, por enquanto, tinha me acusado de assédio sexual. Eu raramente conduzia interrogatórios oficiais em meu escritório, por ousar manter aquele cartaz, digno de uma adolescente e bem comprometedor para minha credibilidade como inspetora chefe.

O computador tinha terminado. Li as informações na tela, enquanto ligava a impressora. “Rosberg, Elina Katrina, nascida em 26-11-1954, em Espoo. Filha de Kurt Johannes Rosberg, proprietário de terras, nascido em 1914, e de sua esposa, Sylvia Katrina Kajanus, nascida em 1920. Solteira, sem filhos.” Nenhuma outra informação. Também consultei seu registro judicial, o qual eu tinha certeza que estaria em branco. Mas continha uma prisão, durante uma manifestação contra o xá do Irã, em 1970. Nada, além disso, há 25 anos. O que mais... Será que temos acesso a históricos médicos? Talvez encontrássemos lá os psicoterapeutas.

Novamente, tive que dedilhar um bocado, antes de encontrar o que procurava. “Elina Rosberg: 1973, bacharel na Escola Francesa de Helsinque; 1979, mestrado em psicologia; 1981, licença para exercer a profissão de psicoterapeuta. Dirige, desde 1990, o Centro de Terapia Privado Rosberga, depois de ter trabalhado no serviço de psiquiatria da adolescência do Centro Hospitalar Universitário de Helsinque e no hospital de Lapinlahti. Lazer: caminhada e leitura.” Nada de extraordinário lá também, nem de útil. Elina não tinha praticamente nenhuma família. Era filha única, sua mãe também, e os dois irmãos de Kurt e Aira Rosberg morreram na guerra. Além da tia, Elina só tinha como próximos Joonas Kirstilä e Tarja Kivimäki. Talvez um deles a tivesse matado e transformado em mulher de neve, agora derretida.

Matá-la? Por que isso me veio à cabeça, se nada indicava que um crime tinha acontecido? Tudo podia não passar de um acidente ou suicídio. Eu tinha uma estranha sensação de peso no fundo do estômago. Com certeza, minha menstruação estava chegando... Quando tinha sido a última mesmo? Estava acostumada, há anos, a um ciclo menstrual marcado por cartelas de pílulas, mas, depois que coloquei o DIU, não mantive mais um controle rígido. Meus seios estavam sensíveis, de qualquer jeito – era um sinal que não errava. Estava olhando se tinha absorventes na gaveta da minha mesa quando alguém bateu à porta.

– Entre! – Esperava ver um de meus colegas, sem dúvida Taskinen, porque raros eram os que se davam o trabalho de bater.

Mas era uma desconhecida. Mais ou menos da minha idade, talvez dois ou três anos a mais, difícil de dizer. Um metro e sessenta, um rosto pálido cuja lateral impessoal estava reforçada pela maquiagem cuidadosa, em um estilo que as revistas femininas chamariam de natural. Os cabelos castanhos chegavam até abaixo das orelhas, com as pontas viradas para o interior, presos por uma faixa de camurça preta. Óculos chiques, atrás dos quais olhos verde-azulados me olhavam fixamente,

sem piscar. O corpo musculoso, vestido com um taitailleur marrom reto, saído de um catálogo de uniformes da mulher de negócio.

– A senhora deve ser a inspetora geral Kallio. Vim lhe falar sobre Elina Rosberg.

O contraste era maluco: a silhueta da minha visitante era tão desconhecida quanto sua voz soava familiar. Devia ser Tarja Kivimäki. Ela confirmou, apertando minha mão, com um gesto breve, mas enérgico. Suas unhas estavam bem feitas, com um esmalte discreto e claro.

– Aira Rosberg me ligou para avisar que Elina tinha sido encontrada morta. Poderia ser suicídio, de acordo com ela.

Tarja Kivimäki se sentou no sofá do meu pequeno escritório e cruzou elegantemente suas belas pernas, com certeza, resultado de musculação. Que esporte ela praticava? Poderia apostar que era *fit-boxing* ou esgrima.

– Vim lhe dizer que a hipótese de suicídio não faz nenhum sentido. Elina jamais faria isso. Se estivesse tão deprimida a ponto de pensar em dar um fim à sua vida, ela teria se aconselhado com um colega.

Apesar da sua calma, dava para sentir em sua voz a raiva e a agressividade que ela usava em suas reportagens para o telejornal. Era interessante: por debaixo da fachada serena e intelectual, ela frequentemente bombardeava políticos com perguntas explosivas que os desconcertavam.

– Enquanto não tivermos o resultado da autópsia, tudo não passa de especulação.

Percebi que eu estava adotando uma postura ofensiva, porque não queria parecer uma imbecil aos olhos de Tarja Kivimäki. Talvez ela conseguisse que o Primeiro Ministro falasse mais do que devia, mas a inspetora chefe Maria Kallio seria um osso mais duro de roer...

– Como anda a investigação?

– Ainda não existe uma, oficialmente, enquanto nada indicar que houve um crime. Mas, mesmo assim, gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre o último encontro de vocês. Você estava em Nuuskio na noite de 26 de dezembro, certo?

– Passei todo o período de Natal lá. Vim embora na manhã de anteontem, ou seja, no dia 27. Tinha que trabalhar.

A expressão de Tarja Kivimäki estava estranhamente pouco comovida. De acordo com Aira Rosberg, Elina e ela eram amigas há muitos anos, e seria de se imaginar que ela estivesse abalada pela notícia de sua morte. Porém, sentada lá, em meu sofá, parecia tão impassível como se estivesse relatando um debate consensual sobre a política das receitas.

– Aconteceu alguma coisa de diferente, no Natal, que poderia explicar que tenhamos descoberto Elina Rosberg, de camisola, na floresta?

Acostumada a ser a pessoa que fazia as perguntas, Tarja Kivimäki não parecia gostar nem um pouco de estar, dessa vez, sob os holofotes.

– Havia, com certeza, tensão no ambiente. No começo, era para sermos só três em Rosberga: Aira, Elina e eu. Mas Johanna Sääntti e Milla Marttila ficaram depois do treinamento delas. Elina sempre teve mania de colocar debaixo das asas todo tipo de infeliz, como outras pessoas recolhem cachorros e gatos perdidos. Veja Niina Kuusinen, por exemplo. Um caso típico, que não sofre de nada além de um egocentrismo sem limite. A única que tem um problema de verdade é Johanna Sääntti. Todavia, para solucioná-lo, bastaria pedir o divórcio e exigir a guarda das crianças, simples assim.

– Há quanto tempo você conhecia Elina Rosberg?

– Há mais ou menos seis anos. Eu trabalhava para a telerrevista de atualidades A-Studio e preparava um programa sobre a violência sexual sofrida pelas crianças, o que era, na época, um assunto bem novo. Entrevistei, entre outros, Elina. Logo de cara, tive a impressão de que falávamos a mesma língua. E ela tinha coisas interessantes a dizer.

– Lembro-me muito bem desse programa.

Eu estudava direito na época, e nosso professor de processo penal usou um caso de incesto citado por Tarja Kivimäki para ilustrar a dificuldade dos processos intrafamiliares: quando se tornaram adultas, as filhas de uma família americana acusaram o pai de estupro, mas a mãe e os irmãos se recusaram a depor contra ele. Eu ainda espumava de ódio quando me lembrava do caso.

– Elina era uma pessoa muito sensata. Não entendo como ela pôde sair numa aventura neste frio, sem casaco, principalmente com aquela tosse constante e insuportável. A única coisa que poderia explicar seria se alguém estivesse em grande perigo. E, mesmo assim... Ninguém de fora podia entrar em Rosberga. O portal estava sempre trancado.

– Por quê?

– Elina não queria nenhum intruso, principalmente do sexo masculino. Ela achava que deveria haver em Espoo, pelo menos, um lugar onde as mulheres pudessem estar tranquilas, sem serem incomodadas pelos homens. Há, de tempos em tempos, uns bandos de bêbados vindos de Solvalla, que fazem bagunça ao pé dos muros, ou grupos de adolescentes em caminhadas, na reserva natural de Nuuskio. Esses senhores parecem ficar furiosos ao ver que existem lugares aos quais eles não têm acesso.

– Sim. Voltemos à noite do dia 26. Quando você viu Elina pela última vez?

– Assistíamos à televisão na biblioteca, Aira e eu... e Niina Kuusinen também, acho. Um filme antigo, com Marilyn Monroe, sentimental e engraçado. Elina passou por lá para nos dizer que ia sair para um passeio porque estava com dor de cabeça. Tentamos dissuadi-la, por causa de sua gripe, mas ela não nos escutou. Ela era assim. Era inútil tentar argumentar com ela, quando ela já tinha decidido alguma coisa. Fui me deitar depois do filme porque deveria me levantar cedo. Na manhã seguinte, passei pelo quarto de Elina: pensei que, se parecesse que ela estava acordada, iria agradecer-lhe pela festa de Natal e me despedir, mas não vi luz debaixo da porta. Ela tinha me dado o código do portal, então pude sair com meu carro, sem perturbar ninguém, e ir para os estúdios em Pasila.

– Quem mais tem o código?

– Aira, claro, e com certeza Johanna, a contar o tempo que ela está em Rosberga. Porém, normalmente, ele é guardado em segredo para evitar visitas intempestivas.

Meu telefone tocou, e Tarja Kivimäki se levantou, aproveitando-se da interrupção. Depois de atender e pedir a meu interlocutor que esperasse um instante, dei a volta em minha mesa, apertei a mão dela e prometi contatá-la, logo que tivesse notícias. Talvez outra conversa nem fosse necessária. Ao partir, Tarja Kivimäki divertiu-se com uma olhada em minha coleção de caras gatos e, da porta, soltou, com uma voz surpreendentemente maliciosa:

– Boas escolhas! Apesar de Hugh Grant ter perdido toda credibilidade, na minha opinião.

Levantei os ombros como resposta e retomei o telefone. Era o médico legista que tinha examinado Elina e já tinha alguma coisa a dizer: seu corpo tinha, na parte de trás das coxas, nas costas e nas nádegas, escoriações e contusões sofridas quando ela ainda estava viva, mas inconsciente. O legista e os analistas do laboratório tinham concluído que alguém a tinha arrastado pela floresta até o pinheiro. Não sabiam ainda por que ela tinha perdido consciência, mas teriam os

resultados das análises na manhã seguinte.

Quando desliguei, fui tomada por náuseas. Arrastada pela floresta... Então tratava-se, pelo menos, de um homicídio culposo. Ou pior. Eu me encontrava mais uma vez diante de um caso de assassinato tortuoso demais, recheado de uma multidão de suspeitos irascíveis.

Quatro

– Tenho absoluta certeza de que era com seu poeta que Elina estava passeando na floresta, naquela noite. – resmungou Milla Marttila, ao telefone, antes de bocejar até estalar o maxilar.

Eram pouco mais de nove horas, naquele sábado, 30 de dezembro, e minha ligação a tinha acordado. Ela tinha trabalhado até quatro horas da manhã e parecia não estar sozinha em casa, pois dava para ouvir, ao fundo, um leve ronco.

– Você conhece Joona Kirstilä?

– Ele vem ao clube, de vez em quando. Com certeza, ele não contou a Elina. Eu o reconheceria entre mil. Pequeno e magricelo como é, parecia um anão perto dela. E usa um eterno cachecol vermelho, para que todos saibam que é um poeta. Como Edith Södergran, a poeta.

– Ahn? Ah, sim, ela achava que os poetas deveriam usar um manto vermelho. Você gosta das coisas que ela escreve?

– Na sua opinião, com certeza uma *stripper* não tem capacidade para compreender poesia. E quer saber? Estou com sono, merda. Eu...

– Gostaria que você fosse ao comissariado às 13 horas. Preciso que você testemunhe oficialmente ter visto Elina com Kirstilä, na noite do... do desaparecimento.

– O quê? Em Espoo? E ele fica onde, esse comissariado?

Tentei lhe explicar como chegar lá, mas ela gritou que iria sem dúvida se perder naquela “roça fodida”, então prometi lhe enviar um carro. Ela estaria lá no começo da tarde, seria melhor interrogar Kirstilä em seguida...

Tinha marcado de me encontrar com Aira no *hall*, uma hora mais tarde, para irmos identificar o corpo de Elina. Ao pensar no necrotério, novamente senti náusea. Estava também com uma enxaqueca estranha, e o cansaço envolvia meus olhos como algodão molhado. Estava com dificuldade para dormir, sonhando com Elina e me vendo, nos pesadelos, procurando desesperadamente os banheiros do comissariado para fazer um teste de gravidez. A ideia tinha me passado pela cabeça na noite anterior, enquanto voltava para casa de carro. Isso explicaria minha exaustão. Tinha examinado minha agenda – minha última menstruação já tinha sido mesmo há seis semanas. Tinha checado a enciclopédia médica e o modo de usar do meu DIU: esse troço não era 100% seguro. Em um momento qualquer durante o dia, teria que encontrar um tempo e comprar um teste na farmácia.

Tentava não pensar no assunto – por enquanto, não passava de uma suposição. De qualquer jeito, na véspera tinha me absterido da minha habitual cerveja noturna, apesar da sede que a morte de Elina me tinha causado. No entanto, era quase mais fácil pensar em um assassinato do que em uma possível gravidez e em uma criança. Um assassinato era cometido para ser elucidado e, uma vez resolvido o caso, não teria mais nenhuma influência na minha vida. Mas uma criança... estaria lá por dezenas de anos.

Pertsu abriu a porta do meu escritório, exatamente no instante em que eu discava o número de Joona Kirstilä. Sem pedir nada, desmoronou-se em meu sofá, bem abaixo da minha coleção de gatos,

e pôs os pés em cima da mesa.

– Então, afinal de contas, essa morte suspeita seria um assassinato? Você vai poder, novamente, fazer seu trabalho preferido, Kallio. E ainda, de quebra, com um bando de feministas enfurecidas para interrogar.

– O que é que lhe faz dizer que gosto de investigar assassinatos?

– A eficiência de um tornado que você emprega em casos assim, trabalhando dia e noite, arriscando sua vida. Mas dessa vez você já está tão pálida, mesmo antes de começar, que é melhor você ir com calma. São suas esquisitices que a estão cansando ou o quê?

– Você podia dar o fora, por favor, estou morrendo de pressa. Tenho que começar os interrogatórios e ir ao necrotério.

– Eu sei, gata. Sou seu número dois hoje.

Pertsu irradiava uma satisfação repugnante: sabia que eu não gostava que ele me auxiliasse. Na nossa brigada, criada um ano antes, tinha-se o costume de nomear, para cada caso, um ou dois responsáveis que conduziam as audiências e as investigações da maneira mais autônoma possível. Todos assumiam todos os papéis, de acordo com as necessidades, e mesmo Taskinen, às vezes, estava presente nos interrogatórios, como simples assistente. Tratava-se não somente de acabar com as barreiras hierárquicas habituais da polícia, mas também de evitar o tédio inerente a uma repartição muito rigorosa com relação às tarefas.

– Achei que eu ia trabalhar em dupla com Pihko, ele não está em serviço hoje?

– Ele foi à Lapônia para o Réveillon. Você vai ter que se contentar comigo neste final de semana.

– OK, mas não se esqueça de que sou eu que estou no comando. Você fecha essa boca. Eu faço as perguntas. Não precisa nem ligar o gravador, basta que você esteja lá. Por falar nisso, você conhece alguém na polícia de Karhumaa ou de Ii?

– Acho que não. Por quê?

– Uma das mulheres envolvidas nesse caso é de lá. Verifique. E dê o fora, tenho que trabalhar. Vai querer ir ao necrotério?

Uma expressão fugaz de repugnância passou pelo rosto de Pertsu. Nenhum de nós apreciava o espetáculo dos cadáveres. Com certeza, a gente acabava se acostumando, mas não a ponto de se tornar indiferente. O de Elina Rosberg – fato raro – estava, pelo menos, apresentável, sem feridas sangrentas nem outros machucados.

– Também tenho duas ou três coisas a fazer. Chame quando precisar de mim, estarei na sala de interrogatório.

Quando Pertsu saiu, ao invés de pegar o telefone, fiquei presa a meus próprios pensamentos. Será que era perigoso continuar com o DIU, no começo da gravidez? Sem dúvida, precisava marcar uma consulta com o médico, logo que tivesse o resultado do teste. Tinha que dar um jeito, sem falta, de passar na farmácia entre os interrogatórios de Aira e Milla. Estava sufocada, mas, quando abri a janela de aeração, tão grande quanto um selo postal, o frio congelou meus seios. Eles nunca tinham ficado tão sensíveis.

Nesse momento, o telefone tocou. Era o Doutor Kervinen, o legista que tinha feito a autópsia de Elina:

– Você sabe se Elina estava tomando antibióticos, quando desapareceu?

– Estava. Por sinal, foi ao ver que ela os tinha deixado no banheiro que Aira concluiu que havia um problema.

– Você se lembra do nome do medicamento ou, pelo menos, a doença para a qual ele lhe foi prescrito?

– Alguma coisa a ver com eritromicina, para uma infecção das vias respiratórias. Ela estava com uma tosse horrorosa.

– Corresponde bem ao quadro. De fato, encontrei eritromicina em seu organismo, e essa substância é usada no tratamento de bronquite, por exemplo. O frasco do medicamento seria muito útil, poderíamos encontrar, pelo menos, o nome do médico que tratava dela. Obviamente, ele se esqueceu de dizer a ela que a eritromicina inibe o metabolismo das benzodiazepinas.

– O metabolismo... Você pode me explicar? – Eu conhecia o termo, claro, mas não tinha certeza do significado naquele contexto.

– Ela retarda a eliminação das benzodiazepinas e potencializa seus efeitos. Rosberg tinha tomado uma dose grande de benzodiazepina, além de umas taças de vinho. Sob o efeito dessa mistura, ela ficou inconsciente tanto tempo, que morreu de frio. De qualquer maneira, a ação conjugada desses medicamentos não é muito conhecida, eu mesmo só ouvi falar sobre isso há dois anos, em um congresso de farmacologia. E nem se tratava de uma morte, nesse caso específico, mas só de um sono de 48 horas. Porém, associado ao frio, o coquetel é letal.

Eu refletia; meu cérebro estava em ebulição. Antibió-ticos, tranquilizantes, álcool... Elina morreu por ignorância? Mas por que ela tinha ido passear, na neve, vestindo só uma camisola?

– Ela tinha consumido uma quantidade suficiente de álcool e tranquilizantes, para perder a consciência somente sob o efeito deles, sem o antibiótico? – perguntei a Kervinen.

– Talvez por um breve momento, mas não por um tempo longo o suficiente para morrer de frio. É difícil dizer, os efeitos do álcool e dos medicamentos podem variar extremamente, de acordo com cada indivíduo. Também tem que se levar em conta a temperatura ambiente. Fazia muito frio no Natal e ela desapareceu à noite, não foi?

– Verdade.

O caso parecia cada vez mais estranho. Alguém tinha decidido mergulhar Elina em um sono mais profundo do que o normal, sem saber que ela estava tomando antibióticos?

– Escuta, eu tenho que ir aí, em mais ou menos meia-hora, com a tia de Rosberg. Perguntarei a ela sobre os medicamentos e o médico. Mas não lhe revele ainda a causa exata da morte, porque...

– Ela é suspeita? – reagiu Kervinen, com tanto entusiasmo quanto se tivesse lido um policial.

Era seu jeito de suportar o trabalho: distanciava-se dos casos que lhe eram submetidos e considerava os mortos enigmas passionais, sem nenhuma ligação com os vivos que eles tinham sido. Ao contrário de muitos de seus colegas, não fazia as piadas típicas dos estudantes de medicina e não tentava chocar os outros com a crueza da sua linguagem. Só parecia se divertir brincando de aprendiz de detetive.

– Pode-se dizer que sim. Aqui, posso lhe fazer uma pergunta pessoal? Tem algum perigo em manter um DIU, estando grávida?

Ouvi, do outro lado do fio, uma tosse sem graça.

– Sou legista, não ginecologista. Espere um pouco... Você deveria ir ao médico. Bom, quero dizer...

Houve um riso, bastante envergonhado. Perguntei-me se ele tinha filhos ou se nada do que tinha a ver com gravidez e parto lhe era familiar, e se ele tinha focado toda a sua energia profissional nos mortos, mais do que nos vivos.

– Ah, claro. Até daqui a pouco. Tenho que receber Aira Rosberg.

Primeiro, fui estacionar um carro em frente ao comissariado. No *hall*, a tia de Elina me esperava na companhia de Johanna Sääntti. Ao lado da silhueta seca de Johanna, Aira parecia grande e com ombros largos, mas seu rosto exprimia o mesmo pesar imóvel e vazio. Ela estava vestindo a pele de astracã que eu tinha visto no pequeno vestíbulo de Rosberga, com um gorro enfiado até os olhos. O rosto de Johanna parecia estranhamente suave, enrolado em uma echarpe com estampas pretas e cinza, cobrindo um casaco escuro, com um corte que lembrava um saco.

– Trouxe Johanna. Ela gostaria de conversar com a polícia – explicou Aira.

– Você pode nos esperar aqui, não vamos demorar. A não ser que prefira nos acompanhar e esperar lá.

Estava cansada de os outros falarem por ela, todo o tempo – primeiro, Elina, e, agora, Aira. No seu interrogatório, de qualquer forma, ela teria que se expressar sozinha.

– Vou com vocês. – Sua voz continuava tão irritante, tênue e nervosa, mas tinha, pelo menos, aberto a boca.

Levei-as até o carro e as duas entraram no banco de trás. Tomamos, ao crepúsculo, a direção da autopista de Turku, depois a do instituto médico legal de Helsinque.

– É só uma formalidade, sabemos que é Elina – disse no caminho, mais ou menos seguindo o protocolo, tentando soar calma e reconfortante.

Garoava novamente, o rádio tinha anunciado um longo período de temperaturas altas, para o sul da Finlândia, o que provavelmente derreteria toda a neve caída em dezembro. Uma camionete, vindo na direção oposta, lançou no meu para-brisa um bloco tão grande de lama dos barrancos da estrada que por alguns segundos não vi mais nada, até que, finalmente, tive o reflexo de ligar os limpadores de para-brisa. O responsável estava a pelo menos 30 quilômetros por hora a mais do que a velocidade permitida, mas não tive ânimo de me preocupar com isso.

– Não se preocupe. Eu estava na cabeceira dos meus pais, e na dos pais de Elina, quando eles morreram. – Havia uma ponta de humor seco na resposta de Aira Rosberg. – Sou enfermeira. Aposentei-me dois anos antes da abertura do Centro de Terapia de Rosberga. Antes disso, trabalhei vários anos em um asilo. Mas você não nos disse de que ela morreu. O corpo está muito deteriorado?

– Não.

Minhas bochechas queimavam, tanto de vergonha, quanto de raiva. Aira Rosberg ia contra todas as minhas tentativas de lhe oferecer compaixão. Muito bem, não tentaria mais. Deixamos Johanna na sala de espera do hospital. Ela se sentou no canto do sofá, com as costas retas, as pernas fechadas, como uma garotinha a quem se manda ficar ajuizada enquanto mamãe faz compras. Como uma mulher que parece tão desprovida de vontade própria poderia criar 10 crianças?

Sinalizei à recepção que tínhamos chegado, e Kervinen veio nos encontrar à porta da sala de identificação. A enfermeira que nos levou para dentro ficou na soleira da porta, como se estivesse pronta a correr para ajudar se a pessoa vinda para identificar o corpo desmaiasse ou tivesse uma crise histérica.

A identificação é um ritual estranho, um tipo de dança sagrada em torno de uma maca, coberta por um lençol branco. Nós nos aproximamos, levantaram a cobertura por um instante. Olhei mais uma vez para o rosto de Elina, irradiando frieza, antes de levantar os olhos para Aira, que balançou a cabeça.

– Morta de frio – ela constatou, com uma voz doce.

Concordei, e em seguida pedi a ela que assinasse os documentos necessários e questionei-lhe

sobre os antibióticos. Ela se lembrava perfeitamente do nome do medicamento, assim como do médico que o tinha prescrito.

– Se você puder esperar um instante com Johanna, na sala de espera, eu já volto.

Aira se dirigiu à porta da sala de identificação, e a enfermeira se aproximou dela, aparentemente, para perguntar se estava tudo bem. Não escutei a resposta, mas as vi se afastarem juntas, por um corredor emoldurado por neons. Somente nesse momento notei o cheiro de desinfetante ao qual se misturava o perfume de flores, curiosamente feminino, da loção pós-barba de Kervinen.

– O Citrato de Eritromicina combina perfeitamente com minha teoria. Ele potencializa os efeitos do álcool e das benzodiazepinas. Se a tivéssemos encontrado em sua cama, poderíamos pensar que ela tivesse simplesmente duplicado as doses, para garantir um sono tranquilo. Mas como explicar os arranhões nas costas? Eles estavam bem recentes, causados depois de ela perder consciência, mas antes de ela morrer, pois alguns sangraram.

– Ela poderia ter se arrastado pelo chão? Os medicamentos podem ter provocado uma paralisia, por exemplo, ou...

– Nem um nem outro. Ainda vou examinar mais atentamente os tornozelos dela e talvez eles nos deem uma resposta.

– Como assim?

– Vou ver se há reentrâncias ou modificações nos tecidos que provem que ela foi arrastada até aquela árvore ou sei lá onde. Havia rastros no solo onde a encontraram?

– A chuva tinha amolecido tanto a neve que não foi possível saber. Mostre-me suas costas.

Kervinen manipulava a carne morta sem nenhum desconforto. Eu tentava não olhar para os cortes, grosseiramente costurados, feitos pelos instrumentos de dissecação. Em comparação, os arranhões que Elina tinha nas costas pareciam ridiculamente pequenos, quase insignificantes. Estava curiosa para saber o que seu robe e sua camisola trariam de informação, sem dúvida eles também estariam rasgados no mesmo lugar, se ela tivesse sido arrastada pela floresta.

– Fora isso, ela estava em boas condições de saúde. Aparentemente não fumava, não bebia muito e exercitava os músculos... Há, no entanto, uma coisa estranha – disse Kervinen, quando me dirigi para a porta –, não encontrei nada no histórico médico que explique o estado do seu colo do útero. Nenhuma intervenção cirúrgica ou nada do gênero.

– O colo do útero? Não estou entendendo.

– De acordo com seus registros, Rosberg nunca teve filhos. Como você talvez saiba, a entrada do colo do útero das nulíparas é pequena e redonda, mas a dela é alargada, como a de uma mulher que já deu à luz.

– Você está querendo dizer que ela teria tido um filho?

O olhar de Kervinen vagou pelo cômodo, evitando o meu, como se estivesse desconcertado.

– Como já disse, não sou ginecologista. Esse alargamento pode ter outra causa, talvez uma operação ginecológica. Se você achar que é importante, vou pedir a um especialista que examine.

– Não sei se é importante ou não, mas sim, por favor. Talvez se trate de um aborto espontâneo.

– Mesmo assim, deveria estar no histórico médico dela.

Eu bem ficaria ali, especulando com Kervinen, mas Aira e Johanna esperavam por mim. A luz fria e irreal dos corredores do hospital espantou do meu espírito a ideia que o tinha florescido por um instante. Elina não podia ter filhos. Sua ficha do registro civil teria inevitavelmente mencionado. E por que Kervinen estava tão evasivo, como se tivesse vergonha de abordar o assunto da gravidez?

Geralmente, os médicos que eu conhecia falavam sobre o tema com uma fria indiferença clínica ou com uma descontração forçada – ele era o primeiro que eu via ficar envergonhado.

Aira estava sentada no *hall*, sozinha, com o olhar perdido no infinito. Sentei-me ao seu lado, tentando, sem sucesso, ler nela algum sinal de emoção.

– Johanna foi ao banheiro?

– Johanna? – Ela pronunciou seu nome como se ele não significasse nada para ela. – Ah, sim, Johanna... ela não estava aqui, quando voltei.

No final das contas, Aira não era tão forte quanto tentava aparentar. Ela estava completamente perplexa. E onde será que estava Johanna? Eu queria voltar para o escritório, começar os interrogatórios, manter-me no horário apertado que tinha planejado para o dia. Mas não podia abandoná-la, ela não era de lá e, com certeza, não encontraria sozinha o caminho do comissariado de Espoo, em Nihtisilta.

– Espere aqui, vou ver.

Chamei Johanna em vão nos banheiros femininos mais próximos e nos seguintes. Merda. Havia uma cafeteria em algum lugar, talvez ela tivesse ido para lá. Tentei lembrar onde ela ficava, mas, depois de ter perambulado por cinco minutos, tive que admitir que estava completamente perdida. Perguntei o caminho a uma cuidadora e, ao ver o seu ar divertido, me senti aliviada por não ser obrigada a usar uniforme. O espetáculo de uma inspetora chefe de polícia judiciária perdida em um hospital tinha alguma coisa de tristemente cômico. Além disso, eu tinha pavor de ter que depender dos outros, de admitir minha ignorância, já que eu agia como se tivesse tudo sob controle.

Quando finalmente virei a esquina do corredor que levava à cafeteria, vi Johanna na entrada, olhando fixamente um quadro na parede. Aproximei-me em silêncio, sem que ela me notasse. O quadro, pintado em um estilo indiscutivelmente *naïf*, representava uma alegre penca de crianças espalhadas por um campo florido. O rosto de Johanna estava coberto de lágrimas, até a gola de seu casaco estava encharcada. Quando coloquei minha mão no seu ombro, ela não reagiu. Só quando ouviu minha voz foi que ela deu um pulo de susto.

– Está na hora de irmos. Quadro bonito.

Quadro bonito... Que comentário ridículo. Por que não sabia me comportar frente ao sofrimento dos outros? Por que não era capaz de dizer naturalmente o quanto me sentia triste por eles? Por que não encontrava palavras de consolo? Sabia lidar com criminosos rudes ou bandidos de colarinho branco, os quais, geralmente, conseguia que falassem. Mas a dor me deixava muda e inábil, me fazia perder todos os meus recursos, fugir ao invés de estender a mão.

Felizmente, Johanna me seguiu obedientemente pelos corredores. Era óbvio que ela estava acostumada a obedecer ordens. Aira, pelo menos, não tinha saído do lugar. Entramos no carro, debaixo de chuva, para voltar ao comissariado, tão silenciosas quanto na vinda. Ao chegarmos, perguntei à Johanna se ela queria ser ouvida antes, pois já tinha esperado no instituto médico legal.

– Esperar não me incomoda – disse, com uma voz baixinha, antes de acrescentar um pouco mais alto, com um tom quase penetrante – Acho até agradável poder ficar sentada, sem fazer nada.

Apesar de a delegacia de polícia de Espoo ser nova, as salas de interrogatório eram como todas as outras: armários sinistros, pintados de cores claras e assépticas. Felizmente, as cadeiras eram confortáveis. Enquanto esperávamos por Pertsu, verifiquei os microfones do gravador e ofereci café a Aira. Meu estômago estava corroído por uma fome que piorou ainda mais, quando Ström chegou engolindo com pressa o último pedaço de uma tortinha. Mas Aira só aceitou um copo de água.

Depois de ter ditado a data do interrogatório, pedi que ela declarasse sua identidade.

– Aira Rosberg, nascida em 2 de fevereiro de 1925. Enfermeira aposentada. Solteira.

Parecia que passar essas informações oficiais no microfone era quase uma diversão para ela.

– Então é de você que Elina herdou o nome?

– Ele é comum na família da minha mãe e eu sou... era madrinha dela. – Uma pausa finalmente perturbou o tom uniforme de Aira.

– É preciso um pouco de tempo para se acostumar a falar no passado – continuou.

– Você sabe quem vai herdar os bens de Elina? Ela tinha feito um testamento?

– Acho que sim. Teria que perguntar ao advogado da família, Juha Saario, do escritório de advocacia Saario e Ståhlberg. Eles estão no catálogo. – Ela falava como se sua mente estivesse em outro lugar completamente diferente.

Anotei o nome do escritório de advocacia e repassei mais uma vez os acontecimentos da noite de 26 de dezembro, sobre os quais Aira não tinha nada de novo a dizer. Ao final de mais ou menos meia hora de conversa, ela pareceu sair de seu estado de torpor e me interrompeu, abrindo sua bolsa:

– Ouça bem, Maria. Quando Elina desapareceu, nenhuma mensagem dela foi encontrada. Mas, esta manhã, encontrei isto na minha bolsa.

Ela mostrou um envelope branco no qual estava escrito “Aira”, de caneta esferográfica azul. Inclinei-me para pegá-lo, mas ela continuou segurando-o firmemente na mão cerrada:

– Só uso esta bolsa quando vou sair e não saí de Rosberga desde o Natal. Só tinha planejado fazer compras hoje. É por isso que demorei tanto para encontrar esta carta. Olhe!

Dessa vez, ela me entregou o envelope. Dentro, havia uma mensagem escrita à mão, dizendo somente:

Querida Aira.

Depois de tudo que ouvi, não posso continuar assim.

Sinto muito pelos aborrecimentos que poderei causar.

Elina.

Parecia uma carta suicida. Reli o texto. “Depois de tudo que ouvi”. O que teria ela descoberto e que tipo de informação poderia levar ao suicídio uma mulher como Elina? Voltei a pensar em Joona Kirstilä, a quem ambas, Aira e Milla, afirmaram ter visto com Elina naquela noite. Teria ela se matado porque ele falou que queria deixá-la? Para mim, era difícil acreditar nesse enredo!

– O que isso significa, na sua opinião? Você acha que é uma carta de adeus? O que ela tinha ouvido? Ela escreve como se tivesse certeza de que você sabe do que ela está falando.

Aira balançou a cabeça, com um gesto melancólico.

– Joona...

– Ele tinha intenção de deixá-la?

Pertsä, cuja presença eu tinha completamente esquecido, soltou um grunhido de reprovação, e percebi que eu estava antecipando as respostas de Aira.

Ela balançou o queixo, com um ar constrangido.

– Então, você se encontrou com Elina depois do passeio?

– Já falei com você que não! Mas nós tínhamos falado sobre isso antes do Natal.

– Isso explicaria que ela pudesse estar deprimida! Por que você não contou logo no início?

– Não queria acusar Joonas.

Sua voz estava vazia e triste, então as lágrimas fluíram, como uma torneira aberta de repente, em pressão máxima. Fiquei lá, olhando para ela, sentada atrás da minha mesa, enquanto Pertsas, também pregado a sua cadeira, olhava fixamente para o chão. Aira teve tempo de soluçar dois ou três minutos antes de eu ter a presença de espírito de perguntar se ela precisava de alguma coisa, um lenço de papel ou um copo d'água, por exemplo. Ela sacudiu a cabeça e pegou seu lenço na bolsa.

– Sinto muito, sinto muito mesmo. – repetiu mecanicamente, enxugando os olhos.

Balbuciei algumas palavras vagas de consolo. Pertsas se levantou bruscamente, dizendo que ia buscar água. Foi nesse momento que finalmente me lembrei de desligar o gravador. Desviei meu olhar de Aira, enquanto ela se esforçava para se acalmar. Era claro que ela não se sentia em condição de responder a mais nenhuma pergunta, a não ser que fosse absolutamente necessário.

– Alguém poderá levar Johanna a Rosberga, se você quiser ir sem esperar por ela – propus.

– Vou preferir passear um pouco. Acho melhor não pegar o volante nesse estado.

Apesar de suas mãos trêmulas, Aira bebeu, em dois goles rápidos, a água trazida por Pertsas. Enviei meu colega para buscar Johanna. No corredor, as duas mulheres trocaram algumas palavras e combinaram a volta para Rosberga. Dei uma olhada no meu relógio: quase meio-dia. E Milla estaria lá à uma hora. Nunca teria tempo para almoçar antes de ela chegar, sem falar de passar na farmácia. Caramba.

Johanna tinha tirado o casaco e o cachecol. Seu vestido tinha um corte tão antiquado que não demoraria a voltar à moda. Alguns cachos estavam saindo do seu coque, preso menos apertado do que antes. Eu tinha ouvido dizer que a gravidez e o aleitamento tendem a fazer os cabelos naturalmente encaracolados ficarem mais lisos, mas nove crianças não tinham conseguido dominar os cachos dela.

Comecei, como sempre, por perguntar sua identidade. Sua data de nascimento me fez cair o queixo: ela só tinha um ano e meio a mais do que eu.

– Você teve seu primeiro filho aos 18 anos! – exclamei, sem querer.

– Eu tinha acabado de fazer 19. Leevi e eu nos casamos duas semanas depois de eu fazer o vestibular. Johannes nasceu em março do ano seguinte.

– Você teve contato com seus filhos desde o Natal?

Por um instante, a felicidade brilhou em seus olhos, iluminando seu rosto e apagando suas rugas.

– Ana, minha filha mais velha, me ligou ontem. Ela fugiu para telefonar de uma cabine pública da vila. Disse que todos sentem minha falta, com exceção de Johannes, claro, que só ouve o pai...

O rosto prematuramente envelhecido de Johanna novamente se fechou, mas sua voz continuou calorosa e firme.

– Ana é uma menina adorável. Só tem 13 anos, mas é muito independente. A coitadinha teve que tomar conta, junto comigo, dos pequenos e da casa, e agora muitas coisas ficam por conta dela. A mãe de Leevi não pode fazer tudo.

Pertsas remexia os pés nervosamente. Com certeza, achava esse bate-papo sem nenhum interesse, mas eu queria que Johanna se descontraísse, antes de falar de Elina. Além disso, a história da vida dela me interessava. Não conseguia entender como um homem podia dizer calmamente que, se sua mulher, mãe de nove crianças, morresse na hora do parto, era a vontade de Deus. Esse tipo de coisa poderia acontecer em outros lugares, em países distantes onde as mulheres andavam cobertas com véus e não eram donas nem mesmo dos próprios corpos, mas não aqui, na Finlândia dos anos 1990.

– Por que você veio a Rosberga? Você conhecia Elina?

– E de onde eu conheceria alguém como ela? Tive a Maria em Helsinque, na Clínica Ginecológica, porque já foi uma gravidez de risco. Lá, li uma revista com uma entrevista com Elina e, uma noite, assisti à televisão.

Johanna enrubesceu, como se ela tivesse confessado uma ofensa, e lembrei que, para os laestadianistas mais rígidos, assistir à televisão era efetivamente um pecado.

– Estava passando um debate do qual Elina participava. Ela estava tão... calma e encorajadora. E ela disse que toda mulher tinha direito de decidir tudo que dissesse respeito a seu corpo...

Pertsa bufou em seu canto. Não demoraria para ele me aconselhar a ir direto aos fatos.

– Foi ela que me deu coragem de interromper minha gravidez. Consegui o número de telefone dela e pedi conselhos. Ela me disse que eu era bem-vinda em Rosberga, se eu tivesse necessidade de repouso depois da cirurgia.

Johanna claramente evitava a palavra aborto. Agora, Pertsa limpava a garganta com impaciência.

– Você foi para Rosberga logo depois do seu aborto?

Fiz uma careta para Pertsa, que tinha aberto a boca, mas a fechou, vendo minha mímica ficar cada vez mais agressiva.

– Não. Voltei para casa. Mas Leevi sabia o que eu tinha feito e me bateu... com muita violência. E disse às crianças que a mãe deles era uma assassina.

Enquanto Johanna lutava contra as lágrimas, eu sentia que meu ódio voltava a crescer. Meus dentes estavam tão apertados que dava para ouvi-los ranger. No entanto, foi Pertsa que reagiu primeiro:

– Espero que a senhora tenha dado queixa pelos golpes e ferimentos.

A observação pegou Johanna tão de surpresa, que ela até engoliu os soluços.

– Eu tinha cometido um pecado. Era normal que fosse punida.

– Merda! A senhora é muçulmana ou o quê? – berrou Pertsa.

Johanna se encolheu na cadeira, os olhos grudados no chão.

– A senhora Sântti é laestadianista. O marido dela é pastor.

Esperava que Pertsa entendesse em minha réplica a ordem para calar a boca. Percebi, ao mesmo tempo, que estava agindo exatamente como Elina e Aira, estava falando por Johanna. Aquilo me deixou furiosa. Queria ensiná-la a se defender, não fazê-la calar-se.

– Foi depois que ele lhe bateu que você foi para Rosberga?

– Leevi me mandou embora. Ele me deu dinheiro suficiente para uma passagem de trem. Minhas economias do dinheiro dos trabalhos da casa tinham sido gastos na minha estadia no hospital.

Eu não acreditava nos meus ouvidos. Economias do dinheiro dos trabalhos da casa? Johanna tinha direito a vários milhares de marcos de auxílio familiar para seus nove filhos. Para onde eles iam, então? Para a conta de Leevi Sântti?

– Elina veio me buscar de carro na estação. Ela me disse para não me preocupar, que juntas iríamos recuperar as crianças. E ela teria conseguido, ela sabia com quem conversar. É por isso que Leevi a matou.

– O quê? – Não sei quem gritou mais alto, Pertsa ou eu.

– Ele disse a ela, ao telefone, que Deus a puniria por ter me encorajado a cometer infanticídio e a tentar afastar os filhos de seu pai. E ele se julga o instrumento de Deus. Foi ele que matou Elina. Tenho certeza.

Cinco

Quando Johanna finalmente foi embora, Pertsu e eu nos olhamos perplexos. Ela tinha repetido várias vezes que Leevi Sääntti era o assassino. Ela tinha até dito que era com ele que Elina estava andando na noite do seu desaparecimento, e não com Joonas Kivistö. Porém, ela não tinha nenhuma prova real para sustentar suas suspeitas, que pareciam mais próximas de um desejo do que da realidade. Se seu marido tivesse cometido um assassinato, ela conseguiria a guarda dos filhos.

Os filhos... Perturbada pelo episódio da carta suicida, eu tinha me esquecido de perguntar à Aira Rosberg se Elina tinha, alguma vez, ficado grávida ou se tinha se submetido a uma operação ginecológica que, por alguma razão, não constava do seu histórico médico. Precisava pensar.

– Vamos comer – disse Pertsu, depois de um tempo.

Olhei para meu relógio. Quinze para uma.

– Não dá tempo. Marttila vai chegar daqui a poucos minutos.

– Ela pode esperar, merda! Dá para escutar seu estômago roncar a cinco metros de distância.

Já estava quase cedendo, quando o telefone tocou. Era Haikala, que ligava da viatura enviada para buscar Milla Marttila. Ela não estava em casa ou, pelo menos, não tinha aberto a porta nem atendido o telefone.

– O que a gente faz? – resmungou Haikala, que parecia não ver nenhuma utilidade em se deslocar, a não ser que fosse para uma apreensão.

– Tem um zelador?

– Tem um pedaço de papel, colado no muro, com um número para ligar em caso de necessidade. Mas não temos mandado.

– Não, claro. Mas... esperem mais um pouco. Vocês tinham combinado com Marttila às 12h40, não é? Talvez ela tenha só dado uma saída rápida.

O oco no meu estômago já não era mais devido só à fome. Depois de Elina, agora Milla tinha desaparecido. A não ser que ela tivesse dado no pé. Se ela tivesse matado Elina e a tivesse arrastado pela floresta antes de fazer sua parada, talvez tenha preferido fugir. Ou atentar contra a própria vida.

– Não vou ficar aqui, perdendo tempo. – grunhiu Pertsu. – Se essa vadia tirou o time, o que importa? A não ser que ela seja sua principal suspeita.

– Não. Pelo menos, por enquanto. Ela é, principalmente, testemunha dos fatos e passos do amante de Rosberg.

– Então, preocupe-se com ele. Anda, vamos almoçar. Pegue seu bipe.

– Não, vou ao apartamento de Milla.

Pensei ter tempo mais que suficiente para passar em uma farmácia no caminho. Pertsu deu de ombros e tomou seu caminho. Peguei meu celular e, ao volante do meu Fiat, parti para começar meu itinerário pela farmácia de Tapiola. Tive a impressão de que todos os clientes do estabelecimento olhavam para mim, quando escolhi e paguei, no caixa de autoatendimento, o teste de gravidez apresentado como o mais confiável. Estava morrendo de vontade de ir direto para casa para ter paz

de espírito, mas, apesar de tudo, tomei a direção da Autoestrada Nº 1 e de Helsinque. Enquanto estava parada em um sinal vermelho, no cruzamento de Otaniemi, Haikala me ligou.

– Ainda sem nenhuma notícia da garota. Além disso... não tenho certeza, mas tenho impressão de sentir cheiro de gás saindo da porta dela.

– Merda! Ache o zelador, estou chegando!

Infelizmente, ainda não tinha sirene no meu carro, mas atravessei as ilhas de Lehtisaari e Kuusisaari a 20 km/h a mais do que a velocidade permitida e retornei na Rua Pacius, em Munkkiniemi, quase avançando o sinal. Novamente caía uma mistura de neve e chuva, e me vi bloqueada por um limpa-neve. Contornei-o, valendo-me indevidamente dos trilhos do bonde, mesmo consciente de que me apressar não mudaria nada. Se Milla tivesse decidido enfiar a cabeça dentro do forno, o que eu poderia fazer?

A viatura de patrulha estava estacionada em frente a um velho prédio rebocado de amarelo. De qualquer maneira, ainda não havia nenhuma ambulância ali. Deixei meu Fiat na calçada e corri para dentro. De alguma parte nos andares, ressoava um barulho confuso. Como o elevador estava ocupado, subi às pressas pela escada até o terceiro andar. Lá, fui barrada em meu ímpeto por policiais em azul. Os agentes Haikala e Akkila observavam com atenção o zelador do prédio que, com as mãos trêmulas e coberto em suor que cheirava a cerveja, tentava abrir a porta de Milla Marttila, com uma chave mestra. O homem estava visivelmente com uma ressaca brava, a amplitude do seu tremor atingia 10 centímetros. Então, Akkila me notou e, como se tivesse levado um beliscão, pegou a chave das mãos do zelador.

– Deixe que eu faço isso.

A fechadura logo se abriu, e um odor acre de gás saiu do apartamento, atingindo-me em pleno estômago, tal qual uma bola de neve que logo se transformaria em suor frio. A corrente de segurança da porta ainda me impedia de correr na direção de Milla. Gritando seu nome, tentava, em vão, me espremer por entre os 20 centímetros de fenda. Então parei, com as orelhas em pé: estava ouvindo um vago barulho de água?

– O senhor tem um alicate? – perguntou Akkila ao zelador, que claramente não entendeu a pergunta de cara.

– Minha caixa de ferramentas ficou em casa – grunhiu, finalmente.

– Posso tentar? – interveio Haikala.

Depois de pouco mais de um ano que ele tinha se juntado a nós, diretamente da escola de polícia, com todo seu porte de praticante de decatlo, eu sabia que ele praticava vários esportes de combate, entre os quais karatê e kick-boxing, e me afastei. Ele se colocou em posição de combate em frente à corrente de segurança.

– Vou ver se consigo arrancar o parafuso com um chute – disse, já tomando impulso.

Mas Milla foi mais rápida. Ela retirou a corrente bruscamente e abriu a porta, exatamente no instante que Haikala saltava com a perna esticada. A porta o atingiu, fazendo com que caísse sobre o zelador, que desmoronou gritando de dor, com o lado esquerdo todo cortado pelos cacos da garrafa de cerveja que ele tinha enfiado, por precaução, no bolso do casaco. Felizmente Akkila e eu tivemos tempo de nos jogarmos para o lado.

– Que zona é esta aqui?

Milla tinha acabado de sair do banho, a julgar pela toalha enrolada na cabeça e o robe de renda vermelho vivo, que mal cobria sua bunda. Sem maquiagem, seu rosto redondo tinha uma doçura

infantil, mas a expressão de seus olhos era indecifrável.

Ocupei-me em explicar a ela a situação, enquanto Haikala se levantava e examinava, com Akkila, os ferimentos do zelador. Quando cheguei ao ponto do gás, Milla gritou:

– Asikainen, merda!

Então, ela correu para dentro. Segui-a ao interior do vestibulo escuro. A cozinha se localizava em alguma parte no final do corredor, onde o cheiro de gás estava mais penetrante.

– Esse desorientado desse fisiculturista fez mingau, hoje de manhã, e deixou o gás ligado. Filho da puta! Felizmente não tive tempo de acender meu primeiro cigarro. – Ela fechou o gás com uma mão e abriu a janela com a outra.

– Quem é Asikainen?

– Ninguém, ele só passou a noite aqui. O que vocês estão cheirando aqui a essa hora, eu só tinha que estar em Espoo às 15 horas, não?

– Treze horas. E você não escutou a porta nem o telefone?

– Coloquei o telefone no silencioso depois da sua ligação, para que nenhum outro imbecil me acordasse. Merda, trabalho até às quatro horas da madrugada. Tem que ser maluco para me ligar às nove.

– A campainha da porta também estava desligada?

– Não abro para desconhecidos, tem muitas Testemunhas de Jeová e outros agressores por aqui. Além disso, eu estava no chuveiro.

Tinha certeza de que Milla tinha organizado todo aquele teatro de propósito, mas não tinha coragem de argumentar. Poderia interrogá-la ali mesmo, afinal, tinha funcionários da polícia a meu dispor. Poderia, em seguida, passar para pegar Kirstilä e conduzi-lo ao comissariado.

Os dois agentes tinham carregado para o apartamento o zelador ensanguentado, que tinha também batido fortemente a cabeça ao cair. Coitado. Pedi a Akkila que o levasse ao pronto-socorro.

– Merda, não sou ambulância – ele resmungou, observando fixamente, com um olhar esperançoso, a roupa insinuante de Milla.

Haikala, por outro lado, não reclamou quando lhe pedi para servir de testemunha para o interrogatório, com intuito de ganhar tempo.

– Vista-se tranquilamente, Milla. Não precisa se apressar.

Liguei para Joona Kirstilä e combinei de buscá-lo dentro de mais ou menos duas horas. Esperava que ele, pelo menos, não tirasse o time de campo. A voz dele estava de dar dó, ele estava quase em lágrimas e, por um instante, temi que nosso encontro não fosse acontecer.

Milla não tinha feito nenhuma menção de que iria se vestir. Era claro que ela estava se divertindo com o embaraço de Haikala, que não sabia para onde olhar. O corpo dela, cheio de curvas e doçura, mais parecido com o de Marilyn Monroe, na época de *Quanto Mais Quente Melhor*, do que com o ideal atual da mulher magra e esculpido por musculação, transbordava de seu minirrobo de renda, enquanto ela se movimentava na cozinha, ligando a cafeteira e pegando uma caixa de cereal no armário.

– Não tive tempo de tomar café. Vocês querem alguma coisa?

O cheiro de gás impregnado na cozinha me dava náuseas novamente, mas sabia que, com o estômago vazio, beber café só pioraria a situação. E não poderia, de qualquer maneira, inventar de comer cereal. Por um momento, sonhei em deixar tudo para mais tarde, mas me parecia importante conversar com Milla antes de ouvir Joona Kirstilä.

A habitação, que com certeza tinha sido feita de uma parte do apartamento vizinho, se constituía de um quarto de empregada e uma cozinha. Essa última servia também de sala de estar, pois estava mobiliada também com uma pequena mesa e duas cadeiras, um aparador com uma televisão, uma poltrona e um sofá desgastado. Haikala desmoronou sobre ele e ligou o gravador. Sentei-me à mesa, em frente a Milla, e tentei posicionar o microfone de maneira que ele gravasse corretamente as vozes de nós duas.

– Milla Susanna Marttila, nascida em 8 de novembro de 1975, dançarina erótica.

Milla soltou essa última informação com uma voz provocante, como se fosse só para os ouvidos de Haikala, mas a enorme colherada de cereal que ela engoliu acabou com sua imagem de sedutora.

– Desde quando você conhecia Elina Rosberg? – perguntei, sem me preocupar em usar um tratamento mais formal, já que, desde o começo, eu tratava com informalidade todas as mulheres de Rosberga, com exceção de Tarja Kivimäki.

– Desde o treinamento sobre autodefesa intelectual, no qual você fez uma palestra.

– Por que se inscreveu nele?

Na realidade, isso não tinha nada a ver com o caso, mas eu estava curiosa. Milla deu uma olhada para Haikala.

– Eu, com certeza, não tinha a menor ideia de que se tratava de um treinamento intelectual. Só pensava na autodefesa, com todos esses esquisitos que não saem da minha cola depois do trabalho.

Nem mais uma palavra sobre o estupro do qual ela tinha falado na época. Caramba! Era claro que ela fazia, para os belos olhos de Haikala, o papel da stripper em redenção e se manter nele era mais importante para ela do que responder às minhas perguntas.

– Tive a impressão, naquele treinamento de autodefesa, que você não gostava muito de Rosberga. Mas, de acordo com Aira, em seguida você praticamente morava lá. Por que ficou?

Milla engoliu uma colherada de cereal e me lançou um olhar furioso.

– O que isso tem a ver com a morte de Elina?

– No mínimo, o fato de você estar em contato próximo com ela. Ainda não pudemos descartar, por exemplo, a possibilidade de suicídio. Durante sua estada na mansão, talvez tenha notado alguma mudança de comportamento nela ou em alguém das suas relações.

Meu estômago aproveitou o silêncio para soltar um ronco tão alto, que até o gravador conseguiu registrá-lo. Milla empurrou a caixa de cereal na minha direção. Balancei a cabeça, mesmo que pela primeira vez tentada pelos flocos de chocolate, que, de acordo com a propaganda, lhe dariam uma força de tigre. Ela terminou sua porção acrescida de leite, cujo vestígio em forma de bigode colorido de chocolate limpou com um gesto visivelmente direcionado a Haikala. Então acendeu com calma um cigarro, antes de responder minha pergunta. Os olhos grudados no topo de aço do microfone, ela não nos olhava mais, nem para um nem para o outro.

– Fui para aquele treinamento dois dias depois de meu vizinho me estuprar. Acontece que liguei para um centro de crise para vítimas de agressões sexuais, e eles me disseram que ainda havia vagas naquele treinamento e que me poderia ser útil. Claro que já tinha ouvido falar de Elina, visto artigos em revistas e lido sua coluna para jovens, quando era adolescente.

Milla se encolheu sobre a cadeira, as pernas dobradas sobre ela, como que para se proteger.

– Não podia ir trabalhar. Meu corpo estava coberto de roxos e arranhados. Tentei cobrir com maquiagem, mas Rami, o proprietário do Fanny Hill, disse que não queria me ver trabalhando naquele estado. Mandou que eu só voltasse depois do Natal, quando as marcas tivessem

desaparecido. Estava furioso, claro, em plena época de festas, com a maior procura do ano por espetáculos de dança privê, mas não havia nada que ele pudesse fazer.

– Então você tirou uma licença médica?

Milla fez uma careta irônica para o microfone.

– Não dá para falar que foi uma licença médica. Tenho um contrato por um período determinado, nenhuma compensação é garantida em caso de doença. Pelo menos, ele prometeu me aceitar de volta. Nem precisa falar que ele é um cretino, eu sei. De qualquer maneira, fiquei em Rosberga porque... porque... porque estava com medo do meu vizinho, merda! Passava mal só de pensar em me ver cara a cara com ele. Obviamente Elina achava que eu deveria dar queixa e me enchia o saco com aquilo. Antes do Natal, viemos colocar essa corrente de segurança na porta.

– E por que finalmente voltou para casa?

– Não dava mais para ficar lá! Kivimäki olhava para mim como se eu cheirasse mal, Johanna ficava andando em círculos, chorando por causa dos filhos e a outra, Niina, ficava tocando piano o dia inteiro, só música clássica de merda, e delirando sobre seus horóscopos. De acordo com ela, sou uma triplo-escorpião e é por isso que sou tão chata. Deve ser fácil poder explicar tudo pela posição dos astros. Decidi ir embora quando Elina desapareceu, e ninguém tentou me impedir.

– Então você a viu pela última vez na noite de 26 de dezembro?

– Como já lhe disse, sim. Tenho realmente que repetir?

Milla desviou o olhar do microfone e pude ver em seus olhos que falar do caso de estupro tinha sido difícil para ela. E o tal incesto, que passado carregava? Não sabia bem por quê, mas ela me passava um sentimento de menina, apesar das duras penas que tinha enfrentado... talvez por causa da sua linguagem adolescente.

– Temos informações contraditórias sobre a identidade da pessoa com a qual Elina estava passeando. Você disse, mais cedo, que a tinha visto com Joona Kirstilä.

– Eu os vi e escutei. Eles estavam chegando, vindo em minha direção. Não queria que Elina me perguntasse aonde eu estava indo, então me escondi no matagal. Eles não me viram, estavam no meio de uma conversa.

– E tem certeza absoluta de que era Kirstilä?

– Eu vi, merda! Um baixinho moreno, com cabelos encaracolados, roupas pretas e um cachecol vermelho. Conheço o cara, tem foto dele na capa de todas as revistas.

– Do que eles falavam?

– Não falavam, brigavam. Sobre morarem juntos, acho. Elina, mais ou menos, disse que, na situação em que ela se encontrava, não tinha a menor chance de morar com ele. Ele perguntou de qual situação ela estava falando, mas não ouvi a resposta.

Achei interessante Milla falar sobre Joona. Qual seria a natureza da relação deles? Ela tinha dito que ele fazia parte dos clientes do Fanny Hill. Meu cérebro fervilhante logo elaborou uma teoria: Milla e Joona tinham assassinado Elina. Só faltava um motivo.

– Vamos esquecer Kirstilä. Para onde você foi, depois de deixar Rosberga?

– Já disse, peguei uma carona. Tive a sorte de trombar com um cara, na estrada de Nuuksio, que me deixou no centro de Espoo, de onde peguei um trem para Helsinque. Rodei por uns bares e, no Kaarle, encontrei o... não lembro mais quem. Não me lembro do nome, mas é tão importante, por acaso?

Era. A hora exata da morte de Elina era impossível de ser determinada, mas ela provavelmente

tinha morrido depois de meia-noite, então, no dia 27. E quem sabe Milla estava mentindo, talvez ela não tivesse ido a Helsinque. Pedi informações mais precisas sobre o homem que lhe tinha dado carona, que aparentemente morava nos arredores de Rosberga, e sobre os bares aos quais ela tinha ido, assim como sobre seu companheiro da noite. Ela só se lembrava de seu nome, Jorkka, e de um prédio perto da estação de metrô de Kulosaari.

– Levem-na para ver esse prédio – ordenei finalmente a Haikala e Akkila, que tinha voltado nesse meio-tempo. – Se encontrarem esse tal Jorkka, vejam se ele confirma o álibi dela e...

O telefone me interrompeu. Com um tom ainda mais agressivo do que o normal, Ström me perguntou que merda eu estava fazendo. Nervosa por causa da fome e da perspectiva do teste de gravidez, soltei todo o meu ódio, que encontrou nele a descarga perfeita, e berrei:

– Você não tem mais o que fazer do que ligar para os outros para atrapalhar, no meio do trabalho, merda? Eu estava exatamente indo buscar Kirstilä e estarei aí em mais ou menos meia hora. Se o senhor puder fazer o obséquio de esperar um pouco, já que foi o senhor mesmo que pediu para ser meu assistente!

– Kallio, você não está em posição para me dar ordens. – soltou Pertsä, do outro lado do fio.

Exatamente, ele estava, na teoria, um grau acima de mim hierarquicamente. Contudo, na nossa unidade, éramos iguais, nenhum era chefe do outro. Às vezes tinha a impressão de que um vínculo claro de subordinação, seja em seu favor ou no meu, seria mais útil do que a atual situação, onde cada um tentava impor sua vontade e ter a última palavra.

Os dois jovens agentes, aturdidos, me ouviam gritar. Milla tinha ido se trocar no outro cômodo. Servi-me de um copo d'água morna da pia e voltei às instruções que tinha a lhes dar. Eles trocavam olhares sarcásticos, como adolescentes – Deus sabe por que os divertia tanto saírem à procura do cara com o qual Milla tinha passado a noite. E tinha certeza de que ela teria um prazer enorme em deixá-los sem graça; mas não tinha tempo para ficar lá, para vigiá-los. Queria saber por que Joona tinha mentido.

– É, psiu... Kallio, né? – gritou Milla, de repente. – Venha aqui!

Seu quarto era apertado, sem janela e com pé direito alto, quase todo tomado por uma cama grande, coberta com uma manta de cetim preto que, com as luzes vermelhas suavizadas, dava ao ambiente uma atmosfera de bordel parisiense do final do século XIX. Não sei se era proposital ou se era uma ilusão, mas parecia mais o lugar de trabalho de uma garota da vida do que um quarto de dormir normal.

Milla estava vestida com uma calça skinny preta e um tipo de espartilho, que fazia com que seus seios tomassem a forma de bolas de handebol. Os olhos demarcados com lápis preto e os lábios marrom-escuros davam a ela um ar ao mesmo tempo duro e adolescente. Ela acrescentou uma camada de rímel aos cílios, antes de começar a falar:

– Conte para mim... Como é que Aira e Johanna reagiram à morte de Elina?

– Como é normal, em caso de morte. Choque, tristeza, lágrimas. E você?

– Não sou da família.

Na defensiva, deu um nó na sua echarpe de musseline de seda vermelho vivo e torceu o nariz, diante de seu reflexo no espelho.

– Pode-se sentir pesar sem ser da família.

– O que faz você dizer que sinto?

Ela se levantou, tirou de debaixo da cama um par de botas *wedge* e as calçou.

– Que zona essa história, com a polícia na minha casa, além de tudo. Por favor, nunca mais me ligue antes de duas da tarde. Eu preciso dormir. Como você quer que eu trabalhe assim?

Milla passou na minha frente, seus saltos faziam barulho no chão e deram o sinal de partida a Haikala e Akkila. No corredor, pairava um cheiro de cerveja. Decidi passar no McDonald's, antes de buscar Kirstilä, porque meu cérebro estava prestes a parar de funcionar, se não fosse urgentemente alimentado. Em dois minutos, engoli um cheeseburger duplo e uma porção grande de fritas. Só quando engoli as últimas mordidas, me ocorreu que deveria viver mais saudavelmente, se estivesse grávida. Mas eu estava? Dei uma olhada no relógio. De acordo com a bula, só precisava de um minuto para saber o resultado do teste. Por que não ir ao toalete? A ideia era quase engraçada, mas me forcei a esquecer meus problemas pessoais e me concentrar na morte de Elina e em Joona Kirstilä. O caso estava na primeira página dos principais tabloides. O conteúdo dos artigos era idêntico: uma famosa psicóloga feminista tinha sido encontrada morta, em circunstâncias sombrias. A polícia seguia com a investigação. Um dos jornalistas fazia até alusão, em termos desagradáveis, ao corpo meio desnudo de Elina, como se ela tivesse sido surpreendida em meio a uma orgia sexual.

Kirstilä esperava por mim, em frente ao seu prédio. Parecia muito frágil e pequenino, em um casaco preto. O cachecol vermelho, mencionado por Milla, balançava ao vento. Seu rosto parecia ainda mais pálido do que o normal e evitou meu olhar, quando entrou no carro ao meu lado. Só abriu a boca quando chegamos à autoestrada de Turku.

– O que você quer de mim, exatamente?

– Elina Rosberg era sua amante. Em caso de morte suspeita, é normal que interroguemos todas as pessoas próximas.

– Aira me disse que ela morreu de frio. Não entendo como isso é possível.

A dor em sua voz parecia sincera, mas continuei fria. Sempre tive uma queda por homens bonitos e Kirstilä era, sem dúvida, um representante perfeito da espécie, apesar de um pouco pequeno e frágil demais para o meu gosto. Dava a impressão de que qualquer palavra mais violenta poderia derrubá-lo. Seus poemas eram o oposto da sua aparência delicada e, sem dúvida, isso era o seu charme. Eles eram ao mesmo tempo de um erotismo viril e de um romantismo com odor de século XIX, como um Byron da atualidade. Não queria conversar com Kirstilä antes de chegar à sala de interrogatório, na presença de Pertsä.

– Voltaremos ao assunto em mais detalhes no comissariado. Por razões de protocolo, não podemos revelar muita coisa.

– Mas eu amava Elina! – gritou Kirstilä, igual a uma criança de cinco anos, que acha que seus argumentos vão fazer os pais irascíveis mudarem de ideia.

Sem responder, tentei escapular para a pista da esquerda para ultrapassar um trator-reboque, que se arrastava a 70 km/h. Se estivesse dirigindo uma viatura de polícia, a manobra teria sido bem mais fácil do que com meu Fiat velho, cujo líquido para limpar o para-brisa parecia ter acabado. De qualquer forma, chegamos inteiros a Nihtisilta.

Pedi ao telefonista que convocasse Pertsä à sala de interrogatório nº 3 e perguntei a Kirstilä se queria café. Ele mal balançou a cabeça, mergulhado em um mundo impenetrável. Andava com o olhar no infinito, como se não entendesse muito bem para onde o estavam levando. No caminho, peguei um café na máquina de venda automática. Pertsä já nos aguardava, na sala de interrogatório. Parecia ainda mais corado e robusto do que normalmente, perto do pálido e franzino poeta. Sem mesmo se dar o trabalho de tirar o casaco, Kirstilä se jogou na cadeira que lhe apontei, como que em choque.

– É permitido fumar aqui? – perguntou, já procurando o maço de cigarro no bolso.

– Sinto muito, é proibido – respondi, com um gesto em direção ao aviso preso à parede.

No entanto, a regra nem sempre era seguida tão rigorosamente, principalmente quando o interrogador estava com carência de nicotina, e achava que compartilhar o ritual poderia ajudar no depoimento ou levar o suspeito a baixar a guarda e se tornar mais falante do que o previsto.

– Claro.

Kirstilä enfiou as mãos no fundo dos bolsos do casaco, parecendo um adolescente preso por roubar em uma loja. Pedi que se identificasse e pude constatar, naquele momento, que ele já tinha sido fichado por infrações antigas e bastante patéticas: tinha sido preso duas vezes por estar bêbado em via pública, nos anos 1980, e tinha quebrado a vitrine de uma loja de departamento de Hämeenlinna, em 1979, aos 17 anos.

– Tivemos uma conversa informal há alguns dias. Na ocasião, o senhor me disse ter visto Elina Rosberg pela última vez antes do Natal. Agora vamos gravar seu depoimento. O senhor poderia repetir seu relato do que fez na noite do desaparecimento dela?

Sem qualquer hesitação na voz, Kirstilä contou que tinha passado a noite de 26 de dezembro bebendo com velhos amigos em bares de Hämeenlinna.

– Poderia nos dar os nomes desses amigos?

– Vejamos... Havia pelo menos Esa Kinnunen, Timo Hatakka, Bulla... Caramba, como é seu nome verdadeiro mesmo? Deixe-me pensar...

Seu ar estava surpreendentemente sério. Seria possível que ele estivesse confundindo com outro dia? Certamente não – ninguém se enganaria sobre o dia seguinte ao Natal.

– Dê-nos também seus endereços, se o senhor souber. E os nomes dos bares por onde vocês passaram, porque nos foi informado que o senhor estava passeando com Elina Rosberg em Nuuskio, na noite de 26.

Kirstilä de repente virou o rosto para mim e, em seguida, para Pertsä. Tive a impressão de ouvir as engrenagens do seu cérebro girarem loucamente, enquanto ele se perguntava o que responder. Finalmente, ele decidiu contra-atacar.

– Quem disse isso? Aira?

– Não importa. O que o senhor tem a dizer?

Suas pequenas mãos tremiam, os olhos percorriam as paredes, como se procurassem um buraco por onde pudesse fugir. Uma faísca de interesse se iluminou no olhar de Pertsä: ele podia farejar uma mentira e um possível assassino. Não fiquei surpresa quando o poeta, mais uma vez, negou estar em Rosberg na noite de 26.

– Bom, vamos verificar sua história com seus amigos em Hämeenlinna. Conte-nos sobre sua relação com Elina Rosberg. Desde quando vocês saíam juntos?

A irritação tomou conta do rosto de Kirstilä.

– Sair juntos... Parece que estamos no colégio. Naquela época, eu saía com garotas. Eu não saía com Elina Rosberg. Éramos amantes.

Seus olhos byronianos me olhavam fixamente, meio furiosos, meio suplicantes – com certeza, ele tinha decidido apelar para minha compaixão feminina. E eu, sem dúvida, tinha pena dele: perder a pessoa amada é uma tragédia. Mas nem por isso estava convencida de sua inocência.

– Vocês com certeza querem saber desde quando nos conhecíamos e outros detalhes desse gênero. A polícia e a imprensa sensacionalista se interessam pelas mesmas histórias. Mesmo que Elina e eu

nunca tenhamos tornado pública nossa relação, uma jornalista da revista People me ligou hoje me pedindo, grosso modo, um poema memorial.

Seus lábios finos se retorceram com desprezo.

– O mau gosto ainda consegue me deixar nocauteado, é incrível.

Pertsä começava a se cansar dos devaneios de Kirstilä.

– E se falássemos sobre sua relação com Rosberg? – ele vociferou.

Fiquei furiosa. O tom de sua pergunta expressava exatamente sua mensagem: a oficial feminina não estava conseguindo calar o bate-papo, uma intervenção viril se impôs.

– OK.

Os dedos de Kirstilä novamente procuraram um cigarro, mas pararam frustrados e acabaram por pegar um palito de fósforo, que ele começou a mastigar enquanto falava.

– Nós nos conhecemos há dois anos, em um seminário sobre as masculinidades, em Kouvola. Claro que não concordávamos sobre nada, e, na volta, continuamos o debate no vagão restaurante do trem e, depois, no café da estação. Elina não queria voltar de táxi para Nuuskio e ela dormiu na minha casa. Foi assim que tudo começou...

Kirstilä quebrou com os dentes o palito de fósforo e pegou outro no bolso.

– Ficou sério, sem que nenhum de nós quisesse verdadeiramente. Elina tinha Rosberg, que lhe dava muito trabalho, além de um número considerável de pacientes individuais. A última coisa de que ela precisava era de um homem em sua vida.

Kirstilä franziu as sobrancelhas, o que lhe deu um curioso ar de pássaro, e precisei de um tempo para entender que ele tentava conter as lágrimas. Perguntei-me pelo que passavam os psiquiatras, como reagia Elina Rosberg, por exemplo, quando um paciente lhe contava, aos soluços, os momentos mais dolorosos de sua existência. Ela conseguia se manter imóvel e neutra, ou se deixava levar por tal fluxo de emoção? Com certeza ela não seguia a tendência mais clínica, pois na psiquiatria feminista, pelo que sei, as terapeutas têm o direito de vivenciar sentimentos. Mas e os policiais? Eu tinha o hábito, frequentemente com sucesso, de transformar meu rosto em uma máscara impassível, toda vez que uma pessoa que eu estava interrogando começava a chorar ou a tornar-se violenta. Tinha visto muitas pessoas tentarem escapar de perguntas delicadas se derramando em lágrimas, ou amolecer o coração feminino que eles imaginavam que eu tinha. Aira Rosberg, por sinal, tinha conseguido. Eu tinha deixado de lhe fazer várias perguntas ao vê-la chorando. Não tinha a intenção de cair na mesma armadilha com Kirstilä.

– Apesar de tudo, o senhor manteve a relação. Em que direção ela evoluía, nos últimos tempos? Vocês estavam se distanciando, por exemplo, ou pensavam em se casar?

– Evoluir... Por que ela deveria mudar? Ela nos convinha exatamente como era.

– Onde vocês se encontravam?

– Na minha casa, normalmente. Ou, às vezes, em Nuuskio. Claro que não na mansão, mas no pequeno pavilhão. Não conte a ninguém, de jeito nenhum.

As guimbas de cigarro e fio de cabelo castanho no travesseiro... Quando será que Kirstilä tinha passado a noite em Rosberg pela última vez? Antes que tivesse tempo de lhe perguntar, Pertsä, mais uma vez, abriu a boca.

– Não o incomodava, Kirstilä, que Elina tivesse oito anos a mais que o senhor?

A pergunta era tão estúpida, que o poeta arregalou os olhos.

– Isso é uma idiotice. O senhor não teria nem mesmo pensado nisso, se eu tivesse oito anos a

mais que ela.

Ele balançou o queixo na minha direção.

– E ela, com certeza, jamais me teria feito uma pergunta dessa.

Mas não se fazia calar Pertsu tão facilmente.

– Então, o senhor não tinha em vista uma garota mais jovem, pela qual teria se livrado de Elina?

E o que sabe do testamento dela? Ela tinha uma fortuna grande e não tinha filhos. Talvez tenha lhe deixado alguma coisa.

O jeito com que Pertsu colocava as pessoas na grelha era a melhor maneira de despertar minha compaixão. Joonas Kivistö, por sinal, também estava visivelmente no limite, acabaram-se as piscadelas emocionadas e os olhares dolorosos sobre as sobrancelhas franzidas.

– Mulheres jovens e dinheiro, é isso que todos os homens devem desejar! Mas isso não me interessa. Elina era inteligente, sedutora e não queria uma relação em tempo integral, e nem eu. E o que é essa história de me livrar dela? Vocês nem me falaram como ela morreu! Alguém a matou?

– Alguém tinha algum motivo para matá-la? – retruquei.

Kivistö parecia convincente, mas não conseguia tirar duas coisas da minha cabeça: o fato de ele ser cliente do Fanny Hill, de acordo com Milla, e que ele estava deixando Elina, pelo que Aira dizia.

– Ela certamente tinha alguns pacientes bem desequilibrados. Nunca se sabe o que pode passar pela cabeça deles. E as opiniões dela irritavam muita gente, sem dúvida ela tinha verdadeiros inimigos entre seus colegas. Mas daí, a matá-la... Não sei.

– E daí, a se suicidar?

Kivistö não pareceu entender minha pergunta e tive que explicar:

– Elina Rosberg poderia ter dado fim à sua vida?

A história da descoberta da carta suicida de Elina, tal como foi contada por Aira, parecia bem suspeita, mas não podíamos descartá-la. Talvez os ferimentos nas costas de Elina pudessem ser explicados de outra maneira, diferente de assassinato, ou talvez alguém a tivesse encontrado morta e, com medo de ser acusado da morte, a tivesse arrastado até o pinheiro. A reação de Kivistö à possibilidade de suicídio me surpreendeu: primeiro, um silêncio pensativo de trinta segundos, depois uma absoluta refutação.

– Para mim, a única razão que poderia levar Elina ao suicídio seria um tipo de autoeutanásia. Mas ela não estava doente, a não ser por aquela gripe forte.

– Exato. Então, ela não estava mais deprimida do que o normal, nesses últimos tempos.

– Alguma coisa a estava incomodando, um problema para o qual ela não conseguia encontrar uma solução. Mas se tratava de uma questão profissional, porque ela não me explicou mais em detalhe.

Eu ia voltar ao seu alibi, quando o bipe de Pertsu tocou. Interrompemos oficialmente o interrogatório, durante o tempo em que ele foi ao escritório verificar o motivo do alerta.

– Que idiota! – declarou Joonas Kivistö, sobre o tom da conversa, assim que ele virou as costas.

Não podendo, infelizmente, apoiar a fala dele, me contentei em dar um vago sorriso.

– Fui preso uma vez, quando era jovem, tinha aprontado depois de uma bebedeira. Um dos policiais da patrulha era um babaca desse gênero, com a cara toda marcada de cicatrizes de acne. Eu nem mesmo resisti, mas, ao me conduzir à viatura, ele conseguiu torcer meu braço tão violentamente, que até hoje alguns movimentos me causam dor. Desde então, não sou muito fã da polícia.

– Não é motivo para mentir.

Ignorava por que Kivistö tentava, ali, só nos dois, se fazer de amigo. Talvez porque eu era mulher

e, então, suscetível ao seu charme. Ou porque ele sabia que eu conhecia Elina e que, desde nosso primeiro encontro, em seu apartamento, nós tínhamos conversado como dois camaradas preocupados com uma amiga comum. Decidi entrar no jogo dele, desde que o gravador estivesse desligado, e me inclinei em sua direção, com um ar caridoso. Minha atitude rendeu frutos, Kirstila começou a me chamar de você:

– O que você quer dizer com isso?

– Você estava em Rosberga na noite de 26, não estava?

Minha tática, no entanto, falhou, pois ele novamente negou. Enquanto ele me dava o número de telefone dos seus pais, que poderiam confirmar os fatos e seus passos daquele dia, Pertsu voltou.

– O senhor tem sorte, Kirstilä. Temos que ir a Mankkaa. Mas fique tranquilo, vamos verificar seu álibi.

– O que houve? – perguntei, enquanto corríamos até a garagem, depois de ter acompanhado Kirstilä até o ponto de ônibus para Helsinque.

– Outro morto de frio. Mas, com certeza, não tão bonito de se ver quanto Rosberg. Um mendigo, no aterro. Parece que parte de suas entranhas se foi.

Senti meu estômago embrulhar. Se estivesse no estacionamento subterrâneo com qualquer outro colega que não fosse Pertsu, teria decidido não ir, com o pretexto de ainda ter que interrogar Tarja Kivimäki ou Niina Kuusinen. Mas, na frente dele, sem chance de eu mostrar a mínima hesitação!

– Vou pegar meu carro. Assim, talvez eu possa ir direto para casa depois.

O espetáculo que nos esperava em Mankkaa era tão atroz quanto eu temia. O homem, tão corroído pelo álcool que parecia não ter idade, tinha sido agredido dois dias antes e os pássaros tinham bicado suas vísceras congeladas. Não o olhei mais do que o tempo estritamente necessário, agradecendo ao frio, que nos poupava de um cheiro pior. Um ótimo começo para os meus dois dias de folga do ano novo. Os interrogatórios do caso Rosberg também teriam que esperar até a minha volta.

Quando cheguei em casa, no final do caminho estreito e escorregadio, ela estava mergulhada no escuro, e vi que os esquis de Antti não estavam na varanda. Einstein me recebeu na entrada escura, esfregando-se nas minhas pernas com tanta energia, que quase perdi o equilíbrio.

Peguei o teste de gravidez na bolsa, fui até o banheiro e me sentei no vaso. De repente, a prova me aterrorizava. E se estivesse realmente grávida? Lembrei-me do morto do aterro em Mankkaa e mal consegui segurar o vômito que chegou à minha garganta. Eu poderia, pelo menos por um tempo, me dispensar de ver cadáveres. E se esperasse o Antti voltar? Mas estava com vontade de fazer xixi, era melhor aproveitar. Abri a embalagem, reli mais uma vez as instruções e comecei a segui-las. Molhar o bastão e colocá-lo de volta na embalagem. Se ao final de um minuto um traço azul aparecer na janela de leitura, você está grávida.

Um minuto... Para não ficar olhando o bastão com uma cara de idiota, fui até o quarto procurar a bula do meu DIU. “Se estiver grávida, entre em contato com seu médico urgentemente.” Claro. E se não fizesse o contato? O bebê morreria?

O minuto com certeza já tinha passado. O trajeto de volta ao banheiro me pareceu bastante curto, minha mão não queria abrir a porta nem acender a luz. *Bite the bullet, baby!* Abra os olhos e confira!

Na janela de leitura, um traço tão azul quanto a cruz da bandeira finlandesa me encarava. Já estava indo em direção da cozinha para me servir um uísque, quando me veio à cabeça que isso estava fora de cogitação.

Seis

Cochilava no sofá, na penumbra da sala, com Einstein sobre os joelhos, quando Antti voltou. A luz que ele acendeu fez com que minhas pálpebras se retorcessem e capturou meus pensamentos.

– Ah, aí está você! Dia difícil?

– Já tive piores, mas hoje Ström me irritou. Vai tomar um banho?

– A sauna espera por nós. Quer uma cerveja?

– Não, obrigada.

Antti atravessou a porta da cozinha. Uma mecha dos seus cabelos castanhos, encaracolados e úmidos, por causa do passeio de esqui, caiu na sua testa e ele arregalou os olhos, surpreso.

– Não quer cerveja? Está doente? Ou ainda tem que dirigir?

Balancei a cabeça e o segui até a sauna. Ele cheirava a lã molhada e a cera de esqui, dos dias de geada leve. Eu me perguntava como elaborar as coisas e qual seria sua reação diante do fato consumado. Quando nos instalamos nos degraus, no vapor de água lançado nas pedras esquentadas, lembrei-me do meu companheiro de sauna do verão anterior, o gato do meu tio Pentti, Mikko, que se espreguiçava sobre as placas, a meia altura, exatamente a uma temperatura de 100 °C. Einstein, ao contrário, evitava ao máximo o calor da estufa.

Ficamos sentados, em silêncio, na penumbra. Eu olhava fixamente para meu umbigo, meu baixo-ventre arredondado, meus pelos pubianos. Havia algo ali dentro, um minúsculo aglomerado de células, que ainda nem era um ser humano. Olhava, imaginando-o com o perfil adunco do meu marido e meu próprio nariz de vaso, e tentava pensar que combinação das nossas descendências ficaria no seu rosto.

Antti jogou uma grande quantidade de água sobre as pedras. O vapor ardente me fez curvar e me obrigou a fechar os olhos. Meus seios contra minhas coxas estavam rijos e pesados. Quando levantei a cabeça e vi o rosto de Antti, decidi falar. Sem cautela nem rodeios, como era meu costume.

– Escuta, estou grávida.

– Quê?

Sua feição ficou ainda mais aturdida do que quando recusei a cerveja. Não refletia nem mais um pinga de brincadeira.

– Minha menstruação estava atrasada, então resolvi fazer um teste.

– Mas seu DIU...

– Não é sempre confiável.

– Você sabe o que eu penso sobre isso – disse e me abraçou.

Sua pele cheirava a inverno e a suor, sua barba de homem de férias arranhava minha bochecha. Há muito tempo ele queria filhos comigo, mas tinha prometido que esperaria até que eu realmente quisesse. Afinal, eu é que carregaria o bebê, faria o esforço de trazê-lo ao mundo, apesar da vontade de Antti de participar ao máximo de todo o resto.

– O que vai acontecer, então? – balbuciou, por entre meus cabelos.

– Temos que tirá-lo.

Ele se afastou de mim, incrédulo.

– O bebê?

– O DIU. Se não, pode ser perigoso.

Seu olhar se suavizou, mas o medo continuou lá. Naquele momento, entendi pelo que Johanna devia ter passado ao contar para o marido que tinha abortado para salvar sua vida. Por um segundo, senti-me sozinha e desamparada: Antti estava feliz demais e desejava mesmo aquela criança. Já eu não sabia o que queria, e ninguém me tinha perguntado. Aquele bebê tinha aparecido dentro de mim, como um cogumelo depois da chuva, sem avisar. Por anos, a vida tinha me jogado daqui para ali, de uma cidade a outra e de um emprego a outro. Aquela criança iria sacudir minha vida, mais uma vez, como uma mão girando um caleidoscópio.

– Não tenho nenhuma intenção de abortar, se tudo estiver bem com o bebê – disse, aninhando-me novamente contra o peito quase liso de Antti. – Mas vou precisar de um tempo para me alegrar. Afinal, é um choque.

– Claro. E para quando está previsto o parto?

– Agosto. Felizmente, a mãe natureza organizou as coisas de forma que tenhamos meses para nos acostumar com a ideia.

Ficamos ali até tarde da noite, pasmos com nossa nova situação. Antti se esforçava para não deixar transparecer demais seu entusiasmo, mas o peguei uma ou duas vezes olhando para minha barriga, com um olhar pensativo. Quando finalmente bocejei, abrindo tanto a boca que caberia uma laranja, ele se comoveu com minha necessidade acumulada de sono.

– Você não vai começar a enlouquecer ou me cobrir de cuidados, claro – exclamei.

Detestava todas as bobagens sentimentais associadas à maternidade. A realidade estava longe daquilo, de acordo com o que ouvia das minhas irmãs. Eva já estava esperando o segundo filho, Saku seria o irmão mais velho em abril, e a filha de Helena, Janina, já tinha comemorado seu primeiro aniversário.

– E em que momento da gravidez você vai ter desejo de comer areia para gatos? – continuou Antti, o que me fez fugir para a cama.

Agradei pela minha fadiga, pelo esgotamento que me colou ao lençol e ao edredom e me afundou em um sono sem sonhos.

Passamos a manhã seguinte no mesmo estado de desorientação e, no final das contas, me senti aliviada com a ideia de passar o Réveillon na casa dos Jensen: pelo menos, passaríamos um tempo sem pensar na gravidez. Pegamos o carro, sabendo que, de qualquer maneira, eu não ousaria beber nem mesmo meia taça de vinho. Nossos anfitriões moravam em Mankkaa, em uma das novas casas geminadas que, de fora, pareciam casas comuns, nada mais do que duas habitações separadas normais.

A caixa de correio do número 40A trazia os nomes Srs. Jukka e Lauri Jensen, a do 40B, os nomes Sras. Eva e Kirsti Jensen. Perguntei-me em qual delas caberia o correio das três crianças da tribo, mas talvez isso não tivesse nenhuma importância.

Entramos pela porta B, pois tínhamos sido convidados por Kirsti Jensen, a colega de Antti. Ele já tinha ido lá, mas eu não o tinha podido acompanhar, por causa de uma urgência no comissariado – se me lembrava bem, naquela noite tínhamos prendido um esturador em série. Atualmente, Antti dividia um escritório com ela na universidade e tinha, por força das circunstâncias, se interessado

pela vida daquela grande família, no mínimo, original.

Na entrada, fomos acolhidos por quatro adultos, três crianças e dois golden retrievers, que fizeram o possível para me derrubar. Eva, que estava grávida de pelo menos oito meses, espantou-os para o fundo da casa. Jukka, vestido com um avental, surgiu com uma bandeja de coquetéis, enquanto Kirsti acalmava o mais novo da família, que ficava entre as patas dos cachorros e os irmãos mais velhos. A bagunça era ensurdecedora, mas mais calorosa do que agressiva.

Só molhei os lábios no meu copo de boas-vindas, antes de entregar o restante a Antti. Lauri Jensen, que era arquiteto, me convidou para visitar a casa, enquanto Eva e Jukka acabavam de fazer o jantar. A mais nova das meninas, Kanerva, que tinha quatro anos, nos acompanhou.

Apesar das duas entradas, o imóvel compreendia uma só moradia. Cada casal tinha seu quarto e seu escritório, de um lado da casa, assim como uma cozinha. No meio ficavam os espaços comuns: sala de jantar, sala de estar e biblioteca. Os quartos das crianças ficavam agrupados ao redor da parte comum. No porão, além de uma área de serviço, havia sala de banho com sauna, duas banheiras e máquinas de lavar. O conjunto era espaçoso e luminoso, a decoração tinha sido cuidadosamente planejada, mas nada fria.

– Foi você que desenhou todas as plantas, desde o começo, ou você renovou tudo? – perguntei a Lauri.

– Foram feitas com base nas casas geminadas padrão, construídas nos anos 1970, já muito bem adaptadas às nossas necessidades, como tínhamos pensado. Na época do nascimento de nosso primeiro filho, Juri, morávamos em apartamentos vizinhos, em um prédio, mas o sistema não funcionava muito bem. Na prática, só corríamos de um para o outro.

– Papai, podemos mostrar nossas bicicletas para Maria? – perguntou Kanerva.

Então terminamos o tour no depósito, no jardim, perto do qual as crianças tinham construído um pequeno castelo de neve.

– Originalmente, só Eva tinha o sobrenome Jensen? – perguntei, quando finalmente nos sentamos à mesa para degustar um *velouté* de cogumelos negros.

– Não, também sou Jensen – respondeu Lauri, rindo –, mas não somos parentes, pelo que saiba. Eva e eu nos conhecemos na Associação pelos 102 Direitos Das Lésbicas, Gays, Bi e Trans, no começo dos anos 1980. No início, ter o mesmo sobrenome nos divertiu, depois percebemos que combinávamos também no resto. Quando Eva e Kirsti quiseram ter um filho, foi mais do que natural que me pedissem para ser o pai.

Obviamente, Antti me tinha contado muito sobre a família Jensen, mas eu tinha vontade de saber mais.

– Então, você e Eva são os pais de Juri? – perguntei a Lauri.

Tinha parecido reconhecer na fisionomia do pequeno menino de 6 anos tanto os grandes olhos castanhos do pai quanto a boca grande, sempre pronta a sorrir, de Eva.

– Em princípio, todas as crianças são de todos. Cada uma tem um pai, um papai, uma mãe e uma mamãe – disse Kirsti, com um riso discreto. – Mas, biologicamente, Kanerva e Kerkko são meus filhos e Jukka é pai de Kanerva, Lauri, de Kerkko.

– E este que está chegando é meu e de Jukka. – explicou Eva, sorrindo para a barriga redonda.

Olhei para a minha, que ainda cabia dentro da calça mais justa, e me perguntei o que sentiria no final do verão, quando seria maior do que a dela hoje. Minha colher caiu no prato, quando percebi no que acabava de pensar – estava começando a aceitar a ideia da minha gravidez?

– Teremos experimentado todas as combinações de genes, depois disso. – constatou Kirsti, feliz, retirando os pratos de sopa com a ajuda de Juri e Kanerva. – Os pais biológicos têm, claro, a guarda das crianças perante a lei, mas nós as criamos juntos. É prático que todos tenham o mesmo sobrenome. Mas Jukka e eu tivemos que batalhar, na prefeitura, para fazer com que aceitassem nossa mudança de nome. Parece que foi o primeiro caso do gênero.

– É maravilhoso: quatro pais – suspirei. – Vocês não devem ter nenhum problema sobre quem vai tomar conta das crianças.

– Todos nós temos horários de trabalho irregulares: um arquiteto, um dono de restaurante, uma pesquisadora e uma psiquiatra – explicou Eva. – Apesar de, agora, depois de dois anos, eu ter um horário bem normal no meu consultório. Conte-me, Maria, sei que você, como eu, é guiada pelo sigilo profissional, mas você ou sua unidade estão investigando a morte de Elina Rosberg? Que história terrível! Já sabem o que aconteceu? Não pode ser suicídio!

– De jeito nenhum – confirmei, apesar dos olhos de Antti, do outro lado da mesa, que me sinalizavam a proibição de falar de trabalho.

Servi-me de uma porção grande de filé, antes de acrescentar que não sabíamos nada de definitivo sobre o caso. Mas não pude me impedir de perguntar à Eva se ela conhecia Elina bem.

– Ela foi minha psicoterapeuta durante minha formação e ficamos amigas. Sua última visita aqui não foi há mais de três semanas.

– Ela disse alguma coisa, qualquer coisa, naquela noite?

O olhar de Antti estava mais aniquilador do que um golpe e resolvi encerrar o assunto.

– Desculpe, não falemos de trabalho. Eva, de qualquer maneira, será que poderíamos nos ver nos próximos dias? Você era, além de colega, uma amiga de Elina, isso poderia nos ser útil.

– Quando quiser, estou de licença maternidade.

Combinamos que eu ligaria para ela, depois do dia 1º de janeiro. Meus horários de trabalho ainda não estavam acertados.

Observava, pensativa e um pouco inquieta, a alegre agitação da família Jensen. Não me imaginava suportando o barulho de uma penca de crianças, a assustadora bagunça que um bebê de um ano, aprendendo a comer sozinho, consegue fazer ao redor do cadeirão, a enxurrada de perguntas quase ininterruptas de uma menina de quatro anos.

Alguns momentos, no entanto, como a bochecha de Kerkko, besuntada de sorvete de morango, encostada na minha, ou seu ronco no sofá, ou o entusiasmo incansável de Kanerva e Juri, quando os primeiros rojões de fogo de artifício explodiram no céu negro e gelado, revelavam o que a vida, com crianças, poderia ter de bela e terna. Apesar de tudo, tinha a impressão de que as coisas estavam indo muito rápido. Todavia, ao mesmo tempo, estava preocupada se meu DIU apresentava algum risco para o bebê e esperava ir ao médico, logo no dia 2.

Achei tranquilizador o caos que me acolheu no comissariado, depois das festas. Estava acostumada com as mensagens telefônicas e pilhas de papel, preparada para a violência da São Silvestre, depois do Natal. E realmente não me surpreendi ao saber que Markku Halttunen tinha fugido da prisão departamental, alguns dias antes do Réveillon. Ele tinha sido condenado no outono por vários casos de agressão com ferimentos e por três roubos à mão armada, em bancos de Espoo. Só tinha sido colocado em liberdade condicional depois de algumas semanas, depois de tais delitos, quando uma nova série de assaltos tinha começado. Palo e eu finalmente conseguimos pegá-lo, graças

a técnicas de análise de perfil, à americana. O método era também usado cada vez mais na Finlândia e, mesmo se às vezes invocava um pouco demais filmes como *O Silêncio dos Inocentes* ou superpoliciais caçando supercriminosos, ele tinha trazido frutos ao caso Halttunen.

Ele tinha nos jurado de morte, a Palo e a mim, assim que fosse posto em liberdade. E foi por isso que a prisão nos avisou primeiro. Perguntava-me se deveria realmente levar suas ameaças a sério. Ele parecia especialmente irado pelo fato de que um dos policiais que o tinham agarrado era do sexo feminino. Seu comportamento violento, principalmente com relação às mulheres, constituía um dos principais elementos do seu perfil criminal. Mesmo durante os ataques a bancos, com tempo contado, ele tinha dado um jeito de agredir pelo menos uma funcionária e, entre as brutalidades que tinha cometido em outros lugares, constava um estupro.

– Acho que vou ficar com minha arma até que ele seja preso – anunciou Palo. – Esse cara é completamente maluco. Pedi que monitorem mais de perto do que o normal todas as pessoas que entrem no prédio.

Ele estava com o ar nervoso e acabei me convencendo que talvez devesse levar o caso mais a sério, mas não tive muito tempo para pensar sobre isso, pois Tarja Kivimäki me ligou.

– Posso chegar lá ao meio-dia – ela declarou, com um tom frio. – Posso sacrificar meu horário de almoço, mas, no resto do dia, estou extremamente ocupada.

Para mim não tinha a menor chance porque tinha marcado uma consulta com o médico às 12h30. Enquanto pensava em uma possível solução, de repente me peguei imaginando como seria minha vida agora, com a estressante procura por um equilíbrio entre trabalho e família, constantemente decidindo o que seria mais importante em cada situação. Talvez, afinal fosse menos desagradável pensar em Halttunen...

Combinei de encontrar Kivimäki às 11h30, perto do Palácio do Governo; de lá, daria um jeito de correr para minha ginecologista, em Töölö. Ainda precisava colocar minhas mãos em Niina Kuusinen. Como ela não estava atendendo ao telefone, deixei uma mensagem. Ia começar a me concentrar em outras tarefas quando Palo, mais uma vez, empurrou a porta, seguido por Pertsä, que jogou em minha mesa fotos do cadáver de Mankkaa.

– Olhe isso, Kallio. O legista não tem certeza sobre a arma do crime, o que você acha?

Por sorte, as fotos eram inodoras, pois elas davam ânsia de vômito. As entranhas congeladas do homem, sobre a neve fresca, tinham sido dilaceradas pelos pássaros, assim como seu rosto machucado.

– Não dá para fazer tamanho estrago com uma faca. Seria necessário alguma coisa maior. Eu apostaria em uma serra – adiantou-se Pertsä.

Sua colônia pós-barba emanava um perfume doce, lembrava um licor que tinha ficado muito tempo em um lugar quente demais. Novamente, fui tomada por náuseas, um fio de suor escorreu da minha nuca até o côncavo dos meus rins, o café da manhã subiu à minha garganta. Sem ter tempo de dizer nada, saí correndo para o banheiro mais próximo. E azar se era o masculino. O vômito sacudiu meu corpo, em um segundo encontrei-me encharcada de suor: debaixo dos seios, nas coxas, entre os dedos dos pés.

Uma vez aliviada, bebi água e roubei um pouquinho de pasta de dente do tubo de Taskinen, sem ousar ir até ele para pegar emprestada a escova de dente.

– Está de ressaca? – perguntou Palo, com um tom solidário, quando voltei andando trêmula.

– Exagerei no uísque, mas vou ficar bem – respondi, tentando fazer um ar despreocupado.

– Quer uns comprimidos para enjoo? – Palo já estava pegando uma caixa em seu bolso, famosa por conter uma verdadeira farmácia. – Tome isto com vitamina B e, em cinco minutos, não terá mais nada.

– Não, obrigada. Não faz bem para meu estômago.

Pertsu me lançou um olhar penetrante demais, visivelmente convencido de que não se tratava de ressaca.

– Sabemos quem é o morto? – perguntei, antes que ele tivesse tempo de abrir a boca.

– Sim, ele foi identificado... – Palo remexeu seus papéis.

– Pentti Olavi Lindström, nascido em 1940, um indivíduo do 99. Outros bêbados o reconheceram.

No jargão do comissariado, os indivíduos do 99 eram moradores de rua. A designação fazia alusão ao número da região eleitoral na qual eles estavam registrados para votar. Aparentemente, Lindström morava em um tipo de favela, perto do aterro de Mankkaa.

– Ele é fichado?

– Bobagens. Destilação clandestina e roubo de salsichas. Na juventude, uma condenação em regime aberto por dirigir bêbado.

– Parece que foi uma típica briga entre bêbados por uma garrafa de álcool. Por que me trouxeram isso? Não eram você e Lähde que deveriam se ocupar disso, Pertsu?

– Acontece que esse cara é o pai do maluco do Halttunen... Talvez seja por isso que ele fugiu... – gaguejou Palo.

– Merda! Quer dizer que ele teria ficado sabendo da morte, ainda na prisão, antes de nós, e teria fugido para se vingar. É isso?

Palo parecia perdido, mas Pertsu balançou a cabeça.

– Se encontrarmos o assassino de Lindström, ele nos levará diretamente a Halttunen. Proponho que a gente comece por pegar todo o bando de beberrões de Mankkaa, só para colocá-los em um lugar seguro.

Eu já tinha ouvido frequentes tiradas vindas de Pertsu contra bêbados e outros parasitas da sociedade, que se aproveitavam do maná oferecido pelo Estado, enquanto ele trabalhava como um cão para pagar os impostos, com os quais eram pagas as distribuições de sopa. Dessa vez, novamente, com certeza ele tinha mais como objetivo dificultar a vida deles do que fazer o papel de bom samaritano. Além disso, eu também não queria especialmente proteger a pessoa que tinha aberto a barriga de Lindström com uma serra, mesmo se tivesse sido em pleno delírio etílico. E seria mesmo melhor que a punição fosse imposta pela sociedade, e não pelo louco, furioso Halttunen.

– Deveríamos estar felizes por ele ter outra pessoa, antes de nós dois, na sua lista de pessoas a matar – ironizei. – Vamos enviar alguns agentes para prender o bando de Mankkaa. Estarei lá esta tarde.

– Taskinen me pediu para dizer a você para ter mais cuidado ainda do que o normal. – Soltou Pertsu, ao sair. – E por duas razões, pelo menos, se você quer minha opinião.

Maldito Ström! Parecia que tinha adivinhado que eu estava grávida. Fiz uma careta quando ele virou de costas e voltei à redação do relatório de um caso de estupro. Tinha dificuldade em me concentrar, minha mente vagava, tomada pela minúscula criatura que boiava dentro de mim, pelos corpos congelados de Elina e por Halttunen. Eu me lembrava dos olhos dele, estranhamente pálidos, imóveis, grandes e redondos, como os de uma criança. Quando eles se cobriam de um ódio irreprimível, o efeito era arrepiante. Como se aqueles monstros dos filmes antigos de ficção

científica olhassem para você, através deles. No entanto, a avaliação psiquiátrica tinha concluído que ele era plenamente responsável por seus atos. Ele também tinha sido acompanhado por um terapeuta, um astropsicólogo estranho, que explicava, com toda seriedade, sua violência por perturbações no percurso das estrelas. E, claro, por uma mãe dominadora.

“O acusado declarou ter dançado várias vezes, ao longo da noite, com Raija Kolehmainen, que parecia disposta, segundo ele, a conhecê-lo melhor e aceitou seu convite para acompanhá-la até em casa. No entanto, no carro ela rejeitou seus avanços, após o qual ele a agrediu furiosamente.”

Lembrava-me da raiva de Taskinen contra Pertsa, quando ele tinha falado sobre esse caso, em tom de brincadeira, como de uma história de mulheres que acendem sem apagar. Da minha parte, perguntava-me se Raija Kolehmainen aguentaria finalmente até o processo. Aos 40 anos, ela criava sozinha os filhos adolescentes e tinha tido muita dificuldade em lhes explicar por que um desconhecido tinha colocado as mãos sobre ela.

Engoli uma caneca de sopa instantânea, antes de partir para Helsinque e, depois de hesitar por um instante, passei na sala de armas. Mas de que adiantaria meu revólver de serviço, se Halttunen me esperasse em uma esquina, com um fuzil? No entanto, ele era mais do tipo que usa uma faca ou seus punhos e, contra isso, a arma da qual me muni era uma boa defesa. Agora era melhor eu estar bem treinada, ainda não me sentia à vontade com um coldre debaixo da axila. Além disso, mesmo que a tendência geral sobre o assunto estivesse novamente em alta na polícia, eram raros os que, entre nós, carregavam sempre uma arma e, felizmente, quase ninguém os exibia na cintura.

Pihko entrou no Saab, ao meu lado. Sem dúvida, ele deveria voltar sozinho para Espoo, depois de nossa conversa com Tarja Kivimäki e, quando lhe avisei, ele simplesmente balançou a cabeça. Ele já costumava falar pouco e, dessa vez, assim que chegamos à autoestrada de Turku, ele logo pegou seu manual de Código Penal. Pihko tinha ganhado, na brigada, o apelido não exatamente elogioso de “Pequeno Gênio”. Além do trabalho, ele estudava direito e ciências políticas e, desde que tinha ouvido falar do projeto de doutorado destinado a policiais, tinha avisado a Taskinen que gostaria de se inscrever. Da minha parte, gostava de trabalhar com ele porque ele nunca reclamava de nada sem razão. Às vezes, eu me perguntava o que o levava a se esforçar tanto – talvez não tivesse ido muito bem nos últimos anos do colégio e, por isso, acabou entrando para a escola de polícia, antes mesmo de se dar conta de que poderia pensar mais alto. A ideia de entrar nesse programa de doutorado também tinha passado pela minha cabeça, mas agora, com certeza, teria que adiar por alguns anos todos os projetos desse gênero.

Em frente ao Palácio do Governo estava montada uma barricada de câmeras de televisão, atrás da qual se acotovelavam muitos jornalistas e fotógrafos. O ministro do Interior, Martti Sahala, discursava no meio do enxame. Tinha tido tempo de ver, folheando os jornais da manhã, que o escândalo do momento era um incidente ocorrido na noite de 31 de dezembro, em Vaalimaa, onde um grupo de croatas da Bósnia tinha tentado atravessar a fronteira russo-finlandesa, todos armados, para pedir asilo político aqui. O milagre era que só um agente da polícia de fronteira tinha sido ferido no tumulto. De qualquer maneira, um conselho extraordinário de ministros tinha sido convocado imediatamente.

No meio do aglomerado de jornalistas, vi o casaco amarelo vivo de Tarja Kivimäki, cujo microfone quase encostava nos lábios de Sahala. Não conseguia ver a expressão de seus olhos insistentes, mas tinha certeza de que suas perguntas deixavam o ministro de saia justa. Ele raramente estava no centro das atenções da imprensa dessa maneira, mesmo havendo um burburinho de que ele

era a “eminência parda” do atual governo, dotado de muito mais poder nos bastidores do que os eleitores poderiam imaginar. Martti Sahala só tinha uns 40 anos e apostava-se que já seria um adversário forte nas eleições presidenciais de 2006. Como ministro do Interior, ele se mostrava ativamente interessado na organização trabalhista da polícia e tinha realmente efetivado uma redistribuição dos distritos. Por outro lado, tinha um espírito de clã e se envolvia, na primeira oportunidade, nas investigações relativas a seus amigos. Alguns donos de empresas se safaram facilmente de suas tramoias, com certeza graças à sua intervenção.

Sahala entrou em seu carro e os jornalistas se dispersaram. Tarja Kivimäki trocou algumas palavras com o cinegrafista, e depois se virou, me procurando. De repente, percebi que não tinha a menor ideia de onde faria o interrogatório. Nossa viatura gelada parecia fora de questão.

– O que vocês querem de mim, exatamente? – perguntou, depois de apertar nossas mãos, de Pihko e a minha.

– Uma versão oficial, gravada, do que a senhora nos contou na última vez. Nosso carro não é um lugar muito agradável, seria melhor irmos a um café.

– Há a cafeteria da biblioteca da universidade – propôs Pihko. – A essa hora, ela fica deserta.

– Para mim, está bem. Preciso estar no Parlamento às 12h30 – declarou Kivimäki. – É permitido comer durante um interrogatório oficial?

– Se nós concordarmos, sim. É bem incomum fazermos interrogatórios em cafés.

Frente a ela, tinha a impressão de dar murro em ponta de faca.

Ambas éramos profissionais da fala, ou, mais exatamente, inquisidoras, e ela não parecia acostumada a se ver do outro lado da situação. Por sinal, imediatamente insistiu em saber como Elina tinha morrido.

– As análises ainda estão sendo feitas – desconversei, mas, antes de ter tempo de fazer minha pergunta, ela continuou sua ofensiva:

– Mas vocês sabem alguma coisa. Aira me disse que ela morreu de frio e que teria vagado de camisola pela floresta. É verdade?

Contentei-me em balançar a cabeça e abrir para ela a porta pesada da biblioteca. Quando era estudante, sempre frequentava a cafeteria. Nunca me tinha sentido à vontade no anexo que alojava a Faculdade de Direito e, no prédio principal, havia muita gente conhecida. Na cafeteria da biblioteca, pelo menos, eu ficava tranquila. Normalmente, só me encontrava com minhas amigas nos banheiros.

A sala ao fundo estava vazia. Pihko foi buscar um café para mim, enquanto eu preparava o gravador e Kivimäki se instalava, munida de um chá e uma quiche de legumes. Talvez tivesse tempo de disparar minhas próprias perguntas, enquanto ela estivesse com a boca cheia. Primeiro pedi que declarasse sua identidade. Fiquei um pouco surpresa em saber que ela era de Tuusniemi, somente a poucas dezenas de quilômetros da minha cidade natal. Não tinha nem um leve sotaque de Savo em sua voz; ela, com certeza, o tinha perdido de propósito. Aos 30 anos, ela poderia ter se mudado para Helsinque há bem mais de dez anos. Teria adorado saber mais sobre seu passado, penetrar pelo menos um pouco em sua couraça de profissional eficiente e agressiva, mas o protocolo de interrogatório só me autorizava a fazer as perguntas habituais sobre o lugar de nascença e domicílio. Em seguida, repetimos a conversa anterior. Kivimäki parecia ainda considerar a hipótese de suicídio como totalmente impossível.

– Não entendo por que Elina sairia no bosque, só de camisola e robe. A menos que...

Parou, pensativa, então colocou um pedaço de quiche na boca, como que para se dar um tempo

para refletir. Meu café estava com gosto de fundo de garrafa e Pihko, sem dúvida, não tinha pensado em colocar um pouco de leite.

– A menos que uma de suas protegidas tenha conseguido atraí-la até a floresta, mas ela deve ter pensado que só ficaria lá por pouco tempo, ou teria levado um casaco.

De repente, me veio à cabeça que, na verdade, Elina poderia muito bem ter colocado um casaco e sapatos antes de sair. Talvez alguém os tivesse tirado e, em seguida, os levado de volta a Rosberga. Isso me abria novos horizontes sobre sua morte...

– A senhora já tinha falado, da outra vez, sobre as protegidas de Elina. Por que a senhora fazia parte delas? – perguntei, com um tom um pouco mais desagradável do que o necessário, na esperança de abrir uma brecha no muro de autoridade de Kivimäki.

– Não era sua protegida! – sem ficar nem mais alta, nem mais aguda, sua voz se tornou glacial. – Eu era sua amiga. E o que nossa relação tem a ver com isso aqui?

Não respondi, o que visivelmente a irritou, porque ela continuou:

– A senhora vai vir com o clichê “Em uma investigação de assassinato, todas as perguntas são pertinentes”. Contudo, lhe garanto que não assassinei Elina. A senhora deve me achar completamente insensível diante da morte da minha melhor amiga, mas como pode saber se não choro sozinha, sem deixar que a tristeza atrapalhe o resto da minha vida?

– Então você era a melhor amiga de Elina Rosberg? Sabe se ela já ficou grávida alguma vez, ou se ela abortou, ou se teve um aborto espontâneo, ou se passou por uma cirurgia ginecológica importante?

– Podem conseguir informações sobre a saúde de Elina com o médico dela.

– Também preciso de informações da senhora.

– Por quê? De qualquer forma, nunca ouvi falar de nenhuma gravidez. Achei que Elina não queria ter filhos. Também nesse aspecto éramos parecidas.

– Quem é o médico dela?

– A ginecologista que a acompanhou por muito tempo, Eira Lehtovaara, se aposentou há alguns anos e depois disso ela devia frequentar um centro médico. Aira com certeza deve saber.

Tarja Kivimäki terminou sua xícara de chá e olhou para mim, com ar de esperar que eu fizesse finalmente uma pergunta genial, ao invés de tagarelar a torto e a direito. Eu começava a ficar de saco cheio. Com certeza, ela, como eu, esperava das pessoas que entrevistava um pouco de cooperação, e não uma hostilidade inflexível. E se tratava de sua melhor amiga, como ela mesma tinha dito. Daria para imaginar que ela estaria tão interessada em saber a verdade sobre a questão quanto sobre os mais recentes projetos orçamentários do governo.

– Não sei mais nada sobre o que aconteceu. Tentei encontrar uma explicação para o desaparecimento de Elina e a única que me vem à cabeça é que alguém lhe tenha pedido ajuda. Ou tenha fingido pedir.

Ela começou a juntar suas coisas. Murmurei qualquer coisa sobre um possível interrogatório complementar e confirmei a Pihko que ficaria na cidade.

– Fique com o carro – ele respondeu, com um ar um pouco constrangido.

Ele corou debaixo dos cabelos castanhos, acrescentando que tinha coisas a fazer na universidade. Falava como se fosse algo proibido, mas não pedi mais explicações e propus a Tarja Kivimäki deixá-la em frente ao Parlamento.

– Não sei, vai ser estranho eu chegar em uma viatura de polícia.

Tinha um tom irônico em sua voz quando ela retomou:

– Enfim, não serei a primeira a ser levada sob escolta para lá.

Ao virar na esplanada, logo tivemos que parar em um sinal vermelho. Tendo em vista a hora, eu iria com certeza chegar atrasada à consulta. Para disfarçar meu nervosismo, fiz mais uma pergunta à Kivimäki:

– Se a senhora passou o Natal em Rosberga, é porque não tem família?

Ela me deu uma olhada rápida e esperei um comentário sobre minha curiosidade, mas, para minha surpresa, ela respondeu:

– Não, tenho familiares a perder de vista. Meus pais e três irmãos, com suas esposas e filhos, todos em Tuusniemi, na fazenda da família ou nos arredores. Acho que todos passaram o Natal juntos, como sempre, oito adultos e dez crianças. Este ano deve ter sido a vez de Juha ser o Papai Noel. Só faltou ao circo a ovelha negra da família.

O sinal ficou verde. Dessa vez, consegui chegar até o City Center antes de ter de parar novamente.

– Como assim, a ovelha negra? – perguntei, interessada, pois eu também várias vezes tinha me sentido assim, com meu trabalho e meu modo de vida longe do padrão tradicional da feminilidade. – A senhora exerce uma profissão muito respeitável.

– Claro, no começo meus pais acharam o máximo me ver trabalhando na televisão, conhecendo ministros e outras celebridades. Com certeza ficaram decepcionados que não esteja mais sob os holofotes, que não me vejam mais na tela e, menos ainda, nas revistas. Mas não importa minha profissão e não importa que eu seja a primeira e única da família a ter feito faculdade; na cabeça deles, uma mulher não é nada sem um marido e filhos.

Sua voz poderia perfurar os pneus do carro, mas nada transparecia em seu rosto, impassível. Estava tão chocada que nem pensei em dar partida ao sinal verde, até que um motorista corajoso, atrás de mim, ousou buzinar para minha viatura. Nunca poderia imaginar que uma mulher como Tarja Kivimäki pudesse sofrer com traumas de infância.

– E não dou conta mais das perguntas deles: como é o primeiro ministro pessoalmente, o presidente Ahtisaari é tão gordo quanto parece na televisão? Eles falam como se fossem personagens de uma novela de televisão.

O princípio de simpatia que eu começava a sentir por ela desapareceu, mesmo se sua atitude desdenhosa não passasse de um jeito de se defender. Fizemos o restante do caminho até o Parlamento levadas por uma onda de sinais verdes. Ao descer do carro, Kivimäki olhou diretamente em meus olhos e soltou:

– Elina tinha razão. Vocês se parecem. Não tenho costume de chorar minhas mágoas com qualquer um.

Ela bateu a porta e fiquei me perguntando se tinha sido sincera ou se aquilo era uma manobra para me prevenir de não levá-la muito a sério.

Cheguei 10 minutos atrasada, mas, mesmo assim, tive que aguardar na sala de espera do consultório. Li distraidamente uma revista sobre saúde, tentando segurar meu nervosismo. Quando a ginecologista confirmou a gravidez e me avisou que iria retirar o DIU imediatamente, a fim de evitar qualquer risco para mim ou para o bebê, fiquei principalmente aliviada – alguém, além de mim, estava cuidando do meu corpo e do amontoado de células que se desenvolvia nele. Ela também se mostrou pesarosa pelo fracasso da minha contracepção, em nome de todos os profissionais da

medicina, e me perguntou se eu queria abortar.

Última chance, não iriam me perguntar novamente.

Como teria sido fácil, alguns minutos de espera, e tudo teria continuado como antes. Apesar de tudo, murmurei um não definitivo e fui me despir atrás do biombo. A extração do maldito DIU doeu, mas serrei os dentes, pensando que teria que suportar uma dor bem mais forte dali a oito meses e pouco. A ginecologista disse que, de acordo com seus cálculos, eu daria à luz em 25 de agosto – adeus, mais um ano, à caminhada de verão nas montanhas corsas e à maratona de Helsinque... Enquanto me vestia, depois de me levantar coberta de sangue e com vertigem, ela soltou:

– Seu trabalho pode ser um pouco perigoso, às vezes. Pense em pedir, com antecedência, para ser transferida para um cargo mais tranquilo.

– Passo a maior parte do meu tempo sentada à uma mesa, falando ou escrevendo. Há alguma coisa que não posso mais fazer?

– Pode fazer tudo que tenha vontade, seu corpo vai protestar se ele não aguentar. Não conheço muito bem o trabalho da polícia... O que quis dizer é que nunca vi nenhuma grávida de seis meses com uniforme de polícia.

– Não uso uniforme e trabalho principalmente com meu cérebro. A gravidez não o afeta, não é?

Conduzindo em direção a Espoo, na autoestrada coberta de neve lamacenta, decidi só falar sobre meu estado, no comissariado, o mais tarde possível. O que eles tinham a ver com isso? Já imaginava, ao menor erro que cometesse, a compaixão de Palo e o sarcasmo de Ström. Resolvi ir ao estande de tiro no final do dia, como meio de contrabalançar, o mais brutalmente possível, a fragilidade à qual eu associava a gravidez. Porém, minha rebeldia só chegaria a tomar uma cerveja depois de ter esvaziado 10 carregadores de munição.

Sete

Niina Kuusinen me tinha deixado uma mensagem com seu número de telefone pessoal e o da Escola de Música de Espoo, onde trabalhava. Tentei, sem sucesso, lhe telefonar de volta, mas só consegui ouvir um recado na secretária eletrônica da escola, dizendo que as aulas retornariam depois do Dia de Reis.

Depois de ligar para o advogado da família Rosberg, decidi voltar a Nuuksio. Queria absorver a paisagem, refazer os passos de Elina, entender por que e como ela tinha ido parar na floresta. Ele tinha prometido me comunicar os principais pontos do testamento na manhã seguinte.

A ginecologista tinha mandado que repousasse o resto do dia. Apesar do sangue que escorria entre minhas coxas e a tontura que sentia, preferia trabalhar. Em casa, meus pensamentos iriam novamente ficar rodopiando em torno do embrião que nadava em meu ventre, e não suportava mais. Não conseguia lidar com os problemas da minha vida pessoal com a mesma racionalidade com que lidava com minha vida profissional.

Chequei se Aira estava em casa e, ao cruzar com Palo no corredor, lhe pedi que me acompanhasse. Por sorte, Ström não estava lá, senão iria fazer questão de impor sua companhia, só para me encher o saco. Palo tinha passado a manhã em Mankkaa com Taskinen, mas eles não tinham descoberto nada sobre Halttunen. Parece que Ström estava fazendo a ronda dos bandos de bêbados do setor, à procura de informações sobre os últimos dias do pai do fugitivo. Com certeza, Palo parecia levar as ameaças de Halttunen mais a sério do que eu, mas fiquei surpresa ao ver que ele estava portando sua arma na cintura e não debaixo do braço. E, ao olhar mais de perto, tive até a impressão de ver um colete à prova de balas debaixo do seu pulôver.

– A Nuuksio... – ele parecia hesitante. – Excelente ideia, melhor irmos ao local para descobrir como Rosberg pôde errar pela floresta. Mas será que é prudente ficarmos andando juntos, nós dois? Quero dizer...

– Você quer dizer que Halttunen poderia me atacar primeiro e, em seguida, somente ter que se preocupar com você, é isso? – disse, com um tom mais seco do que o necessário.

Palo tinha todo o direito de estar com medo. Sem dúvida, eu era a mais idiota de nós dois.

– Não estou lhe dando ordens – continuei, com uma voz mais doce –, mas gostaria muito que você viesse comigo. Não acho que Halttunen vá nos seguir até Nuuksio. Talvez até já o tenham prendido.

Palo olhava fixamente para o chão. Seus cabelos curtos e lisos já estavam salpicados de grisalho e sua silhueta magra tinha ganhado um pneu de gordura na cintura. Ele já precisava de óculos, mas, por uma razão qualquer, se recusava a usá-los, a não ser para ler ou dirigir. De tanto espremer as pálpebras para tentar ver melhor, tinha bochechas enrugadas e pés-de-galinha nos olhos azul-acinzentados, avermelhados e lacrimejantes. Estava na polícia de Espoo há mais de 25 anos, conhecia todos os pequenos delinquentes e os reincidentes da região, tinha uma rede de informantes bastante abrangente e uma ótima memória. Era mais cuidadoso e trabalhador do que entusiasta e criativo e não era do tipo que propõe novas ideias, mas obtinha resultados e não causava problemas.

– Sua ressaca melhorou? – perguntou, numa tentativa de fazer as pazes.

– Estou 100%. E olhe! – bati, com um gesto um pouco teatral, no braço sobre o qual carregava minha arma. – Eu também estou protegendo meu traseiro.

Palo sugeriu que eu dirigisse; ele devia querer vigiar a beira da estrada. Joguei no porta-malas as botas de cano alto para chafurdar na neve, apesar de que esquis teriam, com certeza, sido bem mais úteis...

– Também vamos interrogar de novo Aira Rosberg, mas o essencial é irmos à floresta, refazer o percurso da mansão até o local onde Elina foi encontrada e pensar em como ela pode ter chegado lá. A noite logo vai chegar, mas isso pode nos ser útil. Foi à noite que Elina desapareceu. As coisas ganham uma aparência diferente no escuro.

– Vamos fazer hora extra, de novo – gemeu Palo. – Mas, enfim, minha mulher também está trabalhando esta noite e a mais novinha está na casa da babá, então tanto faz.

Os filhos dos dois primeiros casamentos de Palo moravam com as mães, alguns deveriam até já ter formado suas próprias famílias. Sua mulher número três tinha uns 15 anos a menos que ele e diziam na brigada que, se ele tomava vitaminas, era porque sem elas não conseguiria acompanhar o ritmo da jovem esposa.

O crepúsculo já caía, a floresta ao longo da estrada de Nuuksio era de um verde-escuro impenetrável. Os faróis de um carro vindo na direção oposta me cegaram por um instante e quase me fizeram errar o caminho para Rosberga. Ao contrário das vezes precedentes, nenhuma luz brilhava na casa, nem mesmo no pátio. Porém, quando finalmente encontrei o botão do interfone, no clarão insuficiente dos faróis, o portal logo se abriu. Uma única janela se clareou no térreo. Um instante depois, uma lâmpada também se acendeu acima da porta.

Aira veio abrir a porta e, sem demonstrar nenhuma surpresa, nos guiou até os aposentos da sua sobrinha. Senti-a totalmente ausente, como se seu coração e seus pensamentos tivessem deixado seu corpo material, talvez para ir ao lugar onde Elina se encontrava agora. Naquela casa imensa, o vazio e o silêncio eram ainda mais transbordantes do que em um pequeno cômodo que seu habitante tivesse acabado de deixar.

Na entrada, balancei a neve dos meus sapatos e disparei um monte de informações sobre Palo, com uma voz alta, mesmo sabendo que aquilo não adiantaria nada.

A tristeza de Aira tinha pesado seus gestos, cravado novas rugas no seu rosto, grudado seus cabelos cinza e finos na sua cabeça, curvado seus ombros. Quando nos abriu a porta dos aposentos de Elina, primeiro olhei para fora, pela fenda da cortina de *guipure*, depois levantei a simples persiana do quarto. A paisagem estava mergulhada na escuridão, com exceção de um brilho visível do salão, longe, à borda do lago Pitkäjärvi. Apaguei a luz do teto e, aos poucos, pude discernir formas na escuridão da noite. As luzes do quarto de Aira e da cozinha se refletiam na neve, revelando o muro e a floresta atrás.

– Palo, vá dar uma volta lá fora. Primeiro, dentro do complexo, depois no exterior. Quero ver se dá para distinguir silhuetas humanas daqui.

Pela rigidez do seu andar, pude ver que ele não estava nem um pouco a fim de sair sozinho à noite. Eu também não queria e foi por isso que falei primeiro.

– Se entendi bem, dava para ouvir o telefone de Elina do seu quarto? – perguntei à Aira, quando Palo saiu.

– Como lhe disse, tinha tomado soníferos para apagar pelo menos por uma noite. Normalmente,

ouvira seu telefone mesmo, mas não daquela vez – respondeu sem nem ter força para se irritar.

– Então, Elina tinha um número pessoal, diferente do de Rosberga?

– Certamente. Ele não estava listado, era impossível consegui-lo no guia telefônico. Geralmente, à noite ela ligava a secretária eletrônica do telefone central.

– E em que número você recebe suas chamadas?

– Eu? – Aira quase sorriu. – Quase nunca me ligam. Algumas antigas colegas querem notícias minhas duas ou três vezes por ano, mas, fora isso, minha vida é aqui.

Dei um pulo quando Palo bateu à janela do quarto. Dava para vê-lo muito bem, mesmo com a luz acesa, quando ele estava de pé, com o nariz colado ao vidro. Enquanto eu tentava iluminações diferentes, ele deu uma volta pelo pátio, olhando ao redor, como se Halttunen pudesse ter atravessado com um pulo os muros de Rosberga. Elina não teria nenhuma dificuldade para ver o que estava acontecendo no pátio, se acendesse a luz.

Ao contrário: do outro lado do muro, só o clarão da lanterna de Palo era visível. Sem ela, ele desaparecia na escuridão. Mas será que a lua estava brilhando na noite de 26? De qualquer maneira, fazia frio, com um céu sem nuvens, e nessas condições a paisagem talvez não parecesse com essa, de tempo cinza e com neve.

Como tinha o código, Palo abriu o portal sem nenhuma dificuldade. Mandei que ele fosse aos quartos do andar de cima, para checar a vista que havia de lá e possíveis saídas, varandas, escadas de incêndio e afins. Se Elina tivesse visto pela janela alguma coisa que a tivesse feito sair, deve ter sido dentro do complexo da mansão. E quem poderia entrar no pátio, além das estagiárias instaladas aqui? Contudo, se ela tivesse recebido uma ligação com o intuito de atraí-la à floresta, as possibilidades eram infinitas.

Todo aquele teatro não era nem um pouco útil. Deveríamos mesmo era ir à floresta, tentar entrar na pele de Elina, tentar entender por que ela tinha partido naquela aventura gelada, vestindo somente uma camisola. Voltei a pensar nas cicatrizes no colo do seu útero e perguntei à Aira se ela já tinha ficado grávida. Minha pergunta a espantou.

– Elina, grávida? Não que eu saiba. Você quer dizer que ela estava esperando um filho...

O pavor tomou conta dos seus olhos, que começaram a piscar para conter as lágrimas.

– Não, não é isso – apressei-me em tranquilizá-la. – Quis dizer em geral. O colo de seu útero apresentava sinais que faziam crer que ela poderia ter dado à luz ou tido um aborto espontâneo, mas não há nenhum registro em seu histórico médico.

O rosto de Aira relaxou, mas, por detrás de seu alívio, persistia uma tristeza profunda que com certeza jamais desapareceria de seus olhos.

– Deve ser uma história antiga, já tinha quase esquecido. Elina passou 6 meses na Índia, nos anos 1970, e lá teve graves problemas de ciclo menstrual, por causa de um tumor no útero. Teve de ser operada lá mesmo, em condições não ideais, e com certeza foi daí que vieram as cicatrizes. Não me lembro dos detalhes, mas ela levou dois ou três anos para voltar a ter um funcionamento hormonal normal. Sua ginecologista poderá lhes dizer mais sobre o assunto.

A explicação era simples, então. Nada de nascimentos ilegítimos, nem de abortos trágicos. No que eu estava pensando? Que Elina tinha visto, atrás da janela, o fantasma do filho abandonado e tinha partido em sua busca, ou o quê?

– E o que mais vocês descobriram? – perguntou-me Aira, que, por si só, não tinha encontrado nada que pudesse ajudar a esclarecer o mistério.

Balancei a cabeça, com um ar pesaroso.

Os passos das botas de Palo, na escada, soavam estranhamente pesados. Parecia que os degraus só estavam acostumados a pés de mulheres, calçando no máximo 40. Quando o eco do seu 46 se silenciou, ele levantou os ombros, como se dissesse que não tinha encontrado nada lá em cima.

– Está extremamente escuro. De qualquer maneira, se alguém se mover na floresta, sem algum tipo de luz, não temos como vê-lo do interior – grunhiu.

Eu me perguntei se ele tinha tentado avistar Halttunen por entre as árvores.

– Vamos mesmo assim – suspirei.

Aira pegou seu casaco, pronta a nos acompanhar, mas a proibi. Afinal de contas, ela fazia parte dos suspeitos e eu tinha certeza de que ela estava escondendo alguma coisa.

Um vento gelado, subindo do lago Pitkäjärvi, nos atingiu, logo que passamos do portal. Era tão furioso que, ao chegarmos ao alto da colina, quase nos derrubou. Enfiei meu cachecol dentro do casaco para proteger meus seios e apertei os cordões das minhas botas. Chafurdar na neve, raiada pelas sombras das árvores, não me animava nem um pouco.

No dia seguinte ao Natal, o solo estava coberto por uma espessa camada de pó e, aparentemente, Elina não estava usando sapatos. O caminho mais curto até o local onde ela tinha sido encontrada passava por um campo coberto de arbustos. A outra opção seria seguir um pouco pela estrada e, em seguida, virar no bosque, na pista de esqui. Por preguiça, fiquei tentada em escolher o segundo, mas experimentar o primeiro me pareceu indispensável.

Então, pegamos o do campo, uma subida suave, e logo vimos as janelas acesas da casa vizinha, de onde o esquiador tinha ligado para a polícia depois de encontrar o corpo de Elina. Algumas luzes esparsas brilhavam ao redor do lago Pitkäjärvi, mas, fora isso, a paisagem embalada pelo vento estava vazia. Palo, com o rosto preocupado, olhava ao redor. No entanto, poderíamos escutar de longe os passos de Halttunen, pois a neve endurecida estalava com força debaixo dos nossos pés.

– Fico me perguntando... Se Elina tomou involuntariamente álcool e Dormicum, com eritromicina, ela pode ter ficado em um tal estado de confusão, que saiu vagando por um momento, sentou-se na neve e perdeu consciência. E se foi simples assim? – sugeri, mais para mim mesma do que para Palo.

– E como ela arranhou as costas? – retrucou, iluminando o fundo da floresta com sua lanterna.

O campo era rodeado por um espesso abeto, que não tinha nada de acolhedor, principalmente no escuro. Procurei por uma brecha, pela qual Elina pudesse ter passado, galhos quebrados ou algo assim. Mas o bosque parecia impenetrável e, sem dúvida, há muito tempo ninguém andava por lá.

– Melhor voltarmos por onde viemos e tentar pela pista de esqui – concluí. – Talvez alguém tenha encontrado Elina e começado a arrastá-la para um lugar seguro, mas ficou com medo ao ver que ela estava morta. Alguém sem nenhuma ligação com ela.

Voltar por onde viemos, através do campo, foi fácil, e andar na estrada, relaxante, com certeza. Ao longo da pista, também a neve já tinha sido pisoteada, abrindo um caminho que nós seguimos.

Na floresta, o vento só balançava o alto das árvores, nós estávamos ao abrigo. Nossas lanternas deformavam as sombras dos galhos, que se prendiam em meus cabelos. Tropecei em um pequeno pinheiro e só não caí com o traseiro no chão porque consegui me agarrar a um arbusto que mal chegava à minha cintura. Foi nesse momento que vi um pedaço de cetim rosa preso lá.

– Ilumine aqui, Palo!

O farrapo não media mais do que 3 x 6 cm. Cuidado-samente, cortei o galho inteiro e tirei do bolso um saquinho de plástico no qual guardei o pedaço de tecido. Tinha quase certeza de que era do

robe de Elina, principalmente porque cetim quase nunca era usado para fazer roupas de esqui. Precisaria, claro, esperar os resultados do laboratório para ter certeza. Conhecer o itinerário de Elina talvez nos ajudasse a progredir. Continuamos a avançar, um pouco mais lentos, examinando o matagal. De repente, Palo ficou paralisado e o clarão de sua lanterna começou a tremer.

– O que houve?

Em meio a um barulho de galhos quebrados, alguém abria à força um caminho através do abeto, à nossa esquerda. Eu já imaginava Halttunen saltando sobre nós, à la Rambo, com um fuzil gigante nas mãos, uma faca entre os dentes e um brilho assassino nos seus olhos azuis de bebê. Palo pegou o revólver. Ao ver seu olhar de pânico, percebi a que ponto aquela ameaça de morte o assustava. Não estava com tanto medo quanto ele, pois tinha visto que o barulho vinha das moitas, mas um alce nervoso poderia ser perigoso, de qualquer maneira. Pelo barulho, por sinal, havia pelo menos dois. Esperava que eles estivessem tão assustados conosco quanto nós com eles, e não nos atacariam.

– Guarde sua arma, a caça ao alce está suspensa – disse, tentando usar um tom descontraído.

Não tinha tanto medo de animais, que já corriam longe no escuro, quanto do pânico que vi nos olhos de Palo e da velocidade com a qual ele tinha pegado o revólver. Sem dúvida, seu comportamento oferecia riscos de má avaliação da situação. Tinha ouvido histórias de policiais, no mesmo estado de espírito, que causaram acidentes por causa de um pavor incontrollável. Sentia o medo tomar conta de mim, mas não por causa de Halttunen. Estava preocupada com Palo.

– Eram alces – repeti, ao ver que ele continuava com a arma na mão. – Guarde esse revólver, para que possamos continuar a investigar. O local onde encontraram o corpo é aqui perto. Quanto mais rápido acabarmos, mais rápido sairemos desta floresta.

O escuro escondia o rosto de Palo, mas seus movimentos revelavam certo constrangimento quando voltou com a arma para a cintura e se virou para retomar o caminho em declive, ao longo da pista de esqui.

O local onde o corpo tinha sido encontrado estava exatamente igual: no topo de uma colina, na beirada de uma clareira atravessada pela pista, mas quase invisível para quem esquiava por ali, um pinheiro grande, com galhos descaídos, do tipo desses sob os quais, quando crianças, brincávamos de gruta.

Esse caso não fazia nenhum sentido.

– Essa Rosberg era médica – grunhiu Palo, enquanto eu continuava a desenvolver a tese do acidente. – Ela deveria conhecer as interações medicamentosas, até eu sei que não se deve misturar eritromicina e Dormicum.

– Não, era psicóloga e tinha estudado psiquiatria. Não tinha o direito de exercer medicina, nem de prescrever medicamentos.

O legista tinha dito que o perigo dos efeitos da combinação da eritromicina com Dormicum ou Halcion só tinham se tornado conhecidos há mais ou menos 18 meses, mas que havia uma advertência sobre isso na bula dos antibióticos. Talvez Elina não a tivesse lido.

Tentei me lembrar do gosto do Dormicum. Havia somente um? Não podia mais experimentá-lo, paracetamol deveria ser um dos únicos remédios liberados durante a gravidez. Seria, por exemplo, possível misturar uma dose grande desse sonífero ao uísque, e Elina teria bebido sem perceber o gosto?

– OK, teoria número dois: alguém queria que ela dormisse e lhe deu scotch temperado com Dormicum, sem saber do tratamento antibiótico. Imersa em um estado de torpor, ela se aventurou pela

floresta. A pessoa que lhe serviu a bebida e que não tinha nenhuma intenção de matá-la não tem coragem de confessar o ato, pois tem medo de ser acusada de homicídio culposo.

– É possível.

Palo certamente me ouvia, mas, ao mesmo tempo, parecia vigiar os barulhos da floresta, observar os movimentos dos galhos, examinar as sombras suspeitas. Continuei pensando alto, tentando não sentir o frio que entrava por debaixo do meu casaco e através da borracha desgastada das minhas botas.

– Nesse caso, tenho duas suspeitas: Milla Marttila e Aira Rosberg. A primeira pode ter dado o uísque batizado para Elina, para que ela não notasse sua ausência. E a segunda disse que ela mesma tomou um sonífero para não ser incomodada pela tosse da sobrinha. Talvez ela também tenha tomado uma dose de uísque e servido a mesma mistura para Elina, para que ela dormisse melhor.

– Não pode ser, Martilla saiu da mansão no início da noite.

– Verdade. Mas talvez naquela hora Elina já tivesse tomado o remédio. Sei lá. O Dormicum age bem rápido. Não faz nenhum sentido, vamos embora!

Voltamos pelo mesmo itinerário. Não tínhamos encontrado uma lanterna perto do corpo, mas alguém poderia muito bem tê-la levado de volta também. A lua quase cheia que agora atravessava as nuvens, no dia 26, estava entrando na fase crescente e não teria clareado suficientemente o local. Teria que perguntar a Aira se alguma lanterna tinha sumido de Rosberga.

Nessa altura, as luzes de várias janelas estavam acesas na mansão, como se as tivessem ligado para nos guiar. A casa enclausurada no seu complexo parecia oferecer um refúgio acolhedor e quente, onde nem o inverno, nem Halttunen podiam nos atingir. Porém, isso não passava de aparência; o mal tinha conseguido penetrar os muros de Rosberga, para atrair Elina à floresta e à morte.

– Lanternas? Não tinha pensado nisso. – declarou Aira, depois que nos sentamos na cozinha e tomávamos chá.

Palo olhava fixamente para sua xícara, com um ar suspeito. Talvez minha teoria do uísque batizado o tivesse deixado em guarda. Deixei que o calor da caneca de cerâmica descongelasse minhas mãos e até encostei-a, por um instante, em minha bochecha, entorpecida de frio.

– Temos várias lanternas que as estagiárias usam para sair à noite. Não sei exatamente quantas, mas posso reuni-las e ver se parece haver um número menor do que o normal.

– Você disse que tomou um sonífero na noite de 26. Por acaso você bebeu uísque junto com ele?

– Uísque? – Aira parecia estupefata. – Quase não bebo álcool. Uma taça de vinho ou um dedo de conhaque, às vezes, mas só experimentei uísque uma vez na vida.

– E Elina? Bebia?

– Ela adorava, sim, mas era muito específica quanto à marca: só tomava scotch e, de preferência, puro malte. Eu lhe comprava, de tempos em tempos, uma garrafa de Laphroaig.

– E ela tinha scotch aqui quando desapareceu?

– Com certeza. Eu lhe tinha dado de presente de Natal. Só um minuto.

Aira se levantou e abriu um armário no alto, que continha várias garrafas: algumas de vinho tinto, uma de conhaque, pela metade, e uma de Laphroaig, quase cheia. Pude sentir na boca o profundo gosto de fumaça da bebida, mas essa lembrança agradável logo foi substituída por um sentimento de culpa. Esse tipo de prazer estava proibido até agosto – ou até depois, se eu tivesse a intenção de amamentar meu bebê.

– Quem vai acabar com essa garrafa? Elina tomou uma dose com Tarja Kivimäki, na noite de

Natal – murmurou, meio que para si mesma. – Passei o dia inteiro escrevendo cartas e telefonando, para cancelar os treinamentos da primavera. Ninguém pode substituir Elina. Não sei o que será de Rosberga.

– Se ela não se manifestou de outra maneira no testamento, é você que vai herdar tudo – disse, com um tom mais seco do que realmente queria.

– Sim... – Aira guardou a garrafa de puro malte no armário. – Preferiria não ter que voltar para minha casa. Vivi aqui praticamente toda a minha vida. Depois da escola de enfermagem, trabalhei um tempo no hospital de Meilahti, em Helsinque, mas, em seguida, meu pai ficou doente e, depois, minha mãe. Cuidei deles e, depois, da mãe de Elina, que sofreu com uma longa leucemia. Então meu irmão, o pai de Elina, não conseguia se virar sozinho. Quando ele morreu, há uns 10 anos, ela e eu vendemos a maior parte das terras agrícolas. Nessa época, voltei a trabalhar até minha aposentadoria. Elina me arranhou um emprego em uma residência para idosos, em Leppävaara, para onde eu ia facilmente daqui. Nasci nesta casa e gostaria de morrer aqui. Mas...

Um barulho de porta interrompeu suas ponderações e Johanna Sääntti entrou na cozinha. A princípio, quase não a reconheci, de tanto que o jeans e os cabelos soltos a deixavam diferente. De longe, parecia uma adolescente, mas seu olhar, mergulhado diretamente no meu quando me cumprimentou, era de uma senhora, e seus olhos continuavam contornados por uma trama de rugas.

– Johanna vai nos deixar amanhã, para visitar sua família – anunciou Aira.

– Fico feliz em saber. Pretende ficar lá muito tempo?

– Com certeza. Não posso dormir lá. Tenho que ficar no hotel, em Oulu, e ir e voltar de ônibus. Tinha algo de novo em sua voz, parecia raiva.

– Você não pode dormir na sua casa?

– Leevi certamente não permitiria, principalmente porque pretendo lhe informar que pedi o divórcio. Meus pais também não querem saber de mim. Parece que minha irmã caçula está cuidando dos nossos filhos, na nossa casa. Talvez Leevi se case com ela, depois.

Não tinha como se enganar; seu tom de voz estava indignado e irônico. Johanna Sääntti não tinha nada de covarde. Como pude achar isso? Inevitavelmente, tinha precisado de muita coragem para opor-se a tudo o que a tinham doutrinado e decidir abortar.

– Hoje, encontrei-me com a advogada que você me indicou, Maria. Ela me convenceu que Leevi não podia de jeito nenhum me impedir de ver meus filhos. Talvez alguns se recusem a conversar comigo, mas verei pelo menos Anna e os menores.

Sua voz, desafiante, vacilou um pouco, e eu entendia seu medo. Podia imaginar toda a cidade laestadianista aliada para colocar seus filhos contra ela.

– Gostaria de saber mais sobre sua vida, Johanna. Fico curiosa, tanto como mulher quanto como policial. Nunca conheci uma pessoa que tivesse nove filhos.

Palo soltou um suspiro. Evidentemente, tinha chegado ao seu limite de capacidade de trabalho no dia. Sem levá-lo em consideração, Johanna respondeu:

– O que posso dizer? Passei minha vida a rezar e fazer filhos. Não sei falar sobre isso. Elina me aconselhou a escrever uma autobiografia. Ela falava que me ajudaria a compreender melhor minha vida. Por sinal, eu segui seu conselho.

– Posso ler?

– Para quê?

Ela me olhou fixamente, sem piscar, então, desajeitadamente, jogou para trás um cacho de cabelo

que tinha caído em seu rosto, como se estivesse perturbada por esse gesto novo, depois de passar toda a vida com os cabelos presos.

– Se eu lhe der o meu texto, você também vai me contar da sua vida? Acho improvável, você, uma policial.

Tive a nítida impressão de que ela estava zombando da minha cara, mas a expressão dos seus olhos era de uma inocência quase infantil.

– Bom, temos um trato – respondi, e ela foi buscar o texto. – Ela está bem melhor – comentei com Aira.

– Talvez. Mas é porque ela está convencida de que o marido matou Elina. E acha que assim terá a guarda dos filhos – Aira respondeu secamente.

Ao voltar, Johanna me entregou um maço de folhas cuidadosamente impressas.

– Milla me ensinou a usar o computador – explicou, entusiasmada. – Pode ficar para você, faço outra cópia, se eu precisar.

Fiquei surpresa pelo eco triunfante da voz dela. Talvez Aira estivesse certa e essa nova confiança se baseava em uma pista. Pensei em Leevi Sääntti, que eu nunca tinha conhecido, mas que, por princípio, detestava. Para mim, era o suspeito perfeito.

Tínhamos acabado. Desejei boa viagem à Johanna, me perguntando se ela teria sido capaz de assassinar Elina na esperança de colocar a culpa no marido. A teoria soava improvável, mas, de qualquer forma, tudo naquela morte parecia sem pé nem cabeça. Havia alguma coisa de insano, de sacrificial, naquela mulher de neve e gelo na floresta. Talvez Johanna a tivesse sacrificado, na esperança de conseguir a guarda dos filhos. Ou então eu tinha lido muitos livros ruins de suspense psicológico.

Assim que o carro cruzou o portal de Rosberga, Palo começou a observar os arredores, com um olhar histérico.

– Você realmente está com os nervos à flor da pele – declarei finalmente. – Deveria tirar umas férias e se distanciar um pouco, ir a algum lugar onde não teria medo de Halttunen.

– E como você imagina que eu conseguiria uma licença?

– Com um médico... Ou melhor, com um psiquiatra. Uma ameaça de morte é um fator óbvio de estresse.

Pela sua cara, a ideia não lhe agradava. Dava para entender. Os policiais pareciam ainda presos, na maioria dos casos, ao arquétipo do homem finlandês, a quem só eram permitidos sentimentos como o ódio, a raiva, o ciúme, o desejo sexual e a alegria pelo nascimento de um menino na família, ou pela vitória do campeonato mundial de hóquei de gelo. O medo não fazia parte desse grupo, mesmo se cada um de nós certamente o vivenciasse, mais cedo ou mais tarde, por razões diversas.

Eu, melhor do que meus colegas, estava acostumada a esconder o meu, exatamente porque todos esperavam que eu fosse a primeira a entregar os pontos. Por sinal, talvez tivesse conseguido escondê-lo muito bem até de mim mesma, pois Halttunen não me amedrontava nem um pouco.

– Longe do comissariado, só ficaria ruminando pensamentos inúteis – resmungou Palo. – Estamos mais seguros no trabalho, cercados por profissionais. Mas não deveríamos trabalhar em equipe, já que ele está atrás de nós dois.

– É, talvez – concordei, no mesmo instante em que o rádio nos chamou.

Era Ström, que nos informava que duas testemunhas do assassinato de Mankkaa tinham sido encontradas. De acordo com suas declarações, Pentti Lindström provavelmente tinha sido morto por

um homem loiro, atarracado, aparentando ter em torno de 30 anos, que eles tinham identificado por meio de foto como sendo Halttunen.

– Ele matou o próprio pai, caramba! – choramingou Palo, assustado.

– E então, localizaram Halttunen? – gritei para Pertsu.

– Não. Ele deve ter conexões suficientes para conseguir se esconder por um bom tempo. Lembre-se de Larha, por exemplo – respondeu, com uma malícia proposital na voz.

Fiquei furiosa. Qualquer outra pessoa do comissariado teria agido de outra maneira, tentando nos tranquilizar, assegurando que já estavam investigando os contatos de Halttunen e que logo o prenderiam. Mas não Pertsu, que sabia muito bem que tínhamos cometido um erro grave de julgamento ao imaginar que Halttunen estaria, antes de mais nada, atrás do assassino de seu pai. E não é que ele mesmo o tinha matado? E, mesmo sem conhecer os outros inimigos de Halttunen, tinha quase certeza de que sabia quem eram os próximos na sua lista.

Palo e eu. Foi nesse momento que também comecei a ter medo.

Oito

Ao chegar em casa, decidi contar a Antti sobre Halttunen. De todo modo, ele perguntaria por que eu estava carregando uma arma, o que não fazia normalmente. Uma expressão quase de desespero tomou conta do seu rosto.

– Esse cara é realmente perigoso? – perguntou, depois de ficar um tempo sentado em silêncio, olhando pela janela os campos mergulhados na escuridão.

– É, bem perigoso. Mas também é um fugitivo, com mais um assassinato em sua ficha. Acho que ele vai preferir ficar escondido a nos perseguir, Palo e eu.

– Vocês não podem conseguir algum tipo de proteção?

– Não temos os recursos necessários para isso. E não passa de uma ameaça feita há seis meses. Talvez Halttunen já tenha até se esquecido de toda essa história – disse, sem convicção.

– É horrível, principalmente porque, agora, vocês são dois em perigo – Antti tentou sorrir. – Por falar nisso, quando vamos contar a novidade para a família e os amigos?

– Por enquanto, não. No começo, é arriscado. A maioria dos abortos espontâneos acontece antes da 12ª semana de gravidez. Vamos esperar até lá.

– Comprei, na liquidação da biblioteca, umas edições antigas de *Pais & Filhos*. Com certeza, vamos encontrar conselhos de como cuidar de uma criança.

– Antti!

Examinei, desconfiada, as revistas com cores vivas, nas quais mulheres com ar maternal e os bebês mais fofos do mundo sorriam em uma simbiose abençoada.

– Realmente tenho que ler isto?

Com a feição ao mesmo tempo satisfeita e envergonhada, ele respondeu em um tom vagamente arrependido:

– Ando completamente deprimido esses tempos: tenho trabalhado demais e ainda tem mais essa história de Autoestrada N° 2. Então, se não se importa, vou me alegrar com alguma coisa, pode ser?

– Claro!

Sentei-me em seus joelhos e mergulhei meu rosto na lã do seu pulôver preto, sobre seu ombro. Seduzida pelo calor do seu corpo, beijei sua nuca até a orelha, depois o queixo, os lábios, e não precisou de muito tempo para que ele arrancasse minha camisa. Fizemos amor no tapete da sala, sem nos preocupar com Einstein, que nos olhava com ar de reprovação, encarrapitado na biblioteca.

Revigorada, logo encontrei forças para enfrentar o relato da vida de Johanna. Antti bem que tentou me arrancar da minha leitura, citando as passagens mais idiotas de *Pais & Filhos*, mas, depois que pedi que se calasse uma ou duas vezes, ele entendeu que aquelas páginas eram importantes para mim.

Sempre gostei de autobiografias – sem dúvida, por causa da minha curiosidade, da minha irreprimível vontade de intervir na vida dos outros. As narrativas de pessoas completamente normais eram as que mais me interessavam, e elas já existiam em abundância. Queria conseguir ler as páginas

de Johanna como as de um livro sobre uma mulher de 30 anos, da região de Oulu, mas não era possível. Suas frases pudicas, cuidadosamente impressas, diziam muito mais.

Nasci há 33 anos, em Karhumaa, na comunidade de Yli-Ii, um pouco ao norte de Oulu. Na época, havia em nossa vila uma escola pública, uma igreja, duas mercearias, dois bancos, uma farmácia e uma sala de reunião da Associação dos Agricultores, que era usada para as assembleias de oração. O centro de Yli-Ii era a uns 20 km e a comunidade local era amplamente autossuficiente. Meus pais eram agricultores, assim como os pais deles. Quando nasci, eles já tinham três filhos e, logo depois, ainda tiveram mais um menino e uma menina, dez anos mais nova do que eu. Seis filhos eram bem pouco para Karhumaa.

Muitas famílias tinham dez ou mais, pois quase 90% dos habitantes eram laestadianistas. Nossa religião não admite a utilização de nenhum meio de contracepção, nem o aborto, e as famílias numerosas são consideradas uma bênção divina.

Tenho lembranças de uma infância feliz, apesar das práticas religiosas rígidas. Tinha muitos colegas da minha idade, com quem dividia várias atividades: brincávamos de casinha, aprendíamos a fazer pão e doces e participávamos dos trabalhos da fazenda. Como era a filha mais velha, naturalmente ajudava minha mãe. Aprendi a tirar leite das vacas aos cinco anos e, aos sete, cozinava como uma adulta. Tinha 10 anos quando minha irmã caçula nasceu, e nunca me senti tão orgulhosa quanto quando meu pai disse que eu trabalhava tão bem, que não precisávamos de mais ninguém para manter a casa enquanto minha mãe dava à luz.

Também tenho boas lembranças da escola da vila. Como sabia ler desde os 5 anos, comecei a estudar um ano antes. Nossas professoras eram muito severas e, às vezes, até mesmo cruéis, mas eu era ajuizada e boa aluna, então, elas não tinham o que reclamar de mim. Mas eu tinha um problema: meus cabelos. Eles eram encaracolados e indomáveis, impossíveis de amarrar em tranças apertadas. Sempre era repreendida por causa dos meus cachos rebeldes; no entanto, era proibida de cortá-los. Percebi, bem cedo, que cabelos encaracolados representavam o mal e a tentação, mas me lembro de, às vezes, tê-los soltado, quando estava sozinha, e ter tido prazer em sentir o peso deles em meus ombros e as cócegas em meu rosto.

Pude entrar no colégio, ao invés de ficar na escola local, em parte graças à reforma do sistema escolar, prevista para o ano seguinte, que me teria obrigado a ir estudar em Yli-Ii de qualquer jeito. Tinha ficado em primeiro lugar na prova seletiva – resultado que me tinha deixado secretamente orgulhosa. Esperava por essa mudança com sentimentos ambíguos, misturados com terror. Estava ávida por aprender, mas temia o contato com os incrédulos. E faziam questão de alimentar meu medo: durante todo o verão, antes de entrar no colégio, só ouvi conselhos de cautela.

Meu irmão mais velho já estava no primeiro ano do ensino médio, no mesmo estabelecimento, o segundo repetia o quarto ano do fundamental e o terceiro estava no ano seguinte. A repetição de Simo tinha coberto a família de vergonha e tristeza. Ainda me lembro da cara do meu pai quando ele soube e da surra que deu no meu irmão.

Com certeza, tinham mandado meus irmãos cuidarem para que eu me conduzisse corretamente na escola. Na verdade, nós nos vigiávamos uns aos outros, era e ainda é uma das características do modo de vida dos habitantes de Karhumaa. O ônibus nos deixava na escola às 7h55 ou às 8h55, e o da volta saía às 15h15. Com isso, não nos sobrava muito tempo para levar uma vida de

pecado. Nos primeiros anos, uma grande parte dos professores também era laestadianista e, na época, o problema da televisão escolar ou da expressão corporal ainda não existia.

Havia uma biblioteca da qual se ocupava um professor de finlandês – não a minha, que era uma mulher, crente fervorosa, mas um homem de uns trinta anos, chamado Yli-Autio, que obviamente tinha obtido o cargo por algum erro, pois, ainda que fosse filho de um colega de sala do diretor, ele tinha renegado a fé de seus ancestrais. Havia nas prateleiras, claro, muita literatura religiosa para crianças e adolescentes, mas também obras enciclopédicas e clássicos e, às vezes, Yli-Autio tinha coragem até de encomendar livros juvenis contemporâneos. Só os alunos não laestadianistas ousavam pegá-los emprestados.

Lembro-me particularmente do meu último ano de colégio. Nas quartas, as aulas terminavam às duas da tarde, e era exatamente nesse momento que a biblioteca abria. Eu passava momentos felizes, esperando o ônibus, lendo livros proibidos. Yli-Autio, que certamente tinha percebido minha paixão pela leitura, me guiava, com tato, das obras de Anni Swan e de Lucy M. Montgomery – que, pertencendo também à literatura proibida, eram lidas inclusive por frequentadores assíduos da igreja – em direção aos romances mais modernos. Descobri neles situações que me eram completamente estranhas, como pessoas que se beijavam sem serem casadas, e até garotas que tinham bebês, sem que as suas relações fossem abençoadas. Não compreendia, pois, como alguém podia ter filhos fora do casamento?

Comecei pouco a pouco a entender que havia no mundo muitas coisas das quais nunca tinha ouvido falar. O mais difícil, sem dúvida, foi constatar que as pessoas qualificadas em Karhumaa de pecadoras ou infiéis podiam ser charmosas e interessantes. Na minha sala, havia outra menina, Anne, tão chegada à leitura quanto eu e cujo pai era médico e a mãe, artista. Inevitavelmente, ficamos amigas. Sempre pronta a mudar o mundo, ela queria me abrir novos horizontes e me levar para o caminho do pecado. Meus pais viam nossa amizade com péssimos olhos, mas quando o pai de Anne ligou, ele mesmo, para lhes perguntar se eu podia passar a noite na casa deles numa sexta depois da escola, eles não tiveram coragem de me proibir. Era nosso último ano, antes do ensino médio. Eu já tinha virado uma mulher, já usava meu primeiro sutiã, comprado com vergonha, e tentava todo mês esconder minha menstruação do meu pai e dos meus irmãos. Esses mistérios criados em torno das realidades da vida hoje me parecem loucura, já que sempre havia mulheres grávidas na vila e partos, pelo menos uma vez por mês.

Parece que ele já tinha reparado em mim há muitos anos, na igreja, e tinha prometido me ter como esposa...

Interrompi minha leitura e folheei as páginas que tinha nas mãos. Era claro que faltavam uma ou duas. Era frustrante. Gostaria muito de saber o que aconteceu na primeira noite em que Johanna saiu na cidade. Teria ela omitido esse trecho propositalmente ou o teria simplesmente retirado, levada pela vergonha ou culpa?

Antti já roncava ao meu lado, a bochecha encostada em uma foto de bebê da *Pais & Filhos*. Joguei a revista no chão e, cuidadosamente, coloquei o texto de Johanna em meu criado, pois estava com muito sono para continuar. Só tive tempo de escutar o ranger da casa por um instante, antes de mergulhar nas profundezas de um mundo delicado, perfumado a neve, onde nunca se tinha ouvido falar desse maluco furioso Halltunen.

Na manhã seguinte, consegui finalmente marcar um horário com Niina Kuusinen e, depois de algumas tarefas rotineiras, estava pronta para me atirar de novo na autobiografia de Johanna. Aparentemente, o pastor Leevi Sântti tinha entrado em cena.

...Parece que ele já tinha reparado em mim há muitos anos, na igreja e tinha prometido me ter como esposa. Eu sonhava em estudar medicina, depois do ensino médio. A inspiração me tinha vindo, sem dúvida, da admiração que tinha pelo pai de Anne. Meus pais não queriam nem ouvir falar da ideia, apesar das minhas excelentes notas no vestibular. A única nota média com a qual tive que me contentar foi em matemática. Propuseram-me uma escola de economia doméstica ou de comércio aplicado, mas nem um nem outro me interessava.

Devo admitir que estava um pouco apaixonada por Leevi. Ele tinha 26 anos, ou seja, oito anos a mais do que eu, e era bastante sedutor, com aparência bem cuidada e vestido elegantemente, para um habitante de Karhumaa. Seu pai e seu avô eram pastores famosos, que tinham acumulado uma boa fortuna. A fazenda dos Sântti era uma das mais bonitas da comunidade. Leevi também tinha deslanchado uma carreira de pastor e planejava construir sua própria casa, ao lado da de seus pais, assim que formasse uma família. Ele disse que me tinha escolhido porque eu tinha a idade certa e uma beleza agradável a Deus. Isso certamente me lisonjeou, pois, além do pai de Anne e um menino por quem me apaixonei no colégio, ninguém nunca me tinha achado bonita.

Casamo-nos duas semanas depois da cerimônia de entrega dos diplomas do ensino médio. Nas bodas, estavam não só toda a vila, como também muitos membros da comunidade laestadianista da região. Para dizer a verdade, estava orgulhosa de casar com um homem tão reconhecido e respeitado e, naquele dia, me senti como uma rainha.

Meu vestido era bem ajustado, de um branco imaculado, e eu tinha conseguido modelar meu cabelo de forma que alguns cachos teimosos saíssem do meu véu. Por outro lado, não ousei usar o batom que Anne me tinha dado, apesar da vontade que tive. Não estava preparada, de forma alguma, para o que aconteceu naquela noite.

Nosso professor de higiene, que seguia com rigor os conceitos da nossa igreja, tinha ignorado as questões sobre educação sexual, dizendo que elas só interessavam às pessoas casadas. Minha mãe me tinha dito que cabia ao meu marido me orientar. Tinha chegado a algumas conclusões a partir de textos e revistas folheados secretamente, mas ler a descrição de uma situação e se encontrar nela são duas coisas completamente diferentes. Depois pude perceber que Leevi tinha, na verdade, uma vasta experiência no campo da sexualidade: ele não tinha se dado ao trabalho de permanecer casto até o casamento.

Não imaginava a dor, o sangue e a vergonha de sentir alguém tocar partes do meu corpo que nunca tinha ousado mostrar nem mesmo à minha própria mãe. O ato se repetia noite após noite, o sangramento parou e mesmo a dor desapareceu ao final de algumas semanas, e aprendi a suportar as necessidades sexuais do meu marido. Fiquei grávida desde o começo do nosso casamento e nosso filho mais velho, Johannes, nasceu no fim de março, alguns dias depois do meu 19º aniversário. Em novembro já estava grávida de novo e, depois, minha vida foi só uma sucessão de gravidezes, aleitamentos, crianças e cuidados com a casa. Leevi estava ausente a maior parte do tempo, por causa de suas viagens de pregação e, apesar de toda ajuda da minha mãe, minha irmã e minha sogra para cuidar da família, nunca me perguntei sobre como encaixar algum lazer em minha vida. Normalmente, à noite, caía na cama completamente esgotada pelas fadigas do dia.

Depois do nascimento do meu quinto filho, Matti, fiz uma descoberta que me é difícil relatar por escrito. Matti era um bebê grande, de 4,5 kg, e tive uma grave dilaceração durante o parto. Ao lavar a cicatriz com uma ducha, percebi que o formigamento causado pela água e o contato com meus dedos, em certos pontos, provocavam uma sensação de prazer. Assim, tive a experiência do pecado da masturbação, que jamais confessei. O Cujo tinha visivelmente começado a fazer seu trabalho em mim, pois ideias rebeldes vinham à minha cabeça, cada vez com mais frequência. Aos 25 anos, por exemplo, lembro-me de querer fugir pela primeira vez. Sonhava em pegar o ônibus para Oulu, comprar produtos de maquiagem, roupas novas, comer uma refeição feita por outra pessoa e dormir em uma cama arrumada por outra pessoa, com roupas de cama lavadas por outra pessoa.

Mas claro que não fugi; gostava demais dos meus filhos. Por fora, eu parecia a esposa perfeita de um pastor: humilde, boa dona de casa, educadora dos filhos na religião, mas achava terrível puni-los por uma curiosidade normal da idade, por exemplo, sobre o próprio corpo, e reprimir a imaginação deles. Não queria que eles fossem tão ignorantes e frustrados quanto eu. Minha oitava gravidez já foi difícil. Estava com anemia e, às vezes, tinha hemorragias uterinas preocupantes. A nona foi arriscada do começo ao fim. Meu útero estava cansado de ser constantemente cobrado e o tempo todo ameaçava romper-se. Na primavera de 1994, passei mais de dois meses na Clínica Ginecológica de Helsinque, onde um mundo completamente novo me foi revelado.

Nunca me tinha afastado de casa por mais do que uma semana e sentia muita falta das crianças. No entanto, era um prazer ficar deitada, com pessoas cuidando das minhas necessidades. Ninguém controlava meus passos e gestos. Podia ler o que quisesse e até mesmo assistir à televisão. Durante essa estadia, desobedeci a várias normas da nossa religião, mas também aprendi coisas surpreendentes, como, por exemplo, que a sensação maravilhosa que sentia ao tocar minhas partes íntimas se chamava orgasmo.

Quase morri no parto da minha filha Maria, e o médico da Clínica Ginecológica me avisou que meu útero não aguentaria nem mais uma gravidez que fosse – o bebê e eu, provavelmente, morreríamos. Ele ficou horrorizado quando me recusei a fazer uma ligadura de trompas, ou mesmo a usar um DIU ou pílula, mas disse respeitar as convicções religiosas do casal. Era melhor Leevi saber que precisaria se submeter à vontade de Deus; eu começava a duvidar. Em alguns momentos, essa dúvida despertava em mim fortes sentimentos de culpa e angústia, sobre os quais eu não podia conversar com ninguém. Tentei convencer Leevi a não ter relações sexuais comigo, lembrando os riscos de uma nova gravidez, mas ele me respondeu que o dever de uma esposa era de obedecer ao marido e que Deus olharia por nós.

Outubro passado, descobri que estava grávida de novo. Foi como uma condenação à morte. Leevi não queria nem ouvir falar de uma interrupção da gravidez. Ele me bateu quando sugeri isso, e lembro-me de ter esperado que seus golpes provocassem um aborto espontâneo, mas nada.

Quando meu próprio médico confirmou o extremo perigo daquela gravidez, a ficha caiu. Não queria morrer, não queria abandonar meus filhos queridos. Percebi que odiava tanto Leevi quanto minha religião. Tinha ouvido falar, na Clínica Ginecológica, de um centro de terapia para mulheres e telefonei à psicóloga que o dirigia. Ela me disse que eu tinha todo o direito de abortar e prometeu me alojar, se eu não pudesse voltar a Karhumaa em seguida.

Sabia que opai de Anne tinha um consultório particular em Oulu. Deixei meus filhos com

minha irmã, sem lhe dizer aonde eu ia, o que eu nunca tinha feito. Para meu alívio, ele se lembrou de mim e entendeu minha situação. Logo me enviou ao hospital. Ele percebeu que eu tinha que agir o mais rápido possível, enquanto estava com coragem. Queria aproveitar para ligar as trompas, mas, para isso, precisaria do consentimento do meu marido.

Apesar de tudo, o aborto foi uma experiência insuportável. Tinha consciência de ter cometido um pecado terrível, um assassinato. Tinha me posicionado contra minha religião e meu marido. Talvez quisesse ser punida quando voltei para casa para contar o que tinha feito. Leevi me bateu na frente das crianças e me expulsou de casa. O máximo que pude fazer foi pegar um casaco. Felizmente, o pai de Anne tinha me prometido ajudar, e foi com o dinheiro que ele me emprestou que fui para Rosberga.

As semanas que passei aqui foram difíceis. Leevi me proíbe de ver meus filhos e sinto falta deles. Tenho dificuldade em suportar o peso do pecado que cometi, mas encontro força para viver porque sei que eles precisam de mim. É por eles que faço o que faço. Tem que haver uma maneira de eu tê-los junto de mim de novo.

Ao terminar de ler a autobiografia de Johanna, fiquei por um momento sentada à minha mesa. Estava tão ultrajada que me sentia fisicamente mal. Já conhecia, por alto, sua história, e sabia que ainda existiam destinos parecidos, mesmo na Finlândia, mas eu fervia de ódio. Podia-se ler, nas entrelinhas, as humilhações, a violência psicológica e física, a ignorância sobre o próprio corpo. Sempre tinha tido pavor de extremismo religioso. Minha própria relação com Deus era fria e civilizada, nos deixávamos em paz mutuamente.

Nesse instante, bateram à minha porta. Reconheci Taskinen só pela regularidade do barulho: três pequenas batidas, de duração e força exatamente iguais. Falei para ele entrar.

– Oi, Maria! Como começou o ano? – começou, com uma falsa descontração.

Concluí que ele tinha alguma coisa chata a me dizer.

– Tudo bem. Ainda tenho, como prioridade, a morte de Elina Rosberg. Tenho que ir interrogar um suspeito em Karhumaa, próximo a Oulu. Uma das convidadas do Natal de Rosberga afirma que seu marido estava na mansão, na hora do desaparecimento de Elina. Gostaria de verificar o álibi dele.

– A polícia local não pode cuidar disso? Ou a Polícia Judiciária Central de Oulu?

– Gostaria de cuidar disso pessoalmente – respondi, de repente percebendo o quanto estava curiosa em ver a vila de Karhumaa, conhecer a família Sääntti e, principalmente, Leevi.

– Temos que pensar também na sua segurança...

Taskinen fez uma careta e coçou o nariz, com um ar estranhamente indeciso.

– Você quer dizer Halttunen? Ele não vai me seguir até Oulu!

– Não temos a mínima ideia de onde ele está agora. Houve dois ataques a bancos ontem: um em Hattula, outro em Teisko. De acordo com o vídeo, ele pode ser um dos ladrões. E o modus operandi lembra o caso do banco postal de Soukka. Ström lhes contou, a Palo e você, que foi Halttunen mesmo que matou o pai?

– Já foi confirmado?

– As testemunhas estão mais para mendigos alcoólatras, suas declarações soam pouco confiáveis. Esse maluco encontrou o pai em companhia de mais dois bêbados. Primeiro, o atacou com umas doze facadas, depois pegou uma serra para acabar o serviço. Os companheiros estavam tontos, fugiram e não avisaram a polícia, pois ficaram com medo de parecerem suspeitos. Na prisão, Halttunen jurou

várias vezes que fugiria, para acertar velhas contas. Entre outras coisas, disse que mataria o pai.

– Além de Palo e eu, não é?

– Ameaçou vocês, é verdade, assim como o procurador e o juiz, e, na minha opinião, seria melhor levar isso em consideração. Não me surpreenderia se vocês estivessem realmente em perigo.

Abri a gaveta de cima da minha mesa, para pegar o revólver e meu coldre de ombro.

– Tenho isto. Não me protege nem de flechas, nem de bombas artesanais, mas dá para parar um agressor. Se for rápida o suficiente.

– Palo está muito nervoso. Veio me dizer que seria melhor que vocês não trabalhassem juntos por um tempo.

Vi nos olhos de Taskinen que ele também entendia a lógica daquela sugestão. O ódio patológico de Halttunen pelas mulheres faria com que ele, com certeza, me atacasse primeiro.

– Acho que vou pegar o trem noturno para Oulu, depois de verificar se Sântti está lá.

Taskinen ainda me fez várias perguntas sobre o andamento da investigação, sobre a morte de Elina Rosberg e outros casos, mas tive a impressão de que foi mais para avaliar meu estado de espírito do que qualquer outra coisa. Logo, me mostrei mais relaxada do que estava na realidade, tentando parecer o mais calma e viril possível. Apesar disso, guardei cuidadosamente a arma sob meu blazer e, por um momento, até pensei em pegar um colete à prova de balas.

Felizmente, minha viatura estava em segurança na garagem do comissariado – o que não me impediu, a caminho de Tapiola para meu compromisso, de imaginar que, à noite, poderiam colocar nela todos os tipos de bombas com *timer*.

A Escola de Música de Espoo, onde Niina Kuusinen dava aulas, ficava no prédio do Centro Cultural, no coração de Tapiola. Os alunos estavam de férias, mas ela me informou que ensaiava na sala Grieg, no segundo andar. Conhecia o lugar porque sempre ia à biblioteca e, de tempos em tempos, a um concerto ou ao teatro. Todavia, as salas de aula nos andares superiores me eram desconhecidas e tive que vagar por um tempo, antes de encontrar a certa. Mozart ecoava de uma clarineta, Beethoven, de um trio com piano, além de Grieg e uma *polonaise* sombria de Chopin, que se interrompeu bem no meio de um compasso, quando bati à porta.

O cômodo era pequeno demais e mal cabiam o piano vertical e o piano de cauda, com a tampa fechada.

– A polícia ainda tem perguntas sobre a morte de Elina? – soltou Niina, antes que eu tivesse tempo de abrir a boca. – O caso ainda não foi solucionado?

– Por enquanto, só sabemos uma coisa: que ela morreu de frio e que estava, no momento de sua morte, em um estado de confusão mental, causado por uma mistura de álcool, soníferos e antibióticos, que podem ter feito com que ela perdesse a consciência. Foi você que lhe serviu o uísque misturado com Dormicum?

Com um gesto infantil, Niina Kuusinen colocou sua grande mão, com longos dedos e juntas salientes, na frente da boca, e arregalou os olhos amendoados.

– Que uísque?

Sua voz estava um pouco rouca, como se estivesse gripada. Ela tinha ficado de pé, depois de abrir a porta para mim, mas, de repente, se deixou cair no grande tamborete do piano. Encostando nas teclas no caminho, os longos cabelos castanhos caíram sobre seu rosto, cobrindo-o até que ela os empurrou, por cima do ombro.

– Não tenho a menor ideia do que você está falando. Alguém matou Elina com uísque

envenenado?

– Não exatamente. – Sentei-me em frente a ela, em outro tamborete. O cômodo era tão apertado que meus joelhos quase encostavam nas suas coxas, cuja magreza era ressaltada pelo veludo preto da calça. – Por que você foi a Rosberga no Natal, Niina?

– O que isso tem a ver com a morte de Elina? – ela tocou alguns acordes rápidos no teclado. – Por quê? Porque me sentia sozinha. Meu pai está na França. Ele passa todos os invernos lá, desde que minha mãe morreu de câncer, há três anos. Detesto Natal, com a pausa obrigatória e a pretensa alegria familiar. Não passa de uma troca de mercadorias. Não tinha a intenção de fazer nada de especial naquele dia, mas, de repente, a solidão pesou. Elina me tinha dito que as portas de Rosberga estariam sempre abertas para mim. Entrei em um táxi e fui.

Nunca tinha considerado Elina Rosberg, enquanto ela estava viva, como o tipo mãezona, colocando todo mundo debaixo de suas asas, mas podia imaginá-la recebendo muito bem uma recém-chegada, pedindo a Aira que arrumasse um sexto lugar à mesa e colocando lençóis limpos no quarto de hóspedes. De qualquer maneira, ela não tinha se mostrado tão compadecida da solidão da pobre Niina.

– Então você a conhecia suficientemente bem, para chegar lá, no Natal, sem avisar?

– Suficientemente bem, não sei... Participei de alguns de seus treinamentos. O primeiro foi sobre imagem corporal, no outono passado. Os treinamentos em Rosberga têm... tinham... uma forte carga emocional. Facilmente travávamos conhecimento. Também estava presente no treinamento sobre autodefesa intelectual, no qual você deu uma palestra, no começo de dezembro.

– Ah, estava? – Geralmente era boa fisionomista, mas Niina parecia ter conseguido se misturar tão bem à plateia que não a tinha percebido. – O que lhe interessava nesses treinamentos?

– A própria Elina. Ela era a melhor psicoterapeuta que jamais conheci. Tinha começado as sessões individuais com ela, em dezembro, mas...

Niina levantou os ombros. O gesto, que era para ser indiferente, fez seus cabelos arrepiarem. Eu me perguntei qual era seu problema, já que ela deixou entender que tinha consultado vários psicólogos, e tomei a liberdade de lhe perguntar.

– Depressão, sentimento de abandono, baixa autoestima. Começou depois da morte de mamãe. Tudo aconteceu tão rápido: quando seu câncer foi diagnosticado, as metástases já tinham atingido os principais órgãos internos, fígado, pâncreas, pulmões. Em três meses, tudo estava acabado. Meu mundo caiu. Como dizia Kari, meu antigo terapeuta: as estrelas se desviaram do seu curso e o universo tomou um novo aspecto.

Um psicólogo falando sobre estrelas que desviaram de curso... Por um instante, isso me fez pensar em Halttunen. Depois lembrei que Niina tinha tentado determinar o lugar onde Elina estava, consultando seu mapa astral. Talvez se tratasse de uma metáfora comum entre os aficionados de astrologia. Apesar de tudo, gostaria muito de saber mais sobre seus antigos psicoterapeutas. Talvez um deles pudesse me dizer se ela era potencialmente agressiva.

– Bem no começo, fui a um psicólogo do Centro de Saúde de Tapiola, mas ele era bem ruim. Ele só ouvia e balançava a cabeça, sem nunca responder nada. Fui à Fundação pela Saúde dos Estudantes: o mesmo esquema. Em seguida, ouvi falar dos cientologistas, no verão seguinte à morte da minha mãe. Não tinha dinheiro e comecei a vender títulos que ela me tinha deixado, para pagar meu primeiro treinamento, mas meu pai entrou no meio. Felizmente. São uns escroques e loucos.

Balancei a cabeça, pensando na selva de almas que se dizem caridosas, que iam à caça de

doentes e pessoas isoladas, prometendo beleza, saúde e fortuna. Pouco importava a maneira como as pessoas encontravam a felicidade, que eles acreditassem em OVNI's benevolentes ou nas virtudes terapêuticas das pedras, contanto que não tentassem manipulá-los ou lhes passar a perna. Eu mesma me tinha deixado levar, uns dez anos antes, feito testes de personalidade de cientologistas, ou de dianeticistas, como eles se chamavam naquela época. De acordo com eles, eu teria necessidade urgente de uma análise mais completa, mas tive a presença de espírito de recusar essa honra.

– Depois disso, conheci uns astrólogos no Salão da Parapsicologia – continuou Niina. – Sempre tive interesse por horóscopo, onde se encontram coisas muito verdadeiras. Não é embromação, mas um jeito de controlar sua vida e ajudar os outros. Eu mesma ofereço serviços telefônicos desse tipo, faço mapas astrais e dou conselhos. É também um tipo de terapia. Mas estou longe de ser tão boa quanto Kari, que, além de tudo, tem uma formação em psicologia.

– Que Kari?

– Meu último psicólogo antes de Elina. O astropsicólogo, Kari Hanninen. Ele associa astrologia e terapia curta.

A descrição assemelhava-se estranhamente ao analista de Halttunen. Quando o tinha visto na audiência, ele me tinha dado a impressão de ser um belo de um charlatão, um manipulador da pior espécie. Contudo, seu diagnóstico sobre a personalidade do paciente batia muito bem com a opinião dos peritos que o tinham examinado, apesar das considerações astrológicas com as quais ele o tinha enfeitado: Halttunen era do signo solar de escorpião e, por natureza, dotado de uma energia destrutiva que, associada a uma infância difícil, só poderia levar à formação de um psicopata. Tinha ficado um pouco surpresa que a defesa pedisse a Hanninen que testemunhasse.

– Por que você trocou-o por Elina?

– Kari não abre mão das terapias curtas e nossa série de dez sessões tinha terminado. Apesar disso, ele tinha me prometido continuar à minha disposição e me ajudar, se precisasse interpretar meus mapas astrais.

Eu me perguntei se a Associação de Psicoterapeutas admitia, nas suas categorias de membros, métodos tão particulares. Talvez eu devesse, de todo modo, dar um telefonema para Kari Hanninen, quando voltasse de Karhumaa.

– Acho que vou ter que encontrar um novo psicólogo – disse Niina, com a voz baixa, e a tristeza em seu olhar não era falsa. – Com a morte de Elina, é meio como se tivesse perdido minha mãe pela segunda vez. Com certeza, era isso que procurava nela, uma figura materna substituta.

De acordo com meus cálculos, Niina tinha 20 anos quando sua mãe morreu. Devia ser uma experiência traumatizante, em qualquer idade. As ligações entre uma criança e os pais permanecem por toda a vida e até mais, pois eles se prolongam além da morte. Por um instante, pensei em meu próprio futuro, na armadilha que ainda estava por vir. Felizmente, ainda tinha perguntas a fazer sobre os problemas de outras pessoas e não sobre os meus.

– Veio alguma coisa à sua cabeça, nesses últimos dias, que possa ajudar a esclarecer a morte de Elina?

Niina balançou a cabeça e repetiu o relato dos acontecimentos da noite de 26. O único novo detalhe foi que, antes de dormir, ela tinha escutado da sua cama, no seu walkman, o “Oratório de Natal” de Bach. Ela parecia ansiosa em falar sobre o que tinha acontecido, mas mais com a intenção de saber o que a polícia tinha descoberto do que de ajudar a esclarecer o caso.

Fui a pé ao centro comercial de Heikintori, onde reservei um leito no trem de Oulu. De lá, talvez

meus colegas pudessem me levar de carro a Karhumaa; tinha que me lembrar de lhes telefonar e perguntar.

A ideia de que Milla e Aira tivessem se enganado e que Elina, na realidade, tivesse se encontrado com Leevi Sääntti me parecia cada vez mais sedutora. Tinha consciência de estar tomando partido, eu o imaginava um pastor viajante, bem articulado, vestido em um terno brilhante, pronto a ameaçar as vovós com as chamas do inferno se elas não resistissem à tentação de assistir a um único capítulo da novela das 9.

Por outro lado, tinha dificuldade em decifrar Niina Kuusinen. De acordo com Tarja Kivimäki, seus problemas não passavam de teatro, mas eu via nela uma verdadeira angústia. Esperava que os astros já lhe previssem tempos melhores.

Acabava de virar na velha estrada de Mankkaa quando meu celular tocou. Não sou fã de usar o telefone dirigindo, mas, mesmo assim, atendi. Talvez Halttunen tivesse sido preso.

– Oi, é Pertsu – ouvi do outro lado do fio. – Não precisa mais se preocupar com Halttunen, sabemos onde ele está. Está entrincheirado, em uma casa vazia em Nuksio, com um refém. Ele capturou Palo quando ele saía do médico trabalhista, onde tinha ido pegar uma receita de tranquilizantes.

Nove

O bosque tinha perdido sua tranquilidade. A estrada não tinha sido bloqueada, mas o caminho que levava ao chalé tomado por Halttunen estava sendo vigiado por uma patrulha de polícia do nosso comissariado, que só me deixou passar depois de verificar cuidadosamente o que eu levava.

A casa ficava escondida, nas profundezas da floresta, à beira de um lago congelado, a apenas poucos quilômetros de Rosberga. Como Halttunen tinha tido a ideia de ir para lá? Será que conhecia os proprietários?

O chalé estava cercado por menos viaturas do que eu tinha imaginado. Nada de helicópteros barulhentos, nem veículos militares, mas quase todas as pessoas presentes tinham uma arma à mão. Localizei Pertsä, com um cigarro na boca, e Pihko, de capacete, na companhia de Taskinen, e pedi ao policial mais próximo, um jovem com ar tenso, permissão para me juntar a eles. Ele me levou até o local, protegido por uma fortaleza de carros e sacos de areia. Taskinen, ao telefone, discutia em tom decepcionado, aparentemente, o envio de reforços. Quando me viu, fez um movimento na minha direção, e, por um momento, achei que fosse me abraçar, mas paralisou-se no meio do impulso.

– Quer um capacete e um colete? – perguntou-me Pihko, sem rodeios.

Aceitei e, enquanto ele foi buscá-los, perguntei a Pertsä o que tinha acontecido.

– Taskinen mandou Palo ir ao médico. Com certeza achava que ele precisava de férias, em pânico como estava, por causa de Halttunen. Mas depois da consulta Palo disse que não queria a folga, e sim tranquilizantes. Halttunen deve tê-lo seguido quando ele saiu do comissariado e entrou no carro, para esperar no banco de trás, na saída do consultório médico. Mandou que Palo dirigisse até aqui e, quando chegaram, ligaram para nós.

– Alguém falou com Palo? Temos certeza de que ele está vivo?

– Pelo menos estava, há 15 minutos, e não ouvimos tiros desde então. Espero que seu coração não vá entregar os pontos. Ele teve sérios problemas de arritmia há uns anos.

Pertsä tentava falar em seu tom normal de pouco-me-importa, frio e cínico, mas, dessa vez, sem conseguir. Sua voz estava trêmula de raiva e de medo e, assim que seu cigarro terminava, acendia outro, com uma mão que não conseguia de primeira inflamar a chama do isqueiro. Pihko trouxe um colete à prova de balas e um capacete, que logo vesti.

Halttunen tinha escolhido seu covil habilmente. O chalé de pranchas de construção padrão, de aproximadamente 50 m², se erguia à margem de um pequeno lago. Esse lago era cercado por uma clareira e a vista era limpa desse lado, a mesma da linha de fogo. À esquerda, com relação ao caminho estreito na floresta, e dando para ele, havia a janela de uma sauna, que ocupava a extremidade da casa. O único problema para Halttunen era que não havia uma abertura permitindo ver a parte do caminho situada atrás da construção que, depois de ser contornada, fazia uma curva para a esquerda, ao pé de uma colina alta e rochosa, coberta pela floresta. Porém, com a janela que se abria do lado direito, um bom atirador poderia colocar em sua linha de fogo qualquer coisa que se movesse ao redor do chalé – mesmo se apontar para agressores, vindo de trás, não fosse seguro, pois

ele arriscava ser pego de surpresa nesse momento.

Apesar de tudo, Halttunen se encontrava em uma situação crítica, e eu não conseguia entender por que ele insistia em chamar atenção para si mesmo, fazendo um refém. A menos que ele só estivesse agindo por vingança.

– Ele fez exigências? – perguntei a Pertsu.

– Fez, as normais: um carro e dinheiro. Diz ter dentro desta espelunca um estoque de armas e explosivos. O pior é que deve estar falando sério. Ele está no campo há dias. Teve muito tempo para conseguir um verdadeiro arsenal.

– Exato. Mas ele matou o pai com uma serra, não com tiros. Revólveres não parecem fazer seu estilo; até agora, ele usou principalmente armas brancas e os pulsos. Mas não sei se podemos chegar a alguma conclusão, seja lá qual for, em uma situação como essa. Sabe-se a quem pertence o chalé?

– Um casal de idosos de Helsinque. Estamos tentando contatá-los agora. Até o momento não conseguimos encontrar nenhuma ligação entre Halttunen e eles, mas sabe como é com este tipo de casa. Normalmente ficam vazias no inverno e é fácil arrombá-las para entrar.

Taskinen, que tinha finalmente terminado de falar ao telefone, aproximou-se de nós. O olhar que lançou para mim estava cheio de angústia, e seus olhos cinza tinham escurecido vários tons. A pele do seu rosto estava distendida, como uma máscara incolor, apesar do frio.

– Maria, você não tinha obrigação de vir – disse, estendendo a mão, e tocou meu ombro, com uma timidez adolescente.

– Como poderia estar em outro lugar? É por pura sorte que não sou eu lá e sim, Palo.

Ao formular, em voz alta, o que repeti em minha cabeça durante todo o trajeto, senti que começava a desmoronar. Estava com vontade de chorar, de gritar, mas o frio tinha solidificado minhas lágrimas, em alguma parte no fundo de mim, e um nó na minha garganta me impedia de emitir o mínimo som. Somente minhas pernas não estavam petrificadas – moles como neve recém-caída, elas mal me sustentavam.

– Maria? Tudo bem?

A voz de Taskinen parecia vir de longe, mas seu rosto estava bem perto do meu. Suas mãos me seguraram pelos ombros, me mantendo de pé, acalmando a tremedeira incontável que me sacudia. A viseira do meu capacete caiu sobre meu rosto e, sem me preocupar em levantá-la, apoiei a cabeça no côncavo da sua axila. Seu abraço tinha algo de desesperado e percebi que ele tinha tanta necessidade de contato quanto eu. Só quando ouvimos um comboio de veículos se aproximarem foi que nos separamos. Atrás das vans azuis e brancas da polícia, o vermelho brilhava. Um caminhão de bombeiros, ou mesmo dois.

– Não tenho certeza de que trazer reforços seja muito útil. Tenho medo de que a situação só piore se colocarmos helicópteros sobrevoando e homens da Força Especial de Intervenção subindo em árvores. Sem falar dos jornalistas. – suspirou Taskinen, ao ver um veículo do canal de televisão, MTV, tentando ultrapassar a barreira que protegia o local. – Não falamos que manteríamos a mídia fora disso, por enquanto? – vociferou ao telefone, antes de se virar para mim. – Infelizmente não cabe a mim decidir, os chefões vão chegar daqui a pouco. É melhor que isso não acabe como o caso Larha ou Huohvanainen. Quando as coisas acabaram mal com ele, em Hirsala, Ström e eu estávamos lá. Palo também, e não é que ele está agora no chalé?

– E o que é que teríamos que ter feito em Hirsala? – grunhiu Pertsu. – Olhar sem reclamar enquanto esse fodido, campeão de tiro, derrubava policiais como coelhinhos e deixá-lo fugir? Pode

acreditar, estou de saco cheio de todas essas almas sensíveis, que soltam gritos chocados quando a polícia faz seu trabalho!

Seu rancor era familiar e tranquilizador, remetia a coisas organizadas, dando ao mundo um aspecto quase normal. Senti os músculos das minhas pernas voltarem a funcionar e reencontrei minha voz.

– O principal é tirar Palo inteiro dessa enrascada. Quem está comandando a operação?

– A princípio, a Polícia Departamental – respondeu Taskinen. – Já que você está aqui, talvez possa ficar até que eles cheguem. Foi você que interrogou Halttunen com Palo, então o conhece um pouco, e sabe da raiva que ele tem por vocês. Seria bom escutá-la, antes de planejar uma intervenção. Se você se sente bem.

– Vou ficar bem. Mas tenho que ligar para Antti, antes que ele ouça no rádio que Halttunen fez um policial de refém.

Às vezes, Antti tinha dificuldade em lidar com o perigo inerente à minha profissão. Nós nos conhecemos na época de um caso de assassinato do qual ele era um dos suspeitos, e tivemos, nas nossas relações, outro assassinato violento que fui levada a investigar. Ele sabia que eu tinha tendência a avançar sem olhar, sem pensar, e devo admitir que já tinha corrido riscos enormes. Era frequente ele sentir mais medo do que eu, como dessa vez, por causa de Halttunen.

Quando lhe contei o que tinha acontecido, de qualquer jeito, ele explodiu.

– Não fique aí! Esse cara, com certeza, quer te matar também. Deixe-me falar com Taskinen!

– Não tenho intenção de me expor na linha de frente.

– Mas não tem nada que você possa fazer aí!

– Exatamente. Mas só sairei daqui quando me expulsarem. O que não tardará. De qualquer maneira, eles vão trazer a Força de Intervenção e o Batalhão da Guarda, e, em seguida, a polícia comum não terá mais nenhuma função – disse, surpreendendo-me com minha amargura.

O debate nos últimos anos sobre a tendência das forças de ordem a atirar nas multidões tinha certamente nos afetado. Eu tinha acabado de me formar quando um colega abriu fogo na praça do mercado de Mikkeli. A emoção mal tinha sido retomada, e Larha, Huovanainen e aquele pobre jovem, em Vesala, foram mortos. Repreendíamos tanto os delinquentes quanto os policiais, por terem o gatilho muito solto.

Mais ou menos na mesma época, o exército abria as portas para as mulheres, enquanto inúmeros treinamentos de tiros ficavam cheios de pequenas soldadas entusiastas e o espaço aéreo, tomado por caças caros demais. Não era a única a me perguntar se havia uma relação entre esses fenômenos. Fazia parte de uma geração cujos meninos escreviam longas redações de motivação, a fim de obter o status de oposição com consciência, de uma geração que se manifestava, gritando slogans pela paz nos quais ela quase acreditava. E mesmo se, aos olhos de alguns, eu tivesse mudado de lado ao entrar para a escola de polícia, não imaginava que no meio dos anos 1990 a fascinação pelas armas e pelos militares seria tão forte.

É claro que Pertsa quis saber se eu teria escolhido o exército, se eu tivesse tido a idade certa. Não soube o que responder, principalmente porque ele esperava um posicionamento claro e distinto. Porém, no final das contas, eu teria recusado, pois participar em atividades absurdas, concebidas por cérebros masculinos não ajudava, na minha opinião, a causa da igualdade. Meu militarismo se limitava a fazer minha corrida, no ritmo de Sargento Karoliina, da banda Popeda. E lá estava eu, congelando na floresta de Nuuskio, com capacete e colete à prova de balas, a me perguntar se seria

ético atirar em um fugitivo que tinha capturado um dos meus colegas como refém.

Taskinen já tinha colocado, por telefone, o comissário divisional da Polícia Departamental a par da situação, mas ele insistia, desde a sua chegada, em rever todos os detalhes dos acontecimentos.

O controlador geral Koskivuori, do Ministério do Interior, parecia ter a opinião de que, como a credibilidade e a segurança das forças policiais do país estavam ameaçadas, operações de grande porte eram primordiais, a fim de recuperar Palo vivo. Eu sabia o que essas frases vibrantes significavam. Elas previam a chegada da Força Especial de Intervenção, de pilotos de helicópteros e talvez até de veículos militares de transporte de tropas.

– Que contatos vocês tiveram com Halttunen?

– Ele usou o celular de Palo para ligar para nós. Não respondeu a nossas tentativas de diálogo, mas nada impede que o senhor tente.

Por baixo de seu tom oficial, a irritação rompia na voz de Taskinen. Talvez fosse difícil para ele, no final das contas, deixar escapar o comando das operações.

– Conseguimos contatar a filha dos proprietários do chalé. Eles estão passando o inverno na Espanha e pode ser difícil avisá-los. De acordo com ela, a casa é equipada com uma lareira e uma fornalha a óleo, para as épocas de muito frio, que devem estar prontas para funcionar. Não há eletricidade, mas provavelmente há velas, algumas lanternas e lamparinas a óleo. E, com certeza, também um bom estoque de conservas.

Nenhuma fumaça subia da lareira; Halttunen devia ter acendido a fornalha a óleo. Seria impossível cortar a eletricidade, como em Hirsala, já que a casa não era nem ligada à rede. A noite caía e os homens da Polícia Departamental instalavam holofotes. Da janela aberta de um carro emanava um cheiro de café e percebi, surpresa, que estava com fome.

Taskinen expunha o currículo de Halttunen ao comissário divisional, que já tinha obtido informações junto à prisão central. Todos tinham confirmado as ameaças recorrentes de Halttunen de fuga e de vingança.

– Ele foi acompanhado por um psicoterapeuta. Poderia ser útil ouvir a opinião dele. Para não repetir os erros de Hirsala – murmurei, à meia-voz, mais para mim mesma, do que para Taskinen ou para o comissário Jäämaa.

Ele, contudo, virou-se para mim e perguntou, em um tom no mínimo brutal:

– E a senhora, quem é?

Taskinen se apressou em responder antes de mim, e o senhor comissário divisional da Polícia Departamental declarou que desejava ter uma conversa, um pouco mais tarde, com a inspetora geral Kallio, na sua viatura. Mas antes queria tentar entrar em contato com Halttunen.

– O comissário poderia tentar telefonar para ele – murmurou Pihko, nas costas de Jäämaa, que se distanciava. – Mais alguém está com fome? Posso ir comprar comida, há um tipo de mercearia na estrada de Turku, não?

– Traga para mim também um micro-ondas e outra ceroula – soltou Pertsa.

Eu experimentava uma sensação de irrealidade, plantada naquela floresta, esperando que alguma coisa acontecesse. Sempre tive dificuldade em esperar, estava acostumada a agir, frequentemente mesmo sem pensar. Eu me perguntava o que teria feito se fosse eu naquele chalé, no lugar de Palo, mas especular era inútil, pois só tinha uma ideia geral da situação e ignorava, por exemplo, que armas Halttunen tinha à sua disposição. Só sabíamos que ele tinha agido sozinho e que só ele e Palo estavam na casa.

Era fácil imaginar como Palo devia estar com medo. Era policial de profissão, sabia como esse tipo de caso costumava acabar, ao contrário do cidadão comum, amante das séries de televisão, que poderia esperar que a situação se resolvesse sem confusão: um atirador de elite desceria pela chaminé e mataria o malvado.

Halttunen teria inteligência suficiente para interrogar Palo sobre o provável desenrolar dos acontecimentos? Nosso colega em Hirsala sabia a operação pesada que deveriam esperar. E a situação era ainda pior dessa vez. Com certeza, Halttunen não era um atirador tão bom quanto Huohvanainen, mas ele tinha um refém.

Um enviado do comissário divisional interrompeu meus pensamentos. Eu o segui até sua viatura. Fazia calor lá dentro e não recusei o café que me ofereceram.

– Halttunen finalmente respondeu. Sem dúvida, percebeu que a pressão estava aumentando. Ele exige um telefone equipado de um autofalante. Aparentemente, ele não quer que o inspetor principal Palo fale conosco sem vigilância. Vamos fazer o necessário imediatamente.

Jäämaa tomou grandes goles do seu café. Eu esquentava minhas mãos no calor da caneca, escutando meu estômago roncar.

– Inspetora chefe Kallio, então a senhora é uma dos dois policiais que interrogaram Halttunen? E foi com base na investigação feita pela senhora e pelo inspetor principal Palo que ele foi condenado?

– Sim. Os fatos eram simples em si só, e as provas, irrefutáveis.

– Apesar de tudo, ele jurou matar vocês dois?

– Exatamente. Por sinal, eu esperava que ele fosse começar por mim.

Sem perceber, tinha assumido o tom formal de Jäämaa. Era mais fácil assim. Não tinha a impressão de estar falando sobre Palo e mim, mas sobre dois estranhos.

– Por que teria começado pela senhora?

– Ele foi condenado por ter cometido roubos à mão armada e agredido mulheres, principalmente durante os assaltos, por prazer. Ao longo dos interrogatórios, ficou claro que ele estava furioso por ter que lidar com uma policial.

Mais uma vez, lembrei-me dos olhos de Halttunen, pálidos e redondos como os de um bebê, e a expressão deles, que não era de uma criança, mas de um assassino. Voltei a pensar no corpo de Pentti Lindström, mutilado com serra, e o pavor na voz de Palo, quando ele ouviu os movimentos na floresta de Nuuksio.

– O inspetor geral Palo se manteve mais afastado propositalmente, durante os interrogatórios, porque para mim era mais fácil irritar Halttunen e fazê-lo dizer mais do que queria. Ele tem tendência de se vangloriar de suas façanhas, o que nos facilitou o trabalho.

– Onde a senhora acha que Halttunen quer chegar com esse sequestro? A situação não está muito boa para ele.

– Não sei. Pensei que quisesse nos matar, nós dois, e achei que seria capaz de fazê-lo a sangue frio. Talvez ele esteja consciente de ter pouca chance de sair dessa, então optou pela forma mais desesperada, mas não sabemos se ele tem cúmplices que esperam por ele em algum lugar.

– A não ser que ele queira simplesmente morrer e levar, pelo menos, um policial com ele – disse Jäämaa friamente.

Também tínhamos questionado a possibilidade de impulso suicida, no caso do jovem morto em Vesala. Parece que ele não tinha tido coragem de agir sozinho e tinha manipulado a polícia para que ela o fizesse. Não sabia onde a verdade estava, nem o que pensar do colega que, ao invés de atirar

nas pernas, tinha mirado mais alto. Sem dúvida, temia por sua própria vida, como qualquer um.

– A senhora tem trabalhado frequentemente em equipe com o inspetor principal Palo. Saberia avaliar como ele enfrentaria uma situação como esta?

– As ameaças de morte o deixaram extremamente nervoso. Agora, seus maiores medos se concretizaram. Por falar nisso, alguém avisou a família dele?

– Se entendi bem, o comissário Taskinen tentou contatar a esposa... Ouça, inspetora chefe Kallio, gostaria que a senhora permanecesse aqui por agora. Podemos precisar da senhora para as negociações. O que pode nos dizer do psicoterapeuta de Halttunen?

Relatei o pouco que sabia sobre Kari Hanninen, e Jäämaa disse que iria pedir que entrassem em contato com ele. Com pesar, deixei o calor da viatura, para voltar ao vento cortante que soprava da direção do lago congelado. Felizmente, Pihko estava de volta com um saco de mantimentos.

– Você deveria ter comprado salsichas, poderíamos fazer uma fogueira para assá-las – brincou Pertsu, engolindo um bolinho frio.

Eu me contentei com pão de centeio e queijo processado.

– Oh! O que está acontecendo lá? – gritou, de repente, Pihko.

Um dos atiradores de elite da Polícia Departamental se dirigia bravamente em direção ao chalé, depois de ter dado uma grande volta pelo lago congelado. Instintivamente, nos movimentamos para segui-lo com os olhos, o máximo de tempo possível.

– Ele está levando um telefone – expliquei.

– Deve haver homens escondidos, prontos para atirar, assim que Halttunen se mostrar – retrucou Pertsu. – Mas é claro que ele vai mandar Palo.

Subimos a colina até um pinheiro de onde dava para ver a entrada do chalé. Sabíamos que estávamos na linha de fogo, mas Halttunen tinha mais o que fazer se queria controlar a situação do que metralhar os arredores.

Quando o policial chegou à frente da casa, a porta se abriu. Palo saiu.

Um barulhinho bizarro escapou da boca de Pihko. Era impossível ver a expressão do nosso colega, mas sua silhueta estava arqueada e seus passos, arrastados, quando se dirigiu ao telefone colocado à vista. Também vimos o cano do fuzil, apontado para suas costas, através da porta minimamente entreaberta.

– O que eles estão esperando para se posicionar atrás das janelas e encher este cara de chumbo? Merda! – praguejou Pertsu, quando Palo desapareceu no interior do chalé.

– Não podemos abatê-lo desse jeito – observou Pihko. – Com todas essas câmeras de televisão que nos vigiam.

– Que vão para o inferno! Por que deveríamos poupar esse tipo? Caramba! É também com o dinheiro dos meus impostos que mantemos tranquilamente esse tipo de babaca na mordomia, na prisão. Reclamam que os tiras têm o gatilho muito solto, mas quem fala desses vagabundos? Qualquer um pode roubar armas de guerra, mas se, por um acaso, um de nós encostar em um fio de cabelo desses malucos, num piscar de olhos, a mídia cai na nossa pele.

– Suponho que eles estejam esperando para ver o que vai acontecer essa noite; querem ganhar tempo, com certeza. Veja Larha, por exemplo: acabou dormindo – eu disse para acalmar os ânimos, ao mesmo tempo fazendo sinal para que todos se afastassem da linha de fogo de Halttunen.

– Sei, mas e se você estivesse lá dentro e não Palo? O que gostaria que seus colegas fizessem? Que tranquilamente tricotassem meias, enquanto você estivesse correndo risco de morte, ou o quê? –

grunhiu Pertsä.

– Vá dar conselhos a Jäämaa – retuquei.

Taskinen se separou de um grupo grande de policiais, para vir nos encontrar.

– Jäämaa conseguiu falar com eles. Halttunen ameaça matar Palo se não lhe dermos, em duas horas, um carro e 5.000 marcos.

– E Palo? – perguntei.

– Está com medo. Infelizmente, ele estava com um par de algemas, e Halttunen o prendeu a uma barra de ferro da lareira. De acordo com Jäämaa, ele nos suplicou para cedermos às exigências. Implorou por sua vida.

O rosto de Pertsä se endureceu, e me perguntei como ele reagiria se estivesse no lugar de Palo. Sem dúvida, terminaria por implorar também por sua vida, principalmente depois de ter visto a barriga do pai de Halttunen, aberta com uma serra.

– Não são obrigados a ficar – Taskinen falou com Pihko e Ström.

Começava a escurecer, os primeiros holofotes tinham sido ligados. Tiras de nuvens púrpuras e douradas cintilavam atrás do lago. Sem se preocupar em responder, os dois homens levantaram a gola dos casacos. O nariz de Pertsä brilhava, vermelho de frio, os poros de sua pele abriam-se, como dezenas de bocas furiosas. Alguém, no centro de comando, fez sinal para Taskinen voltar.

– Caramba, que frio! – reclamou Pertsä. – Eles estão montando uma tenda militar ali ou o quê? A gente podia ir lá se esquentar. Olhem agora, estão expulsando os jornalistas. Bom sinal, talvez finalmente vá acontecer alguma coisa.

Realmente, uma fila de carros civis tomou a direção da estrada de Nuuksio, apesar de fragmentos de discussões bastante acaloradas terem sido trazidos até nós pelo vento. Eu me perguntei se havia um rádio no chalé para ouvir as reportagens das quais Halttunen seria, pelo menos naquela noite, a estrela. Talvez fosse tudo que ele queria: entrar para a história, mesmo que fosse só por meio dia. Ao mesmo tempo, Palo se tornaria famoso. Esperava, pelo menos, que meu nome não fosse citado.

Taskinen se juntou a nós, os traços talvez ainda mais tensos do que antes.

– Encontraram o corpo de um homem perto de Hämeenlinna, morto com um tiro de fuzil nas costas. Pelas notas manchadas de sangue, encontradas com ele, é possível que ele seja o segundo assaltante do banco de Teisko. O vídeo de segurança confirma essa hipótese. Trata-se de Jouni Tossavainen, que fugiu da prisão departamental de Helsinque há um mês. Foi preso no mesmo bairro que Halttunen.

Ninguém fez nenhum comentário, tão fora de controle parecia a situação. Em seguida, nossa atenção foi direcionada para um bramido de helicóptero. Logo, várias máquinas apareceram, sobrevoando o lago.

– Jäämaa está em contato com a Direção Geral da Polícia Nacional, no Ministério do Interior. Agora são eles que coordenam as operações. Há atiradores de elite a bordo dos helicópteros. Parece que vão deixar Halttunen tremer um pouco, antes de tentar negociar. É preciso também ficar prontos, caso ele resolva correr para fora com Palo. O plano inicial é jogar gás dentro da casa, através da chaminé.

Uma crepitação de arma de fogo interrompeu a fala de Taskinen. Instintivamente, nós nos jogamos no chão. Segurei a vontade de vomitar ao sentir o cheiro da loção pós-barba de Pertsä, que estava com meio corpo sobre mim, e levantei os olhos o suficiente para ver que os tiros vinham da janela da direita do chalé. A salva, que parecia disparada aleatoriamente, cessou em dois segundos.

Tentei analisar o barulho. Halttunen tinha atirado para o exterior da casa, ou os primeiros tiros tinham ressoado no interior? Ou melhor dizendo: Palo ainda estava vivo?

Depois de um tempo, nos arriscamos a nos levantar. Uma luz pulsava no interior do chalé, com certeza uma vela. Logo seria noite. Estava com vontade de fazer xixi. Protegendo-me cuidadosamente, fui me aliviar na escuridão do matagal. Felizmente, tinha lenços de papel no bolso.

Vista da floresta, a área iluminada pelos holofotes parecia um campo militar. Uma lanterna ou um cigarro iluminavam aqui e ali, homens com armas andavam para lá e para cá, falando ao telefone. Os helicópteros tinham-se distanciado, para fora da linha de fogo, mas ainda dava para ouvir o barulho insuportável deles, vindo de alguma parte no sul. Eu me perguntei se era a única mulher no local. Talvez houvesse mais uma ou duas, vigiando o movimento, mas tratava-se essencialmente de jogos de guerra de um Estado-Maior viril e de homens especialmente treinados com, pelo menos, uma vida em risco.

A ordem foi dada a cada um para retomar seus postos. A entrada em cena dos helicópteros tinha deixado Halttunen furioso, que tinha ameaçado de continuar atirando se eles não fossem retirados. Aparentemente, ele ainda dialogava com Jäämaa, pois os gravadores continuavam ligados no centro de comando.

Ao mesmo tempo, vi duas silhuetas negras, com gestos felinos, saírem do escuro e se esgueirar por detrás do chalé, em uma manobra perigosa à primeira vista. A finalidade deveria ser prender um microfone à parede da casa, para poder escutar os movimentos de Halttunen e Palo e talvez até suas conversas. Aparentemente, a tentativa funcionou, pois, alguns instantes mais tarde, os colocadores de microfone estavam de volta ao perímetro de segurança. Os efetivos agora se reagrupavam de acordo com um plano preciso. Na verdade, Pihko, Ström e eu não deveríamos estar lá, mas ninguém tinha coragem de nos expulsar. Palo era nosso colega e Jäämaa tinha, de alguma maneira, justificado minha presença lá, ao declarar que eles poderiam precisar de mim.

Pihko e eu nos mantínhamos tão afastados quanto possível, mas Pertsa, argumentando que não estava armado, foi até o caminhão de munição para pegar um fuzil. De volta, disse que tinham conseguido falar com Palo, que não estava ferido, mas parecia psicologicamente no limite. Então ele se moveu sorrateiramente à frente, com o ar determinado, pronto a ser o primeiro a atirar, assim que Halttunen estivesse em sua linha de fogo.

– O que eles planejam fazer? – perguntou Pihko, saltando de um pé ao outro.

O vapor de sua respiração no ar frio o cercou, como uma nuvem atrás da qual seu rosto desapareceu por um instante.

– Parece uma tática dupla. Por um lado, tentam ganhar tempo; por outro, lembram Halttunen que somos numerosos. Se esses microfones são tão sensíveis quanto penso, saberemos quando ele dormir. Então, atacaremos. Mas será preciso esperar, talvez até 48 horas.

– Você tem intenção de ficar aqui todo esse tempo?

– Já estou completamente congelada, seria melhor ir dormir em casa, se Jäämaa me deixar ir embora. Tem alguma coisa para comer? Ainda estou com fome.

Mordisquei mais um pouco de pão de centeio com queijo processado e bebi suco de laranja, escutando Pihko especular sobre o que iria acontecer. Seus planos eram menos sangrentos do que os de Pertsa, mas estava com a mesma sede de vingança com relação a Halttunen. Quando acabei de me restaurar, ele me olhou de canto de olho e perguntou:

– Está feliz que é Palo que está lá e não você?

Não pude deixar de sorrir, de tão idiota que a pergunta era.

– Claro! E ele estaria feliz, se fosse eu. Olha lá, o que está acontecendo?

Um magnífico Chevrolet vermelho dos anos 1960 estacionou sob as luzes dos holofotes. O homem que desceu dele estava longe demais para que eu pudesse distinguir seus traços, mas seu casaco, com pregas balançando ao vento e os cabelos grossos e loiros, que caíam em seus ombros, lhe davam uma aparência leonina. Já o tinha visto em algum lugar.

– Quem é aquele ali? – perguntou Pihko.

– Não tenho certeza, mas acho que é Kari Hanninen. O astrólogo psicoterapeuta que cuida de Halttunen.

Na primavera, tinha escutado meio distraída, na televisão, um debate entre os líderes da Associação Racionalista Skepsis e adeptos das paraciências. Eles só insistiam nos mesmos argumentos antigos e, como Antti tinha aproveitado para me acariciar com fervor, desligamos o aparelho e fizemos amor tranquilamente. Apesar disso, lembrava-me de uma declaração peremptória de Halttunen, que dizia ter conseguido conciliar astrologia e psicologia.

Ele caminhou em direção ao centro de comando e ficamos esperando que alguma coisa acontecesse. Eu sabia que precisaria ir embora logo. Querendo ou não, não poderia ajudar em nada. Além disso, já queria fazer xixi de novo. Ia me emaranhar nas profundezas da floresta quando Taskinen veio me chamar. Precisavam de mim no centro de comando, para estabelecer um perfil psicológico de Halttunen.

Uma tenda tinha sido montada a algumas centenas de metros do chalé. No interior, brilhava uma fomalha deliciosamente quente. Aproximei-me dela para tentar me descongelar antes de ir até a mesa onde estavam sentados, além de Taskinen e Jäämaa, o que eu supunha serem Kari Hanninen e outros dois figurões, a julgar pela aparência e pelas roupas. No fundo da tenda, os gravadores rodavam em frente a dois ou três homens com fones. Aparentemente, era possível captar o que estava acontecendo no chalé.

– Esta é a inspetora chefe Kallio, que participou dos interrogatórios de Halttunen, em Espoo. Senhor Koskivuori, controlador geral do Ministério do Interior, senhor Matala, diretor adjunto da prisão central de Helsinque, senhor Kari Hanninen, de quem Halttunen foi paciente. Por favor, sente-se, inspetora chefe Kallio – ordenou educadamente Jäämaa.

Hanninen puxou para mim a cadeira vizinha à sua; sua mão encostou em minhas costas, em um gesto inequívoco. Mais de perto, ele tinha aparência de um *rock star* voltando da aposentadoria, ávido por exibir todo seu charme para mim. Aparentemente, era um reflexo desencadeado por qualquer presença feminina, já que, com os cabelos cobertos pelo capacete e o nariz vermelho, pingando catarro, eu devia estar longe de um modelo de sedução.

– Nosso objetivo é determinar juntos quais podem ser as intenções de Halttunen e tentar prever seu comportamento, a fim de elaborar uma tática que o leve a se entregar ou a, pelo menos, liberar o refém.

Trouxeram-me café e um sanduíche de presunto. Acabávamos de revisar e comentar o histórico criminal de Halttunen quando, de novo, ouvimos tiros.

– Ele atirou em nós! – alguém anunciou.

– Temos a cabeça dele na linha de fogo, vamos contra-atacar?

– Não, a cabeça não. Só mantenham-se em segurança – ordenou Koskivuori, sem nenhuma hesitação.

Alguns instantes depois, os tiros pararam. Antes que tivéssemos tempo de retomar as discussões, Halttunen ligou para o centro de comando.

– Vocês só têm uma hora para me conseguir um carro. Ou faço o chalé ir pelos ares. Seu Palo não está exatamente com vontade de morrer. Até cagou nas calças. E tenho explosivos suficientes para que vocês também fiquem com as bundas quentes.

Ouvir novamente a voz tediosa e meio rouca de Halttunen, ressoando em dezenas de orelhas através de alto-falantes instalados na tenda, me deu calafrios. Por um momento, ele detalhou as ameaças e as exigências, com um tom no qual se percebia um desespero que levava ao presságio de que realmente alguma coisa terrível poderia acontecer dentro de uma hora. Finalmente, ele passou a palavra a Palo, que balbuciou:

– Entreguem a ele esse carro. Deixem que ele parta, se não querem que haja mortes. Jyrki, se você ainda está aí, diga para eles que tenho uma esposa e seis filhos.

O olhar de Taskinen cruzou com o meu antes de se fixar nos olhos daqueles que detinham o poder de decisão.

Hanninen, ao meu lado, gesticulava com um ar imperativo; queria falar com Halttunen. Sua exigência por um carro era absurda por si só. Ele devia saber muito bem que o equiparíamos com um dispositivo de localização, fugir era uma ilusão. Com certeza, tinha a intenção de exigir que Palo o acompanhasse, mas, mesmo o utilizando como escudo, sair do chalé para ir até o carro era arriscado.

Halttunen voltou ao telefone e, do nosso lado, tinham passado o microfone para o astropsicólogo.

– Olá, Markku. Aqui é Kari Hanninen – ele começou, com uma voz baixa, como um ronronar hipnótico, surpreendente para uma conversa entre homens. – Você se meteu em uma bagunça danada, hein? Mas você quer mesmo sair morto dessa? As estrelas estão dizendo que sua hora não chegou.

Eu escutava, fascinada, sua voz de domador de feras continuar seu trabalho. Era claro que ele sabia como falar com seu paciente. Halttunen parou com as provocações e até aceitou, finalmente, negociar com Koskivuori. Por outro lado, ele se recusou terminantemente a discutir a liberação de Palo – eles partiriam juntos no carro.

– E se fizéssemos uma troca? Eu poderia ir no lugar dele – sugeriu audaciosamente Hanninen, com quem Halttunen tinha pedido para falar de novo.

Os outros protagonistas, em volta da mesa, franziram as sobrancelhas, com um ar preocupado: aquela nunca tinha sido uma opção.

– Esse tira é mais útil para mim do que você. A única pessoa pela qual eu o trocaria é a garota, como ela se chama mesmo... Kallio.

Meu sangue, que se esquentava pouco a pouco, congelou novamente, quando o idiota do Hanninen respondeu:

– Ela está aqui. Quer falar com ela?

Enquanto os outros faziam sinais e balançavam a cabeça, Jäämaa tomou a palavra:

– O senhor Hanninen não está em posição de negociar uma troca. Voltemos ao carro...

– Quero falar com essa Kallio.

– Não acho que ela...

– Passe para Kallio! Ou vocês preferem que eu mande uma bala nos dedos do pé de Palo? Eles estão bem na ponta da minha arma...

Tive a impressão de que todo mundo na tenda estava com os olhos grudados em mim. Certa de que seria incapaz de articular uma palavra sequer, peguei um dos microfones.

– Boa noite. Aqui é a inspetora chefe Maria Kallio. Oi, Palo! Não vamos demorar a nos rever.

– Que pena, Maria, que seu carango estivesse estacionado em um lugar muito à vista para que eu arriscasse a entrar nele. Eu estava no Centro Cultural de Espoo, hoje de manhã. Vi você. Por sinal, era você que eu queria pegar, inicialmente. Tenho certeza de que você cozinha muito melhor do que Palo, além de tudo.

– Talvez.

Minha voz estava novamente presa na garganta, e não encontrei mais nada para dizer. Essa conversa era suicida, estava morta de raiva de Hanninen. Revelar minha presença para Halttunen só complicava as coisas.

– E se eu me comprometer em soltar Palo, na condição de que você tome o lugar dele? Sempre preferi as mulheres aos homens. Poderíamos nos divertir juntos. O que me diz, Maria? Vamos dar um passeio?

Dez

Sem me dar tempo para responder, Koskivuori tomou o microfone. Jäämaa puxou Hanninen de lado, para lhe explicar o que podia ser dito, ou não, numa situação de negociação por telefone. Halttunen se recusou a conversar com Koskivuori e cortou a comunicação depois de repetir que nós tínhamos uma hora para conseguir um carro. Taskinen olhou para mim e eu fui forçada a sorrir e levantar os ombros.

– De qualquer maneira, não deixaríamos você ir, mesmo se você quisesse – ele disse.

– E não quero – respondi, pensando no bebê que vivia dentro de mim e que, sem dúvida, precisava ser alimentado. – Era mais provável ele me matar do que matar Palo.

– É melhor você ir para casa.

– É, também acho, se meu Fiat quiser funcionar neste frio. Antes, tenho uma ou duas perguntas a fazer para Hanninen. Sobre o caso Rosberg.

A conversa entre Jäämaa e o astropsicólogo parecia ter virado uma discussão, mas eu só conseguia ouvir uns fragmentos. Koskivuori discutia com um especialista em gás. Em princípio, jogar uma bomba de gás lacrimogêneo pela chaminé não era complicado, principalmente com os microfones colocados na casa. O maior risco era Halttunen se vingar matando Palo lá mesmo.

Porém, eles estavam preparando alguma coisa, pois o barulho dos helicópteros se intensificou novamente. Fui até a porta da tenda para olhar. Um deles tentou se aproximar do chalé por trás, mas teve que se retirar, atingido, na lateral, por uma rajada de balas disparadas de uma janela.

– Agora, ele está com uma espingarda de cano serrado – alguém grunhiu.

A porta da tenda se abriu atrás de mim, e Kari Haninnen surgiu ao meu lado. Ele me ofereceu um cigarro, que recusei, e acendeu um para ele.

– Sinto muito por aquela hora. Sei que policiais femininas provocam em Markku uma reação emocional e era a isso que queria chegar. Teria conseguido, tenho certeza, se seus colegas não tivessem se intrometido.

– E o senhor teria achado inteligente me trocar por Palo?

– Claro que não! O que a senhora sabe exatamente sobre Markku Halttunen? Ele tem um grave problema com mulheres.

Respondi que já tinha percebido isso e Hanninen continuou:

– Sabe qual é a origem desse problema? A mãe dele. Durante anos, ela deixou o marido cometer violências sexuais contra ele e, às vezes, até participava. Ela era um monstro. Markku nunca pôde ter relações íntimas normais com uma mulher.

– E foi por causa de uma mãe má que ele assaltou bancos e cometeu assassinatos?

Não consegui disfarçar minha ironia, mesmo entendendo melhor, agora, por que Halttunen tinha também serrado o pênis do pai.

– Trata-se de um processo complexo. Markku faz parte dessas pessoas para quem tudo na vida deu errado, sistematicamente. Apesar de tudo, temos que pensar nele. Ele tem o direito de viver,

assim como seu refém, claro.

– Aí estamos de acordo, mesmo que eu me preocupe mais com Palo. Tenho de lhe falar sobre outro caso, quando esse estiver terminado. Ou, mais precisamente, de uma de suas pacientes que está envolvida nele.

– Tudo que diz respeito a meus pacientes é confidencial.

– Eu sei, mas trata-se de um assassinato. E, se entendi direito, o senhor também conhecia a vítima, sua colega Elina Rosberg.

– A senhora quer dizer Niina! Ela é suspeita de alguma coisa?

O tom de Hanninen tornou-se mais veemente; a preocupação aflorava em seus olhos marrom-escuros, grudados em mim. Tudo levava a crer que ele se preocupava com seus pacientes, que os mantras repetidos por sua voz manipuladora visavam realmente a torná-los mais felizes. No entanto...

– Ela faz parte da lista de suspeitos, nada mais, por enquanto. Seu número está na lista telefônica?

– Um minuto, vou lhe dar meu cartão.

Hanninen mexeu nos bolsos de seu longo casaco de couro. Sem dúvida, ele tinha uma presença, uma segurança viril e descontraída, além de empatia. De qualquer jeito, justificava-se o efeito que tinha sobre seus clientes.

– Isso não é inteligente – observou, ao ver os helicópteros se aproximarem de novo do chalé. – Markku tem necessidade de sentir que ele está no controle da situação. Essas máquinas vão fazer com que ele perca a paciência.

– E o que deveriam fazer, na sua opinião?

– Conversar com ele o máximo de tempo possível e esperar que ele admita que é impossível fugir. Convencê-lo a se entregar ou, pelo menos, liberar o refém. Ainda estou disponível para uma troca. Sei que ele não me fará nenhum mal.

Outra rajada de balas atingiu de novo as lâminas dos helicópteros. Um dos operadores de rádio, encarregado de escutar o que estava acontecendo no chalé, gritou alguma coisa para Koskivuori, e corri para dentro da tenda. Tinha certeza de que Halttunen tinha matado Palo.

Mas não. Tinha sido só um aviso: tanto um quanto o outro pareciam ter perdido completamente a cabeça. Halttunen mandava bala nos helicópteros, que se retiravam, e no terreno atrás do chalé, obrigando as tropas que estavam lá a se protegerem. A confusão era terrível.

Apesar de tudo, parecia que os helicópteros tinham recebido ordens de voltar ao local, a fim de obrigar Halttunen a atirar pela janela do norte, pois homens da força especial estavam escalando a parede sul. O barulho dos rotores disfarçava a intervenção. A manobra me parecia mais do que perigosa, mas eu não era especialista nesse tipo de operação. Ao olhar para trás, vi Koskivuori berrar instruções ao telefone: dezenas de fuzis de precisão se preparavam para atirar e uma bomba de gás lacrimogêneo seria jogada pela chaminé, ao mesmo tempo que uma parte do grupo de intervenção saltaria do telhado para a escadaria exterior. Um helicóptero desceu quase rente ao solo e seus ocupantes abriram fogo. Alguém gritou:

– Palo disse que não há explosivos!

O bramido dos rotores quase ocultava os dos tiros. Instintivamente, quis correr em direção ao chalé, mas alguém me segurou pela manga do casaco. De repente, o silêncio voltou. Os tiros pararam, o último helicóptero tinha desaparecido por detrás da floresta. O cara que me segurava me soltou e, antes de olhar para ele, reconheci a loção pós-barba de Pertti Ström.

Um dos homens da força especial gritou para enviarem uma ambulância, mas as macas já estavam a caminho. Só quando vi os fotógrafos e as câmeras de televisão se precipitarem para o chalé como tigres atraídos pelo cheiro de sangue, foi que percebi o quanto eles eram numerosos, esperando, escondidos na floresta. A incerteza sobre o resultado da iniciativa finalmente foi esclarecida pela voz de Koskivuori, ressoando em um megafone.

– A operação terminou. Markku Halttunen foi morto na troca de tiros. Infelizmente, ele teve tempo de ferir gravemente o inspetor principal Palo.

Pertsu praguejou; fiquei muda.

– Não saia daqui. Vou perguntar o que isso quer dizer: gravemente – acrescentou.

Como se eu não fizesse parte daquilo, vi as câmeras se aproximarem de sua presa e ouvi o clique das travas de segurança voltando para o lugar no meio do burburinho das conversas. Quando Pertsu voltou correndo, percebi em seu olhar o que “gravemente” queria dizer, antes mesmo de sua voz rouca ter tempo de dizer:

– Palo morreu.

Apesar de eu detestar Ström, ele era meu colega e estava sentindo exatamente a mesma coisa do que eu. Mergulhamos um nos braços do outro e, um pouco depois, Pihko e Taskinen se juntaram a nós. Cada um de nós chorava do seu jeito, em silêncio ou gemendo, como eu, e só me virei para olhar quando finalmente as macas cobertas por lençóis saíram do chalé.

Não voltei ao comissariado até a semana seguinte, exceto para participar do grupo de terapia de crise, organizado para nós. Talvez tivesse sido mais fácil voltar a trabalhar logo em seguida, pois os dias eram um inferno e as noites, piores ainda. Só tive coragem de tomar tranquilizantes na primeira noite, para não prejudicar a saúde do bebê.

Felizmente, Antti pôde ficar comigo em casa, e fazer amor era o melhor ansiolítico. Ele ficou surpreso que eu tivesse vontade, assim que voltei de Nuuksio, mas era uma maneira de me sentir viva, de saber que a vida continuava e, enquanto me concentrava nas sensações do corpo, meu espírito repousava. Por sinal, Antti observou, admirado, que eu desmentia o mito de que mulheres grávidas não têm desejo sexual.

Ele também atendia ao telefone, recusava os pedidos de entrevistas, acalmava os parentes e amigos. Não era fácil falar do que eu estava sentindo. Uma noite, sonhei que estava no estacionamento do Centro Cultural e que abria a porta do Fiat, de onde rolavam os corpos de Palo e Halttunen.

Taskinen tinha voltado ao trabalho desde o dia seguinte. Pertsu, ao contrário, como todo bom finlandês, tinha afogado sua depressão no álcool por vários dias seguidos. Na sessão de terapia da tarde de sexta, foi difícil dizer se seus tremores eram causados pela ressaca ou pelo choque. Também ficamos sabendo, nesse dia, que Halttunen era um atirador mais rápido do que tínhamos imaginado. Quando ele percebeu que tinham jogado uma bomba de gás lacrimogêneo nele, seu reflexo foi descarregar sua espingarda de cano serrado em Palo, que ficou gravemente ferido no abdômen.

Ele não tinha morrido logo, mas nada poderia tê-lo salvo. Por outro lado, determinar quem teria realmente matado Halttunen seria difícil. Pelo visto, quando ele atirou em Palo, já tinha o cano de sua pistola apontado para a própria cabeça e se suicidou, quase ao mesmo tempo, mas a parte inferior de seu corpo, abaixo da cintura, estava coberta de balas dos homens da força de intervenção. A investigação seria longa, e era possível que a família de Palo ou de Halttunen entrasse com um

processo. As mídias caíram em cima por vários dias, até que um político famoso foi preso por dirigir bêbado e tomou conta da primeira página dos jornais.

Eva Jensen me ligou na noite de Reis para saber como eu estava. Como ela reclamou que achava que o tempo não estava passando, na espera do fim da gravidez, propus-lhe uma caminhada no dia seguinte, domingo. O dia se anunciava fresco e ensolarado, e pensei que retomar o fio da meada da minha investigação me faria bem. É o que aconselhamos aos cavaleiros: no caso de uma queda, monte de novo o mais rápido possível. Depois de sua ligação, joguei-me novamente no sofá, em frente à televisão, para assistir à patinação artística. Os triplos axels, executados ao som de uma música de filme, por um canadense meio pesado, espantaram por um momento os fantasmas de Nuuksio da minha cabeça.

Quando Eva chegou, na manhã de domingo, ela me garantiu que conseguia percorrer quilômetros, contanto que não fôssemos muito rápido. Saímos, através de um campo congelado, pelas pequenas vias que levavam ao Parque Central. O sol brilhava, em um amarelo pálido de inverno; as nuvens, que se dissipavam, prometiam bom tempo. Tentilhões bicavam os últimos frutos das sorveiras; uma lebre, assustada com nossa chegada, pulou de um arbusto. A barriga grande de Eva mal cabia sob a capa que lhe servia de casaco, fazendo parecer estranhos suas pernas e braços finos. Mas, apesar do terreno difícil, ela preferia esse caminho ao lado baixo da estrada, exposto ao gás de escapamento.

– Então, como se sente? – ela me perguntou, quando, chegando às primeiras casas, saímos do campo por uma estrada onde a neve tinha sido coberta com areia.

– Eu me pergunto a cada hora, em média, por que ainda estou viva, já que Palo está morto. Fora isso, tudo mais ou menos bem.

– Você se sente culpada por estar viva?

– Por um lado, sim. Mas parece ser completamente normal. Foi por pouco! Inicialmente, era a mim que Halttunen seguia. E também estou perturbada, claro, pelo fato de, mais uma vez, a situação ter sido tão mal conduzida.

Tentava não ler os jornais, que criticavam severamente os métodos da polícia, mas um dia teria que enfrentar a realidade. Por isso, pedi a Antti que guardasse todos os artigos e gravasse todos os programas sobre o caso.

– Você conhece o psicoterapeuta de Halttunen, Kari Hanninen? Tive tempo de trocar umas palavras com ele, antes do inferno começar.

– Já o encontrei uma ou duas vezes. Se você está procurando inimigos de Elina, aí está pelo menos um. Ela não admitia que ele praticasse a astroterapia, ou, mais precisamente, que ele a apresentasse como uma ciência à parte. O que ela não é, para mim também, já que ela se baseia, em parte, na astrologia.

– É curioso, realmente.

– De certo modo, Hanninen e Elina disputavam a mesma clientela, mulheres emancipadas e feministas. Algumas levam a astrologia e a cartomancia muito a sério, consideram que se trata de um antigo saber feminino que as religiões patriarcais e as ciências ditas duras tentaram abafar.

– Mas Elina não pensava assim?

– Ela achava perigoso que as pessoas pudessem não assumir suas decisões e culpar as cartas ou as estrelas.

– Elina e Hanninen já discutiram publicamente?

– Já. Eles estudaram juntos, e até ouvi falar que eles tiveram um caso, que terminou porque ela

sempre tirava notas melhores do que as dele.

Ri, pensando no meu colega de faculdade, Kristian, com quem tinha acontecido a mesma coisa: ele não tinha suportado que eu me saísse melhor do que ele. Agora, ele estava preparando sua tese de doutorado, enquanto eu colocava minha vida em risco, nas colunas da polícia.

– Há mais ou menos dois anos, eles tiveram um conflito violento, porque Elina o acusou de misturar ciência e pseudociência e exigiu que a Associação de Psicoterapeutas – uma vez que uma expulsão era impensável – lhe desse pelo menos uma advertência. Sua opinião foi seguida e, depois disso, as relações entre Kari e a associação se tornaram, no mínimo, distantes.

– De todo jeito, ela tinha herdado uma de suas pacientes. Por falar nisso, tenho que perguntar a Niina Kuusinen se ela sabia dessa briga. Mas voltemos a Elina. Você estava dizendo que fazia terapia com ela.

– Sim, faz parte da formação de todas as pessoas que trabalham no meio da psicologia. Comecei meus estudos no início dos anos 1980, quando a homossexualidade tinha acabado de ser retirada da lista de doenças mentais. Era difícil encontrar um mentor que não ficasse enojado com a ideia de ver uma lésbica exercendo essa profissão. Elina foi muito importante para mim, de várias maneiras, e me ensinou muita coisa.

O vento jogou nos nossos rostos grandes cristais de neve acumulados no galho de um pinheiro, que me furaram a pele como as pontas de uma escova de cabelo. Um pega voou de cima da árvore e pousou preguiçosamente a uns 20 metros, no topo de uma bétula, onde ficou se balançando, soltando gritos que soavam como insultos.

Um dia, tinha ouvido Einstein brigar com um desses passarinhos irritantes. Um miava, o outro tagarelava, mas tinha certeza absoluta que eles se entendiam. Mais longe, ao pé de uma árvore, um homem com aparência de velho lobo do mar puxava a coleira de um samoieda, com pelo espesso, cor de neve, que tinha encontrado o cheiro mais interessante do mundo e não queria, de jeito nenhum, retomar a caminhada. Tentei ser mais amiga dos gatos, mas sempre tive uma queda por grandes cachorros peludos e não pude evitar acariciá-lo na passagem. Ao sentir o odor de Einstein em meus sapatos, ele ficou me cheirando antes de se interessar pelo aroma de golden retriever das roupas de Eva.

– Elina era uma excelente psicoterapeuta – ela continuou, enquanto subíamos em direção ao Parque Central de Espoo. – Era muito presente e sabia escutar. Quando acabei minha formação e nos tornamos colegas, passamos a nos conhecer melhor. Mas não éramos amigas pra valer porque Elina era uma pessoa muito reservada. Quase nunca falava dela mesma, de seus sentimentos ou da sua vida. Ela mencionou Joonas Kivistö uma ou duas vezes, dando a entender que ele era importante para ela, mas nada mais do que isso.

– Você acha que ela poderia se suicidar?

Eva balançou a cabeça; sua boca grande se torceu em um beijo cético.

– Como ela morreu, exatamente?

– De uma combinação de medicamentos e álcool, que fez com que ela perdesse a consciência, o que a levou a uma hipotermia e à morte. Difícil saber se houve algo de premeditado nisso.

Eu me perguntei por um momento se devia mencionar a carta que Aira tinha me mostrado, mas, como não tinha certeza da sua autenticidade, me calei.

– É uma maneira muito aleatória de cometer suicídio. Parece mais um grito de socorro, com esperança que alguém o encontre. Não combina com Elina. Ela não era do tipo de se matar, mesmo se

houvesse nela uns... quartos secretos, atrás de uma fachada de serenidade, onde ela teria escondido suas penas. Às vezes, encontrávamos a porta, mas não por mais de um instante.

– E o que se via, pela fresta?

– Com certeza, um conflito entre necessidade de isolamento e necessidade de proximidade. Elina não tinha outra família, a não ser Aira. Tenho a impressão que ela adoraria ter um filho, por um lado, mas, ao mesmo tempo, evitava a ideia. Sua relação com Joona Kirstilä ilustra bem sua conexão com os outros em geral. Mesmo sendo próximos, não queriam muita intimidade.

Conhecia bem o esquema. Tinha sentido a mesma coisa durante muito tempo e, na verdade, ainda sentia. Se tinha me casado com Antti, era, em grande parte, porque ele entendia e compartilhava meu amor pela solidão. Ter um filho mudaria as regras, ele precisaria da nossa presença. Pela primeira vez, sonhei com minha licença maternidade como uma pausa, um período que me pouparia dos assassinos e das tentativas desesperadas de arrancar das pessoas pedaços de verdade. Com o bebê, pelo menos, as coisas seriam diferentes.

– A propósito, estou grávida. – Fiquei surpresa ao contar para Eva, já que tinha, há poucos dias, pedido a Antti para guardar a novidade provisoriamente.

– Parabéns! Tenho que confessar que nós nos perguntamos por que vocês tinham ido de carro ao *Réveillon*. Quantas semanas?

– Não sei direito... oito, acho. O bebê deve nascer no final de agosto. Foi uma surpresa e tanto, meu DIU falhou. Acho que ainda não assimilei bem a novidade.

– Nada mal para aumentar o estresse: a morte de um colega e uma gravidez não programada – constatou Eva, sem mostrar nenhuma expressão, antes de me olhar de rabo de olho, como se estivesse com medo de ter feito uma brincadeira fora de hora.

– Exatamente. Ao mesmo tempo, é aí que a gente percebe melhor a cruel evidência da vida: o nascimento e a morte, de mãos dadas. E caramba! Não queria soar tão eloquente! Talvez seja melhor fazermos meia-volta.

Pegamos o caminho da casa dos Jensen, em Mankkaa. Kirsti soltou gritos altos ao saber que sua companheira, no seu estado, tinha feito uma caminhada de quase 10 quilômetros na neve. Continuei meu trajeto a pé, esperando que Antti tivesse preparado o almoço.

Ao invés de percorrer os quilômetros que faltavam nas estradas grandes, peguei um atalho. De repente, parei. Conhecia o homem sentado em uma mureta, em frente a uma fileira de casas, que catava com um gesto mecânico os fios de cabelo caídos nos ombros do seu casaco. Era Pertti Ström. E, ao mesmo tempo, não era ele. Seus ombros estavam curvados pelo cansaço e a cabeça tombada, em uma atitude curiosamente resignada, longe de sua habitual segurança tempestuosa. Fiquei olhando para ele, perguntando-me se deveria abordá-lo. E além do mais, o que ele estava fazendo ali, em Mankkaa, ele, que morava em Olari? Estava esperando por um de nossos suspeitos? Mas era domingo, e, se me lembrava bem, ele estava de folga. Ele olhou para o relógio, com um ar nervoso. Depois, a porta da casa se abriu, e um menino de uns sete anos deu uma olhada para fora.

– Já vamos, papai! Jenna não está encontrando o biquíni.

Os ombros de Pertsu voltaram à sua altura normal, e foi com a grosseria costumeira que ele gritou para alguém, dentro da casa:

– Nem tente, Marja, entregue para ela o biquíni!

Jenna, Marja – e um menininho. Caiu a ficha. Pertsu estava esperando seus filhos. Como se chamava seu filho mesmo? Jani? Tinha visto a foto deles na carteira do pai, quando ele tinha

comprado um café para mim, depois de uma prisão difícil. Sem dúvida, ele os amava, mesmo sendo impossível imaginá-lo demonstrando amor a quem quer que fosse. Então lembrei-me do tremor de seu corpo, quando ele chorou comigo a morte de Palo. Sua relação com a ex-mulher, de qualquer jeito, parecia ser ainda pior do que comigo. A conversa deles sobre o horário da volta das crianças foi à distância.

– Às oito horas, no máximo, eles têm escola amanhã!

– Merda! Se a gente for ao jogo, vai acabar no mínimo às nove horas! Eles já são bem grandinhos para ficar acordados até mais tarde, até mesmo à meia-noite! O que Jenna ainda está arrumando?

– Não é você que vai acordá-los amanhã! Se ela não encontrar o biquíni, não poderá ir à piscina.

Finalmente, Jenna saiu, balançando triunfante um biquíni cor-de-rosa. Reconhecer os traços de Pertti Ström nos de uma menina de 10 anos me fez sorrir, mas esgueirei-me por trás da casa mais próxima, envergonhada por ter espionado a vida privada de um colega.

Na segunda de manhã, no comissariado, tudo parecia ter quase voltado ao normal. A única coisa que tinha mudado desde a semana anterior era uma foto de Palo, emoldurada de preto, cortada de um tabloide e pregada com durex na porta do escritório que ele dividia com Pihko. Pihko já tinha saído para algum lugar e Pertsa também não estava lá, mas Taskinen estava sentado à sua mesa, com o rosto cinza e cerrado. O sorriso que ele tentou esboçar ao me ver certamente era o primeiro do dia.

– Já pronta para voltar ao trabalho?

– Espero que sim. Quais são as novidades?

– Não muitas. Temos que dividir os casos de Palo entre nós, não vamos conseguir um substituto de uma hora para outra. Prepare-se para testemunhar, no final da semana, sobre essa tomada de refém. Esse assunto ainda não acabou.

– Com certeza. Enquanto isso, vou continuar minha investigação sobre o outro caso de Nuuksio. Pensei em ir a Oulu, amanhã à noite.

– Kari Hanninen, o psicólogo, deixou uma mensagem para você. Ele disse que estava sempre à disposição de mulheres tão sedutoras quanto você.

Taskinen deve ter feito um esforço enorme para manter-se sério ao repetir aquelas palavras, já que um riso irreprimível atravessava sua voz. Só por ter conseguido diverti-lo, estava pronta para perdoar Hanninen por seu comentário provocador. Ia pegar meu telefone para ligar para Leevi Sääntti, mas ele tocou antes.

– Aqui é Tarja Kivimäki, da radiodifusora-televisão finlandesa, bom dia. A senhora voltou ao trabalho, depois da segunda tragédia em Nuuksio?

– De fato. A senhora tem mais alguma informação sobre o caso Rosberg?

– Infelizmente, não. A senhora teve outras preocupações nesses últimos dias, e é sobre isso que gostaria de falar. Talvez a gente possa se chamar de você, não? Ouça, Maria, o programa sobre atualidades A-Studio quer ir ao fundo da questão dos tiroteios nos últimos anos. Adoraríamos entrevistar você, eu me ocuparia pessoalmente da produção.

– Mas você não trabalha para a A-Studio.

– Sonho em mudar. Estou começando a ficar cansada do jornal televisivo e gostaria, por várias razões, de não trabalhar mais com política.

– Sinto muito não poder. Primeiro, não me agrada discutir em público a morte de um colega e, segundo, você ainda é, tecnicamente, suspeita no caso que investigo.

– Ah, é? Podemos, mesmo assim, nos ver? Você teria tempo para jantar esta noite? Eu convido,

claro.

– Claro que não. Como disse, você ainda é uma suspeita. Mas podemos jantar juntas, apesar disso. Onde e quando?

Quando desliguei, senti como se fosse uma sanguessuga. Não tinha a mínima intenção de ceder uma entrevista a Tarja Kivimäki, mas queria aumentar minhas chances e isso seria muito mais fácil em um restaurante do que em uma sala de interrogatório.

Felizmente, Leevi Sääntti estava em casa e não em uma turnê de pregação. Apresentei-me, com toda a autoridade de que era capaz, esperando que ele não soubesse que eu tinha recomendado uma advogada para Johanna.

– Do que se trata? Minha... minha... mulher... matou mais alguém?

– Como assim, mais alguém? – perguntei, sabendo perfeitamente o que ele queria dizer.

– Ela matou nosso filho, ao abortar. E é nisso que dá. Quem segue o caminho do pecado...

– Senhor Sääntti, sua esposa é só uma das pessoas envolvidas neste caso. Falaremos mais sobre isso quando nos encontrarmos.

Ao telefone, a voz de Leevi Sääntti era de uma suavidade estudada, tão manipuladora quanto a de Kari Hanninen. Sabia que teria que ligar para o astrólogo, mas não conseguia me resolver. Não tinha parado de especular, nesses últimos dias, as chances que Palo e Halttunen teriam de ainda estarem vivos, se os responsáveis pela operação tivessem prestado um pouco mais de atenção a ele. Quanto mais eu pensava naquilo, mais minha tristeza cedia espaço à raiva. Queria achar alguém para culpar pela morte de nosso colega, alguém com quem gritar, bater, chutar. Pouco importava se fosse Hanninen que tivesse atirado a bala assassina. Tinham me matado, ao mesmo tempo – teria acontecido a mesma coisa, a mim e a meu bebê de poucos centímetros, se eu estivesse naquele chalé, no lugar de Palo.

No refeitório, era vista como um animal curioso. Já tinha ouvido suspeitos falarem desse fenômeno: as pessoas envolvidas em uma morte trágica ou um assassinato despertam, ao mesmo tempo, repulsa e interesse. Uma das mulheres da unidade de polícia administrativa veio conversar alegremente comigo, atraindo mais duas ou três pessoas para nossa mesa e evitando que me sentisse excluída. Porém, apesar de tudo, minha presença com certeza lembrava a muitos dos meus colegas um lado do nosso trabalho que cada um preferiria esquecer.

Em seguida, as tarefas rotineiras me monopolizaram. Tinha que recuperar o tempo e fazer o trabalho da semana anterior, marcar entrevistas, escrever relatórios. Mas, cada vez que caía em um caso no qual trabalhava com Palo, tinha vontade de largar tudo. Para começar, no assalto com invasão de um restaurante quase me levantei e fui pedir sua opinião.

Como Pihko estava se saindo? Já tinham tirado as coisas de Palo do escritório deles, as fotos das crianças antes coladas, dividindo o cômodo em dois, suas roupas do armário, sua famosa reserva de medicamentos das gavetas? Preferia não ir logo olhar.

Tive tempo de ir em casa para me trocar, antes de pegar o caminho para o Rafaello, onde ia me encontrar com Tarja Kivimäki. No ônibus, com piso baixo, fiquei surpresa ao me pegar olhando os carrinhos cuidadosamente presos aos cintos de segurança. Um bebê de poucos meses dormia tranquilamente, mas seu pai, um cara magro, com cabelos longos, tatuado até a ponta dos dedos, ia, apesar de tudo, em intervalos regulares arrumar a coberta e o bico. Achei que ele parecia estranhamente familiar. No ponto seguinte, um homem gordo, já meio bêbado, subiu, com um saco onde garrafas batiam, e exclamou ao vê-lo:

– Nyberg, e então? A gente não se vê desde a prisão, conta aí. O que você está fazendo em Espoo?

– Estou com minha mulher e minha filha. Não grite, vai acordá-la – cochichou Nyberg.

O amigo levou um dedo até os lábios e murmurou que ia se sentar mais longe para não incomodar o bebê. Sua sacola estalou de maneira perigosa contra a barra de retenção, enquanto ele titubeava em direção à traseira do ônibus. No entanto, ele não ficou calado por muito tempo, e soltou, com uma voz alta:

– Você sabe que Halttunen foi morto pelos tiras? Aquele cara era completamente maluco, caramba, eu vi quando ele quebrou o dedo de um coitado na sala de esporte da prisão.

Sem responder, Nyberg tirou seu material do bolso e começou a enrolar um cigarro. Foi interrompido por um choro de bebê, que ele correu para acalmar. Aparentemente não era nada, pois ele logo voltou a seus afazeres. Assim que seu cigarro estava pronto, ele o colocou entre os lábios, sem acendê-lo.

– Ei! Motorista! É Tapiola o próximo ponto? É lá que eu desço – anunciou o homem com a sacola.

Ao se dirigir à saída, ele viu o cigarro de Nyberg, no canto de sua boca, e correu pelo corredor para lhe pedir um. O motorista – coisa impressionante – não manifestou nenhuma irritação, apesar dos longos minutos que durou a conversa, acrescida de comentários afetados sobre a qualidade do café da prisão. Talvez o passado dos dois homens o amedrontasse.

Tarja Kivimäki já estava sentada em um *box*, no fundo do restaurante, com seu gravador em cima da mesa. Pediu um copo de água mineral, mas não estava com fome.

– Então, você se refez dos acontecimentos da semana passada? – ela me perguntou, com um entusiasmo que soou falso.

– Não. Você se refez da morte de Elina? – retruquei.

– Também não. Você se incomoda se eu gravar nossa conversa?

– O que quer fazer com a fita? Não lhe prometi nenhuma entrevista.

Kivimäki inspirou profundamente, mas não teve tempo de responder, porque a garçonete chegou para nos perguntar se já tínhamos decidido. Acabei pedindo um prato clássico de massa com frutos do mar, na esperança de conseguir engolir. De qualquer jeito, não estava com vontade de comer carne vermelha nem tomate.

– Deixe-me lhe falar deste programa – retomou Kivimäki, depois de pedir uma jambalaya e uma cerveja mexicana. – Não temos intenção de tratar só dessa situação de refém de Nuuksio, mas mais geral, da tendência dos policiais de fazerem uso de suas armas e isso depois do caso de Mikkeli. Com Hirsala e Vesala, claro, e aquele caso na Escola de Polícia de Tampere.

– Mas por que me entrevistar?

– De acordo com os jornais, inicialmente, Halttunen tentou entrar no carro de outro policial que o tinha interrogado, mas não conseguiu e, então, teve que se contentar com o inspetor principal Palo. Não foi muito difícil descobrir a identidade desse colega. Gostaria que colocasse sua imaginação para funcionar: como gostaria que a polícia agisse se estivesse naquele chalé?

– Você está preparando um programa sério ou sensacionalista? Esse tipo de acerto de conta não me interessa.

– Tem certeza? Na sua opinião, a situação foi conduzida da melhor maneira possível? Não tem críticas a fazer?

Claro que tinha críticas, e muitas. Mas não tinha energia para ficar voltando indefinidamente a esse caso, ou, pelo menos, só queria tratar dele até onde não me incomodasse. Por um lado, teria sido fácil derramar minha tristeza, minha raiva e meu medo em metade das salas de estar do país, por intermédio da televisão. Todavia, Palo, com certeza, não teria querido. Aparentemente, eu tinha internalizado uma das regras de ouro da polícia: lavar a roupa suja em família.

– Não é contra à ética se calar frente às disfunções? – continuou Kivimäki.

– O que eu acho contra a ética é dar uma entrevista a uma pessoa envolvida em uma morte suspeita, que eu estou investigando.

– A entrevista pode ser feita por outra pessoa, sem ser eu.

– Esqueça. Por que quer trabalhar para a A-Studio? Será difícil se manter fora do campo de visão das câmeras.

– Por várias razões. Uma é que poderia fazer reportagens mais longas e profundas do que para o jornal. E tenho motivos pessoais, que poderia dizer que têm a ver com a ética.

A garçonete trouxe nossas saladas, como entrada, e enchi minha boca para não ter que falar. Kivimäki com certeza teria uma boa história, se fosse eu que criticasse as decisões tomadas em Nuuksio. Uma justiceira solitária, no centro de um corpo policial masculino, levando a seus erros cometidos um olhar mais lúcido do que qualquer outro. Estava bem acostumada a me colocar pessoalmente em jogo nas minhas investigações, mas não estava pronta a aparecer em público. Depois de engolir minha salada, repeti minha posição para Kivimäki.

– Pena. Achei que poderíamos nos ajudar.

– Como?

– Até agora, não quis trair a confiança de Elina, pois se trata de uma coisa que ela só falou comigo. Mas pensei melhor e percebi que poderia ser uma razão para matá-la.

Como sempre, falei antes de pensar:

– Quer dizer que só me vai me contar o motivo da morte de Elina se eu lhe der uma entrevista? E vem falar de ética!

Levantei-me, empurrando tão brutalmente meu prato de salada que ele bateu na garrafa de cerveja de Tarja e a derrubou.

– Você é bem-vinda para falar sobre a morte de Elina Rosberg, no comissariado de Espoo. Quinta, às 10 horas, está bom para você? É melhor que esteja lá; senão, pedirei um mandado de prisão para você, por ocultação de provas. Boa noite!

Onze

Quando desci rapidamente a Rua Aleksanteri, o céu jogou neve misturada com chuva em meu rosto. Em outros tempos, teria entrado no primeiro bar para tomar um uísque ou dois, mas, grávida, tive que me contentar em chutar uma lata de coca vazia que estava no caminho. Não tinha intenção de abrir mão do interrogatório de quinta, mesmo havendo a possibilidade de que Tarja Kivimäki estivesse simplesmente me enrolando. Por algum motivo, não simpatizava com ela, desde o começo, e estava feliz de poder interrogá-la mais um pouco.

Havia uma espera de meia hora pelo próximo ônibus, então abriguei-me da chuva gelada no bar Vastarannan Kiiski. Decidi me divertir, bebendo uma cerveja ultragelada. Enquanto procurava por um lugar vazio, percebi que, talvez, meu dia de trabalho ainda não tivesse terminado: Joonas Kirstilä estava sentado na última mesa do fundo, perto da janela, com um chope escuro Kozel e um laptop na frente dele. Hesitei em perturbá-lo, mas sua tela parecia apagada, e ele olhava fixamente para o fundo do copo.

Tinha que conversar com ele, depois de ter, entre outras coisas, encontrado naquela manhã sobre minha mesa um relatório confirmando que ele realmente tinha feito o *tour* dos bares de Hämeenlinna, mas na quarta, 27 de dezembro, e não na terça, 26. Se se tratasse de uma semana qualquer, poderia admitir que ele tivesse só se enganado, mas seria difícil confundir o dia seguinte ao Natal, que era um feriado, com o dia 27. Já que ele dizia ter visto Elina pela última vez antes do Natal, parecia possível que estivesse em Nuuksio na noite de 26.

Com minha cerveja, fui em direção à mesa de Kirstilä. Ele levantou os olhos do chope e balançou a cabeça, a mente sem dúvida enevoada pelo álcool. Seus olhos castanhos pareciam jovens e brilhantes, mas, ao redor da boca, havia rugas que nem a embriaguez conseguia apagar.

– Como vai? – perguntei, seca.

– Não muito bem. Tenho a impressão que minha inspiração morreu com Elina. Felizmente, restou-me a bebida. A senhora descobriu alguma coisa?

– Descobri. Você não estava em Hämeenlinna no dia seguinte ao Natal, mas sim dois dias depois. Tenho pelo menos dez pessoas que confirmam isso.

– Estou aqui para encher a cara, caramba! É um interrogatório, ou o quê?

Sua gritaria estava mais alta do que a música do Green Day, que tocava no rádio, e os clientes das mesas vizinhas nos olharam interessados.

– Não fique nervoso, vou lhe deixar em paz. Liguei para você amanhã, para saber quando pode vir ao comissariado.

Levantei-me. Repreender Kirstilä tinha quase me dado a sensação de chutar cachorro morto. Ainda estava tão nervosa por causa do meu encontro com Tarja Kivimäki que não consegui me segurar.

– Sou obrigado? Suas salas de interrogatório são nojentas. Vamos conversar aqui mesmo.

Sentei-me novamente, sabendo que nossa conversa não teria nenhum valor legal. Kirstilä estava

bêbado e eu, sozinha. Mas tinha meia hora para matar, e a chuva caía cada vez mais forte. Raros são os lugares tão terrivelmente feios quanto a estação rodoviária de Helsinque debaixo de chuva com neve. Porém, vista através do vitral azul-verde-rosa do Vastarannan Kiiski, a paisagem se metamorfoseava. As janelas do prédio de tijolo da União dos Agricultores pareciam polígonos tortos e os ônibus lamacentos se coloriam de tons pastéis.

Kirstilä terminou seu Kozel e fez sinal para o bar para que lhe trouxessem a mesma coisa. Ele devia ser um dos clientes fiéis da casa, pois traziam sua bebida à mesa e falavam que a colocariam na sua conta. Ele bebeu um quarto do chope antes de falar, com um tom hesitante:

– Devo ter me confundido. Deve ter sido na quarta, então, que tomei um porre com meus amigos, em Hämeenlinna.

– E onde você estava no dia 26? Voltou de Hämeenlinna para falar um oi para Elina, é isso?

– É. Estava com saudade dela.

Kirstilä empurrou sua espessa cabeleira para trás e tirou do bolso um maço de cigarros amassado, cujo último sobrevivente estava quase partido ao meio. Teve tanta dificuldade para acender um fósforo que peguei a caixa para ajudá-lo. A fumaça me embrulhava o estômago mais do que o normal, mas uma exposição esporádica ao tabagismo passivo certamente não seria nociva ao bebê – e eu não podia, de qualquer jeito, me isolar em uma bolha.

– O Natal sempre me deixou sentimental, com todo esse blábláblá de união familiar e de paz na terra aos homens de boa vontade. Foi estranho passar as festas com meus pais e minha irmã, que não me suportam de jeito nenhum, e a única pessoa de quem eu gostava estava a mais de 100 quilômetros. Liguei para Elina, na noite de 26, para pedir que viesse à minha casa, na Rua Lapinlahti. Ela não podia, tinha que resolver alguma coisa em Rosberga, mas propôs de nos encontrarmos lá. Não havia outra maneira de ir além do táxi, mas ela prometeu pagar pela corrida.

Ele tinha se encontrado com Elina na frente do portal. Apesar da forte tosse, ela tinha insistido em sair um pouco, para “refrescar a cabeça”, de acordo com suas próprias palavras. Kirstilä teve a impressão de que os últimos dias tinham sido mais complicados do que ela tinha previsto.

– Foi sem dúvida essa atmosfera de Natal, com o transbordamento de bons sentimentos, que me impulsionou a lhe fazer propostas completamente extravagantes. Queria que a gente morasse junto. Ela se recusou, dizendo que, na situação que se encontrava, não podia pensar em uma mudança tão grande.

E não é que isso confirmava o relato de Milla? Mas por que Aira pôs na cabeça que Joonas queria deixar Elina? Ele lhe tinha proposto exatamente o contrário.

– Então, Elina queria manter com você as mesmas relações de antes?

Esvaziei meu copo e vi que estava com sede de uma segunda cerveja e, dessa vez, mais forte, mas meu superego me proibiu.

– É. Nós até discutimos um pouco. Eu tinha imaginado que ela ficaria feliz em saber que eu não podia passar as festas de Natal longe dela. Que bobo! É que era... era horrível, Elina morava lá nos infernos e sua casa estava sempre cheia de mulheres. Pode imaginar, na hipótese de uma vontade súbita de transar?

Kirstilä fez uma careta, sua expressão me lembrou meu sobrinho de dois anos, Saku, quando o proibiam de fazer alguma coisa.

– Não deveria ter reclamado, agora a perdi para sempre...

Lágrimas escorreram de seus olhos para o chope.

– Como voltou para Helsinque, já que não tinha ônibus? De táxi?

– Passei a noite no pequeno pavilhão. Só fui embora na manhã seguinte – ele respondeu, com um tom aborrecido.

– O quê? Quer dizer que passou a noite de 26 em Rosberga?

– Sim, sim. Isso é o mais terrível de tudo.

Kirstilä estava em lágrimas, novamente.

– Elina não queria, ela preferia que eu voltasse para casa. No final, ela aceitou, mas me avisou que queria dormir sozinha, por causa da gripe. Esperei até uma hora da manhã, na esperança de que ela fosse se encontrar comigo, mas, em seguida, caí no sono, ainda mais tendo acabado com uma garrafa de vinho que encontrei no armário. No dia seguinte, estava tão furioso por ela não ter ido que peguei o primeiro ônibus. Não consigo parar de pensar nisso. Se eu tivesse insistido para passar a noite com ela, certamente ela ainda estaria viva.

Sua frase terminou em um soluço, sem que eu encontrasse nada de reconfortante para lhe dizer. Meu ônibus ia sair e teria que esperar mais uma hora pelo próximo. Tinha que ir embora, mesmo que deixar Kirstilä sozinho me entristecesse. Todavia, as garotas bonitas da mesa vizinha tinham dado umas olhadas para ele, mostrando que o tinham reconhecido, e talvez fossem consolá-lo com a companhia delas.

– Nós nos separamos um pouco friamente – suspirou Kirstilä, enxugando o rosto com o cachecol vermelho.

Já tinha vestido meu casaco, mas fiquei para escutá-lo.

– Estava com meu telefone, liguei para ela antes de dormir. Ela disse que não tinha tempo para falar comigo, porque estava no meio de uma conversa com alguém.

– Com quem? – quase gritei, já que todas as mulheres de Rosberga tinham afirmado não ter visto Elina depois do seu passeio.

– Ela só acrescentou que me contaria depois, porque o assunto me interessava também. Parecia que... que ela estava bêbada. Mas eu também.

Tinha que correr para pegar meu ônibus, decidida, apesar de tudo, a interrogar de novo Kirstilä no final da semana. Então havia alguém na casa de Elina na noite de 26! Isso queria dizer pelo menos uma coisa: uma das mulheres estava mentindo.

Não tive tempo de ir à mansão no dia seguinte. Tinha herdado muitos dossiês de Palo e, apesar dos meus esforços para trabalhar no meu ritmo normal, às vezes me sentia como se estivesse paralisada. Ficava lá, parada, com o olhar no infinito, imaginando-me em Nuuksio, em frente ao chalé escondido nas profundezas da floresta, escutando o bramido dos helicópteros e os tiros, que se calavam de repente, em um silêncio mortal. No refeitório, sentei-me à mesma mesa de Pihko e, quando voltamos ao nosso andar, lhe pedi para me mostrar a mesa de Palo.

Ela estava igual, só os papéis cobertos de rabiscos tinham sido retirados e distribuídos a seus colegas. Uma jaqueta pesada, de tricô azul, ainda estava presa ao encosto de sua cadeira e, quando encostei nela, um cheiro de desodorante e das pastilhas para tosse de Palo emanou de lá.

– Todas as manhãs, quando chego, me surpreendo por não encontrá-lo aqui – disse Pihko. – A mulher dele deverá passar aqui amanhã para pegar as coisas dele. Eu me pergunto quem vai ocupar o lugar dele. Espero que Lähde não vá me colocar com Ström.

– Precisamos demais de alguém para substituí-lo. Quando vão começar a procurar? Um dos meus amigos está se preparando para o concurso de suboficial. Talvez você o conheça, Pekka Koivu. Seria

um bom candidato. Trabalhei com ele em Helsinque, há alguns anos.

Meu amigo Koivu, que tinha deixado Joensuu e seus tumultos raciais, preparava sua dissertação no Centro de Formação de Otaniemi, em Espoo. Tínhamos falado em ir beber uma cerveja depois do Natal, mas tínhamos desmarcado o encontro por vários motivos. Quando ele me ligou, depois de saber o que tinha acontecido com Halttunen, tive a impressão de que ele estava com uma namorada nova.

O telefone de Pihko tocou e, para nossa surpresa, era Taskinen, que queria me ver imediatamente. A meu ver, ele agia de acordo com a agenda na investigação preliminar sobre a captura do refém de Nuuksio, mas estava em seu escritório o chefe de polícia de Espoo em pessoa, com quem eu nunca tinha tido a honra de falar. Taskinen me fez um sinal para sentar, sem olhar para mim, com os olhos fixados na parede acima da minha orelha esquerda, como se houvesse um quadro novo e fascinante lá.

– Bem, inspetora chefe Kallio, acabei de receber uma ligação extremamente desagradável de uma pessoa do alto escalão do Ministério do Interior – começou o chefe de polícia.

Era um desses homens da era do presidente Kekkonen, perto da aposentadoria, que, de acordo com os rumores, tinha feito uma carreira rápida, fechando os olhos para várias coisas, pelo preço certo. Os convites para almoços e festas nas saunas das empresas tinham alargado sua silhueta e manchado seu rosto, e seu terno caro azul-escuro só acentuava o desgaste do seu corpo. Por sinal, com certeza não tinha sido com seu salário de funcionário público que ele o tinha comprado. As investigações internas da polícia frequentemente passavam perto, mas, até então, sua reputação se mantinha intacta.

Falava-se que era porque ele conhecia, há muitos anos, o atual ministro do Interior, que tinha ele também sido um dos protegidos do presidente Kekkonen. Certamente, o manda-chuva que lhe tinha ligado era o próprio ministro Martti Sahala.

– Imagino que seja sobre o caso do refém – eu disse, com tom de briga. – O ministro teria intenção de nos dar instrução sobre as respostas que devemos dar aos investigadores?

– Não, não se trata do caso de Nuuksio, sobre o qual haverá muito o que dizer, no entanto, na hora certa, mas sim dessa morte suspeita que aconteceu há uns 15 dias. Uma tal de Elina Rosberg, se a memória não me falha.

– E por que isso interessa ao ministro?

Eu estava atônita.

– O senhor ministro exige que não sejam feitas ameaças indevidas de prisão às testemunhas do caso.

– O quê?

Isso devia ser por causa de Tarja Kivimäki e nosso embate da véspera. Mas que relação isso poderia ter com o Ministro do Interior?

– A senhora com certeza se lembra de sua conversa de ontem com uma jornalista, no Rafaello? A senhora a ameaçou com um mandado de prisão, se ela não se apresentasse a uma convocação para a qual a senhora marcou unilateralmente o horário, sem consultá-la.

– A inspetora chefe Kallio passou por momentos difíceis nos últimos dias. Não é de se estranhar que ela se irrite com facilidade – interveio Taskinen.

Ele ainda estava olhando para trás de mim, e seus olhos refletiam um mal-estar enorme. Ele já vinha frequentemente se chocando com o chefe de polícia, ao longo de um ano, durante as

investigações sobre crimes financeiros, e diziam os rumores que a relação dos dois era glacial.

– Se a senhorita – desculpe – senhora inspetora chefe não está em condição de trabalhar, deveria tirar uma licença médica.

– Kivimäki tentou barganhar comigo. Ela ofereceu me revelar o provável motivo do assassinato de Elina Rosberg se eu concedesse uma entrevista para seu programa de televisão. Então, admitiu ter ocultado fatos importantes, talvez decisivos. O que eu deveria ter feito, na opinião do senhor?

Olhava fixamente para a mandíbula do chefe de polícia, lembrando-me do que Tarja Kivimäki tinha dito sobre seu desejo de mudança. Tinha falado sobre questões éticas que tornavam difíceis a continuidade do seu trabalho na seção de política do jornal televisivo. Essas questões éticas, sem dúvida, tinham relação com o nome Martti Sahala. Mas o que ela via nele, então? Esse cara era um robô a despejar discursos, de 1,70 m, criado no meio das plantações de batatas. Era seu poder que a seduzia? Frequentemente chamavam-no de segundo primeiro ministro. Ele tinha pouco mais de 40 anos, mas já tinha feito um nome nas altas esferas da política nacional há uns vinte e estava em seu terceiro mandado ministerial.

– A senhora não é mais criança, inspetora chefe Kallio. Em nosso meio, precisamos fazer uso de psicologia. Uma pequena concessão, às vezes, pode ser útil.

Bem que tentei me controlar, contando as dobras do queixo do chefe de polícia, mas não consegui segurar minha língua:

– Por quê? A lei comum não se aplica às amantes do ministro do Interior?

Foi demais, e deveria ter sabido. O sermão foi grave. Em princípio, seria melhor eu pedir uma licença médica, antes que eles me obrigassem. Taskinen e eu deixamos a tempestade passar, sentados em silêncio, como duas crianças que conseguiram colocar fogo na casa brincando com fósforos.

– Jyrki, conto com você para inculcar algumas noções de tato a seus subordinados – concluiu o chefe, antes de apertar nossas mãos, fechando a porta atrás dele.

Depois que ele saiu, Taskinen olhou para mim pela primeira vez.

– E se você me explicasse o que realmente aconteceu?

Contei-lhe, esforçando-me para me controlar, mas senti que estava soltando minha raiva nele.

– Kivimäki devia estar chateada mesmo para fazer essa confusão toda – observou, depois de me escutar.

– Ela estará aqui na quinta, às 10 horas. Eu também. Não posso entrar no joguinho dela. Os tabloides adorariam saber que o ministro do Interior está protegendo sua amante, suspeita de assassinato.

– Calma, Maria! Não vale a pena tornar a vida mais difícil do que o necessário.

– Se Kivimäki sabe realmente o motivo da morte de Elina Rosberg, farei com que ela fale, apesar de... apesar dos saltos dos sapatos de Martti Sahala – soprei.

De repente, minha raiva deu lugar a um riso histérico, agravado pela visão de como o ministro deveria ficar, nas suas noites de amor, sem as ceroulas azul bebê que ele, com certeza, usava. Taskinen olhou para mim por um momento, antes de pegar uma garrafa de água mineral em seu armário.

– Beba isto e tente se acalmar. Tem certeza de que não está precisando de férias?

– Claro, não mais do que você ou Pihko. Tenho vontade de vomitar só de pensar no chefe. Mas não se preocupe, não vou fazer confusão. Vou pegar o trem noturno para Oulu e me comportar. Na quinta de manhã, quando voltar, Tarja Kivimäki estará me esperando em meu escritório.

– Sem que você faça nada?

– Exatamente. Tenho certeza que ela vai perceber que, apesar do seu amante nas altas rodas, ela não pode se dar ao luxo de não vir.

Taskinen pareceu quase acreditar em mim. Teria adorado conseguir fazer isso. Voltei à minha sala, onde tentei reunir o que restava da minha capacidade de concentração, espalhada aos quatro ventos pelo meu riso de louca, mas nem as pernas musculosas do atleta Geir Moen me ajudaram muito. Tive que me esforçar para disar o número do escritório de advocacia que cuidava dos interesses de Elina Rosberg.

De fato, não tinha nada de fora do comum em seu testamento. Alguns legados, em especial para a Associação Feminista Unioni e para os fundos para catástrofes da Cruz Vermelha. Fora isso, os bens iam para Aira Rosberg, como a lei previa. Joonas Kirstilä nem tinha sido citado.

Não imaginava mesmo descobrir um herdeiro misterioso, mas, mesmo assim, fiquei decepcionada. Minhas conversas no dia anterior, com Tarja Kivimäki e Joonas Kirstilä, tinham me deixado com esperança de que acabaria por resolver o caso. Ao mesmo tempo, meu lado cético me lembrava que o poeta poderia estar mentindo sobre o visitante de Elina a fim de desviar as suspeitas dele, e que o motivo que a jornalista tinha usado como isca para mim podia não passar de pura enganação.

Liguei para Rosberg e, por sorte, Johanna atendeu.

– Maria Kallio, da polícia de Espoo. Bom dia. Como foi sua visita em Karhumaa?

– Bem, obrigada. Só voltei ontem, na verdade, não queria deixar meus filhos por nada neste mundo, depois de tê-los reencontrado. Só Johannes, o mais velho, que se manteve longe de mim.

– Viu seu marido?

– Não. Ele ficou com Johannes na casa dos pais dele durante todo o tempo da minha visita. Se eu tivesse um lugar para ficar, teria logo levado as crianças, ou pelo menos os menores.

– Quanto tempo pretende ficar em Rosberg?

– Aira me convidou para ficar até que a situação se resolva. Preciso encontrar um trabalho e um lugar para morar, mesmo se for por milagre.

De que Johanna vivia agora e de onde ela tirava dinheiro? Elina lhe tinha emprestado?

– Aira gostaria de organizar o enterro de sua sobrinha, mas o corpo ainda não foi liberado – ela continuou.

Realmente, não tínhamos mais pensado sobre isso, a morte de Palo tinha colocado tudo de cabeça para baixo.

– Também descobri que Leevi não estava em casa, na noite de 26. Ele estava, supostamente, em uma turnê de pregação.

Johanna falava com uma voz exaltada e pensei que Elina poderia realmente ter saído com Leevi Sääntti, além de Kirstilä, por mais improvável que isso parecesse.

– É sobre isso que queria lhe falar. Amanhã, vou a Karhumaa para encontrar com seu marido.

– O quê? Você pretende prendê-lo?

– Por enquanto, nada me autoriza a fazer isso. Vou só conversar com ele. Ah, e obrigada por sua biografia. É interessante, mas estava faltando uma ou duas páginas.

– O que aconteceu no colégio não tem nada a ver com minha situação atual.

Conversando daquele jeito com Johanna, quase como uma amiga, sentia-me como uma víbora pérfida, pois não estava indo a Karhumaa somente para investigar os gestos e passos de Leevi Sääntti.

Também iria me informar sobre ela. Havia na morte de Elina alguma coisa de estranho, de insano. Como se alguém maluco estivesse envolvido. Johanna tinha esse perfil.

Tinha acabado de desligar, quando o telefone tocou. Era a recepção, avisando que eu tinha um visitante.

– Ele não marcou horário. Disse que seu nome é Kari Hanninen, psicoterapeuta. Pode recebê-lo?

Não tinha nem tempo nem energia, mas era um bom pretexto para dar uma escapulida e tomar um café. Falei que iria buscar Hanninen no *hall*. No elevador, peguei-me olhando no espelho: o verde dos meus olhos estava negro de cansaço, minha pele estava mais pálida do que nunca e o inverno tinha apagado as sardas do meu nariz. Meus cabelos precisavam de uma nova pintura. Meus seios estavam maiores do que o normal debaixo do meu pulôver verde, mas a cintura do meu jeans ainda não me apertava, pelo contrário.

Hanninen ainda tinha a aparência de um rock star, de volta da aposentadoria, principalmente com suas botas de cantor de *country* e uma bandana em volta do pescoço. Ao me ver, pareceu ter apertado um botão de distribuição de charme: um brilho novo acendeu em seus olhos cor de café; sua boca, com o lábio superior fino, se abriu em um sorriso, rugas marcaram suas bochechas e seus pés de galinha.

– Inspetora chefe Kallio, fico contente de que a senhora tenha conseguido um tempo para me receber. Estava passando por aqui e resolvi aproveitar para ter notícias suas, depois dos acontecimentos da semana passada. E como a senhora tinha dito, em Nuuksio, que queria conversar comigo...

– Preciso de uma xícara de café. Primeiro, vamos conversar um pouco no *self-service*.

Hanninen atrasou meu passo, precipitando-se para abrir as portas para mim, como se estivéssemos em um encontro galante, e puxando uma cadeira para eu sentar, a uma mesa de canto. Não estava acostumada com tanta delicadeza, pelo menos não no meu local de trabalho, onde, normalmente, era mais uma entre os outros caras, carregando eu mesma minhas coisas e vestindo sozinha meu casaco. Claro que começamos por falar de Halttunen. Kari Hanninen estava furioso com a reviravolta que os eventos tinham tomado; tinha ouvido falar, por colegas, que ele tinha usado termos bem violentos em entrevistas, para descrever a ação da polícia. Não me surpreendia nem um pouco, pois ele tinha dado prova de compaixão por seu paciente, mesmo tendo, involuntariamente, piorado talvez a situação.

– Markku estava evidentemente muito perturbado. Mas isso era uma razão para matá-lo? Todas aquelas armas, os helicópteros... Qualquer um perderia a cabeça frente a tais ameaças. E ele já tinha uma tendência suicida, claro. Será que as coisas teriam sido mais fáceis se o refém não fosse um policial?

– Com certeza, teriam agido menos precipitadamente. Mas é sobre Niina Kuusinen que queria lhe falar. E se fôssemos até a minha sala?

O café tinha deixado um gosto amargo em minha boca e não podia fazer nada sobre o fato de a presença de Hanninen me angustiar. Minha mente não conseguia dissociá-lo de Palo e Halttunen.

– Normalmente, a deontologia me impede que fale sobre meus pacientes – declarou Hanninen, quando chegamos ao escritório. – Mas posso abrir uma exceção, agora que sei que a senhora é mais inteligente do que a maioria dos policiais.

– O senhor também conhecia pessoalmente Elina Rosberg?

– Eu a conhecia muito bem em uma época, saímos juntos por mais ou menos um ano, no começo

dos nossos estudos, há 20 anos. Tinha me esquecido dessa história completamente. Só voltei a pensar sobre isso quando soube da sua morte.

– Ouvi falar de conflitos entre vocês dois junto à Associação dos Psicoterapeutas.

Hanninen levantou as sobrancelhas e, em seguida, instalou-se em uma posição mais confortável, com as mãos cruzadas atrás da nuca e esticou as longas pernas, moldadas em uma Levis clássica.

– É isso, então? – disse, com um ar divertido. – A senhora não queria falar sobre Niina Kuusinen, mas enfiar o nariz na minha relação com Elina. Estão lhe faltando suspeitos, inspetora chefe Kallio?

Sem responder nada, examinei as rugas sedutoras de seu rosto. Seus olhos estavam cercados de negro, como se ele tivesse ficado acordado por várias noites.

– Mas posso lhe falar de Elina, se é isso que quer. Não faz parte do trabalho da polícia analisar a personalidade dos suspeitos tanto quanto das vítimas? Ela achava que sempre estava certa. Mas olhava para o mundo com antolhos. As mulheres, em geral, são mais abertas do que os homens a tudo que é novo, como as paraciências, por exemplo. Mas não ela. Era uma boa terapeuta, isso não contesto.

De acordo com Hanninen, o turbilhão que tinha agitado a Associação dos Psicoterapeutas, alguns anos antes, começou com a pequenez de espírito de Elina e alguns outros psicólogos, que consideravam que ele tinha usado métodos terapêuticos dignos de cuidado. Depois dessa controvérsia, a Previdência Social tinha reexaminado o reembolso dos tratamentos que ele fazia e tinha decidido, depois de dois anos, cortá-lo da lista dos profissionais conveniados.

– Claro que eu sabia muito bem que poderia, eu mesmo, ter a última palavra nessa briga com Elina, batendo na porta certa.

Então, Halttunen tinha sido um dos seus últimos pacientes cuja terapia foi responsabilidade da Previdência Social, e Kari Hanninen não escondeu sua satisfação ao contar que ele o tinha escolhido como psicólogo porque não parecia covarde. Ele falava à vontade sobre si mesmo, mas eu me perguntava qual seria sua capacidade de escuta. Depois da decisão da Previdência Social, ele tinha ganhado a vida graças à astrologia. Sua formação em psicologia inspirava confiança nos clientes.

– A astrologia desembaraça as crises, ajuda as pessoas a verem nas suas vidas elementos dos quais não teriam consciência de outro jeito. Não lhes digo que isto ou aquilo está escrito nas estrelas, que eles não têm outra escolha.

– Então, por que falou com Halttunen que, de acordo com as estrelas, a hora dele não tinha chegado? – perguntei, pois, esse comentário, estúpido, na minha opinião, continuava batendo na minha cabeça.

– Só foi um meio de tentar acalmá-lo. Que, infelizmente, falhou. Será que...

Não tinha intenção de voltar, com Hanninen, ao assunto da captura do refém e o interrompi bruscamente, mudando de assunto.

– Niina Kuusinen me disse que ela tinha começado uma terapia depois da morte de sua mãe. Talvez o senhor possa me falar sobre isso, sem trair sua confiança.

– Ela era muito próxima da mãe, como a maioria das pessoas de câncer. Ela levou uma vida muito protegida, filha única, etc. A mãe queria que ela fosse pianista, mas ela não tinha confiança suficiente nela mesma para fazer uma carreira. A família morou muito tempo na França, por causa do trabalho do pai de Niina, e é sem dúvida por isso que ela se sentia sem raízes aqui.

– Ela estudou na Academia Sibelius?

– Estudou. Na primavera passada, ela obteve seu último diploma de professora de música.

Espero que ela não tenha que trabalhar no ensino público, dar aulas particulares seria bem melhor para ela.

Lembrando-me da personalidade tímida e reservada de Niina Kuusinen, eu me perguntei se ela não estava apaixonada por seu psicólogo. Por que ela o tinha trocado por Elina? Hanninen mesmo não tinha mencionado nada sobre uma terapia curta. Será que ela estava insatisfeita com ele?

– Niina me disse, depois da morte de Elina, que tinha tido a impressão de perder sua mãe pela segunda vez. Ela pode ter projetado nela os sentimentos que sentia pela mãe?

Hanninen sorriu para mim, como um adulto sorri para uma criança que faz uma pergunta idiota, mas bonitinha.

– A psicologia policial! Elina não tinha idade suficiente para servir de suporte para uma tamanha transferência. Sua natureza não combinaria com isso também. A mãe de Niina era o arquétipo da figura materna à antiga, afetuosa e cuidadosa. Mas é verdade que os pacientes projetam nos seus psicólogos todo tipo de sentimentos. Faz parte do processo.

– Niina faz uso de tranquilizantes? Ou de soníferos, por exemplo?

– Essa informação é confidencial.

Sabia que não poderia tirar muita coisa mais de Kari Hanninen, nós já estávamos beirando o limite do segredo profissional.

– Por que ela terminou a relação terapêutica de vocês, para trocá-lo pro Elina?

De novo, um sorriso divertido, deixando a entender que estava longe de ser, aos olhos de Hanninen, tão inteligente quanto ele imaginava.

– E quem lhe disse que nossa relação terapêutica terminou? Ela só mudou de forma! Eu ainda interpreto os mapas astrais feitos por Niina, em colaboração com ela, agora que ela também se tornou especialista no assunto. Por sinal, ela está ganhando um dinheiro extra com isso. A psicoterapia que ela fazia, por outro lado, era reembolsada pela Previdência Social. Mas ouvi rumores, antes do Natal, de que alguns membros da Associação dos Psicoterapeutas começavam a criticar os métodos ultrafeministas de Elina. É o que se diz sobre quem tem teto de vidro...

– O senhor realmente a detestava ou o quê? Só lhe enviou Niina Kuusinen para espioná-la, não é? Dessa vez, ele teve um franco acesso de riso.

– De jeito nenhum! Ao contrário, achei que a escola de pensamento de Elina seria muito conveniente para Niina, tendo em vista a sua relação problemática com a mãe. Mas começo a ver aonde a senhora queria chegar. Com certeza vai ficar feliz em saber que não tenho álibi para a noite de sua morte. Estava em casa, sozinho.

Corei, sem conseguir impedir que Hanninen percebesse, o que me deixou furiosa. Como sempre, tinha me deixado levar, perseguindo uma ideia que sabia que era absurda. Bateram à porta. A secretária da brigada estava me trazendo um relatório que eu tinha pedido há muito tempo, das ligações telefônicas entrando e saindo de Rosberga durante todo o período do Natal, inclusive na noite de 26. Só pensava em me livrar de Kari Hanninen, para examinar o documento tranquilamente, mas escarrapachado na cadeira, em frente de mim, ele não parecia nada apressado para se mexer.

– De que signo a senhora é, inspetora chefe Kallio? – perguntou, de repente, analisando-me com um olhar do qual eu não gostava nem um pouco. – Poderia apostar que é um signo duplo. Gêmeos... não. Libra ou, melhor, peixes.

– Que diferença isso faz?

Não queria, de jeito nenhum, admitir, na frente de Hanninen, que ele tinha acertado, que eu tinha

em mim esses peixes sempre nadando em sentido contrário.

– Eu faria de bom grado seu mapa astral, gratuitamente, claro. Só dê-me a sua data e horário de nascimento, além do lugar exato.

Respondi com uma careta sem graça. O que eu tinha a perder, já que, de qualquer maneira, não acreditava mesmo nessas besteiras? Mas era normal eu estar tão incomodada com a ideia de esse cara estudar minha personalidade e meu destino por meio dos astros? Talvez só estivesse irritada pelo fato de, depois de ter feito meu mapa astral, ele imaginar que me conhecesse. Contudo, seu sorriso provocador me fez ceder. Dei-lhe as informações que ele pedia. Talvez assim, pelo menos, ele iria embora.

Minha tática foi coroada com sucesso. Ele se levantou da cadeira, dizendo que iria começar o trabalho imediatamente; eu teria meu mapa astral até o final da semana. Eu me perguntei se ele o traria pessoalmente, mas me absteve de lhe fazer a pergunta.

Assim que Hanninen saiu, caí em cima da lista de ligações. Já sabia sobre uma grande parte daquelas comunicações. Tarja Kivimäki tinha ligado, no dia 24, para seus pais em Tuusiemi, Niina Kuusinen tinha avisado sobre sua chegada, no dia 25. Kirstilä tinha ligado várias vezes, tanto de Hämeenlinna, quanto de Helsinque, e seu relato sobre sua ligação noturna conferia. Mas, antes disso, havia no relatório uma verdadeira bomba: por que Elina tinha recebido, às 11 horas da noite de 26, uma ligação do celular de Leevi Sääntti?

Doze

O balanço ritmado do trem foi eficiente: dormi 15 minutos depois da partida e só acordei no dia seguinte, um pouco antes de Oulu. Mal tive tempo de ir ao banheiro, refrescar meu rosto e maquiar-me às pressas. O trem sacudiu exatamente na hora que eu passava o rímel, e o pincel deixou em meu nariz um borrão marrom-escuro espesso, que tive a maior dificuldade em tirar porque não tinha levado demaquilante para os olhos. Geralmente, só cuidava da minha beleza depois de tomar um café, mas, dessa vez, teria que esperar para conseguir uma xícara.

Tinha ido a Oulu com meus amigos, dez anos antes, no festival Kuusrock. Não me lembrava de quase nada da cidade, mas me tinham dito que a delegacia de polícia era perto da estação. De lá, eles tinham prometido me levar a Karhumaa. Já tinha me assegurado poder conduzir um interrogatório oficial, depois de ter descoberto que Leevi Sääntti tinha ligado de seu celular para o número particular de Elina.

O restaurante da estação servia um café mais ou menos bebível que, com um pãozinho fresco com queijo, me clareou suficientemente as ideias para que encontrasse o caminho até a delegacia de polícia. Na recepção, disseram que iriam avisar a agente Rautamaa e, pouco depois, vi chegar uma loira de quase 1,80 m, aproximadamente da minha idade, protegida por um uniforme de inverno.

– Minna Rautamaa. Bom dia. Diga-me... a gente não começou a escola de polícia juntas?

– Verdade. Depois você ficou grávida e teve que interromper sua formação. Mas você não se chamava Rautamaa naquela época. Por isso, achei que não conhecia ninguém aqui.

– Meu sobrenome de solteira era Alatalo. E aquela criança já tem 12 anos, dá para acreditar? Vamos?

Eu me lembrava da decepção que tinha sentido quando Minna Alatalo teve que desistir do curso por causa da gravidez. Não havia outras mulheres em nossa classe e, depois da sua saída, senti-me órfã por um bom tempo.

O dia acabava de nascer e um vento gelado arrepiava a cidade. Apesar de o Dia de Reis já ter passado, as iluminações de Natal ainda eram numerosas. Dirigindo bem a uns 90 km/h, Minna me falou de sua vida de policial e mãe de três filhos. Agora que todos estavam na escola, ela tinha mais tempo para dedicar à sua carreira e tinha apresentado um pedido para seguir uma formação de suboficial.

Contei-lhe brevemente o que tinha feito da vida, antes de passar aos motivos do nosso encontro com Leevi Sääntti.

– Em Nuksio? – ela se surpreendeu. – Não foi lá também que aconteceu aquele terrível incidente com o refém, semana passada? O policial que foi morto era do seu comissariado, não era?

– Sim, era um colega bem próximo – confirmei laconicamente, antes de voltar à Elina Rosberg. Minna deu uma olhada rápida para mim, mas teve a sensatez de não insistir.

– Que idade tem essa Johanna Sääntti? – ela me perguntou, ao final do meu relato.

– Ela nasceu em 1962.

– Então, deve ser Johanna Yli-Koivisto, com quem estudei no ensino médio. Ela era de Karhumaa e casou-se com um pastor. Não me interessa muito por religião, mas, quando penso nisso, já ouvi o nome Leevi Sääntti. É um dos líderes laestadianistas da região.

– Então, você conheceu Johanna no colégio! Conte-me sobre ela.

– Era uma menina reservada, terrivelmente conscienciosa, sempre tinha excelentes notas e passou muito bem no vestibular. Não andávamos com a mesma turma. Os laestadianistas ficavam juntos e, com certeza, nem podiam se misturar com os outros. Mas lembro-me de um incidente, deve ter sido no primeiro ano do ensino médio. Johanna era bem bonita, mesmo fazendo tudo para esconder sua beleza, vestindo-se como um saco de batatas e mantendo seus cabelos encaracolados cuidadosamente presos em um coque.

Um trator-reboque, carregado com toras, surgiu na nossa frente em uma curva estreitada pelas nevascas. Minna o evitou com um brusco golpe no volante, seguido por uma derrapagem, que ela demorou um pouco para controlar.

– Merda! Ele estava a, pelo menos, 20 km/h a mais do que a velocidade permitida! – xingou. – Deveria persegui-lo, mas, francamente, corrida de carro na neve é demais para mim.

– Eu entendo. Com a idade, também não tenho mais a mesma vontade de me envolver em tudo como antes. O que foi essa história com a Johanna no colégio?

Trava-se de um tal de Jari Kinnunen, o rebelde punk da sala, que se apaixonou loucamente pela bela e tímida Johanna Yli-Koivisto. Ele conversava com ela no intervalo e sentava-se ao lado dela na cantina, dava-lhe barras de chocolate e lhe escrevia canções de amor.

– Se você se interessa pela cena do rock, talvez tenha ouvido falar do Cabeça de Mula. Jari é o guitarrista.

Eu conhecia mesmo essa banda de novo punk rock, cuja música eu gostava, mas imaginava que os membros tinham uns 20 anos.

Pelo visto, Jari foi a primeira pessoa com quem Johanna conviveu. No começo, ela parecia mais incomodada pela atenção que ele dava a ela, mas, pouco a pouco, tinha se deixado persuadir. Para surpresa geral, ela foi à festa de Natal da sala, organizada na casa de Minna. Seu irmão, no entanto, deveria buscá-la às dez da noite.

Jari Kinnunen tinha falado para seus amigos naquele dia que iria pegar a Bela Adormecida, como a chamava. E tinha mantido sua promessa. Quando o irmão de Johanna chegou para buscá-la, ela não estava com os outros, quase todos sentados na sala, conversando e bebendo álcool.

– Finalmente – concluiu Minna –, encontram os dois se beijando, no quarto do meu irmãozinho, no meio dos circuitos de carrinhos e tacos de hóquei. Só se beijando, hein, na maior inocência. Mas o irmão de Johanna entrou em um estado de fúria cega. Primeiro, bateu no Jari, depois, na irmã, e as palavras que usou! Nunca poderia imaginar que os laestadianistas soubessem tantos palavrões. Ele berrou que, mais uma vez, ela se comportava como uma puta, ou alguma coisa desse gênero. Então arrastou-a até o carro. Jari até tentou atacá-lo, mas, felizmente, conseguimos convencê-lo de que isso só pioraria as coisas para Johanna.

Na segunda seguinte, na escola, Johanna ficou de boca calada, recusando-se a falar sobre o incidente do final de semana. Ela nunca mais conversou com Jari. O dia terminava com uma aula de ginástica, e as meninas tinham visto, apesar de suas tentativas de se esconder em um canto do vestiário, que ela estava coberta de roxos.

– Deveríamos, sem dúvida, ter feito alguma coisa – suspirou Minna. – Mas estávamos tão

acostumados a deixar os laestadianistas viverem do jeito deles! E Jari saiu do colégio, no final do ano escolar, porque tinha sido contratado por uma orquestra de dança itinerante. Johanna não participou do baile de fim de ano, nem da entrega de diplomas aos alunos do último ano e, no dia da prova de inglês, ela estava usando um anel de noivado. Ela sonhava em estudar medicina, se me lembro bem, mas, ao invés disso, casou-se.

Tínhamos chegado a Ii, onde a estrada subia para seguir o rio na direção leste, de Karhumaa e Yli-Ii. O passeio ao longo do rio devia ser agradável no verão, de bicicleta. Os raios de sol oblíquos, que finalmente começavam a subir no céu, se refletiam na neve em um brilho multicolor. Por um momento, fiquei olhando a paisagem e não a estrada, mas tive tanta náusea que tive que pedir à Minna que parasse e desci do carro para vomitar no acostamento.

Claro que ela logo percebeu que eu estava grávida e, do alto da sua experiência de mãe de três filhos, me deu conselhos para evitar esse tipo de incômodo. Adoraria ter encontrado um posto para escovar os dentes antes de chegar a Karhumaa, mas não havia nenhum. Então, pedi à Minna que fizesse uma parada a aproximadamente um quilômetro do nosso destino e enchi a boca de neve, recolhida da beirada da estrada. Tinha o mesmo gosto da minha infância, primeiro fresca, depois dura e oleosa.

A vila era pequena, com uma pequena rua principal. Graças às indicações precisas que me foram dadas, encontramos sem dificuldade a residência dos Sânti, a dois quilômetros do centro, bem perto do rio. O terreno, com toda certeza, fazia parte das terras de uma fazenda que se estendia acima da margem. As casas de Karhumaa eram grandes, como se todas tivessem sido construídas para famílias com dez filhos, mas essa era mais bonita do que as outras. Era um imóvel de um andar, de tijolos brancos, de quase 300 m². Em frente, estavam estacionados um elegante Volvo cinza-escuro e um micro-ônibus da mesma marca. Por sinal, nenhum outro tipo de carro poderia acolher a gangue completa. Os esquis estavam bem organizados, as cortinas de renda pareciam novas. Ao contrário do que tinha imaginado, a casa dos Sântti, vista de fora, não tinha nada de ameaçadora. O homem que tinha saído, para nos receber ao pé da porta, também não parecia com o que eu esperava.

Apesar da voz agradável e estudada de Leevi Sântti ao telefone, não me teria surpreendido encontrar um cara baixinho, com poucos cabelos oleosos, partidos impecavelmente ao meio, com óculos dos anos 1960 e um terno preto, com a calça uns 10 cm mais curta que o normal.

O pastor, na verdade, era um homem de 1,80 m, ombros largos, cabelos castanho-claros. Seu corte de cabelo curto e cuidado tinha evidentemente sido arrumado com a ajuda de uma escova redonda e *mousse* modeladora. Os traços do seu rosto eram comuns, mas atraentes e, ao invés de um terno mal cortado, estava usando uma calça de veludo azul-escuro e um pulôver descontraído, com estampas azuis e marrons, sobre o qual dava para ver uma camisa azul-clara de listras. Devia ter no máximo 41 anos. Entramos em um grande vestíbulo, mobiliado com vários armários. Vozes de crianças ressoavam do fundo da casa e, de repente, uma menina de pelo menos 1 m de altura surgiu no fim do corredor, nos mostrou o dedo e disse “encantada em conhecê-las”:

– Senhora. Senhora.

Pela sua idade, no máximo dois, tratava-se de minha xará, Maria, a caçula de Johanna. Tive vontade de pegá-la no colo, mas, antes que tivesse tempo, uma menina de uns seis ou sete anos veio procurar por ela.

– Vamos para o meu escritório, poderemos conversar mais tranquilamente lá. É melhor que as crianças não saibam que a polícia quer fazer perguntas sobre a mãe delas. Ainda bem que vocês

vieram em um veículo normal.

– É só um interrogatório de rotina – tranquilizei-o.

Antes de entrar no escritório de Leevi Sääntti, tive tempo de ver a sala de estar, mobiliada em estilo campal, assim como o quarto das crianças, com as camas sobrepostas e uma imagem de anjo da guarda na parede.

– Sou pastor por meio período, trabalho essencialmente na serraria do meu pai – explicou, enquanto eu olhava, com curiosidade, a biblioteca onde diversas coleções de textos religiosos ladeavam obras sobre a transformação da madeira. – Tenho que ir à serraria esta tarde, então, vamos ao assunto. Maija-Leena vai, com certeza, nos trazer um café em breve.

Havia alguma coisa nele que lembrava Kari Hanninen. Não era a aparência, nem o jeito de falar, mesmo se os dois tivessem uma voz doce, como se quisessem obrigar sua audiência a abrir seus ouvidos. Procurava por um ponto comum – Leevi Sääntti evidentemente não era fã de astrologia.

– O senhor tem alguma objeção que eu grave nossa conversa?

Ele balançou a cabeça, e eu prossegui:

– Elina Rosberg, na casa de quem sua esposa mora, desde que ela deixou o domicílio familiar, há aproximadamente dois meses, morreu em circunstâncias suspeitas há 15 dias. Gostaria de conversar com o senhor sobre a saúde mental de sua mulher. Ela passou por muitas dificuldades. Decidir abortar, encontrar-se afastada da família, mesmo que provisoriamente, com certeza não foi fácil para ela. O senhor acha que seu equilíbrio mental possa ter sido abalado?

– A senhora acredita em Deus, inspetora chefe Kallio?

A pergunta de Leevi Sääntti não tinha nenhuma relação com o caso, mas resolvi responder.

– Não tenho muita certeza em que eu acredito. Por quê?

– Não vou falar a respeito de Johanna sobre desequilíbrio psíquico, mas sim de recusa em aceitar a vontade divina. A Bíblia proíbe os assassinatos, como o aborto, e indica claramente que a mulher deve ser submissa a seu marido e que seu lugar é junto a seus filhos. Não reconheço mais Johanna. Seus irmãos me lembraram que ela, algumas vezes, foi contra a vontade de Deus, quando estava na escola, mas foi, durante anos, uma boa mãe e uma esposa dócil. Não sei se está possuída pelo demônio, ou o que a levou a se comportar daquele jeito. Como lhe disse ao telefone, por mim, ela poderia muito bem matar uma segunda pessoa.

– E considera Elina Rosberg culpada do aborto de sua esposa?

– O que a senhora quer dizer?

Parecia realmente surpreso, mesmo que eu tivesse certeza que ele sabia aonde eu queria chegar.

– Ela encorajou sua mulher a interromper a gravidez e a abrigou.

– Não sabia – o tom barítono de Leevi Sääntti se tornou mais cavernoso. – Achei que a senhorita Rosberg administrava um tipo de refúgio.

– Um refúgio? Para vítimas de violência domiciliar? – sugeri, aproveitando a oportunidade para testar o terreno.

– O que a senhora está insinuando?

– Não estou insinuando nada. Só queria saber que imagem o senhor tinha de Elina Rosberg e das atividades da mansão Rosberga.

A porta se abriu, e uma jovem magra entrou, carregando uma bandeja de café. Sua semelhança com Johanna era impressionante, apesar de Maija-Leena Yli-Koivisto, longe de parecer triste, cansada e definhada, era uma moça muito bonita, até com o vestido de vovó.

O café estava acompanhado de pão de centeio caseiro e de brioche, cujo odor fazia pensar que tinham acabado de sair do forno. Com um olhar, Minna me encorajou a comer, para evitar as náuseas. Depois de deixar a bandeja, Maija-Leena se retirou. Eu me perguntei se seria possível interrogá-la também, depois que Leevi Sääntti fosse para a serraria. O pão tinha gosto de verão, como na fazenda do meu tio Pentti, em Kuusikangas. Quase tive tempo de terminar minha fatia antes de alguém dizer uma palavra.

– Os acontecimentos dos últimos meses devem ter sido difíceis para Johanna, mas foram para mim também – finalmente continuou Leevi Sääntti. – Não importa quanta confiança tenhamos na vontade divina, o pecado da dúvida se insinua em nós. A criança que Johanna matou também era minha. Por que Deus quis me punir assim?

– Essa criança estaria, sem dúvida, morta de qualquer jeito, e sua mulher também, se ela tivesse prosseguido com a gravidez.

– O Senhor realizou milagres maiores. Talvez Ele as tivesse poupado, se tivéssemos obedecido sem protestar e rezado com o coração confiante.

Olhei para ele, incrédula, e, ao mesmo tempo, percebi o que ele tinha em comum com Kari Hanninen. Quanto mais eles sentiam seus interlocutores céticos, mais eles estendiam seu poder de sedução. Leevi Sääntti era certamente um pastor carismático.

– O senhor não poderia ter acolhido sua esposa, depois do aborto?

– É um pecado de extrema gravidade, apesar de ser aceito em nossa sociedade secularizada. E as crianças sem dúvida precisam da mãe, mas talvez seja melhor que elas cresçam sem ela, se ela é tão impiedosa.

Minna fez um gesto de impaciência, seu cotovelo bateu no gravador e derrubou no chão uma pilha de papéis. Fiquei feliz com a interrupção, que me deu tempo para me acalmar. Não era minha função tentar fazer Sääntti mudar de opinião, e não teria conseguido, de qualquer jeito.

– Nossa religião não admite divórcio. Mesmo assim, Johanna tem intenção de pedir. Tentei ser indulgente, pelas crianças, e até autorizei-a a dormir debaixo do meu teto, na semana passada, apesar do medo que tinha de ela envenenar o espírito delas. Ela queria obter a guarda dos filhos, mas não tem nem mesmo uma casa para lhes oferecer. Ela... – Leevi Sääntti abriu os braços e, por um instante, parecia que estava imitando Cristo na cruz. – Ela quer nos destruir, nossa família e a mim.

– O senhor não lhe entregaria as crianças, então?

– Não, de qualquer jeito, não sem uma boa briga. E Deus está do meu lado.

Não sabia dizer se acreditava ou não em Deus, mas, de qualquer maneira, não acreditava em um Deus concedendo votos automaticamente, contanto que se pense em fazer orações regularmente. E também não estava interessada por um Deus segundo o qual era melhor que a mãe de nove crianças morresse, ao invés de abortar para salvar sua vida. E lá estava eu me enervando de novo! Daqui a pouco, perguntaria a Leevi Sääntti se ele já tinha ouvido falar de preservativos?

– O senhor não parou de insinuar que sua esposa poderia ter matado Elina Rosberg. Poderia me dizer por que ela faria isso?

Leevi Sääntti olhou para mim, com infinita tristeza.

– A senhora mesma acabou de dizer que a senhorita Rosberg encorajou Johanna a abortar. Talvez ela se tenha finalmente conscientizado de seus pecados e quis dar um fim na sua tentadora.

Suspirei. Mesmo se, de acordo com essa lógica, Johanna tivesse que perambular pela região de Oulu, trucidando o pessoal médico que tinha participado da interrupção da gravidez, a ideia de Sääntti

me fez refletir. Talvez fosse lá que se escondia a loucura por trás da morte de Elina, pois o equilíbrio mental de Johanna estava, sem dúvida, perturbado.

– Onde o senhor estava na noite de 26 para 27 de dezembro?

– Eu? Certamente, aqui em casa. Ou melhor, não – pensando bem... Um minuto.

Säntti pegou em sua sacola uma agenda eletrônica digna de um alto executivo.

– Fui para o sul nesse dia... Tinha uma assembleia de oração em Vihti, para a qual tinha sido convidado.

– Em Vihti, não é muito longe de Nuuksio. Onde passou a noite?

– Na casa de um dos irmãos, em Vihti.

– Não passou por Nuuksio?

– O que faria lá?

– Poderia ir ver sua esposa... Ou Elina Rosberg. O senhor ligou para ela naquela noite, às 11 horas. O que queria com ela?

Säntti levantou os olhos para o céu, como se implorasse pela ajuda de Deus.

– Não liguei para ela – ele finalmente respondeu, olhando diretamente nos meus olhos.

– Sua religião não considera a mentira como pecado? O senhor ligou para ela. E no seu número particular, não no da mansão, que sua esposa também usava.

– E se eu quisesse argumentar com ela? Se tivesse pedido para mandar minha esposa embora da casa dela?

– Às 11 horas da noite, no dia seguinte ao Natal? – retruquei, incrédula.

Leevi Säntti manteve o olhar no meu, mas foi salvo da obrigação de responder por um menininho de três anos, que, de repente, abriu a porta, virou-se para fechá-la com cuidado e correu em direção a ele.

– Papai, mamãe veio no “calo”?

– Simo, eu já lhe falei mil vezes que não deve entrar no escritório do papai quando estou trabalhando. Mamãe não veio no carro, só estas duas senhoras. Volte para perto da tia Maija-Leena.

Simo ficou lá, olhando para nós, sem prestar a mínima atenção às queixas de seu pai. O uniforme de Minna, principalmente, parecia fasciná-lo. Leevi Säntti fez um movimento de irritação e tive a impressão de que ele teria tratado seu filho com muito mais severidade do que se nós não estivéssemos lá. O menino acabou subindo nos meus joelhos – para minha grande surpresa, pois nunca fui do tipo de atrair os pequenos.

– Mamãe não “mola” mais aqui – ele explicou. – Ela só vem visitar. Ela pecou e é “polisso” que não pode mais “molar” com a gente.

Ouvir uma criança de três anos falar de pecado parecia surrealista. Queria lhe dizer que sua mãe se preocupava com ele, mas não queria perturbá-lo mais do que ele já estava. Seu hálito cheirava a pão de centeio, a pele de suas bochechas era quente e lisa como uma nectarina ao sol. Leevi Säntti se levantou, abriu a porta e gritou para Maija-Leena vir buscar Simo. Ela chegou correndo, com três meninas de idade pré-escolar em seu encalço. Todas pareciam amedrontadas.

– Venha, Simo, você vai nos ajudar a arrumar o quarto de Markku e Johannes – Maija-Leena o atraiu.

Tinha dificuldade em acreditar que um menino de três anos se deixasse seduzir por essa promessa, mas ele tranquilamente desceu dos meus joelhos e correu para o vestibulo.

– Confesso que a hora que liguei para Elina Rosberg não foi a melhor, mas estava com meu

celular e achei que ela deveria ser do tipo de dormir tarde.

– O que o senhor queria com ela?

– Queria que ela argumentasse com Johanna, para que ela voltasse para casa ou que ela desistisse de pedir a guarda das crianças. Ela os quer, mas não tem residência, nem dinheiro, nada... E não terá. Ela os abandonou, é mentalmente desequilibrada. Tem muita coragem de pedir a guarda, pois ganharei o processo, com a ajuda de Deus.

Quase lhe disse que seria melhor contratar um advogado, de qualquer jeito, mas fiquei calada.

– Elina se recusou a cooperar. Quando sugeri que Johanna poderia voltar para casa se ela se arrependesse e pedisse perdão, não somente a mim, mas também a Deus e à nossa comunidade, ela desligou.

Com certeza, eu teria feito a mesma coisa. Mas teria ela realmente colocado um fim na conversa? E se Leevi Sääntti, desafiando a proibição, foi até Rosbergä? Se Elina saiu do seu domínio para encontrá-lo e, sob os efeitos dos medicamentos, dormiu no carro do pastor? Ele teria encontrado a oportunidade para se vingar dela e a teria arrastado pela floresta, deixando-a lá, para morrer. Os resultados da análise das fibras encontradas no corpo deveriam ter chegado. E se elas correspondem ao carro ou às roupas de Sääntti?

Perguntei a ele o nome de seu correligionário em Vihti. Ele disse que tinha chegado lá por volta de meia-noite e meia, o que certamente o excluía da lista de suspeitos, mas teria que verificar. Também pesquisei o endereço dos pais de Johanna, e, assim, soube que sua mãe tinha morrido há alguns anos.

– Aos olhos de seu pai e seus irmãos, Johanna morreu quando matou seu filho. Não acho que aceitarão falar com vocês.

– Veremos. De qualquer maneira, primeiro vou conversar com sua irmã – Sääntti franziu as sobrancelhas.

– Maija-Leena não vai saber lhe dizer nada a mais do que eu. Pergunte a mim. Podemos partir juntos, em seguida.

Tive que argumentar por um tempo, até que ele nos autorizasse a ficar, depois que partisse. No entanto, pediu-nos que esperássemos, antes de conversarmos com Maija-Leena, que ela colocasse Maria na cama para sua sesta e entregasse os maiores a Elisa, que não demoraria a chegar da escola. Então, acabamos por sair junto com ele, para primeiro ir ver a família de Johanna.

– Parece que você suspeita mesmo dela, para vir até aqui se informar sobre ela – disse Minna, enquanto dirigia divagar em direção à fazenda dos Yli-Koivisto, onde moravam o pai e dois irmãos de Johanna, o mais velho, com sua família e o mais novo, ainda solteiro. O terceiro, Simo, morava em Kemi.

– Não é isso – respondi, sem me ater muito à pergunta.

Eu mesma não sabia o que queria, a não ser saber mais sobre a vida de Johanna, em Karhumää.

O irmão também devia ter uma penca de filhos tão numerosa quanto ela, então esperava que a casa transbordasse vida. A fazenda, construída no século anterior, era pintada de vermelho-escuro, com um imponente celeiro de pedra, visivelmente bem cuidado, do outro lado do pátio. Não havia nenhum carro à vista, mas marcas frescas de pneus levavam a uma garagem, com lugar para três carros.

No entanto, ninguém veio abrir quando batemos à porta e até tocamos a campainha – sinal claro, no campo, que os visitantes são estranhos. Depois de verificar que o imóvel estava trancado e que

não havia luzes na casa, fizemos o caminho de volta. Talvez os Yli-Koivisto estivessem lá, mas não queriam conversar com a polícia. As cores escuras do imóvel, que se situava um pouco distante da cidade, lhe davam um ar sinistro e impenetrável. Entendia Maija-Leena Yli-Koivisto preferir morar na casa mais moderna da irmã.

Quando voltamos para lá, ela estava ocupada cuidando das coisas, com gestos confiantes, já acostumada ao lugar. Lembrei-me da observação de Johanna, segundo a qual, seu marido já tinha escolhido Maija-Leena para substituí-la, se ela morresse no parto. O que aconteceria, agora que ela tinha decidido se divorciar? Não sabia se os laestadianistas eram como os católicos, que se recusavam a abençoar o casamento de divorciados. Maija-Leena, apesar de tudo, tinha intenção de continuar à disposição de Leevi? Seja como for, era evidente que ela estava apaixonada por ele e falava dele como se fosse um semideus, a quem se recusava criticar. Na sua opinião, a irmã sabia que abortar era pecado. Deus, com certeza, teria tomado conta dela e de seu bebê.

Eu me perguntava o que Johanna deve ter sentido, vendo todas as pessoas próximas dela prontas a condená-la à morte. Tínhamos isso em comum, nós duas tínhamos visto nossas vidas ameaçadas. Mas Johanna só devia sua saúde a ela mesma, enquanto que, se eu me salvei, foi por pura sorte.

– Para as crianças também é melhor que ela fique distante. Suas visitas só os perturbam; Maria, mais uma vez, está com dificuldade para dormir há várias noites. Aos maiores podemos explicar a situação, mas os pequenos ainda não entendem.

Maija-Leena costurava botões em um vestido azul-escuro tamanho 6 anos aproximadamente. Uma torta de carne moída dourava no forno, uma massa de pão crescia no calor. No cômodo ao lado, Elisa, que já tinha 12 anos, lia para os pequenos uma história, na qual alguém tinha perdido um cordeiro.

– A senhora se dava bem com sua irmã?

Maija-Leena levantou os olhos de seu trabalho por um instante, mas logo os abaixou de novo, como que para mascarar seus sentimentos.

– Nossa diferença de idade é tão grande... Quando era pequena, eu a admirava muito, ela era gentil e arranjava tempo para brincar comigo. E o dia de seu casamento com Leevi foi maravilhoso. Toda a vila dizia que ela era abençoada por ter encontrado um marido tão bom. Não entendi, quando estava no ensino médio, quando ela me sugeriu seguir meus estudos e reclamou não ter podido fazer o mesmo. Ela tinha uma bela casa e vários filhos bem criados, o que mais ela queria? Acho que ela alimentava, há muitos anos, pensamentos ruins. Ela também os semeou no coração de Anna, tanto que seu pai teve que expulsá-los de lá o mais rápido possível.

– Leevi Sântti usa punição corporal? – perguntou Minna, com um tom natural.

Não nos olhamos, mas nós duas sabíamos que esse tipo de violência poderia ajudar Johanna na sua luta pela guarda dos filhos. Talvez, aqui, fosse considerado um método de educação normal, mas as regras de Karhumaa, felizmente, não valiam em nenhum outro lugar. Uma criança começou a chorar de algum cômodo no interior da casa.

– Maria acordou de novo durante a sesta. Tenho que ir acalmá-la. Seria melhor que fossem embora, os maiores vão se preocupar com a mãe.

– Minna, pare!

Saltei na neve, antes mesmo do carro parar e gritei:

– Anna! Espere!

Ela se virou, com uma esperança no rosto, que se apagou quando ela viu que sua mãe não estava conosco. Apesar disso, ela veio em nossa direção, pequena mulher, com as costas eretas e um casaco verde-escuro, que poderia ter pertencido à Johanna. Apresentei-me e lhe perguntei se havia na cidade um café onde pudéssemos conversar.

– Não, as pessoas tomam café em casa aqui – Apesar dos seus 13 anos, ela tinha olhar e corpo de adulta. – Podemos dar uma volta de carro. Se passarmos por Viitakorpi, dá um bom passeio.

Sentei-me a seu lado, no banco de trás. Seus traços eram, ao mesmo tempo, de sua mãe, pela beleza, e do pai, pela força e carisma.

– Não posso me demorar muito, Maija-Leena vai se preocupar. Vou lhe dizer que desci do táxi no ponto anterior. É da mamãe que vocês querem falar? Ah, meu avô!

Anne abaixou a cabeça, enquanto passamos por um homem curvado, que circulava em uma trotinete de neve.

– É o pai de sua mãe?

– É. Ele vai ficar furioso em me ver no carro de desconhecidos. Ainda que feliz por serem mulheres.

– Sente falta da sua mãe?

Ela abriu um sorriso compassivo, como se a pergunta fosse idiota.

– Claro. Com exceção de Johannes, todos nós queríamos ir com ela, mas ela ainda não tem lugar para morar. Queria tanto sair de Karhumaa. Ir a algum lugar onde pudesse usar jeans e ver televisão, como todo mundo. Vocês sabem quando mamãe estará restabelecida e vai poder vir nos buscar?

– Sua mãe já está bem melhor. Ela não lhe disse quando esteve aqui?

– Sim. Ela tinha mudado, de qualquer maneira. Parecia mais jovem e estava rindo de novo, como antes do nascimento de Simo e Maria. Johannes a chamou de prostituta, porque ela estava com os cabelos soltos e de calça. Mas ele é um cretino.

Perguntei-me por que estava passeando de carro, com Anna Sääntti, no campo coberto de neve, no final das contas. O que achava que conseguiria tirar de uma adolescente de 13 anos, a prova que um de seus pais era um assassino?

– Maija-Leena tentou ensinar aos pequenos a chamá-la de mamãe, mas não paro de repetir, principalmente para Maria e Simo, que ela é só nossa tia e que mamãe virá nos buscar. É difícil lhes explicar a situação... o aborto e o resto. Mamãe não me teria contado se não a tivesse bombardeado com perguntas. Mas como explicar isso a uma criança de seis anos?

Senti-me como a pessoa mais baixa do mundo, quando lhe perguntei:

– Alguma vez você ouviu seu pai ameaçar sua mãe ou aquela mulher, Elina Rosberg, onde ela morava?

– Ah, sim, a que morreu? Ouvi papai dizer à Maija-Leena que Deus estava colocando-os em prova, ao deixar mamãe sobreviver a um pecado como o aborto. Ele queria casar com aquela idiota! E ele falou que nossa comunidade deveria se unir contra os médicos que autorizam o aborto, como nos Estados Unidos. Ele tem o dom da oratória, isso é certo – a voz de Anna era cruel. – Depois que mamãe foi embora, ele está de olho em mim. Até à noite, ele vem ao meu quarto, ver se estou dormindo castamente.

Respirei fundo; o quadro era ainda mais alucinante do que na minha imaginação. Um pastor

abusando sexualmente de sua filha?

– E o que ele faz?

– Nada, ele se contenta em me olhar. Mas até isso me enoja. Por outro lado, adula Elisa, dizendo que, felizmente, ela ainda é só uma menininha e não uma mulher. Tenho que ir agora! Não aguento mais os interrogatórios que tenho que ouvir, ao menor atraso.

Demos meia-volta. Anna repetiu que, exceto Johannes, as crianças Sântti queriam morar com a mãe. Não ousei lhe perguntar mais nada, porque interrogar um menor sem a presença dos pais ou de um funcionário do serviço social era bem delicado. Só poderia dar munição à minha amiga advogada, Leena. Antes de resolver sobre a guarda das crianças, a justiça tinha, de qualquer jeito, que, entendê-los.

– Então é o pai de Johanna que nós vimos, na trotinete de neve. Será que ainda temos tempo de passar na casa dele?

– Se seu trem estiver no horário, não. Mas pode ligar para a estação, tenho o número.

Liguei meu celular, mas, antes que tivesse tempo de usá-lo, ele tocou. Apesar da voz quase inaudível de Taskinen, fraca e cortada, consegui entender o que ele estava dizendo. Aira Rosberg estava na UTI e ele não tinha certeza se ela sobreviveria. Ela tinha sido agredida, por volta das 10 horas da noite, na véspera, quando voltava da casa de amigos. Quando ela desceu do carro para abrir o portal, alguém a atacou com a estátua de urso de 15 quilos que decorava o muro.

Treze

Queria pegar um avião, mas o da tarde estava cheio, com três pessoas já na lista de espera, e o da noite não me faria chegar a Helsinque muito mais cedo do que o trem. Além disso, o que poderia fazer em Espoo? Aira estava em coma, sem que ainda soubessem se ela algum dia acordaria.

Foi Johanna que a encontrou, tarde da noite. Tinha assistido a uma série de televisão e tinha estranhado que depois não a tinha ouvido entrar. Quando foi dar uma olhada no quarto dela, viu na tela de segurança que um carro estava parado em frente ao portal. Ao descobrir o que tinha acontecido, chamou uma ambulância. Foram os paramédicos que, em seguida, chamaram a polícia, não acreditando, ao contrário de Johanna, que o urso tivesse caído sozinho na cabeça de Aira.

– E isso não seria possível? – gritei para Taskinen, ao telefone do trem, pois meu celular se recusava a funcionar no meio da floresta que a via ferroviária atravessava.

– Não, a estátua ficava bem longe, ao lado. Experimentamos várias vezes.

– Como vai Johanna Sântti?

– Aparentemente bem, pois brigou com Ström quando ele a interrogou. Está na cabeceira de Aira, no hospital.

– Brigou?

– Ström, com certeza, não foi o primeiro a suspeitar dela. E, como de costume, ele não tentou esconder isso. Essa história é bizarra. Eu estava pronto a concluir que já estava na hora de encerrar a investigação sobre a morte de Elina Rosberg por falta de indícios de crime. Mas com o que acabava de acontecer... Aira devia saber alguma coisa comprometedora.

– É o que penso desde o início. Vou à mansão, logo cedo amanhã. Autorizaram Johanna Sântti a voltar para dormir lá?

– Com certeza, sim...

– Sem nenhuma proteção, claro. Envie alguém para lá, pelo amor de Deus, e avise a Johanna que ela está em perigo. No último caso, eu mesma vou passar a noite lá.

– De jeito nenhum! Vou cuidar disso. Calma, Maria! Você leva tudo a ferro e fogo.

Mas como poderia não estar em ebulição? Era frustrante estar presa neste trem, sem poder fazer nada. Voltei ao telefone e tentei ligar para Antti e para outro número em Helsinque. Tarja Kivimäki evidentemente não estava na casa dela e, mais uma vez, tive que deixar um recado.

“Aqui é a inspetora chefe Kallio, da polícia judiciária de Espoo. Infelizmente, sou obrigada a cancelar nosso encontro de quinta.” Fiz uma pausa, dando-lhe o prazer de alegrar-se por ter conseguido me intimidar. “Tenho que ir a Rosberga, onde alguém tentou matar Aira Rosberg. Espero pela senhora na sexta, às 10 horas.”

De volta a meu vagão, tentei dormir e acabei passando o resto do trajeto em um tipo de semitorpor, deixando os acontecimentos vagarem em minha mente, como um filme irreal. Como Taskinen, tinha quase pensado em enterrar a investigação do caso Rosberg e confessar que, afogada em minhas obsessões, tinha saído atrás de um assassino que não existia. O que Aira sabia? Ela

sempre me tinha dado a sensação de se perguntar, no seu íntimo, se deveria ou não contar à polícia o que sabia. Como se quisesse proteger o assassino de Elina. Talvez por isso tivesse me mostrado aquela carta suicida pouco convincente. Quem estava protegendo? Só via uma possibilidade: Johanna Sääntti.

Apesar da hora tardia, quase meia-noite, Antti esperava por mim na estação:

– Viagem difícil?

– Não tanto a viagem em si, mas a notícia que tive.

Contei-lhe, em poucas palavras, que um segundo crime, ou pelo menos uma tentativa de assassinato, tinha ocorrido em Nuuk.

– Então não vai ter tempo de pensar em mais nada, além do seu trabalho – suspirou. – Vai haver uma reunião dos opositores à Autoestrada Nº 2, amanhã, às cinco horas. Esperava que pudesse me acompanhar.

– Sinto muito, mas não vou poder. Mas imite minha assinatura em todas as petições.

Na estação rodoviária, o vento violento quase nos transformou em blocos de neve. Mais uma vez, Antti amaldiçoou a falta de proteção; ele estava visivelmente num de seus dias “anti tudo”. Eu mal o escutava, preocupada com Aira. Será que ela ainda estava viva? Tinha decidido esperar em casa para ligar para o hospital, achava ridículo ficar sussurrando ao telefone no ônibus.

– Não sei se ainda pode ser de alguma utilidade. Opor-se a essa autoestrada, quero dizer, agora que os projetos e os financiamentos já estão fechados. Eu me pergunto, no fundo, em que floresta teríamos de morar, para ter certeza que não ela seria derrubada dali a três dias. Não temos o que fazer. Quando um burocrata ou um promotor resolve jogar cimento em tudo, ninguém pode fazer nada.

– Seja homem, lute! – soltei, com um sorriso forçado, cujo reflexo, na janela do ônibus, tentou sorrir de volta.

– Também tive uma semana difícil. Quando penso que poderia tê-la perdido... ainda mais com o bebê. Não tenho sua coragem.

– É só que prefiro não parar para pensar, a não ser que seja obrigada. Vamos descer aqui e andar o restante do caminho? Fiquei sentada quase o dia inteiro no trem, adoraria fazer um pouco de exercício.

A paisagem banhava-se em uma luz estranha, a neve abafava os barulhos e sua crosta congelada rangia debaixo dos nossos pés, como se fosse só um fino revestimento de um planeta oco. Em um ano, sem dúvida estaremos puxando atrás de nós um trenó com um bebê de cinco meses. A perspectiva parecia remota, e o quadro familiar idílico, na sua moldura dourada, desagradável.

O que mais me incomodava na gravidez era a incompreensível auréola que cercava a maternidade, essa quase obrigação de se transformar em um ser doce, caloroso e compreensível, essa plenitude que nos faz burguesas, esse papel de dona de casa devotada a fazer pães caseiros, com rolinhos na cabeça, na direção do qual minha barriga crescente me empurrava. Os estereótipos, sem dúvida, eram feitos para serem rompidos, mas uma criança era sempre uma criança, uma criatura a ser protegida, que corria o risco real de morrer na ausência de cuidados. Pensei em meu corpo, amante de uísque, resistente ao esforço, acostumado a correr pelo menos 30 quilômetros por semana, habituado a decidir sozinho sobre meus horários e me deixar levar por minhas investigações. Pensei em Antti, que passava três quartos do tempo que não estava fazendo amor comigo mergulhado em teorias matemáticas. Ser pai seria mais fácil para ele do que para mim. Para ser um bom pai, bastava ajudar no parto, trocar as fraldas do bebê de vez em quando e, quando ele estivesse um pouco maior,

ensiná-lo a esquiar. Apesar de tudo, esperava que essa paternidade simples, prevista na revista *Pais & Filhos*, fosse grudar em nós como chiclete e não nos deixar até a entrega do diploma, no final do ensino médio, a nosso filho. No jardim, Antti se virou para olhar para mim e um sorriso iluminou seu rosto.

– Uma mulher de neve – disse baixinho, tocando a ponta do meu nariz com sua luva.

Minha respiração tinha congelado meus cabelos ao redor do rosto e os galhos das árvores cobertos de neve tinham salpicado de branco meu chapéu e meus ombros.

– Eu, pelo menos, vou derreter – respondi, mais para mim do que para ele, pensando, por um instante, em Elina.

Liguei para o hospital de Jorvi. Não tinha ocorrido nenhuma mudança significativa no estado de Aira Rosberg. Ela ainda estava em coma e ignorava-se a gravidade exata dos ferimentos cranianos. Fora isso, não parecia sofrer mais nada e seus órgãos internos estavam funcionando normalmente. Conclusão: o médico de plantão me explicou, sem garantir nada, que ela tinha mais chance de sobreviver do que de sucumbir a seu traumatismo. Eu me perguntei como Johanna estava se virando, sozinha, em Rosberga. Seria razoável ela continuar morando lá, na ausência de Aira? Ou era até bom que ela estivesse lá para vigiar a casa?

Na manhã seguinte, fui diretamente ao hospital. Não esperava poder interrogar Aira, nem mesmo vê-la, mas os enfermeiros poderiam, pelo menos, me dar mais informação sobre seu estado. Tinha que revisar minha agenda para os próximos dois dias. Lembrei que me esperavam no dia seguinte, sexta, à tarde, para me ouvir sobre o tiroteio de Nuuksio, e isso me deixou de mau humor. Sabia, com antecedência, o resultado dos interrogatórios e do processo que se seguiria. Sacrificariam um dos policiais que deram as ordens no local, mas não acusariam de nada os verdadeiros responsáveis pela operação.

Meu pequeno Fiat parecia perdido no estacionamento do imenso complexo hospitalar. Ao entrar pela porta principal, pensei que, em sete meses, aquele lugar me tralaria também como paciente. A ideia não me animava. Tinha pavor desses lugares desde que, aos 14 anos, tive que passar duas semanas no Hospital Central de Carélie Du Nord porque minhas amígdalas, operadas por um médico chefe com uma ressaca mal curada, se recusavam a cicatrizar. Os médicos e os enfermeiros tinham me tratado como uma abandonada e me obrigado a comer um macarrão com leite nojento. Os hospitais eram para mim, ao invés de estabelecimentos de tratamento, lugares coercivos, onde as pessoas não são tratadas como seres humanos, mas como amígdalas hemorrágicas, apêndices supurados ou pernas quebradas. Seria assim também na maternidade de Jorvi?

Tive de explicar longamente quem era antes de a recepcionista aceitar me indicar onde se encontrava o serviço de tratamento intensivo, não sem me certificar que Aira estava bem. Nos corredores, as linhas de cores diferentes ajudavam a se localizar. A que devia seguir me levou a um elevador.

No tratamento intensivo, novos obstáculos burocráticos me esperavam. Tive que dobrar uma enfermeira comum, depois uma especialista, para ter acesso ao médico que estava cuidando de Aira, Doutor Mikael Wirtanen. Ele, por outro lado, me acolheu com uma cortesia quase suspeita. Sua atitude certamente já tinha sido várias vezes testada e comprovada: frente a alguém agradável, a polícia talvez hesitasse mais a pressionar para interrogar um paciente. Sobre Aira, por enquanto, não havia a mínima chance.

– Ela recuperou a consciência, mas está muito confusa e parece não se lembrar do que aconteceu.

Está com uma cefaleia muito forte e, por isso, estamos lhe dando doses grandes de analgésicos. Por enquanto, é difícil avaliar a gravidade dos ferimentos. A senhora Rosberg já está com 70 anos; nessa idade, a recuperação é mais lenta do que seria a sua, por exemplo.

– A que ponto seu estado de espírito pode ajudar na sua melhora? A sobrinha, de quem ela era muito próxima, morreu subitamente há 15 dias. E ela foi agredida. São dois choques grandes.

– Tudo está ligado. Ao contrário de alguns dos meus colegas, acho que o homem é uma entidade psicofísica. Mas a senhora Rosberg está, fora o trauma, em excelente condição para uma pessoa da sua idade.

Eu me perguntei se a vida de Aira ainda corria risco. Se, como parecia provável, a mesma pessoa que tinha deixado Elina morrer de frio depois de tê-la drogado tinha usado a estátua de urso para atacar sua tia, ela preferia agir em lugares menos frequentados do que o serviço de tratamento intensivo.

Quem herdaria de Aira? Ah, não, a vida não era um policial de Maria Lang! Apesar disso, peguei-me imaginando que Joonas Kivistö era um filho secreto de Aira, vindo reclamar sua herança. Minhas ideias estúpidas me fizeram rir, e o Doutor Wirtanen me olhou com um ar surpreso.

– Posso vê-la? Mesmo se for por uma janela?

– A senhora a conhece fora do trabalho?

– Também investigo a morte de sua sobrinha e já tinha tido oportunidade de conhecê-la antes disso.

Minha palestra em Rosberg parecia ter acontecido há uma eternidade, em um outro mundo, onde eu ainda não sabia nada também sobre o bebê aninhado em minha barriga.

– Vê-la não vai lhe adiantar em nada, mas se faz questão... Venha.

A porta do quarto era metade de vidro. Dei uma olhada, tímida, como se temesse que Aira fosse me ver. Contudo, seus olhos, profundamente enterrados em seu rosto, estavam fechados, e as bochechas altas sobressaíam. A boca, sob o nariz aquilino, aberta como um lago num escuro pântano, parecia morta e assustadora. Que segredo esses lábios tinham calado? Entre a bateria de aparelhos que piscavam como se estivessem vivos, só Aira parecia inerte. No entanto, respirava sem assistência, como provava o ventilador pulmonar desligado, guardado perto da parede.

– Pode ser que ela retome a consciência bem rapidamente, por um período longo ou curto, não posso garantir – murmurou Wirtanen.

– Mas ela vai viver.

– Sem nenhuma dúvida. Mas, por enquanto, é muito cedo para dizer se ela vai se recuperar completamente.

Não pude me impedir de deixar entender a Wirtanen que sua paciente talvez ainda estivesse em perigo. Assim que voltasse ao comissariado, iria ver se seria possível pôr alguém de plantão em sua porta. O médico me prometeu que seríamos avisados, sem demora, sobre qualquer evolução no seu estado.

Uma mulher grávida entrou, apressada, no elevador junto comigo. O que ela estava fazendo no hospital, antes do parto, tinha algum problema? Lembrei-me de várias pessoas conhecidas que tiveram que ficar de cama, por meses, porque seus bebês estavam ameaçando vir ao mundo bem antes da hora. Eu ficaria maluca se isso acontecesse comigo.

Fiquei um pouco lá fora, respirando ar fresco, antes de pegar meu carro. Liguei o rádio, no qual os radialistas Ulmanen e Roiha faziam o programa. Torci para que tocassem alguma coisa animada.

Como se tivessem ouvido meu pedido, anunciaram, depois de “Go West”, dos Pet Shop Boys, a paródia de “San Francisco” criada pelos Rehupiiikles, “Ylihärmä”. Os dedos da minha mão esquerda começaram, como que por eles mesmos, automaticamente, a batucar no volante. Antti ficava horrorizado com meu gosto musical, principalmente pelo meu amor por rock primário, pueril e tudo, menos intelectual, de grupos como Popeda ou Klamydia. Meus únicos discos de rock que ele também ouvia eram meus antigos David Bowie e Pink Floyd.

No comissariado, peguei Pihko para retomar o caminho, que tinha se tornado familiar, de Nuuksio e de Rosberga, sem realmente saber o que iria procurar.

Meu colega me perguntou como tinha sido minha viagem a Oulu e me contou o que Johanna tinha dito na véspera, durante seu interrogatório preliminar. Aparentemente, Aira tinha ficado quase duas horas em frente ao portal, ferida, pois, quando ela a tinha encontrado, já estava coberta com uma grossa camada de neve. Primeiro Pertsa tinha interrogado Johanna normalmente, mas, no final, tinha lhe perguntado se ela não tinha esperado por sua vítima para atacá-la com a pesada estátua de urso e fingido tê-la encontrado algumas horas mais tarde.

– Daí, ele lhe informou que o golpe não tinha sido suficiente para matar Aira, nem mesmo o frio em seguida, como sua sobrinha, porque a noite estava menos gelada e ela estava protegida por seu grosso casaco de astracã. Até então, a Sântti parecia ser do tipo extremamente tímida, mal respondia sim ou não às perguntas. Quase caí da cadeira quando ela se irritou. Gritou que isso não fazia nenhum sentido, por que ela mataria Aira, que era seu único apoio no mundo! Ström não sabia mais o que fazer. Puupponen, que estava lá para redigir o interrogatório verbal, quase morreu de rir; ele o detesta quase tanto quanto você.

– Eu? Detestá-lo? Quem é Pertti Ström? – soltei, pegando emprestada a letra da velha canção de Eppu Normaali, com a qual enchíamos o saco de Pertsa na escola de polícia.

Só nos contos é que uma tristeza compartilhada abrandava as desavenças. A morte de Palo não tinha deixado Ström menos desagradável. Fiquei contente em saber que ele estava trabalhando em outro caso e em ter Pihko como parceiro. O Lada do comissariado subiu mais ou menos a estrada escorregadia que levava a Rosberga. Pela primeira vez, o portal estava aberto. Por que será? Pelo que sabia, não era porque os técnicos do laboratório o estavam examinando. Por sinal, não devia haver mais nada para encontrar. Medi o muro com os olhos. Eu não poderia alcançar a estátua de urso, no topo, sem subir em alguma coisa, mas, para alguém de 1,90 m, como Antti, não seria difícil. Seria uma pista?

O pátio estava deserto. Alguém tinha recentemente aberto na neve um caminho e um lugar para estacionar. Os pneus do Lada derraparam bruscamente nos barrancos congelados, que ficaram descobertos. Felizmente, consegui freá-lo a 10 cm de um monte de neve.

– Aposto o que quiser que estes pneus de inverno não são regulamentados – suspirei, descendo do carro.

A porta de entrada de Rosberga estava fechada e tive que tocar a campainha três vezes antes de Johanna vir abrir.

– Desculpe por fazê-los esperar, estava ao telefone – explicou, com um tom sentido, mas com um ar bem menos tímido do que antes. – É muito complicado, todos estes estágios a serem cancelados. Alguém tem que cuidar disso, agora que Aira está no hospital.

Sempre fui fascinada pelos jogos de mudança de *look* das revistas femininas, que transformavam a Madame Qualquer-uma em uma beleza estonteante. Johanna parecia ter passado por isso, mesmo se

ela não estivesse usando, como nas fotos da imprensa, uma maquiagem que exigia duas horas de trabalho. A metamorfose vinha da sua postura mais segura, do jeans e do pulôver que tinham substituído as roupas de avó, e da luz dourada dos cabelos encaracolados caindo livremente sobre suas costas – talvez ela mesma tivesse ousado mudar a cor escolhida pelo Senhor.

– Vi sua família ontem – falei. – Anna, principalmente, é uma menina muito simpática, e os pequenos são tão fofos...

Uma onda de tristeza passou pelo rosto de Johanna, rapidamente substituída pela raiva.

– Verdade. Não aguento mais esperar, quero tê-los de volta. Fiz requerimentos para conseguir um apartamento, tanto junto à municipalidade de Espoo quanto à de Helsinque, mas os dois me disseram que só dispunham de algumas habitações sociais não suficientemente grandes para nossas necessidades, e as listas de espera são terrivelmente longas. Nós nos contentaríamos com uma de dois cômodos, mas a lei não permite! E não tenho como pagar a caução exigida pelos locatários particulares. Além disso, o problema é que sou domiciliada em Karhumaa. Tinha que ter um endereço permanente em Espoo, para que as coisas avançassem. Aqui, não posso reivindicar ajuda social e, sem dúvida, não poderei receber auxílio desemprego enquanto for casada com Leevi, o teto de salário é muito baixo.

Seu fluxo de palavras me fez lembrar o da sua filha, Anna. Eu me perguntei se a Johanna que tinha conhecido em Rosberga, antes do Natal, estava vitimada por uma grave depressão, ou aturdida por antidepressivos. Se não, qual seria o salão de beleza interior, que tinha produzido tal mudança? A menos que a primeira, tímida e apagada, fosse a verdadeira e que essa, tendo se tornado uma psicopata, seja uma assassina.

– Do que você está vivendo agora, você tem economias? – perguntei, consciente de que isso não era da minha conta, na verdade.

– Elina me tinha emprestado 5.000 marcos. Não gasto quase nada aqui, não pago aluguel e Aira compra a comida. Mas não posso viver assim para sempre. Assim que ela se reestabelecer, vou dar um jeito – declarou Johanna.

Voltei ao que tinha me levado lá e lhe fiz mais ou menos as mesmas perguntas que Pertsu tinha feito na véspera. Obtive, substancialmente, as mesmas respostas, sem maior interesse. Ela não tinha visto nem ouvido nada porque estava assistindo a um Harjunpää – série policial que era, para ela, tão nova e maravilhosa quanto todos os outros programas de televisão. No dia anterior, o telefone de Rosberga não tinha parado de tocar, e ela não sabia com quem Aira poderia ter conversado. Ela só tinha manifestado a intenção de encontrar suas antigas colegas, que Pertsu e Pihko já tinham interrogado. Lá, também, o resultado tinha sido magro: de acordo com elas, a amiga pareceu menos falante do que o normal, mas elas tinham achado que era por causa da morte da sobrinha.

Assim, a agressão de uma permanecia tão misteriosa quanto a morte da outra. Na vaga esperança de encontrar um sentido para aquilo, fui olhar os quartos das duas de novo.

As paredes do quarto de Aira não tinham nada e as prateleiras, só poucas fotos emolduradas, na maioria de um casal de aproximadamente 50 anos, vestidos com roupas da época da última guerra, sem dúvida seus parentes, assim como da sobrinha.

O salão de Elina, decorado com rosas, parecia mergulhado no sono. Peguei na biblioteca um álbum de fotos, no qual ela era vista com seus amigos do ensino médio, com seus pais, em Londres e em Paris, com a tia em alguma praia, o rosto jovem, mas cansado. Nessa última foto, tirada uns vinte anos antes, Aira parecia muito com a sobrinha, como ela era, antes da sua morte. Bem no final,

havia uma foto de uma festa de empresa, onde Elina, adolescente, desfilava de braço dado com o pai, usando um vestido de noite azul que lhe dava um ar de rainha da beleza, adulta demais para a sua idade. Pelo menos dois homens de traje a rigor, que a rodeavam, olhavam para Elina como se ela fosse uma visão.

Procurei por imagens da tal viagem à Índia, da qual me tinham falado várias vezes, durante a qual Elina teria tido um tumor uterino – o que me lembrou que ainda não tinha ligado para sua ginecologista. Desde minha volta, tentava trabalhar em meu ritmo normal, mas tinha dificuldade em gerir meu tempo. Talvez o chefe tivesse razão. Precisava de férias. Porém, isso teria que esperar até que o caso Rosberg fosse esclarecido.

Esperava que Johanna não estivesse em perigo na mansão. Seria preciso abrigá-la em outro lugar e, se sim, onde? O dinheiro emprestado por Elina não seria suficiente para pagar por um quarto de hotel, principalmente se ela já tivesse gastado um pouco para ir a Karhumaa.

Não encontrei nada que tivesse a ver com a Índia, nem fotos de Elina adulta. Talvez tivesse parado de tirar fotos. Algumas pessoas não gostam desse tipo de recordação imagens fugazes do passado, registradas pelos olhos, eram suficientes. Olhei pela janela para os campos em declive suave. Os galhos dos salgueiros brilhavam com uma luz vermelha, e passarinhos azuis catavam comida no pátio. A paz reinava, mas parecia bastante frágil. Um bom número de fantasmas devia estar assombrando Nuuksio naquele momento.

– Não vamos encontrar nada aqui – disse a Pihko. – Pode dirigir? Tenho que fazer umas ligações. Estão esperando por você no comissariado, ou tem tempo para me acompanhar em outros interrogatórios?

– Tenho um compromisso às 10 horas, mas estou livre até aí. Na verdade – continuou, evitando meu olhar, parecendo envergonhado –, não tenho muita vontade de ficar sentado em nossa... minha sala, enquanto as coisas de Palo ainda estão lá.

Abriu a porta do carro com um gesto brusco, como que para mostrar que não era um frouxo, apesar dos seus segredos. Coloquei o cinto de segurança e liguei para a informação, para conseguir o número da ginecologista de Elina.

Quando disse que era da polícia, o telefonista do consultório médico concordou em me passar diretamente para a doutora Maija Saarinen. Ela também já tinha interrogado sobre as cicatrizes no colo do útero de Elina, que só passou a ser sua paciente depois que sua antiga ginecologista se aposentou, alguns anos antes, mas ela tinha explicado, sem maiores detalhes, que tinha sofrido uma operação na Índia.

– É verdade que me perguntei... se posso dizer isso... perguntei-me se não se tratava de alguma coisa completamente diferente.

– De que tipo? Uma gravidez?

– Sim... Quando o aborto ainda era proibido, as mulheres faziam isso sozinhas, ou recorriam a todo tipo de charlatão. Os traços eram bem parecidos. Mas não há nada do gênero no histórico que me foi passado... E uma mulher da geração de Elina Rosberg poderia ter abortado legalmente, por que o teria feito clandestinamente?

– Onde podemos encontrar sua antiga ginecologista?

– Infelizmente, em nenhum lugar. Ela morreu no ano passado.

Outro impasse, só havia isso nessa história! Quando tinha sido essa viagem de Elina à Índia, de acordo com Aira, em meados dos anos 1970? Não era nessa época que ela saía com Kari Hanninen?

E se ele a tivesse engravidado, e ela tivesse se livrado do bebê sem dizer nada a ninguém?

A secretária eletrônica de Hanninen atendeu ao primeiro toque. Nem me dei o trabalho de deixar um recado.

– Aonde vamos? – perguntou-me Pihko, ao chegar ao cruzamento de Nuuksio e Turku.

– Não sei. Primeiro, pare no posto de gasolina, ainda tenho uma ligação a fazer.

Ainda não era nem meio-dia e, óbvio, Milla Marttila me atendeu com uma voz furiosa.

– Tinha-lhe avisado muito bem para não me incomodar tão cedo!

– Por que você não desliga seu telefone? Nada mais simples.

– Isso não é da sua conta. O que você quer?

– Onde você estava anteontem entre 22 horas e meia-noite?

– Por quê?

– Tentaram matar Aira Rosberg.

– Aira... Merda! Como...

– Bateram na cabeça dela, mas não corre mais risco de vida. Onde você estava?

– Estava trabalhando de oito horas da noite às quatro da manhã. Pode perguntar no Fanny Hill.

Eles abrem às sete. Se é só isso, vou voltar para cama.

– Você trabalha esta noite?

– Trabalho – rosnou, antes de desligar brutalmente.

Tive mais sorte com Niina Kuusinen, que estava em casa, em Suvikumpu, e não tinha intenção de sair de lá. Então, pegamos a estrada de Finnoo, em direção ao sul. O *fast-food* do posto da esquina da estrada de Martinsilta fazia propaganda dos seus hambúrgueres e aproveitamos para acalmar nossa fome, engolindo, por 20 marcos cada um, o “Especial Polícia”, com o nome predestinado.

Os Kuusinen moravam em um imóvel assimétrico, projetado pela arquiteta finlandesa Reima Pietilä. Tinha dificuldade em imaginar que uma mulher de 25 anos ainda morasse com o pai, mas parece que ele era aposentado e passava a maior parte do inverno no sul da França. Sem nos perguntar a razão da nossa visita, Niina olhou fixamente para nós, com seus grandes olhos amendoados, e fez um sinal para que entrássemos na sala de estar.

Normalmente, a luz devia entrar abundantemente pelas altas janelas e dar ao cômodo cores mais alegres, mas, naquele momento, as cortinas prateadas, nos mesmos tons do delicado mobiliário rococó, estavam fechadas. Apesar das calças roxas pesadas e do moletom, Niina parecia um antigo bibelô que enfeitava as mesas. Torci para a lama dos meus sapatos não sujarem o espesso tapete cinza.

Sobre o piano, coberto por um tecido de renda branca, estavam um buquê de flores, velas e fotos. Uma mulher morena, frágil e apagada, sorria na maior delas, ao lado de retratos de família, mostrando Niina criança, reconhecível pelos olhos amendoados, em contraste com os cabelos, ainda loiros na época. O homem nas fotos era certamente seu pai, com quem, por sinal, ela parecia mais do que com a mãe: mesma forma dos olhos, bochechas altas e estatura delgada.

– Sabe por que estamos aqui?

– Com certeza, por causa de Aira – ela respondeu, com uma voz que lutava para manter uniforme.

– Johanna me ligou ontem. Acabei de voltar da floricultura aqui ao lado, enviei-lhe rosas... Ela vai se reestabelecer, não vai? – acrescentou, timidamente.

– Claro. Ela já recuperou a consciência, ainda de forma intermitente. O que você sabe do que lhe aconteceu?

– Eu? Nada, além do que Johanna me contou. Aira foi agredida, quando voltava para Rosberga. Talvez um bandido que soube da morte de Elina pelos jornais e quis assaltar a mansão, mas... Não sei.

Niina balançou a cabeça, e seus cabelos castanhos caíram de novo no seu rosto, igual a uma cortina sedosa.

– Onde você estava anteontem, entre 22 horas e meia-noite?

– Anteontem? Em casa... Estava fazendo mapas astrais para clientes. Fui dormir um pouco depois de meia-noite. Por quê?

– Você tem carro?

– O Volvo do meu pai... Mas detesto dirigir no inverno. – exclamou Niina, olhando para Pihko, como se pedindo ajuda. – Tirei minha carteira na França, as estradas não ficam cobertas de neve lá.

De repente, ela se levantou da cadeira, foi até o aparelho de som e colocou um CD. A música de piano que saiu dos alto-falantes me era conhecida. Niina pareceu encontrar uma certa paz nela.

– E seu ânimo, como vai? – perguntei, com uma empatia que surpreendeu até a mim mesma.

Tarja Kivimäki estava enganada ao dizer que Niina exagerava seus problemas, meu instinto me dizia que ela não estava bem.

– Estou com Marte em quadratura com Saturno, o que não é um bom sinal, mas tinha visto que aconteceria, então pude me preparar. Logo vai acabar, a próxima fase será mais fácil.

– Melhor assim – comentei, seca.

– Por falar nisso, você não é Aquário, e sim Peixes. Kari me disse que pediu para ele fazer seu mapa astral. Mas não tive coragem, porque você tem a Lua em Aquário, de acordo com ele. Por sinal, foi a única coisa que ele me disse a seu respeito. – ela se apressou em acrescentar.

– Voltou a ser paciente dele? – inquiri, surpresa, pois ela tinha ficado animada ao falar de Hanninen.

– Não... Só lhe pedi conselhos sobre um mapa astral complicado.

– Tem certeza de que estava sozinha, terça à noite? Alguém pode confirmar que estava aqui? Recebeu telefonemas ou outra coisa?

Niina pareceu não ficar feliz que a conversa saísse da astrologia e passasse a questões mais sérias.

– Ninguém me ligou – respondeu, com um tom vivo, antes de voltar a ficar doce. – Mas fiz uma ligação... Liguei para Kari, sobre esse mapa astral, por volta das 10h30.

Ela poderia muito bem ter fingido ligar de casa, e fiz essa observação para ela. Como resposta, ela se levantou e fez um sinal para que a seguisse.

O escritório de Niina parecia o recanto de um mago tanto quanto o quarto de Milla Marttila parecia um bordel. As paredes e as janelas eram cobertas de tecido estampado com estrelas, cartas do zodíaco e um estranho tabuleiro redondo, representando, segundo ela, seu próprio mapa astral. Nas estantes transbordavam livros sobre o assunto, entre eles muitos em francês e em inglês.

Niina ligou seu computador e abriu seu programa de astrologia. Não conhecia nada sobre aquilo e não entendi o funcionamento, mas não era esse o objetivo da demonstração: ela queria me provar que ela só podia fazer os mapas astrais naquele escritório.

– Quanto tempo você morou na França? – perguntei, quando nos preparávamos para partir.

– Nasci lá e fiquei até meus 18 anos. Mamãe e eu viemos morar aqui quando terminei o ensino médio. Queria estudar na Academia Sibelius, e ela tinha vontade de voltar para a Finlândia. Como

se... como se tivesse adivinhado que não viveria por muito tempo.

Lágrimas brotaram de seus olhos. Ao vê-las, Pihko abriu a porta, como que para fugir delas. Sem me deixar levar, quis saber, antes de partir, por que Niina tinha ficado na Finlândia, depois da morte da mãe.

– Ainda não acabei meus estudos. E acho que gosto mais daqui do que da França.

– Mesmo com seu pai passando a maior parte do tempo lá?

– Talvez, por isso mesmo – soltou, antes de perceber que tinha falado um pouco demais e continuar com um tom mais ameno. – A reação típica de um Câncer à morte de sua mulher. É terrível, depois de um tempo, apesar de eu o entender.

Na estrada, havia gelo novamente. Dirigia muito, por causa do trabalho, em todo tipo de clima e normalmente não tinha dificuldade em controlar meu carro, mas o Lada do comissariado era um verdadeiro sabão; até meu Fiat era mais seguro.

– E esses carros são, supostamente, construídos para o clima siberiano – murmurei, sentindo os pneus patinarem por vários minutos, enquanto tentava dar partida na viatura, no sinal da antiga estrada de Mankkaa.

Estava ensopada, quando finalmente chegamos à brigada. Tive que me lavar no banheiro feminino e colocar um sutiã e uma camiseta limpos, que, felizmente, tinha guardados no armário da minha sala. Meus mamilos me pareceram estranhamente escuros, e lembrei-me de ter lido em algum lugar que era um dos sintomas da gravidez.

Por volta das 2h30, o hospital me ligou. Aira Rosberg tinha retomado a consciência, e seu estado de saúde estava excelente, dentro das circunstâncias. Só havia um problema: ela não se lembrava de nada que tinha acontecido depois do dia 24 de dezembro.

Quatorze

Segundo o Doutor Wirtanen, a amnésia retrógrada não era rara, em caso de traumatismo craniano, especialmente quando acontece depois de eventos particularmente chocantes, mas Aira Rosberg, provavelmente, recuperaria a memória com o tempo, pelo menos em parte.

– De qualquer jeito, pressioná-la não adiantaria nada... Não é possível interrogá-la antes da semana que vem, no mínimo. O policial que mandaram está de guarda na porta dela, mas não lhe falamos sobre isso.

– Ótimo. Uma vigilância especial é necessária, se certas pessoas vierem visitá-la.

Dei ao médico os nomes de Milla, Niina, Tarja Kivimäki, Joonas Kirstilä e Johanna.

– A senhora Sääntti? Por acaso, ela está aqui. A senhora acha que ela pode ser uma ameaça para a senhorita Rosberg?

Suspirei, não sabia o que responder. O “Especial Polícia” me tinha causado refluxos ácidos, estava com uma vontade estranha de beber leite morno.

– É melhor ficar de olho em todos os visitantes, esse caso é um balaio de gato.

Tive vontade de organizar um interrogatório no quarto de Aira, mas nem precisava contar com isso. Era uma pena que o pessoal de plantão não pudesse ficar o tempo todo na sua cabeceira. E se algumas das jovens policiais do comissariado nos disfarçassemos de médicas e enfermeiras? Eu poderia me passar por uma cuidadora...

Fui interrompida por Pertsa, que empurrou minha porta para me lembrar que tínhamos um compromisso dali a cinco minutos, para um interrogatório de um caso de golpes e ferimentos. Uma briga de bêbados, como tantas outras, sem muita gravidade, já que ninguém tinha morrido. O cara que tinha batido na cabeça do amigo com uma garrafa estava com uma ressaca insuportável; a vítima, mesmo com alguns pontos de sutura, mostrava, como a maioria das testemunhas, um estado de euforia alcoólica que o fazia amar o mundo inteiro. Pertsa não estava muito longe de se irritar, e fazer com que ele se mantivesse calmo era quase mais difícil do que reconstituir o desenrolar do combate.

Quando o bando de bêbados deixou o comissariado, por volta das três horas, o resto da brigada, exceto Taskinen, reuniu-se na sala de descanso. O clima era sombrio, porque Pihko estava coletando dinheiro para a coroa de flores para Palo. Perguntaram se eu gostaria de fazer o discurso de despedida no funeral.

– Peçam a Jyrki, eu não consigo. Quem poderia fazer umas horas extras esta noite? Preciso de alguém a partir de oito horas.

Os rostos não estavam nem um pouco entusiasmados. Naquela noite, a equipe de hóquei de Espoo ia jogar contra o Joker e o jogo ia ser transmitido pela televisão. A discussão quase virou briga, pois, além dos torcedores dos dois times, havia na brigada fãs do HIFK, de Tapara, e até do KalPa, de Kuopio. Interpelada sobre minhas preferências, respondi que torcia pela equipe com os jogadores mais sexy, mas que os jogos me davam preguiça, porque os caras usavam roupas demais.

– O que vamos fazer nessas horas, chefe? – perguntou Puupponen, que era de Kupio e só falava

palavrão, por conta do KalPa.

– Preciso de dois homens para me acompanhar ao Fanny Hill, no bairro de Kallio. É uma boate. Trata-se somente de interrogar oficiosamente uma *stripper*.

As caras de enterro deram lugar a uma competição de gritos: de repente, havia três vezes mais voluntários do que o necessário. Pertsä e Puupponen finalmente ganharam o prêmio. O segundo porque sua quota de horas extras estava longe de ser atingida, e o primeiro, sabe Deus por quê. Não o teria escolhido espontaneamente, mas, pelo menos, não perderia a cabeça no meio de tantos seios à mostra, como alguns dos mais jovens.

Tinha negligenciado meu corpo vergonhosamente nas últimas semanas. Por isso, ao sair do escritório, tomei a direção da sala de musculação de Tapiola. Meus músculos dorsais e abdominais seriam colocados a duras provas nos próximos meses. Correr ou levantar pesos normalmente me ajudavam a pensar, os problemas se resolviam como que por mágica. Desta vez, não foi o suficiente, apesar da dose dupla de exercícios para o reto abdominal e 10 minutos de *leg press*.

Meu cérebro não estava funcionando. Não tinha nem certeza de ver na agressão à Aira a prova de que a morte de Elina tinha sido um assassinato e não um acidente. E se ela realmente tivesse sido atacada por um assaltante que achava que a mansão estava vazia? A não ser que ela mesma tivesse armado tudo aquilo. Em que livro mesmo de Ruth Rendell as coisas aconteciam assim?

Fui resgatada dos meus pensamentos pelo meu velho amigo Make, que veio se instalar no aparelho vizinho e me chamou para beber uma cerveja depois da academia. Consegui recusar o convite, com o pretexto de que ainda tinha que trabalhar à noite. No entanto, não poderia esconder por muito mais tempo minha gravidez dos meus amigos, ninguém acreditaria se falasse que tinha decidido começar o ano com um mês de abstinência alcoólica. E tinha, a partir da próxima semana, que fazer minha primeira consulta pré-natal.

Como era de costume, a musculação me tinha deixado de melhor humor. Só quando cheguei em casa me lembrei da reunião sobre a Autoestrada N° 2, sobre a qual Antti tinha me falado e à qual, no final das contas, teria tempo de acompanhá-lo. E lá vão os Kallio-Sarkela, prontos para mudar o mundo e lutar contra todos os moinhos de vento! Talvez, dali a um ano, estaria participando, com meu bebê no colo, de manifestações em favor das creches.

Para a provação daquela noite, de propósito, me vesti da maneira menos feminina possível. Um jeans preto, uma camisa de flanela larga e um colete masculino, também preto, que encontrei no mercado das pulgas. Apesar de tudo, deixei os cabelos soltos e me maquiei levemente, com rímel e um pouco de pó. Esperava ver no espelho uma mulher corajosa, mas, para meu desgosto, meu olhar só encontrou uma criatura com o rosto tenso, parecendo, como sempre, mais nova do que era. Nunca tinha entendido como ter uma aparência jovem poderia ser vantajoso. No meu trabalho, ter cara de menina não melhorava em nada minha credibilidade.

Ir a uma boate de *strip* não me animava nem um pouco, principalmente com Ström e Puupponen. O jovem era um rapaz gentil, da mesma região que eu, com cabelos ruivos e o rosto coberto de sardas, mas se entendia menos ainda com Pertsä do que eu. Ou seja: de jeito nenhum. Achei curioso que tivesse se voluntariado para trabalhar com ele. Talvez a atração do Fanny Hill tivesse sido mais forte.

Eles passaram para me buscar de carro na esquina da estrada de Vähä-Hentta, Pertsä ao volante e Puupponen, no banco de trás. Expliquei o que iríamos fazer: interrogar Milla Marttila sobre seus passos e gestos de dois dias antes e verificar seu álibi, se ela tivesse um. Certamente, precisaríamos

primeiro da autorização do proprietário para interrogar seus funcionários, durante o expediente. Não achava que seria um problema, pois o dono de uma boate de *striptease* tinha todo interesse de ficar de bem com a polícia.

– Não vai estragar a noite agradável dos clientes da boate com seus discursos feministas – aconselhou-me Pertsu, depois de ouvir meu plano de ação.

– E eu que esqueci minhas agulhas de tricô em casa? Vou lembrar na próxima vez! – retruquei, com um tom amargo.

Pertsu soltou um grunhido e parou o Saab na calçada, a dois passos do estabelecimento, resmungando que não ia procurar lugar para estacionar: sem dúvida, não ficaríamos lá por muito tempo. O porteiro nos encarou com um ar cético, principalmente a mim, mas nos deixou entrar quando meu querido colega lhe disse que éramos da polícia e que queríamos ver o diretor. Ele nos informou que o escritório era no primeiro andar e pediu que esperássemos um pouco no bar.

Já tinha assistido a um show de *striptease* na minha cidade natal de Arpikylä, no decorrer de outra investigação. Tinha achado o clima bem divertido, ou melhor, tristemente cômico. Aqui, era outra coisa, e olhei ao redor, perplexa. Ainda era cedo, mas já havia várias mesas de homens, visivelmente vindos para fechar negociações comerciais. A maioria estava usando terno, no meio de garçonetes com os seios à mostra. Fora eu, só havia duas mulheres totalmente vestidas: uma era com certeza a gerente; a outra, com o ar perdido, estava acompanhando um grupo de senhores, que falava russo entre si. Tentei, em vão, encontrar Milla no turbilhão de garotas *topless*, de meias arrastão. Talvez estivesse fazendo um *striptease* para um cliente.

O porteiro voltou e, sem dizer uma palavra, nos fez um sinal para o seguirmos. As paredes da escada que subimos eram cobertas de veludo vermelho e de espelhos, que nos refletiam em vários lugares. O corredor do primeiro andar tinha a mesma decoração, mas com uma fila ininterrupta de portas. Parecia um bordel, mas deveriam ser as cabines de *strip* privê. De algumas, ressoava uma música sensual.

Quase caí no riso quando vi Rami Salovaara, o proprietário do lugar. Surpreendentemente, ele era como eu tinha imaginado. Baixo, corado e bem acima do peso. A calvície no topo de sua cabeça era cercada por longos fios de cabelos puxados mais ou menos para cima, na vã esperança de escondê-la. Seu bigode, por outro lado, florescia debaixo do grande nariz, transbordando sobre o lábio superior.

– O que a polícia de Espoo quer no meu estabelecimento? – perguntou Salovaara, sem fazer nenhuma menção de que iria se levantar, para nos cumprimentar.

O que, por sinal, foi melhor mesmo, porque não ia querer que suas patas de tarado encostassem em mim, nem por acaso.

– Trata-se de uma de suas funcionárias, Milla Marttila. Ou mais especificamente, dos seus passos de anteontem – respondi.

– Milla. Que besteira ela fez, para que enviassem três policiais atrás dela?

Ele deu uma olhada na tela de televisão sobre sua mesa, que mostrava o que estava acontecendo lá embaixo, na sala do restaurante. Haveria câmeras também nas cabines de *strip* que lhe permitissem vigiar seu pessoal?

– Queremos somente verificar se ela estava aqui e não tentando cometer um crime. É por isso que lhe pedimos permissão para interrogar suas funcionárias, durante o expediente. O senhor tem a lista de quem estava presente anteontem?

– A responsável pelo restaurante é que tem. Aquela que está um com um pouco mais de roupa e com o ar mais abatido do que as outras, lá embaixo. Vocês suspeitam que Milla tenha cometido um assassinato?

– Não lhe interessa – respondi, com um tom seco, lembrando-me de como ele a tinha tratado, depois do seu estupro. – Puupponen, pegue a lista e verifique se Milla deveria estar aqui naquela noite.

– Não tenho nenhuma obrigação de deixá-los incomodar meu pessoal, durante o expediente. Sugiro que conduzam esses interrogatórios, sem conexão com o trabalho deles, em outra hora.

– Para isso, precisaria da lista dos seus funcionários, com endereço, telefone e tudo mais – declarei, impassível.

Não sabia como as atividades de *striptease* privê do Fanny Hill funcionavam exatamente. No entanto, tinha ouvido falar que vários outros lugares desse tipo burlavam a lei que proíbe o proxenetismo praticando horários descontínuos. Como a prostituição, em si, não era repreensível, o horário de trabalho oficial das garotas terminava quando um cliente, depois de ter assistido, na completa legalidade, a um *striptease*, queria pagar por uma delas. O que elas faziam de suas horas livres, fora da boate não era de responsabilidade do patrão. Depois do serviço feito, normalmente em um apartamento da própria boate, situado perto do estabelecimento, as garotas retomavam a atividade oficial. A única maneira de intervir nesse sistema seria de invocar a lei das horas de trabalho, mas ainda não havia nenhuma jurisprudência sobre o assunto.

No caso de Milla, suspeitava de um acordo desse tipo. Ela morava quase em frente ao Fanny Hill e, com esse sistema, ela poderia, mesmo se estivesse trabalhando, ter dado um pulo em Rosberga. Antes que Salovaara tivesse tempo de responder minha pergunta, Puupponen voltou com a lista de presença. De acordo com ela, Milla realmente estava lá, na noite de terça.

– O que vamos fazer? Interrogamos as pessoas que estavam aqui na terça, ou o senhor vai nos dar os endereços delas? – insisti.

Salovaara parecia pesar os prós e os contras. Dar os endereços apresentava riscos. A concentração de um grande número de garotas nos apartamentos que pertenciam ao Fanny Hill era uma evidência clara de proxenetismo. E os documentos de todas as dançarinas de origem estrangeira com certeza não estavam em dia.

– Se o senhor nos autorizar a conduzir os interrogatórios, tudo será resolvido hoje, com calma – disse Pertsä, que tinha ficado, até então, surpreendentemente calado. – Talvez nem iremos precisar das informações sobre todas as testemunhas.

Olha... Ström, pelo menos, sabia barganhar. Apesar disso, estava chateada com o apoio que ele parecia dar às falcatruas de Salovaara com a lei, e, por isso, insisti sem pensar:

– Se Marttila for culpada, por exemplo, de uma tentativa de assassinato, qualquer pessoa acusada de cúmplice arrisca ser presa, principalmente se já for fichada.

Não tinha tido tempo de verificar os antecedentes criminais de Rami Salovaara, mas minha observação deu resultado. Depois de balbuciar qualquer coisa, ele nos autorizou a interrogar seu pessoal, fazendo-nos prometer não perturbar sua atividade comercial. Já estávamos na porta quando ele, de repente, soltou:

– E você, minha beleza, caso se canse de trabalhar para a polícia, é bem-vinda aqui. Estamos em falta de ruivas gostosas. Seus seios parecem ter o tamanho perfeito e não são muito caídos. Alguns de nossos clientes adoram mulheres autoritárias. Faria um estrago com um espartilho de

couro preto e um chicote.

Pertsa respirou fundo e fez um movimento em direção a ele, mas respondi, antes de que ele tivesse tempo de acertá-lo.

– Obrigada, mas não, obrigada. Prefiro escolher para quem me mostro nua, e quem vejo na mesma condição. O senhor não me interessa, com seus quilos a mais e sua calvície ridícula. Suas tentativas de escondê-la são de dar dó, elas mostram uma falta de confiança enorme, assim como seu bigode. O que o senhor está tentando esconder? Que não dá conta mais, nem com as profissionais? Sinto muito, dá para notar de longe. Obrigada por sua ajuda e boa noite!

Ao fechar a porta atrás de mim, com um pouco de cuidado, pude ver o rosto de Salovaara ficar vermelho escarlate.

– Você ganhou um novo amigo – disse-me Pertsa, no corredor.

– Como assim?

– O Senhor Chefe de Polícia de Espoo adora passar as noites aqui. Até viemos depois da festa de Natal do comissariado. Reparei que ele sabia os nomes das garçonetes e, com os seios à mostra, elas não usam crachá, como você pôde ver.

– De qualquer jeito, ele e eu já andamos batendo de frente. Não estou nem aí. Vou tentar encontrar Milla Marttila, cuide das colegas dela!

Estava furiosa por ter perdido a cabeça. Ao mesmo tempo, estava muito feliz por ter calado a boca de Salovaara. Estava chegando à escada, quando uma porta se abriu atrás de mim, dando passagem a um homem que estava fechando o zíper da calça e olhou para mim, assustado, antes de quase me derrubar para passar. Voltei e dei uma olhada dentro do cômodo de onde ele tinha saído. Ela estava imersa na penumbra, mas reconheci a mulher que vestia novamente a calcinha. Era quem eu estava procurando.

– Oi, Milla. Queria conversar com você.

– Olha só, a mocinha policial. Veio ver um *strip*? Achei que você só gostasse de homens. É até casada, não é?

– Pare com isso. Seu patrão nos deu permissão para interrogá-la sobre terça.

– O que mais quer saber? Trabalhei de oito horas da noite às quatro da manhã.

Milla fechou o sutiã, que mostrava a ponta dos seus seios. Estava com frio, sua pele branca estava arrepiada.

– Espere, vou me cobrir um pouco.

Ela saiu por um momento, enquanto me sentei no único lugar que havia, uma poltrona revestida de couro preto. Ao lado, em uma pequena mesa, havia, por precaução, uma caixa de lenço de papel e um pacote de preservativos extrafortes. A altura da plataforma que servia de pista de dança, que só media dois metros por dois, tinha sido planejada para que, da poltrona, os clientes vissem a região pélvica da *stripper*. As paredes pretas e as luzes vermelhas davam ao ambiente um ar de caverna. Perto da porta, havia botões para regular a luz e a música. Eu me perguntei o que deveria passar pela cabeça de quem dançava ali e de quem assistia a elas, sabendo que tocá-las era estritamente proibido.

Milla voltou, embrulhada em um quimono de cetim preto, bordado com flores vermelhas, quase igual a um que eu tinha e que, até então, nunca tinha considerado uma roupa sexy. Sentou-se na beirada da plataforma, na minha frente, e acendeu um cigarro.

– Você disse que tinha passado toda a noite aqui. Mas não consigo acreditar em tudo que você

fala. Haikala e você não encontraram o tal Jorkka, por exemplo, na casa de quem você diz ter passado a noite da morte de Elina. A que horas foi sua pausa para jantar, na noite de terça?

– Minha o quê? Aqui a gente não come durante o trabalho, incha a barriga. A minha já é bem redonda. Mas muitos preferem isso a sacos de ossos.

Seus olhos estavam maquiados com traços grossos de lápis preto, assim como as unhas e os lábios. Talvez fosse seu jeito de manifestar luto.

– Meus colegas estão interrogando as outras dançarinas. Vamos ver.

– O que aconteceu com Aira, exatamente? Estava tão grogue essa manhã, quando você me ligou, que não entendi nada.

Quando lhe expliquei, uma expressão de surpresa tomou conta de seu rosto.

– Quem poderia atacá-la assim? É um anjo de bondade – Milla tinha usado a expressão com muita sinceridade. – Você acha que ela sabia demais sobre a morte de Elina, é isso?

– Talvez. Também gostaria de saber a quem Aira poderia ter prometido dar sua herança.

– Não eu! Seria perfeito para você, claro, que eu estivesse por trás de tudo isso. Não sou famosa como Joonas, ou aquela vaca, Tarja Kivimäki, e não venho de uma família rica, como Niina.

– De que tipo de família você vem? Tinha falado sobre incesto, naquele treinamento em Rosberga.

Deu uma última tragada no cigarro e, distraidamente, o amassou na beirada da plataforma, de onde a guimba caiu no carpete vermelho-escuro. Acabei de apagá-lo com o salto da minha bota. Milla olhava, sem dizer nada, para seus dedos do pé, que saíam das sandálias carmim. Por sinal, em que seu passado era da minha conta? Mas eu estava curiosa, como tinha estado sobre a vida de Johanna. Quando conheci Milla, pensei que ela queria libertar-se da condição de *stripper* e, bem provavelmente, de prostituta. Será que era eu que queria salvá-la de uma profissão que eu mesma não poderia exercer?

– Minha família. Ah! Eles moram em Kerava. Meus pais não tiveram muita sorte na vida. Primeiro, não conseguiam ter filhos. Quando, finalmente resolveram adotar, fui eu. Estava lá há mais ou menos dois anos quando Ritu, minha mãe adotiva, percebeu que estava grávida. Então, tiveram três filhos seguidos. Ritu tomava conta de seus pequenos tesouros com tanto entusiasmo que esqueceu completamente do marido, Ripa. Felizmente para ele, eu estava lá. Ganhei meu primeiro sutiã aos nove anos e, a partir disso, ele me considerou uma verdadeira mulher.

– Quer dizer que ele abusou sexualmente de você, a partir dos seus 10 anos de idade?

– Como você colocou, de forma tão bonita: abusou sexualmente. Ele não transava comigo, porque tenho uma boca maravilhosa e mãos hábeis. No dia da minha formatura do ensino médio, finalmente consegui contar para Ritu, assim como para toda a família, que papai maravilhoso eu tinha. Não mais voltei a Kerava depois disso. Nunca tive vontade.

O nojo e a raiva brigavam dentro de mim. Tinha enfiado o nariz em sua vida e tinha recebido em troca o que merecia. Como Elina suportava seu trabalho como psicoterapeuta? Que palavras tinha encontrado para dizer a Milla, ou a Johanna, por exemplo? As minhas já tinham se esgotado há muito tempo.

– Esses desgraçados não pararam de atrapalhar minha vida, no entanto. Não era má aluna, mesmo se às vezes tinha dificuldade em me concentrar, porque Ripa me tinha mantido acordada a noite toda. Consegui entrar para a faculdade de Letras, na primeira tentativa. Foi maravilhoso, mas, na comissão de distribuição de bolsas escolares, eles achavam que todos os pais de alunos com menos de 20 anos

deveriam sustentar os filhos. Então, para ganhar a vida, fiz o que sabia fazer.

Os dedos redondos dos pés de Milla, com as unhas pretas, pareciam batatas depois de uma geada. Valia a pena sugerir que desse queixa de seu pai adotivo? Os abusos tinham sido cometidos já há alguns anos, mas não suficientes para que o crime prescrevesse. Mas como provar os fatos? Seus pais, sem dúvida, desfrutavam de uma respeitabilidade de fachada, ou não teriam podido adotar uma criança. Adotar uma criança... Milla, se eu lembrava bem, tinha nascido em 1975. Ou seja, na época que Elina saía com Kari Hanninen. E se... Não, a ideia soava muito sem pé nem cabeça. No entanto, não pude deixar de perguntar:

– Já tentou saber quem são seus pais biológicos?

– Para quê? Não vejo por que me interessaria por eles, já que nunca quiseram saber de mim. Os caras daqui, pelo menos, me querem. É o bastante.

Pensei na alusão irônica que Tarja tinha feito às gatas perdidas que Elina recolhia. Milla parecia ser uma delas, sempre mantendo as garras prontas para atacar. Para ela, a morte de Elina realmente tinha chegado em uma péssima hora. Com certeza iria verificar quem eram seus pais biológicos, mesmo se, nos dossiês de adoção, normalmente só houvesse o nome da mãe. Seria possível que se tratasse de Elina Rosberg?

Bateram à porta, e dei um pulo. Milla tinha outro cliente? Era só Pertsä, que olhou para ela com um ar tão simpático, quanto para o bando de bebuns dessa manhã.

– A senhorita Martilla sabe mentir muito bem. A senhorita só começou a trabalhar às 11h30 anteontem, pelo que parece. De acordo com o esquema, deveria começar às oito, mas trocou seus horários com uma tal de Tatiana. Então, onde estava?

O olhar que Milla lançou para Ström não foi nem um pouco mais amável.

– Foi Tatiana que disse isso? Ela não fala finlandês direito, nem inglês. Tem certeza que foi terça? Porque não acho que um tira, com a sua cara, fale russo.

– Onde você estava na noite de terça, Milla? – perguntei.

– Fale para este idiota para se mandar – ela replicou, apontando para Ström. – Não vou falar nada na frente dele. Ele devia pedir para Tatiana dançar para ele, enquanto conversamos. Para isso, não precisa saber russo, sua língua deve ser suficiente.

Fiz um sinal com a cabeça para que Pertsä nos deixasse. Felizmente, ele teve a inteligência de obedecer. Ou, então, as garotas com seios à mostra, do andar de baixo, lhe interessavam mais do que nós. O atrevimento dela me deixava desconfortável. Era como se ela me desafiasse a ir além das aparências, a lhe mandar parar com o teatro.

– Conte, então. O que aconteceu na terça?

– Eu... – Milla piscou os olhos, traços negros escorreram por suas bochechas e, de lá, para seu queixo redondo. – Não conseguia mais. Liguei para os apartamentos da Rua Aleksis Kivi, onde moram todas as dançarinas do leste europeu, e perguntei se alguém poderia me substituir, pelo menos no começo da noite. O fim de semana tinha sido uma luta, mas na segunda a boate está fechada. Estava só... cansada.

– Por que não larga esse trabalho?

– Você é realmente ingênua, para uma policial! Acha que minha vida seria melhor? Que me tornaria uma estudante de literatura boazinha e me casaria com um cara legal? Não me faça rir. – Milla pegou um punhado de lenços de papel da caixa, a maquiagem preta tinha borrado seu rosto de uma maneira engraçada. – O patrão da boate é também o proprietário do meu apartamento. Recusei-

me a dividir o aluguel com outras garotas, como as russas fazem. Onde iria morar? E não venha me falar de residência estudantil. Sou muito antissocial para isso.

Continuava sem nada de sensato para dizer, só me vinham frases feitas à cabeça. Largue este trabalho. Faça uma terapia, para acabar com seus traumas de infância. Dê queixa do seu pai adotivo. Ao invés de seguir por esse caminho, segui com o interrogatório.

– Então ficou em casa, na terça à noite?

Milla balançou a cabeça; o batom preto tinha manchado seu queixo, seu nariz estava ficando vermelho, sob o pó facial claro.

– Merda! Por que estou aqui me matando para lhe explicar? Você é uma policial, não uma psicóloga. Sim, sim, estava em casa, sem testemunha. Ou, então, estava em Rosberga e ataquei Aira, porque ela sabia que eu tinha matado Elina. Que diferença isso faz, caramba?

– Faz. – Levantei-me da poltrona, tentando encontrar o gesto que convinha, mesmo que o contato físico fosse proibido naquela sala, onde somente o olhar e o despir, do corpo e da alma, eram permitidos. – Realmente não sou Elina – disse, com um tom hesitante, tocando seu ombro –, mas outras pessoas, além dela, podem ajudar você.

Abriram brutalmente a porta, dessa vez sem bater, e Rami Salovaara enfiou a cabeça pela fresta.

– Milla, estão chamando você lá embaixo. Você tem que dançar daqui a pouco... Vá se arrumar, caramba! Tínhamos acordado que os interrogatórios não atrapalhariam as atividades deste estabelecimento.

Essas últimas palavras tinham sido para mim.

– Tudo bem, já acabei, obrigada – disse, sem saber se estava com raiva ou aliviada com a interrupção.

Estava quase me oferecendo para colocar ordem na vida de Milla, sendo que já tinha bastante coisa para fazer com a minha. Desci ao térreo. Puupponen e Ström estavam de pé, no bar, com copos de chope nas mãos. O show da noite tinha começado, uma garota que eu poderia jurar que era menor, torcendo seu corpo flexível no palco para grande deleite do mais jovem dos meus colegas.

– Posso levar o carro, se vocês quiserem ficar e aproveitar o show – soltei, com um sorriso irônico.

– Já terminamos? – perguntou Puupponen, incrédulo. – Achei que tínhamos vindo para fazer uma prisão.

– Bem que eu queria.

Percorri o salão com os olhos, incomodada, porque me sentia observada. Eu me destacava das pessoas daquele recinto, entre homens bem vestidos e mulheres nuas, como uma lembrança de uma realidade que não tinha lugar ali. Mas não era a única a não encaixar no perfil típico do cliente da boate de *striptease*. Joonas Kirstilä estava sentado a uma mesa no fundo, com o ar perdido, no meio de um bando de barulhentos, de terno.

– Há até um de nossos velhos conhecidos aqui – disse a Pertsa, cujo olhar encontrou o poeta, depois de procurar um pouco.

– O namorado da Rosberg mais nova. É aqui que ele afoga suas mágoas?

– Vamos perguntar para ele. Aproveitamos para saber onde ele estava na terça à noite.

– Fico impressionado que uma bicha como ele ouse vir aqui – resmungou Pertsa.

– Porque ir ao *striptease* é uma prova de virilidade? Não justificamos esse tipo de espetáculo, em um dado momento, pelo fato de que ele permitia aos inibidos encherem os olhos sem estuprar

ninguém? – exclamei, desviando das mesas. – Boa noite, Kirstilä. Decididamente, a gente só encontra em bares.

Ele levantou os olhos na minha direção, inevitavelmente perguntando-se o que eu estava fazendo no Fanny Hill. Aí, teve uma luz:

– É uma batida policial?

– Não, não é nosso departamento. Acha que teria por quê?

Não pareceu ter entendido minha pergunta. Pertsä pegou uma cadeira da mesa vizinha e sentou-se ao lado dele. Fiquei em pé, igual a uma garçonete quando anota um pedido.

– As franguinhas são bonitas, não é? – A falsa camaradagem de Pertsä era novidade para mim. – O que sua amiga defunta pensaria, se soubesse que o senhor frequenta este tipo de lugar?

Não esperava por uma reação tão repentina de Kirstilä. Ele ficou de pé com um pulo, soltou um murro na cara de Pertsä e correu para a saída. Saí correndo atrás dele, derrubando algumas cadeiras e um chope pelo caminho. Agarrei-o por um pedaço de seu casaco, mas ele escapou. No entanto, não conseguiu fugir do porteiro, que o segurou pela nuca e passou o braço direito em volta do seu pescoço, bloqueando-o com um gesto seguro, por uma chave de estrangulamento. O frágil poeta parecia uma criança nas garras do Cérbero de quase dois metros.

– Que zona é essa aqui? – Rami Salovaaras, que, aparentemente, tinha acompanhado os acontecimentos do térreo, na tela de televisão. – Nunca foi cogitada a ideia de interrogar os clientes! Vocês estão atrapalhando minhas atividades comerciais.

Queria ir embora. Desaparecer, deixar Pertsä, Salovaara e Kirstilä resolverem a questão entre eles. Pegar um táxi e voltar para casa, enfiar-me debaixo da coberta, bem quente, ao lado de Antti. Ficar livre do caso Rosberg, onde nenhuma pista levava a nenhum lugar, e cujos fios não passavam de fibras curtas, de um emaranhado cinza sujo, irremediavelmente embaraçado.

– Seu cliente bateu em um policial. E acontece que é um dos suspeitos, em um caso sobre o qual estamos investigando.

Merda, ia ser obrigada a prender Kirstilä; Pertsä não se contentaria com menos. Com certeza, iria até dar queixa e eu teria que testemunhar.

O golpe dado pelo poeta não tinha passado de soco bobo, nem uma gota de sangue tinha saído do nariz – quebrado várias vezes – de Pertsä, nas costas de quem Puupponen ria em silêncio, considerando, sem dúvida, o agressor como um amigo do peito.

– Nosso poeta vai passar a noite na cadeia – disse Pertsä, sorrindo para Kirstilä, que tinha ficado roxo no abraço do porteiro. – O senhor nos segue de sua própria vontade ou quer que pegue as algemas no carro?

Kirstilä ficou calado e fez sinal para seu torturador soltá-lo. Pertsä e Puupponen o escoltaram para sair. Quando os segui, dei uma breve olhada por sobre meu ombro. Milla Marttila estava de pé na escada, uma expressão de horror cobria seu rosto maquiado novamente.

Quinze

O ambiente estava alegre na viatura de polícia. Puupponen estava dirigindo e Pertsä, ao seu lado, apertava o nariz. Eu estava sentada no banco de trás com Joonas Kivistö, que, de acordo com meu colega, devia ser preso imediatamente. Agredir um policial no cumprimento de suas funções, obviamente, era um delito, mas Puupponen e eu achávamos que ele estava fazendo muito barulho por nada, já que ele tinha provocado Kivistö. Eu não via como o poeta poderia nos ser útil, já que estava, mais uma vez, bastante bêbado. Em Munkkiniemi, no entanto, ele reagiu.

– Vocês não podem me prender. Tenho que dar comida para Pentti.

– Que maldito Pentti? – grunhiu Pertsä.

– Ele tem água? – perguntei.

Kivistö balançou a cabeça afirmativamente.

– Pentti é um gato – falei, para o banco da frente.

Na autoestrada de Turku, Kivistö avisou que estava passando mal. Puupponen deu seta e parou no acostamento. O poeta mal teve tempo de abrir a porta do carro, antes de vomitar na beirada da estrada. O cheiro de cerveja e salsicha do vômito embrulhou meu estômago. Não adiantou nada tentar não respirar pelo nariz; ainda estava com náusea quando chegamos ao comissariado.

Esperava encontrar nosso andar vazio àquela hora, mas estava errada. Da porta do elevador já dava para ouvir uma confusão de vozes falando somali, permeada por comentários estranhamente altos de Taskinen. Uma família africana inteira parecia estar instalada no corredor. Na sua maior parte, eram homens, mas também havia duas mulheres com véus até os olhos, e algumas crianças.

– O que está acontecendo? – Pertsä perguntou a Taskinen, que parecia estar com os nervos à flor da pele.

– Um incêndio criminoso, em Suvela. Jogaram um coquetel molotov pela janela da sala dessa família. Estamos tentando esclarecer o ocorrido. Algum de vocês tem tempo para me ajudar? Ou prenderam alguém?

– Vá, Puupponen – mandou Pertsä, antes que eu pudesse dar minha opinião.

Um menininho, de grandes olhos, tropeçou nas minhas pernas e caiu. Levantei-o e o consolei, mas uma das mulheres, de *niqab* preto, logo o tirou dos meus braços. Achei ter ouvido, através do tecido, um pedido de desculpa abafado. O contraste entre as garçonetes com os seios à mostra, da boate, e aquelas mulheres completamente cobertas era tão vertiginosa que, pela primeira vez, não me senti angustiada pela roupa delas – que, normalmente, considerava ameaçadora.

– Vamos cuidar de Kivistö rapidamente, Jyrki precisa de ajuda – falei com Pertsä.

Os somalis olhavam com ar de reprovação para o poeta com cheiro de vômito, a quem pedi para, primeiro, ir se lavar no banheiro.

– Talvez eu devesse vigiá-lo, para que não se enforque com seu cachecol vermelho –grunhiu Pertsä.

– Só me faltava essa! Realmente há momentos em que fico feliz em pensar que vou passar um

tempo longe daqui – deixei escapar, sem perceber.

– Ahn? – Pertsas parou um pouco, na porta do banheiro, mas viu Kirstilä fazendo alguma coisa mais interessante e correu para dentro, gritando:

– O que você está tentando fazer na cabine?

O barulho que veio depois da pergunta foi o de alguma coisa caindo no vaso sanitário. Sem me preocupar com o galo que enfeitava a porta, entrei correndo. Pertsas estava segurando Kirstilä firmemente.

– Venha ver o que ele jogou no vaso.

Levantei a tampa e dei uma olhada lá dentro, onde, felizmente, só boiava uma embalagem de plástico transparente, de aproximadamente 5 cm², contendo um produto amarronzado.

– Está parecendo bagulho. É por isso que você quis fugir, Joona?

Ele se retorcia nas mãos de Pertsas, ainda com cara de não ter se refeito do porre. Que idiota, eu me disse, sem saber muito bem em qual dos dois pensava. Se Kirstilä nos tivesse contado, tranquilamente, o que tinha feito na noite de terça, não teria sido pego em posse de cannabis.

– Vamos poder reunir vários tipos de acusação – disse Pertsas, com um tom maldoso, antes de soltar o prisioneiro, que não fazia frente a ele. – Insubordinação e posse de entorpecentes. E, talvez, assassinato. Ou tentativa de assassinato, no caso de Aira Rosberg.

De repente, o olhar de Joona Kirstilä tornou-se menos vago.

– O que aconteceu com Aira?

– Nem tente! Foi você que a agrediu, em Rosberga, na terça à noite, não foi?

Um dos somalis abriu a porta do banheiro, mas, logo que me viu, deu meia-volta. Não consegui segurar o riso. O dia tinha sido tão conturbado, que não fiz a menor força para conter minhas gargalhadas.

– Oh, Kallio, o que há de tão engraçado? Vamos sair daqui – tentou Pertsas, mas sua interpelação só fez piorar meu ataque de riso.

Kirstilä olhava fixamente à sua frente, sem ver nada. Finalmente, consegui me acalmar o suficiente para sugerir um interrogatório em minha sala. Pertsas foi pegar dois cafés, para ele e para Joona, e um chocolate quente para mim, enquanto eu ligava o gravador. Embrulhado em seu casaco preto, o poeta cochilava na poltrona, abaixo da minha coleção de gatos. O café pareceu o acordá-lo um pouco, mas meu chocolate quente estava uma decepção, muito fraco, como se Pertsas só tivesse posto meio saquinho de pó. Começamos interrogando Kirstilä sobre a noite de terça.

– Terça à noite? – ele repetiu, aturdido. – Anteontem? Como vocês querem que me lembre? Com certeza, estava em um bar. No Kosmos, talvez... Ou no Corona... Ah, sim, primeiro no Kosmos, depois no bar do Santa Fé. Colocaram-me para fora por volta de uma hora da manhã e depois disso, acho que voltei para casa.

– Com quem você estava?

Kirstilä mencionou os nomes de alguns poetas conhecidos. Perguntei-lhe, sem pensar, se ele passava todas as noites em bares.

– Estou sem inspiração – suspirou. Terminou o café e procurou os cigarros no bolso, mas, de repente, interrompeu o movimento.

– E é em uma boate de *strip* que espera encontrá-la? – perguntou Pertsas, maliciosamente. – O lugar não me pareceu muito poético.

Kirstilä se contentou em balançar a cabeça. Ele também se recusou a falar sobre o haxixe, exceto

que o tinha comprado no dia anterior.

– De um desses caras no Corona, talvez... ou no Vastarannan Kiiski... Não me lembro mais.

Se eu estivesse com Puupponen, por exemplo, poderíamos ter chegado a um acordo para liberar Kirstilä. Mas não estava com ânimo para discutir com Pertsä e prometi estar lá no dia seguinte, pela manhã, às oito horas, para interrogá-lo novamente.

Meus olhos mal ficavam abertos enquanto voltava para casa, debaixo de uma chuva de neve, dirigindo devagar, rindo para uma lebre que atravessava a rua e para um esquiador que desafiava a nevasca nos campos de Henttaa. Primeiro, achei que poderia ser Antti, mas a silhueta era muito pequena e atarracada. Em casa, as luzes estavam acesas e um cheiro de pão fresco pairava no ar. Einstein correu para me encontrar na entrada, seguido por Antti, com um largo sorriso. Esperava encontrá-lo amargo e frustrado, ao sair da reunião da Autoestrada N° 2, mas, ao contrário, ele estava radiante.

– Oi, querida, sobreviveu ao dia?

Ele me apertou em seus braços. Seus cabelos longos estavam com cheiro de alcatrão e de vento. Havia farinha em seu pulôver.

– Mais ou menos. Que cheiro delicioso de pão, estou morrendo de fome.

– Kirsti ligou há uma hora. Eva deu à luz uma menina.

A novidade tão feliz, depois do dia difícil, encheu meus olhos de lágrimas. Era ridículo. Nunca tinha chorado ao saber de um nascimento.

– Correu tudo bem? – perguntei, puxando Antti em direção ao pão quente que esperava na cozinha.

– Acho que sim, apesar de o parto ter durado quase doze horas. Elas pretendem ainda ficar o resto do final de semana na maternidade de Tammisaari. Se você tiver tempo, a gente podia ir vê-las no sábado, ou outro dia.

Meu corpo, satisfeito com quatro fatias de pão, ainda exigiu uma ducha quente e, só bem mais tarde, finalmente adormeci entre Antti e Einstein. Em meus sonhos, garotas com os seios à mostra amamentavam gatos.

Na manhã seguinte, tentei compensar as poucas horas dormidas vestindo-me elegantemente e com uma maquiagem mais caprichada do que a normal. Meus músculos abdominais ainda estavam sensíveis por causa dos exercícios intensos do dia anterior, sentia-me estranha em meu próprio corpo. Talvez porque ele não mais pertencesse só a mim. Lá, morava mais alguém, que ocupava só uma parte minúscula, mas que me causava refluxos ácidos depois do café e cujo olfato tinha substituído o meu, percebendo com mais sutileza os odores de gasolina e tabaco. Alguém que precisava de dormir muito para se desenvolver e que, ao mesmo tempo, me esgotava. Fazia-me chorar por qualquer coisa. Logo, começaria a crescer de vez, minha cintura aumentaria, eu não caberia mais em meu velho ser, nem em minhas roupas. E, finalmente, sairia de mim, para se tornar autônomo, apesar de ainda continuar dependente de mim por vários anos.

Concentrei-me no reflexo no espelho do meu rosto coberto com pó facial e vi, no fundo dos meus olhos, alguém que ainda não conhecia. De repente, senti uma alegria da qual quase tive vergonha e, rapidamente, enxuguei uma lágrima no canto do olho, antes de sair para o trabalho, pronta para mais um dia duro de trabalho.

Deixei Antti no ponto de ônibus, em Tapiola, e tomei o caminho do comissariado. A antiga estrada de Mankkaa estava um caos. Um semirreboque, que parecia ter derrapado na descida, tinha

atravessado a via, batendo em uma camionete que vinha no sentido inverso. Não queria saber o que tinha acontecido com o motorista do carro, mas não conseguia tirar os olhos da carroceria verde-clara presa debaixo do caminhão. O homem, em estado de choque, que colocavam em uma ambulância, devia ser o caminhoneiro.

Depois de ficar presa por 15 minutos, tentei ligar para Pertsu, mas meu telefone não quis funcionar. Porcaria de modelo de promoção! Já eram muito mais de nove horas quando, finalmente, consegui escapar com meu Fiat pela garagem de uma casa, fiz meia-volta e cheguei ao comissariado por outro caminho.

Como não vi Pertsu, perguntei na recepção, que me informou que ele estava na sala de interrogatório Nº 3, com Haikala. Quando cheguei lá, não havia mais ninguém. Acabei encontrando Pertsu na sala de descanso.

– Achei que você tinha perdido o horário. É preciso de muito sono, na sua condição. Eu e Haikala cuidamos do interrogatório preliminar de Kirstilä.

– Onde ele está agora? – perguntei, evitando comentar a alusão à minha condição.

– Deixamos que ele partisse. Estava tão angustiado, coitado, por saber que seria acusado de, pelo menos, dois delitos.

– Merda! Não tinha terminado com ele. Espero que você tenha verificado o álibi dele para terça.

– Haikala está fazendo umas ligações.

Pertsu engoliu o último pedaço de croissant, se aproximou de mim e cochichou em meu ouvido, com cara de conspirador:

– A partir de quando vamos ficar sem você? Quando você vai sair de licença maternidade?

– Está ficando louco ou o quê? – grunhi, escapando de sua mão, pretensamente protetora, para fugir com passos largos em direção ao elevador.

Apesar de tudo, ele conseguiu bloquear a porta com o pé e subir comigo.

– Imagino que não vá voltar para nossa brigada – continuou.

– E por que não? Esta criança também tem um pai – retruquei, consciente de estar fazendo uma besteira, ao admitir que estava grávida.

– Pode acreditar em mim, com nossos horários, cuidar de um bebê é impossível. Eu me lembro, às vezes, de só ver Jani e Jenna à mesa do café da manhã, por semanas a fio. Uma luta.

O elevador parou, fui direto para meu escritório, sem me preocupar com Pertsu. Ele me seguiu com passos largos, mas parou, ao ver a visitante que me esperava na porta.

Não me tinha enganado, Tarja Kivimäki tinha honrado nosso compromisso. Ainda não eram 10 horas e ela já esperava no corredor, vestida com uma calça vermelho vivo, que contrastava brutalmente com as paredes pálidas do comissariado. Ela tinha ido ao cabeleireiro depois do nosso último encontro: seus cabelos castanhos e retos, completamente sem graça, agora estavam curtos, loiros e frisados. Cumprimentei-a e pedi que entrasse. Queria, primeiro, conversar sozinha com ela. Em seguida, se ela realmente tivesse alguma coisa importante a dizer sobre a morte de Elina, eu traria uma testemunha e ligaria o gravador, que já estava em minha mesa desde a véspera. Esperava que ela fosse a primeira a falar. Sabia que pisava em ovos, já tinha o chefe de polícia na minha cola e preferiria não ter que entrar nessa questão. No entanto, foi o primeiro assunto que interessou a Kivimäki.

– Espero que Martti não tenha ligado para seu chefe – ela se mostrou preocupada, com um tom que pareceu quase sincero.

– Martti? – perguntei, tão inocente quanto ela, antes de resolver parar com o teatro. – Se você se refere ao ministro do Interior, Martti Sahala, bem, sim, tive notícias dele. No entanto, pensei que ele tivesse coisas mais importantes a fazer, do que se preocupar com o comportamento de uma inspetora de polícia.

– Acho que estava fora de mim, naquela noite – Tarja Kivimäki tamborilou, com as unhas pintadas de vermelho, na sua bolsa, em seu colo. – Na verdade... a morte de Elina foi, para mim, bem mais difícil do que eu quis admitir. Tive que exagerar um pouco suas ameaças, e Martti leva tudo tão a sério.

– Então você tem um relacionamento com o ministro que descrevem como o mais correto do governo. O que acha dele?

Talvez, bater papo como amigas não fosse uma má ideia. Conte-me seus segredos e lhe contarei os meus. Tínhamos uma história parecida, no final das contas, sequelas de ter crescido em uma cidade pequena do leste da Finlândia.

– Entre quatro paredes, Martti não é este chato que parece ser – declarou Tarja Kivimäki, em segredo. – Elina era uma das únicas pessoas a saberem da nossa relação. Muitas pagariam uma fortuna por essa informação, para atrapalhar a carreira dele.

– A mulher dele sabe? – perguntei por pura curiosidade.

A maneira com a qual as pessoas administravam suas infidelidades me interessava. Eu mesma mentia tão mal que, se tivesse outro homem em minha vida, nunca conseguiria esconder isso de Antti. Como uma completa idiota, tinha até admitido a gravidez para Pertsa e, logo, todo o comissariado estaria sabendo.

– Não sei. Por que lhe contar, já que nossa relação não ameaça o casamento deles? A família de Martti mora em Kokkola, ele passa o máximo de tempo que pode lá.

– Mas o seu trabalho sofre com esse relacionamento, se é a razão pela qual você quer deixar o jornal televisivo.

– Não posso, moralmente, comentar a ação de um governo do qual meu amante participa. Além disso, há seis anos faço parte da redação, estou começando a ficar estagnada. Você nunca tem essa impressão no seu trabalho?

Tinha chegado minha vez de abrir o coração.

– Claro que sim. Foi com certeza por isso que troquei de trabalho tantas vezes. Estudei direito também e trabalhei em um escritório de advocacia. Depois disso, substituí o chefe da polícia rural da minha cidade natal. Há quanto tempo está saindo com Sahala?

– Dois anos. Ele já era ministro do Interior no governo anterior, foi assim que nos conhecemos. Divirto-me com a ideia do que diriam meus pais, que esperam que minha vontade de casar aflore, se lhes contasse sobre minha ligação com Martti. Mas acho melhor não tentar essa manobra, ainda mais que ele não é do partido certo.

Não consegui não sorrir de sua tentativa de levar a coisa para o lado engraçado. Tinha algo nela que me atraía e me irritava, ao mesmo tempo, talvez a mesma vontade que eu tinha de traçar meu próprio caminho, não importa a dificuldade do terreno. Mas não podia demonstrar que estava amolecendo.

– E onde você estava, na terça, entre 22 horas e meia-noite?

A mudança de assunto a desestabilizou visivelmente, mas, logo em seguida, sua expressão se relaxou.

– Com certeza, você quer falar sobre Aira! É por isso que... que resolvi vir vê-la, na verdade. Não gosto de ameaças tanto quanto você, apesar de compreender sua posição. Com relação a Elina, não tinha certeza do que tinha acontecido, mas Aira... Ela vai se recuperar, não vai?

– Espero que sim. Você não respondeu minha pergunta.

– Terça. Sinto muito, Maria, estava trabalhando. Havia uma reportagem, nos noticiários da noite, sobre as brigas dos conservadores em matéria de política energética, e eu estava entrevistando o presidente desse grupo parlamentar. Só terminei por volta das 11h30.

À noite, dava para fazer o trajeto do estúdio de Pasila a Nuuksio em menos de meia hora, mas, ao invés de argumentar, falei sobre outra coisa:

– No Rafaello, você falou que sabia de alguma coisa que poderia explicar o assassinato de Elina. Pare de falar por enigmas, conte.

Tarja Kivimäki colocou no chão a bolsa que, até então, estava em seu colo, como que para ganhar tempo. Apesar de tudo, tinha certeza de que ela já tinha repetido aquele discurso várias vezes.

– Não sei exatamente que importância isto pode ter, mas... Bom, comecemos pelo começo. Elina quase não bebia e, quando o fazia, era uísque. Há aproximadamente um ano, janeiro passado, ela passou a noite na minha casa. Tinha comprado uma garrafa de Laphroaig especialmente para ela, da qual, para minha surpresa, ela bebeu várias doses. Nunca a tinha visto bêbada antes. Tínhamos falado muito sobre Martti e sobre mim, assim como sobre Joona e ela, e nossa recusa em nos comprometer, em viver uma vida de família normal, com filhos e meias de homem jogadas pelo chão. Eu também tinha bebido muito uísque e não me lembro de tudo, mas tenho certeza absoluta de que Elina disse, a uma certa hora, que ela tinha quase formado uma família, quando era mais jovem, mas tinha desistido. Tentei saber mais, mas ela não respondeu direito. De qualquer jeito, pelo que entendi, ela ficou grávida uma vez.

– Quando? A criança nasceu?

Senti meus músculos abdominais se contraírem, como se quisessem expulsar o bloco de gelo que tinha se formado na boca do meu estômago. Era mais ou menos o que eu tinha imaginado, quando ouvi falar das cicatrizes estranhas no colo do útero de Elina.

– É exatamente disso que não me lembro. De qualquer maneira, tratava-se de uma relação que durou muito tempo, do grande amor da vida dela. Por um momento, até achei que ela estava falando de um filho que teria tido com Joona, mas acho que era uma história mais antiga. Você conversou com a ginecologista dela?

Balancei a cabeça, distraída, pois me perguntava se Taskinen já teria autorizado a transferência do corpo de Elina do instituto médico legal para a funerária. Com certeza sim, já que sua morte já datava de mais de duas semanas. Será que Aira pretendia enterrá-la no final de semana seguinte? Perguntei à Tarja.

– Realmente, o funeral está marcado para domingo. Aira organizou tudo com Joona, mas não sei o que vai acontecer, agora que ela está no hospital. Deve acontecer, mesmo assim.

Se Elina ainda não estava enterrada, um ginecologista poderia examinar novamente seus órgãos reprodutores, mesmo se tivesse que ir à funerária. Tinha que falar com Taskinen. Tentei ajudar Tarja Kivimäki a lembrar-se mais precisamente do que Elina tinha dito, mas, apesar dos seus esforços, ela continuava confusa e ambígua.

– Tem certeza de que não quer dar uma entrevista à A-Studio? – perguntou de novo, à porta.

Mais uma vez recusei e, sem insistir, ela me desejou boa sorte com a investigação sobre a morte

de Elina e a agressão à Aira. Ela tinha se mostrado, durante toda nossa conversa, tão franca e aberta a cooperar, que eu me fazia uma pergunta: ela estaria mentindo sobre a gravidez de Elina? E se estivesse, por quê? Para desviar a atenção de si própria? Mas por que iria querer matar sua melhor amiga?

Taskinen confirmou que o corpo realmente tinha sido enviado para a funerária. Levei um dia para conseguir saber quando ele seria enterrado e onde encontraria um ginecologista capaz de examiná-lo. Johanna Sääntti tinha telefonado para a funerária no dia anterior para pedir o adiamento do enterro. Seu pedido tinha sido julgado incomum e difícil de atender, mas ela devia possuir talentos retóricos, a exemplo do marido, pois tinha conseguido uma postergação de uma semana. Finalmente, consegui alguém para examinar o corpo na segunda seguinte.

O Doutor Mikael Wirtanen também me ligou para me dar notícias de Aira. Ela tinha estado completamente consciente toda a manhã, mas ainda estava esgotada e reclamava de não se lembrar de nada. Amaldiçoei o final de semana que ia começar e interromper meu trabalho, que estava só começando, mas prometi passar para vê-la, no mais tardar, na segunda de manhã, esperando, com um pouco de sorte, poder conversar com ela.

– O senhor disse que Aira Rosberg sofria de uma amnésia retrógrada passageira. Isso é uma coisa que se pode fingir? – perguntei a Wirtanen, no final.

– Imagino que seja possível, mas com certeza não de maneira convincente a longo prazo. A senhora quer dizer que a senhora Rosberg estaria fingindo a perda de memória para proteger seu agressor?

– Para protegê-lo ou para se proteger. Tenho quase certeza de que tentaram matá-la porque ela sabe como sua sobrinha morreu. Obviamente, ela tem razão de fingir, se esse for o caso. Ela é enfermeira de formação e, se me bem lembro, trabalhou com geriatria, sabe a que ponto o funcionamento da memória pode ser complicado.

– Sendo da polícia, claro que seu trabalho a força a desconfiar de tudo. Para mim, é difícil acreditar, mas vamos ver. Vamos observá-la, com essa possibilidade em mente.

Tinha acabado de obter informações do sistema de estado civil, quando Puupponen bateu à minha porta, em pânico.

– Você fala francês, Maria?

– Estudei no ensino médio, mas acho que já esqueci quase tudo.

– Taskinen e eu estamos com um bando de gringos que mal falam poucas palavras de finlandês. Mas falam francês, e não conseguimos encontrar um intérprete. Você poderia nos ajudar, mesmo que fosse só um pouco?

– Aquela história do incêndio criminoso de ontem?

– Não. Uns estudantes marroquinos, ou alguma coisa do gênero, que brigaram entre si, ontem à noite, na residência universitária de Kilo.

– Estudantes que não falam nem finlandês, nem inglês? Estranho. Só um minuto, já vou, mas tenho que estar em Pasila às duas horas, por causa da tal investigação interna.

Verifiquei rapidamente o registro civil de Milla Martilla. Não havia nenhuma menção de adoção. De acordo com o registro central, ela tinha nascido em Kerava, em 1975, filha de Juhani Martilla e de Ritva Marjatta Martilla, nascida Saarinen. As adoções, mesmo sendo obrigatoriamente registradas, não eram automaticamente documentadas nos históricos, a não ser quando solicitado. Precisaria de uma cópia integral da certidão de nascimento de Milla Martilla, mas não tinha tempo,

naquele momento.

Meu francês sofrível não tinha sido de grande utilidade, durante os 15 minutos que passei tentando esclarecer as circunstâncias da briga entre os marroquinos. Enquanto um deles tinha sido gravemente ferido, os outros mantinham a versão de que se tratava de um simples acerto de contas entre duas famílias, como era o costume no país deles. Foi com alívio que deixei para Taskinen e Puupponen o dever de decidir em quem acreditar e peguei o trem para Pasila, o que me permitiu respirar um pouco.

Por sinal, a palavra tinha sido mal escolhida. Não tinha, propositalmente, afastado da minha cabeça tudo que tinha a ver com os acontecimentos que levaram à morte de Palo, mas com certeza tinha concentrado minha atenção no caso Rosberg para não pensar neles. Agora seria forçada a fazer isso. Durante nossas sessões de terapia, tínhamos sido aconselhados a não negar nossa tristeza e nosso medo, mas, ao mesmo tempo, não tirar proveito deles.

As audiências aconteciam no meu antigo local de trabalho, onde eu tinha, alguns anos antes, resolvido meu primeiro assassinato. Antti mesmo tinha sido interrogado ali – a ideia de que, um dia, eu tinha pensado que ele poderia ter assassinado seu melhor amigo, hoje, me parecia surreal. Os corredores ainda tinham o mesmo cheiro; ainda se viam, em algumas das paredes compartilhadas com os estúdios de televisão, traços do atentado à bomba daquele outono. Tive vontade de dar uma olhada nas salas da minha brigada, mas não queria, de forma alguma, dar de cara com o bebum Kinnunen, meu chefe na época, que aparentemente ainda ocupava o mesmo cargo, quando lhe sobrava tempo, entre uma garrafa e outra.

Fui ao toalete para checar minha maquiagem, à qual acrescentei um pouco de rímel à prova d'água, repetindo para mim mesma que não podia cair no choro em frente à comissão de investigação. Não tinha nada a temer, pois não me acusariam de nada. Eu era só uma peça que os ajudaria a ter uma ideia do que realmente tinha acontecido em Nuuksio, naquela noite, no começo de janeiro. No entanto, a imagem que eles teriam seria deformada, já que Palo e Halttunen não estavam mais lá para nos contar o que passou por suas cabeças durante todo o drama.

A comissão seguia à risca o planejamento: às 13h58, um dos policiais que tinham participado das escutas dos rádios saiu da sala de interrogatório. Às 14h01, pediram que eu entrasse. A sala tinha sido preparada, talvez involuntariamente, da maneira mais formal possível. As paredes eram de um branco ofuscante, a luz elétrica, extremamente clara e, do lado menos iluminado, havia uma longa mesa, atrás da qual estavam sentados cinco homens, com ar oficial. O secretário da comissão – outro homem! – tinha sua própria mesa, à esquerda dos investigadores. Fizeram um sinal para que me sentasse em frente a eles, em uma poltrona, que parecia confortável. Só depois de obedecer foi que percebi que meus pés não tocavam o chão. Meus colegas tinham, em média, 20 centímetros a mais do que eu, então estava habituada a esse tipo de inconveniente, o que não me impedia de me sentir como uma boneca de pano, posta na beirada de uma cama.

A comissão se apresentou: altos funcionários da direção da polícia e do Ministério do Interior. Antes de começarem a me interrogar, eles exprimiram suas condolências pela morte do meu colega de trabalho. Tudo era sóbrio, planejado, correto. Esperavam de mim informações sobre os fatos, não opiniões. De qualquer maneira, eu não tinha participado oficialmente do caso, só tinha permanecido no local porque conhecia Palo e Halttunen.

O objetivo da comissão parecia ser demonstrar que o sequestrador era um psicopata perigoso, com um comportamento imprevisível. Por isso, o uso de força e o ataque surpresa, feitos pelo grupo

de intervenção, tinham sido justificados. Respondi o mais sinceramente possível, apesar da irritação que sentia frente às perguntas orientadas, a maior delas feitas por um comissário principal.

Sem dúvida, Kari Hanninen faria uma festa com aquela comissão. Para mim, no final das contas, pouco importava o que eu dissesse. Palo estava morto, seu enterro seria na terça seguinte. Talvez uma tática de espera poderia tê-lo salvo, talvez não.

– A senhora e o inspetor principal Palo conduziram, no ano passado, a investigação preliminar sobre Markku Halttunen. Por que, exatamente, ele odiava tanto vocês dois?

Em outras palavras, que erros tínhamos cometido, quando o interrogamos?

– A senhora trabalhou com o inspetor principal Palo por mais de um ano. Que tipo de colega ele era, como reagia em uma situação de emergência?

Talvez Palo também tivesse feito alguma besteira, mas alguém podia crucificá-lo por isso?

– Ele estava com medo. Assim como eu. Apesar de tudo, não tínhamos recebido nenhum tipo de proteção. Ouvi, algumas vezes, civis que tinham sido ameaçados reclamarem da incapacidade da polícia de agir antes que alguma coisa acontecesse. Agora os entendo melhor.

– Na sua opinião, o que deveria ter sido feito?

Proteger-nos. Seguir Halttunen mais de perto. Vigiar melhor a prisão. Escrever para o Papai Noel e pedir que ele cuide das crianças boazinhas. Eu balançava as pernas, frustrada, e olhava fixamente para os cinco rostos prudentes que, na verdade, não queriam esclarecer os acontecimentos, mas, sim, limpar o nome da polícia. A investigação duraria anos, meu bebê teria tempo de nascer, antes de sabermos das conclusões e, fossem elas quais fossem, sempre haveria pessoas insatisfeitas. Tinha entrado para a polícia em busca de verdade e justiça, mas minha expectativa não tinha sido completamente satisfeita, então também estudei direito. Ainda forçava-me a acreditar nesse ideal, mesmo se, infelizmente, seu brilho estivesse ofuscado e manchado de preto. Contudo, se deixasse de ter fé na verdade e na justiça teria que mudar de profissão. Apesar de a minha audiência ter durado menos de uma hora, saí de lá completamente esgotada, como se o tempo todo tivesse andado em uma corda bamba, tentando encontrar um equilíbrio entre meus sentimentos e as respostas que esperavam de mim.

O mundo estava cinza e sombrio, visto da janela do trem, as luzes na beirada da via refletiam através do meu reflexo no vidro. Era assim que cada um via o mundo, no final das contas, através de seu próprio filtro, à sombra de si mesmo. Alguns encontravam, em seus rostos, motivos justificáveis para matar, ou agredir negros, ou liberar animais do cativeiro. Para mim, só precisava achar a pessoa que tinha visto uma razão para assassinar Elina e Aira.

Dezesseis

Fazia vários anos que não segurava um recém-nascido no colo, e a filhinha dos Jensen parecia minúscula. Com seus 3,5 kg, ela pesava a metade de Einstein, nosso gato.

– Não se preocupe, os bebês são mais fortes do que pensamos – disse Kirsti Jensen, com um sorriso.

A bebê estava tranquila, só sua boca se mexia, como se quisesse mamar.

Deixei-me levar, no final de semana, por aquela excursão a Tammisaari. Ao passear pelas ruelas estreitas, cobertas por casas de madeira, da pequena vila mergulhada em um sono invernal, quase dava para se imaginar em outro país. O hospital, de porte modesto, era bem mais acolhedor do que o de Jorvi e não tinha cheiro de morte. Pelo contrário, o quarto familiar da maternidade estava cheio de vida. Três pequenos Jensens estavam sentados ao lado de Eva, na grande cama de casal. Antti oscilava na cadeira de balanço, Lauri e Kirsti contavam, interrompendo um ao outro, os acontecimentos do parto. Jukka Jensen tinha ido à cafeteria comprar sorvete para todo mundo. Eu nunca tinha sido do tipo de falar com uma vozinha infantil com os bebês. Seus rostos enrugados, com cheiro azedo, lhes davam, na minha opinião, uma dignidade estranha, que me levava a falar com eles com respeito. A ideia de ter um deles dentro de mim começava a parecer aceitável para mim, e tudo me parecia compreensível. Aguentamos o circo dos Jensen por meia hora antes de seguir nosso caminho para Inkoo.

Há séculos não víamos os pais de Antti. Dois anos antes, eles tinham vendido a casa de Tapiola e raramente vinham à capital. Apesar do olhar de inquisição do meu sogro, quando recusei a taça de vinho de boas vindas, mantivemos nossa decisão de não lhes contar ainda sobre o bebê. Fiéis ao seu tato habitual, eles não perguntaram nada. Meus próprios pais, na mesma situação, com certeza, teriam nos enchido de perguntas.

– Vamos contar para eles sobre Sarkela Júnior, ou vamos esperar? – Antti me perguntou na sauna, depois de um passeio de esqui, no mar congelado, na escuridão da noite.

– Como assim, Sarkela Júnior? O que faz você pensar que ele vai se chamar Sarkela? – disse, brincando, pois não tinha tido tempo de pensar na questão do nome.

– É que sempre sabemos quem é a mãe, mas o pai, nunca se tem certeza – ele replicou, com um sorriso. – Verdade, essa criança sempre terá uma ligação mais forte com você, tendo ou não seu sobrenome.

Admito que era uma boa razão e que, além disso, Sarkela era um nome bem menos comum do que Kallio, mas não chegamos a nenhuma conclusão definitiva. Quando saímos da sauna, meus sogros estavam assistindo a um de seus intermináveis debates na televisão, dessa vez sobre medicina alternativa. Minha sogra se interessava pelo assunto e tinha se mostrado interessada pelos detalhes do parto de Eva porque ela tinha ficado em uma piscina durante quase todo o período de dilatação do colo do útero. Escutei, por um tempo, uma fala sobre como a acupuntura tinha quase sido considerada charlatanismo pela faculdade e tinha acabado de resolver ir para o quarto ler quando uma voz

familiar, vinda da televisão, me fez parar.

– Acho que a medicina tradicional não deveria excluir a homeopatia ou a astrologia, por exemplo – ouvi.

Virei para olhar para a tela, que quase explodia com a personalidade carismática de Kari Hanninen. Voltei atrás e sentei-me no sofá, ao lado da minha sogra, para ouvir as explicações sobre como a astrologia e a psicologia podiam funcionar em sinergia.

– A medicina e as paraciências buscam o mesmo fim. Queremos ajudar o próximo. Mas lá, onde a medicina, assim como a psicologia e a psiquiatria, negligencia o lado afetivo para se concentrar no fisiológico, principalmente anestesiando as emoções pelo uso de medicamentos, a astrologia tenta ajudar o homem a se conhecer e se respeitar. O mapa astral permite, por exemplo, descobrir tendências ao alcoolismo. Todavia, nunca direi a alguém que os astros o condenaram a beber e que não tem nada que possa ser feito. Ao contrário, vou procurar, em seu mapa, forças que o ajudarão a combater aquilo.

O público feminino do estúdio aplaudiu. Hanninen era sem dúvida convincente. Ao falar sobre Halttunen, ele já tinha me dado a impressão de se preocupar com seu destino. De qualquer maneira, tinha me arrependido de ter lhe dado minha data de nascimento. Não queria saber o que ele iria ver – ou achar que viu – em meu mapa astral.

– No exercício da sua profissão, o senhor foi levado a encontrar todo tipo de pessoas e situações. O senhor teve como paciente, entre outros, Markku Halttunen, que matou um policial e suicidou, há algumas semanas, em Nuuksio. É possível ver no mapa astral de uma pessoa uma futura carreira criminosa ou uma morte violenta?

Kari Hanninen acolheu, com um riso contido, a pergunta do apresentador, que eu também achava estúpida.

– Não se pode confundir astrologia com adivinhação. Mas certamente podemos antecipar uma tendência à violência e prever períodos de crise em uma vida.

– E isso foi visto no mapa astral de Markku Halttunen?

– Sim, bem claro. No entanto, não era inevitável que Markku e o policial que ele tinha feito refém perdessem a vida. Para usar uma expressão bastante conhecida: não estava escrito nas estrelas.

O sorriso de Hanninen se cobriu com uma dose adequada de tristeza, seus dedos viris puxaram sua cabeleira para trás. Antti me tinha dado a mão, assim que começaram a falar sobre o drama de Nuuksio.

– Até onde o senhor se permite aconselhar seus clientes? Por exemplo, se lhe pedem sua opinião sobre a escolha de uma profissão ou de um cônjuge, o senhor responde?

– Claro, sabendo que a responsabilidade final sempre cabe ao indivíduo. Frequentemente, até falo sem meias palavras, quando os mapas astrais mostram que duas pessoas não são feitas para se entender, ou quando alguém não tem nenhum dom para ser um artista, ou ator, por exemplo. Mas sempre tento também dar outras opções e não deixar as pessoas enfrentarem sozinhas seus problemas.

O apresentador passou a palavra a um litoterapeuta, mas a câmera voltou várias vezes a Kari Hanninen, que, sentado em uma posição descontraída, parecia jogar charme para as garotas da primeira fila. Quando, em seguida, um cantor de tango, miando sobre o amor, invadiu a tela, Antti e eu nos refugiamos na cozinha para fazer um chá. Só voltamos a falar sobre Hanninen e seus mapas astrais, no dia seguinte, no carro, no caminho de volta.

– Se você não quer mais que Hanninen faça seu mapa astral, é porque, na verdade, acredita em horóscopo – declarou Antti, com um tom provocador, ultrapassando um trator, engasgado.

– De jeito nenhum! Só que não quero que ele pense que me conhece porque sabe meu signo do zodíaco. Ah, meu Deus!

Meu grito tinha sido por causa de um BMW que vinha em nossa direção, e só desviou poucos segundos antes de quase bater em nosso pobre Fiat. Havia mais kamikazes na estrada de Hanko do que em qualquer outro lugar. Meu susto tinha sido tal que levei um tempo para reagir, quando meu celular tocou.

– Oi, aqui é Akkila. Você pediu para lhe avisar se tivéssemos notícias de Jorvi. Recebemos uma mensagem: Aira Rosberg começou a recuperar a memória.

– Obrigada, vou para lá agora mesmo.

Estávamos exatamente no cruzamento da estrada de Porkkala, e pedi a Antti que me deixasse no hospital. Certamente haveria na unidade de tratamento intensivo, mesmo num domingo à noite, um médico que pudesse me dar mais detalhes sobre a situação.

– Mais trabalho? – perguntou Antti, resignado.

– Não vou demorar. E posso voltar a pé.

– Estou com um livro aqui, espero por você na recepção. A não ser que eles me deixem visitar a maternidade. Poderia compará-la com a de Tammisaari.

– Você não parece muito grávido – disse, rindo.

O médico de plantão me explicou que Aira Rosberg poderia sair, a partir do dia seguinte, do tratamento intensivo, pois sua recuperação estava indo bem. No entanto, suas lembranças não estavam restabelecidas. Ela se lembrava que Elina tinha desaparecido, mas não que ela tinha sido encontrada morta, e não contaram para ela. Apesar de tudo, consegui que o médico me autorizasse a conversar com ela por alguns minutos.

Ela estava na cama, consciente e meio sentada, mas parecendo mais velha e menor do que na mansão. Quando me viu, ela esboçou um sorriso um pouco dubio, que se abriu logo que ela me reconheceu.

– Inspetora chefe Kallio, boa noite. A senhora esteve em Rosberga para fazer uma palestra, há umas semanas.

– Boa noite. Como está se sentindo?

Como ela tinha me tratado com formalidade, fiz o mesmo, apesar de nosso relacionamento anterior. Aparentemente, ela não se lembrava da morte de Elina.

– Estou tendo dores de cabeça terríveis, em certos momentos, e falhas de memória... Acho que caí... Com certeza, enquanto procurava Elina. Já a encontraram?

Balancei a cabeça; foi difícil mentir, mas não cabia a mim lhe contar sobre a morte da sobrinha. Uma sombra passou por seus olhos e ela hesitou, perplexa, quando lhe perguntei aonde Elina poderia ter ido.

– Acho que ela deve estar com Joona... Joona Kirstilä, o namorado dela. Ela ia acompanhá-lo a Tallinn. Vocês foram a Rosberga? Talvez ela já tenha voltado de viagem.

Acompanhar o amante a Tallinn? Era a primeira vez que ouvia falar nisso, ninguém tinha falado nada quando Elina desapareceu. A não ser que Aira estivesse confundindo com outro Natal. Tinha que perguntar a Kirstilä. Ou, então, ela estava fingindo. Seus olhos azul-escuros estavam alertas, de qualquer maneira. Mas eu não era médica.

– Não, ela não voltou – respondi. – A senhora se lembra do seu próprio acidente? Do local onde caiu?

Aira Rosberg balançou a cabeça.

– Estou com dificuldade para lembrar – ela disse, com uma voz de senhora indefesa que, apesar de sua fraqueza, não combinava com ela. – Sempre fico com dor de cabeça.

Nesse momento, uma enfermeira bateu no vidro da porta. Talvez ela estivesse escutando toda nossa conversa. Estava na hora de eu ir. Não conseguiria mais nada de Aira, por enquanto, minhas perguntas até arriscavam a atrasar seu restabelecimento.

– Peça a Elina para vir me ver quando a encontrar – acrescentou, enquanto eu abria a porta.

Balancei a cabeça, com um nó na garganta. Como ela reagiria quando soubesse que a sobrinha não ia voltar? Por que ela teria que passar por esse terrível sofrimento duas vezes?

Ao voltar para casa, tentei, em vão, falar com Joonas Kirstilä. Talvez ele estivesse de novo em um bar, procurando inspiração. Passei o resto da noite consertando meu velho vestido preto, comprado na liquidação para minha formatura do ensino médio. Como não usamos uniforme para trabalhar, decidimos ir ao enterro de Palo com roupas comuns. Meu vestido estava rasgado debaixo do braço, eu me tinha deixado levar uma vez, dançando com uma vontade um pouco exagerada. Eu o tinha há uns bons 10 anos, já era hora de doá-lo. Tinha o péssimo hábito de me apegar às minhas roupas, de usá-las até que estivessem caindo aos pedaços e só comprar novas quando não tivesse outro jeito. Surpreendi-me pensando em que vestidos ainda caberia no verão seguinte e consegui contar... zero. A ideia de vestir roupas de maternidade era um pesadelo tão grande, que decidi, só para me rebelar, ir à geladeira e pegar uma cerveja ultraleve. Pelo menos, ela me daria uma ilusão de um gosto familiar.

Na manhã seguinte, encontrei em minha mesa a análise das marcas de pneus encontradas na frente do portal de Rosberga, depois da agressão à Aira. O problema era que não podíamos, de repente, examinar as rodas de qualquer veículo, mas talvez pudéssemos conseguir uma autorização para verificar as dos carros que costumam ficar em Rosberga, com pretexto de excluí-los da lista de suspeitos. Trabalhei duro para me livrar de tudo que aparecesse, porque, no dia seguinte, tinha que ir à minha consulta pré-natal e ao enterro de Palo. Depois do almoço, tentei ligar para Kirstilä, que parecia estar com uma ressaca fenomenal. Ouvi Pentti miar furiosamente, perto do telefone, enquanto ele me assegurava, entre dois ataques de tosse dignos de um tuberculoso, que não fazia ideia de que viagem a Tallinn Aira estava falando.

– Não vou para a cadeia por causa daquela porcaria de bagulho, não é?

Pelo barulho, Kirstilä estava abrindo, ao mesmo tempo que falava, uma lata de comida para o gato.

– Com certeza, não – respondi, apesar de não poder fazer comentários sobre a questão. – Hoje em dia, não somos obrigados a abrir um processo quando a quantidade detida é tão pequena quanto no seu caso. Mas arranje um advogado. Você tem mais chance de ter problemas por bater em um policial no exercício suas funções.

– Porque os tiras podem dizer o que quiserem, e nós não temos o direito de nos defender?

Kirstilä começava a se recompor; talvez ele tivesse aberto uma garrafa de cerveja, ao mesmo tempo que a lata de Pentti.

– Concordo que o comissário Ström tem uma linguagem mais rude do que a maioria – admiti.

– E ele detesta homens com cabelos compridos que escrevem poemas – acrescentou Kirstilä, com o tom de um rapaz de 20 anos.

Apesar de tudo, sua descrição de Pertsu estava correta. A capacidade do meu colega de olhar o mundo com suas viseiras, de condenar tudo que não conhecia, a começar pelos pratos chineses servidos na cantina do comissariado, ainda me surpreendia.

– Por falar no diabo... – murmurei, ao ver Pertsu abrir minha porta.

– Essa história de coquetel molotov...

– Sim?

– Estou cuidando dela com Taskinen. Já temos suspeitos, os mesmos *skinheads* que fizeram aquela zona em toda Helsinque e nos arredores. Que bando de moleques! Eles podiam, pelo menos, brigar homem a homem...

– Pare de discursar. Por que vocês precisam de mim?

– Bem, é preciso interrogar a mãe, mas ela não pode ficar no mesmo cômodo com homens que não sejam da sua família, a não ser na presença do marido, o que nossas leis proíbem, já que a mulher fala finlandês. Ótimo exemplo do cosmopolitismo do qual você tanto se gaba. Não vai demorar muito.

– OK, me dê cinco minutos.

Quando tirei o dedo do botão que matinha o microfone do meu telefone cortado, Kirstilä tinha desligado. Restava-me um ponto a esclarecer com ele, mas isso podia sem dúvida esperar. A senhora El-Ashram respondeu timidamente, em poucas palavras, minhas perguntas. Era um sentimento estranho falar com alguém de quem não via nem os olhos. Censurava os preconceitos de Pertsu, mas eu mesma não conseguia evitar, frente àquela mulher, me questionar: será que ela fazia suas filhas também andarem totalmente cobertas por véus? Adoraria deixar de lado as perguntas rotineiras sobre o ataque com o coquetel molotov e satisfazer minha curiosidade, o que, infelizmente, era proibido. Lembrei-me da biografia de Johanna e pensei que a vida dela tinha mais coisas em comum com a da senhora El-Ashram do que com a minha. Considerava-me tolerante e aberta, mas minha tolerância aparentemente terminava no véu e na circuncisão de mulheres.

No começo do outono, tinha investigado um caso muito delicado. Uma enfermeira escolar e uma professora tinham comunicado à polícia um caso de maus tratos a uma menina de oito anos. Primeiro, ela tinha perdido uma semana de aula, sem nenhuma explicação, depois começou a sangrar no meio da sala. Foi assim que descobrimos que sua mãe e sua tia a tinham circuncidado no banheiro da família. Tínhamos nos perguntado durante muito tempo, com o procurador, os responsáveis pela associação de ajuda aos refugiados, os funcionários do serviço social e meus colegas, se era necessário levar o caso aos tribunais. Foi nesse momento que os *skinheads* tinham provocado os tumultos em Joensuu, e que uma estudante de Tampere tinha sido assassinada por um doente mental somali. Tínhamos enviado, discretamente, o dossiê para as autoridades de proteção à infância. No entanto, não tinha certeza de que tínhamos agido corretamente, já que sabíamos que muitos pais finlandeses maltratavam seus filhos ainda com mais violência sem que ninguém se envolvesse no assunto.

Logo antes de deixar o escritório, consegui falar com a mãe de Milla, Ritva Martilla. Tinha pensado por muito tempo em como iria lhe expor as coisas. Seria difícil lhe perguntar ao telefone, sem nenhum aviso prévio, se sua filha era realmente sua e, se não, por que a adoção não tinha sido mencionada em nenhum documento oficial. Ritva Martilla se expressava tão grosseiramente quanto sua filha. Mas as vozes das duas se pareciam.

– Milla? Sim, tem uma na família, mas não a vemos há muitos anos. O que ela fez, para que a

polícia se interesse por ela?

– Milla Martilla é sua filha biológica? – continuei, evitando propositalmente responder a pergunta dela.

– Biológica... O que a senhora quer dizer?

– Ela é sua filha e do seu marido, ou ela foi adotada?

– O que é essa besteira? Claro que ela é nossa filha! Ela mentiu para a polícia? O que ela falou?

Posso até lhe mostrar sua certidão de batismo, se for preciso.

– Ela costuma mentir?

Como resposta, obtive recriminações confusas sobre o gênio insuportável de Milla, desde a infância, e sobre as falsas acusações feitas a seu pai. Apesar de as informações do registro civil confirmarem as afirmações de Ritva Marttila sobre o nascimento de sua filha, não tinha certeza de que ela não estava mentindo, mas não era meu dever remexer o passado da família. Também sabia que, infelizmente, as esposas acreditavam com mais facilidade nos maridos que garantiam sua inocência do que nos filhos que os acusavam de incesto.

– O que ela fez, dessa vez? – insistiu Ritva Marttila.

– Ela está envolvida em uma morte suspeita – respondi.

– Agora, ela mata? Um vizinho a viu trabalhar com os peitos à mostra, é verdade?

– Por que a senhora não pergunta diretamente a Milla? Posso lhe dar o número dela.

Depois disso, Ritva Martilla desligou na minha cara. Um verdadeiro resumo do amor maternal que tanto estimávamos. Lembrei que uma das minhas amigas, que tinha tido uma infância difícil, me tinha assegurado que as crianças odiavam os pais, de qualquer maneira, e que nenhum deles podia se vangloriar de nunca ter cometido um erro, mesmo se fosse com a melhor das intenções do mundo. O que pensaria de mim e de Antti, em 20 anos, a criatura, ainda em estado de formação, que nadava em minha barriga? Teria a lembrança de pais tomados pelo trabalho, que nunca tinham tempo suficiente para ela?

Para esquecer o medo que tinha se apossado de mim novamente, procurei em meu computador informações no registro civil sobre todas as pessoas envolvidas na morte de Elina Rosberg. Em teoria, Milla poderia ser sua filha; ela tinha a idade certa, mas Joona Kirstilä, com certeza, não podia ser seu pai. Havia outras possibilidades. E se, no final das contas, se tratasse de dinheiro? Elina tinha uma grande fortuna e Aira era sua única herdeira. E se fosse ela que tivesse um filho?

Voltei a mergulhar no registro civil de Aira, que eu já tinha checado. Não havia menção a nenhum filho, mas, na realidade, ela podia ter tido um, entre 1945 e 1967. Quase todos meus suspeitos faziam parte dessa faixa de idade, inclusive o casal Sântti, para quem a hipótese parecia pouco provável, já que tinham vivido toda a vida na mesma pequena vila. Na época do nascimento de Niina Kuusinen, Aira tinha 45 anos, então ela também poderia ser, no limite, sua filha, mas ela se parecia tanto com o pai que não conseguia acreditar que não tinha sido concebida pelos Kuusinen. Tarja Kivimäki e Joona Kirstilä tinham nascido em 1962 e Kari Hanninen, em 1954, como Elina. Eles se encaixavam no quadro. Obviamente, não encontrei nenhum sinal de adoção, mas na década de 1950 e talvez até no começo da de 1960, as coisas podiam ser feitas por debaixo dos panos. Já tinha ouvido falar de casos desse tipo. Os pais de Tarja Kivimäki pareciam bem mais velhos, deviam ter mais de 40 anos quando ela nasceu. Tentei projetar os rostos de Tarja e Aira em minha tela mental. Elas se pareciam? Será que Elina e Tarja se entendiam tão bem porque eram primas? E o que dizer de Joona?

Talvez a verdade fosse ainda mais complicada – e se Elina fosse filha de Aira? Ou, então, eu

tinha lido romances policiais demais. No entanto, adoraria saber se Aira tinha tido um filho. Quem era seu médico? Surpreendi-me discando o número, que tinha se tornado familiar, da enfermaria do hospital, já que ela não precisava mais de tratamento intensivo.

Na teoria, era uma boa notícia. Na prática, talvez ela corresse mais perigo: no tratamento intensivo, estava sob vigilância permanente, mas as pessoas de fora tinham muito mais acesso aos outros quartos do hospital. Taskinen ainda estaria no escritório? Decidi passar lá para perguntar se ele tinha conseguido alguém para garantir a proteção de Aira Rosberg. A porta dele era equipada com sinais luminosos imponentes, mas tínhamos nos acostumado a bater, pelo menos quando a luz vermelha não estava acesa. Nenhuma outra luz brilhava, mas, mesmo assim, bati. Um “entre” abafado soou. Taskinen estava sentado à sua mesa, ainda segurando o gancho do telefone, do qual ressoava o contínuo bip de uma ligação cortada. Seu rosto estava tão enrugado quanto uma velha batata, seus olhos, envoltos por mais rugas do que o normal.

– Más notícias? – perguntei, com prudência.

Taskinen quase não falava de sua vida pessoal e eu não sabia, por exemplo, se sua mãe estava muito doente.

– Era a mulher de Palo. A primeira. – Ele esboçou um sorriso, vestígio da época em que as três esposas e os vários filhos do nosso colega eram motivo de piadas recorrentes em nossa brigada. – A filha mais velha está grávida de dois meses, ou, mais exatamente, estava. Ela perdeu o bebê esse final de semana. Por causa do choque, de acordo com o médico.

– Merda – soltei, incapaz de achar um comentário mais sensato.

Taskinen continuou, como que para si mesmo:

– Também não soube o que dizer. Como encontrar as palavras? Tenho que fazer um discurso amanhã, no enterro. Só me vêm clichês à cabeça. E sabe o que é o pior?

– O quê? – perguntei, impressionada com sua veemência.

– Não parei de pensar naqueles jogos de palavras idiotas que fazíamos com o nome dele.

Entendia o que ele queria dizer. Nossa mente tem maneiras curiosas de afastar a tristeza.

– Como foi sua audiência, na quarta?

Taskinen se recompôs e finalmente se lembrou de colocar o telefone no gancho. Comparamos nossas experiências nos interrogatórios da comissão, ambos ávidos para falar, para apostar como o caso terminaria. Concordávamos em um ponto: dessa vez, Kuskivuori seria sacrificado, para poupar os responsáveis mais altos da hierarquia.

– Acho que vai ser difícil – suspirou Taskinen, quando lhe pedi para organizar a proteção de Aira, agora que ela não estava mais no tratamento intensivo, mas ele prometeu fazer o possível.

– A propósito, Pihko me disse que você conhece alguém para substituir Palo. A convocação para candidaturas começará no início de março.

Falei com ele sobre meu velho amigo Pekka Koivu, que estava terminando sua formação de suboficial em Otaniemi e não queria voltar para Joensuu e suas manifestações raciais. Ia anunciar a meu chefe que eu também logo precisaria de um substituto, por um período de aproximadamente um ano, quando a porta se abriu para uma linda jovem, ou, mais exatamente, uma adolescente de 17 anos, Silja Taskinen, a quem a prática de patinação artística tinha dado uma segurança e uma maturidade raras para a sua idade. No Natal tinha visto um espetáculo no gelo, no qual ela fazia o papel de Bela Adormecida. Era considerada uma das grandes esperanças da patinação artística da Finlândia, e eu sabia que Taskinen sacrificava uma boa parte de seu magro salário de policial para mandá-la para o

Canadá, para treinar, duas ou três vezes por ano. Ela tinha vindo buscar o pai para comprar patins novos e combinei com ele de nos encontrarmos, no dia seguinte, na igreja de Tapiola. Fiquei até feliz que Silja tivesse interrompido nossa conversa, pois ainda não estava com vontade de contar para Taskinen sobre minha gravidez.

Para terminar o dia, fui até o laboratório para examinar, mais uma vez, o robe e a camisola que Elina estava usando, quando foi encontrada. O pedaço de cetim, encontrado na trilha de Nuuksio, provava que ela tinha chegado por lá. Por outro lado, era difícil dizer se ela tinha ido andando ou se alguém a tinha arrastado, pois a alternância entre chuva e neve tinha congelado o solo. O tecido poderia ter se prendido à árvore em ambos os casos. Vesti luvas de látex e tirei as roupas do saco de evidência. Elas ainda emanavam um leve odor de rosas? Com certeza não, devia ser minha imaginação, já que tinha visto, no banheiro de Elina, um frasco de talco perfumado. Tanto o robe quanto a camisola estavam rasgados no alto das costas e na altura dos quadris, onde o corpo de Elina estava machucado. O pano podia ter rasgado se ela tivesse sido arrastada, ou se tivesse, por exemplo, caído de costas e escorregado em uma ladeira coberta de neve.

Essas roupas de fibra sintética não lhe tinham oferecido nenhuma proteção, com a temperatura a -10 °C, ao contrário, tinham ajudado a esfriá-la ainda mais. Talvez elas lhe esquentem a mente, mas certamente não esquentam o corpo. Como alguém poderia sair vestida dessa maneira, em uma noite gelada, além do mais, descalça?

E o que esperava a pessoa que tinha escolhido o local onde Elina estava, ao deixá-la sob aquele pinheiro, no alto de uma colina? Será que ela imaginava que a neve continuaria a cair, durante todo o inverno, que a cobriria, e que ninguém perceberia um corpo enterrado sob a cobertura branca? Ou fora a própria Elina que decidira se transformar em mulher de neve?

Dezessete

Meia hora antes do enterro de Palo, enfiei-me em meu vestido preto justo, atrás das persianas baixadas do meu escritório. Pertsa e Pihko esperavam por mim no corredor, irreconhecíveis, de terno preto e gravata. Tinha acabado de guardar meu jeans de trabalhar e meu pulôver no armário quando meu telefone tocou. Hesitei um pouco em atender, mas não pude me conter.

Aira ainda estava falando como uma velha senhora frágil, mas seu restabelecimento parecia estar indo bem, já que ela tinha obtido permissão para telefonar.

– Você não me disse que Elina estava morta – ela me repreendeu.

– Não queria despertar suas lembranças antes da hora. Agora, você se lembra?

– Da morte de Elina, sim. Mas ainda não lembro muito bem como vim parar aqui.

– Não se lembra de quem atacou você?

– Não. Mas estou boa o suficiente para responder suas perguntas. E o médico me autorizou a fazer isso.

– Hoje, já? – Não sabia quanto tempo o funeral de Palo levaria no cemitério e depois, mas, com certeza, horas. – Vou aí no começo da noite, se for conveniente para você.

Pertsa enfiou a cabeça pela fresta da porta e gritou, sem dar a mínima para o fato de eu estar ao telefone:

– Ah, as mulheres! Nunca no horário!

Fiz uma careta para ele e desliguei o telefone. Não podíamos, de jeito nenhum, chegar atrasados. A cerimônia começava às 14 horas e todos os estabelecimentos de polícia da Finlândia fariam, nesse horário, dois minutos de silêncio, em memória do colega morto em serviço.

No estacionamento, vi o chefão entrar no seu carro, ao mesmo tempo que entramos no nosso. Lembrei-me da observação de Pertsa, segundo o qual ele fazia parte dos clientes VIP do Fanny Hill. Não era nem uma surpresa, nem um crime. Muitos homens poderosos se divertiam nesse tipo de lugar. Já tinha até ouvido falar que ele era um dos acionistas de uma cadeia de boates de *striptease* localizadas em várias cidades, mas isso, sem dúvida, não passava de um rumor. Ele não estaria indo ao enterro de Palo se meu colega tivesse morrido fora do horário de trabalho, por exemplo, de um ataque cardíaco. Dessa vez, haveria no público uma grande parte da alta hierarquia policial do país e certamente alguns jornalistas.

De novo, o tempo estava terrivelmente cinza; a neve fresca, que tinha embelezado a paisagem durante alguns dias, tinha se transformado em lodo. Meus sapatos estavam úmidos porque, quando estava indo à minha consulta pré-natal, enfiei o pé em uma poça, cuja cobertura congelada quebrou com meu peso.

Durante a noite, tinha acordado depois de um sonho confuso, no qual se misturavam sangue escorrendo entre minhas pernas e os olhos glaciais de Halttunen. Depois disso, só tinha rolado na cama, sem sono, sentindo o cheiro de Antti, dormindo ao meu lado, e escutando Einstein pular para todo lado, com certeza caçando os ratos que hibernavam debaixo do assoalho. Estava tensa, tanto

pelo enterro de Palo quanto pela minha primeira consulta pré-natal.

O que meus amigos tinham me falado sobre as enfermeiras, velhas e intratáveis, do serviço de saúde público me tinha deixado nervosa, mas a que eu tinha visto era uma jovem sorridente, que considerava a gravidez como a coisa mais natural do mundo e que não tinha me dado sermão sobre meu trabalho nem sobre minha intenção, admitida em um questionário da minha caderneta de maternidade, de beber uma taça de vinho, de vez em quando. Todos os meus exames estavam normais, tudo estava indo bem. Apesar de tudo, sentia-me em um estado um pouco irreal, segurando minha caderneta azul e branca, dobrada em acordeom, onde seriam anotadas, mês a mês, todas as informações sobre a transformação do meu corpo.

Pertsas, que estava sentado ao volante como se o lugar pertencesse a ele por direito, procurou uma estação de rádio, passando direto pelos programas sérios e pela música clássica, para escolher Ulmanen e Roiha, que estavam tocando um emocionante clássico para a circunstância, “*Stairway to Heaven*”.

O estacionamento da frente estava lotado e Pertsas estacionou metade do carro sobre a neve. Sempre tinha achado que a igreja de Tapiola parecia uma fortaleza gelada, à prova de demônios, na qual não dava vontade de entrar. Dessa vez, velas iluminavam as paredes de cimento e a multidão no interior aquecia o ambiente. O pessoal do comissariado estava sentado nos bancos da frente. Enfie-me entre Taskinen e Pertsas e olhei, com um pouco de curiosidade, para a grande família de Palo, do outro lado do corredor central. Quem seriam as esposas? A mais nova das filhas ainda nem ia à escola, devia ser a que estava se mexendo na primeira fila, com ar decidido a ir ver se papai realmente estava no caixão, exposto em frente ao altar.

O organista começou a tocar a abertura da “Paixão segundo São Mateus”, de Bach. Olhei para minhas mãos, pensando que preferia não me sentir tão vazia, não ter esta impressão de flutuar. Se não estivesse apertada entre dois grandalhões, teria voado do banco para o teto, cujos elementos de cimento eu teria atravessado, para me elevar acima do topo dos pinheiros, ao redor da igreja, lá onde Palo tinha me precedido. O primeiro cântico, “*Abençoei-nos e Protegei-nos*” era o mais patriótico possível. Cantei alto e um pouco falsamente. Taskinen, ao meu lado, tinha uma bela e doce voz de barítono, e até Pertsas emitia um rugido que poderia passar por um hino. Teria sido mais fácil se a oração fúnebre também fosse tão solene, se o enterro não passasse de uma cerimônia oficial insípida e majestosa a que pudéssemos assistir como a um espetáculo, sorrindo, mesmo que disfarçadamente, da atenção concedida a Palo, elevado, a contragosto, ao posto de herói. Entretanto, o pastor proferiu palavras cheias de inteligência e emoção, dirigindo-se tanto ao falecido quanto à sua família e a nós, seus colegas.

“Juhani Palo caiu, vítima do seu dever, porque ele o realizou conscienciosamente. Isso pode nos parecer incompreensível, ou até injusto. No entanto, muitos dos seus colegas, sem dúvida, experimentaram um sentimento de gratidão por não terem sido eles mesmos vítimas dessa violência. E por que não pensaríamos assim? Por que não seríamos gratos por ainda estarmos vivos?”

À minha frente, via as dobras da nuca de um oficial da polícia departamental, entre a gola de seu casaco e a linha irregular dos seus cabelos. Tentei não escutar o resto do discurso do pastor, pois minhas lágrimas caíam sem que pudesse segurá-las e uma já chegava à ponta do meu nariz. Ninguém me proibia de chorar, claro, podíamos soluçar livremente em enterros, era normal dentro da situação. Taskinen pegou um lenço no bolso e tive medo de que o entregasse a mim, mas ele enxugou o próprio nariz. Nenhum de nós olhava para os outros, nem mesmo de rabo de olho, como se tivéssemos

vergonha da nossa dor e de nosso medo de ser o próximo a estar deitado em um caixão, aonde não chegariam os soluços, disfarçados em tosse, dos colegas. A oferta de flores durou muito tempo, os pesarosos eram muitos: as ex-mulheres de Palo, que avançaram com os filhos, seis no total: uma jovem, às lágrimas, inconsolável, que deveria ser a mais velha das filhas, a que tinha perdido o bebê depois de saber da morte do pai; os irmãos e irmãs do falecido, com suas famílias; velhos companheiros de vôlei.

O chefe de polícia de Espoo, escoltado por seus assistentes, entregou a coroa oficial do comissariado e leu o epitáfio, quase presidencial. Eu tinha quase fugido de lá, mas os homens tinham insistido para que fizesse parte da delegação da brigada, com Pihko e Taskinen. Nem ouvi as palavras que meu chefe falou, de tão preocupada que estava em não desabar. Ao nos afastarmos do caixão, cumprimentamos os familiares de Palo, e percebi que me sentia culpada com relação a eles. Exceto pelo afluxo de flores, a cerimônia tinha sido simples. De música, só houve os hinos tocados pelo organista; no começo e no final, os cânticos eram impessoais. Não sabia se Palo acreditava em algum Deus, não costumávamos falar sobre essas coisas.

Em seguida, nos encontramos para uma última homenagem no restaurante do hotel, localizado ao lado da igreja, onde quase não cabíamos todos nós. Taskinen, nervoso, se preparava para fazer seu discurso. Pihko, Puupponen e outros membros da brigada saíram para beber uma cerveja no bar. Tentaram me levar com eles, mas falei que não estava com vontade no momento. Encontramos com Pertsä em um canto, perto da janela, olhando fixamente, sem dizer nada, para a superfície congelada do lago central da praça.

– Você sabe quais são os filhos de Palo? – perguntei, apontando para uma mesa, no meio da sala, onde estava pelo menos uma de suas esposas, cercada por crianças e adolescentes em luto.

O silêncio entre Pertsä e mim estava pesado demais, ele nos unia estranhamente. Fazê-lo falar era um jeito fácil de colocar um fim naquilo, pois sabia que ele logo diria alguma coisa irritante para quebrar essa estranha sensação de camaradagem.

– Espere... Os pequenos, ali, são do casamento atual. E a jovem, de uns 20 anos, é a mais velha, o barbudo deve ser o marido dela. E, merda!

Sua exclamação era sobre nosso grande chefe, que tinha encontrado um caminho até o centro da sala e, claramente, tinha intenção de fazer um discurso. Pertsä, que era um misantropo por natureza, sentia por ele uma antipatia tão grande quanto a minha.

– Os caras fizeram bem, indo tomar uma cerveja – suspirou.

O chefe se aposentaria daí a pouco mais de um ano, o nome de seu sucessor já era assunto de todo tipo de especulação. Taskinen tinha sido citado, entre outros, como possível candidato, mas sua neutralidade política colocava sua promoção em risco.

– O trabalho de policial é um nos quais o perigo é maior do que a média – declarou o chefe, como se fosse uma revelação. – Às vezes, ele exige de quem o exerce que sacrifique a própria vida. Juhani Palo se viu em uma situação perigosa e é difícil saber se ela poderia ter sido conduzida de outra maneira. Todos nós temos consciência do tamanho do sacrifício do inspetor principal Palo e...

Clichê, mais clichê e mais clichê... Fiz uma careta para Pertsä, que fez outra de volta. Felizmente, o chefe não discursou por muito tempo.

Depois dele, outro dos altos responsáveis da polícia departamental tomou a palavra e falou mais ou menos a mesma coisa, num estilo mais floreado. Eu me perguntei o que os familiares de Palo deveriam estar sentindo, ao ver sua tristeza, de certa maneira, roubada, transformada em bem

público. Não era mais um marido, um pai, ou um amigo, mas um nome em uma lista de policiais mortos no cumprimento do dever. Taskinen ainda teve que esperar para falar, porque um adolescente, que se apresentou como filho de Palo, nos agradeceu, com uma voz sufocada pelo estresse, e nos convidou para o lanche, que estava à nossa disposição. Vi o alto escalão se esgueirar para o guarda-volumes. Aparentemente, a parte oficial do funeral tinha acabado.

A filha mais nova de Palo puxou a mãe em direção ao bufê, pedindo, com uma voz clara, suco de fruta e bolo. Foi nesse momento que lembrei que ainda não tinha tido resposta do ginecologista que tinha examinado Elina no dia anterior.

– Seu celular está aqui? – perguntei a Pertsä.

Tinha deixado o meu no escritório, porque tinha certeza de que esqueceria de desligá-lo e ele começaria a tocar no meio da igreja. Pertsä me entregou o seu, sem fazer nenhuma pergunta, para minha surpresa, e fui telefonar no bar do hotel. Por azar, não consegui falar com o médico. De todo modo, deixei um recado para ele, pedindo que me ligasse no celular de Pertsä, ou no fixo do comissariado. Devia passar lá de qualquer jeito, antes de ir ao hospital de Jorvi.

Voltei ao restaurante. A família tinha acabado de se servir, era hora de os demais presentes se servirem no bufê. Pihko e Puupponen já se empurravam, mas eu não estava com fome. Quando passei perto dos próximos de Palo, sua viúva me parou com o olhar. Eu ainda tentava encontrar alguma coisa inteligente para falar, quando ela me disse:

– A senhora é a outra policial que Halttunen estava perseguindo? – Confirmei, forçando-me a enfrentar seu olhar sofrido e acusador. – Espero que continue tendo a mesma sorte.

Ela falava com uma voz grave, mas sonora, e uma mulher de uns 50 anos, sentada no canto da mesa, aparentemente a primeira esposa de Palo, se levantou e se aproximou de nós.

– Pode deixar, Eila, não vou fazer um escândalo – disse a senhora Palo número três. – Mas também não vou fingir que está tudo bem. Claro que preferia que ela tivesse sido a refém daquele homem.

Não consegui responder nada e, de qualquer maneira, não era isso que ela esperava de mim. Só balancei a cabeça, dei um sorriso vago e engoli minhas lágrimas, alguns metros à frente. Felizmente, Taskinen surgiu na minha frente e me perguntou se sua gola estava reta, pois tinha chegado a hora de ele fazer seu discurso. Arrumei o nó de sua gravata, que, por sinal, já estava impecável, como pretexto para um breve contato físico do qual nós dois estávamos precisando. Em seguida, fui até Pertsä para lhe devolver seu celular.

– Sou o comissário principal Taskinen, da brigada contra a criminalidade e os atentados às pessoas, superior direto do inspetor principal Juhani Palo. Até hoje, nenhum de nós, mesmo que um pouco doente, deixou de vir trabalhar. Que se tratasse de um começo de gripe, de uma dor de cabeça autoinfligida, ou um ombro dolorido do estande de tiro, sempre havia alguém pronto para nos dar o medicamento apropriado.

A introdução de Taskinen foi tão radicalmente diferente dos discursos precedentes que o público, com a boca cheia, de repente, fez silêncio.

– A inesgotável farmácia de Palo nos fazia dar boas risadas. Mas, ontem mesmo, precisei de um analgésico. E entendi que estava com dor de cabeça exatamente porque quem nos fornecia os remédios não estava mais lá. Mas é mais fácil falar que sentíamos falta de um medicamento do que de um homem com quem tínhamos trabalhado por mais de 10 anos.

Taskinen contou outras anedotas sobre Palo, provocando tanto risos quanto lágrimas. Eu o ouvia

falar e pensava, ao mesmo tempo, no nosso colega morto e no fato de que nunca tinha percebido, até então, a que ponto eu apreciava Taskinen. Em outras circunstâncias, poderia me sentir tentada, pela primeira vez na vida, a ter uma relação amorosa no local de trabalho. Quando ele terminou, foi cumprimentar os familiares de Palo.

– O jovem loiro também é um dos filhos dele? – perguntei a Pertsas, que ficou surpreendentemente calado, durante todo o discurso de Taskinen.

– Espere... Toni, na verdade, se chama Palo, mas, se me lembro bem, ele é de um primeiro relacionamento de Hannele, a mulher número dois. Por sinal, nem sei se ela foi realmente casada.

Nesse momento, o celular de Pertsas tocou. Felizmente, a chamada passou despercebida, em meio ao falatório geral. Ele atendeu e me passou o aparelho. Abri a porta do terraço, aonde algumas pessoas tinham ido fumar, e saí para conversar tranquilamente. O ginecologista que tinha examinado Elina parecia emocionado.

– Aquela mulher com certeza deu à luz pelo menos uma vez, mas há muito tempo.

– Há quanto tempo?

Os flocos de neve molhada se grudaram no meu rosto, como uma toalha fria. Meus seios congelaram no momento que saí no terraço.

– É difícil saber exatamente, mas diria aproximadamente 20 anos. Não há nenhuma menção em seu histórico, por isso quis pedir a opinião de um colega, antes de ligar para a senhora.

– E as cicatrizes no colo do útero?

– Foi mencionado que ela passou por uma intervenção cirúrgica ginecológica, em condições precárias, nos anos 1970. Isso pode explicá-las. Certamente por isso ela pôde fingir que nunca tinha tido um filho, mas qualquer bom médico teria percebido...

– Talvez se trate apenas de um fato que ela não quis que viesse a público. Obrigada. É possível que precisemos do seu depoimento no tribunal.

Desliguei e fiquei olhando, através da neve, as formas cúbicas do Centro Cultural, que ficava do outro lado do lago. Elina tinha tido um filho. E o que Pertsas tinha falado, há pouco, sobre o filho de Palo, o que Antti tinha falado na sauna, em Inkoo...

De repente, as peças do quebra-cabeça começaram a se encaixar, mas ainda queria dar mais uma olhada em algumas fotos de Aira e Elina, em Rosberg. Com algum esforço, consegui reconstituí-las no projetor de slides do meu cérebro. Elina, estudante do ensino médio, com ar cansado, Aira em um fundo de palmeiras. Um bando de engenheiros, girando em volta de Elina, como moscas. Claro! E Aira sabia, com certeza. Ela soube durante todos esses anos. E era por isso que ela estava protegendo o assassino de Elina. Talvez ela estivesse seriamente em perigo...

Voltei para a sala do restaurante, forçando meus pés a se moverem devagar, apesar da minha vontade de correr. Perto do bufê, encontrei Pertsas e Taskinen, a quem parabeneizei pelo discurso, antes de avisar que tinha que ir ao hospital.

– Sei quem matou Elina Rosberg e por quê – expliquei. – Primeiro, preciso fazer umas ligações e conversar com a tia dela. Em seguida, acho que terei provas suficientes para prender o assassino.

– Quando?

Não havia nenhum entusiasmo na voz de Taskinen. Durante todo esse tempo, o caso Rosberg só tinha sido, para ele, um dossiê enfadonho entre outros tantos.

– Espero que seja hoje. Vou precisar de alguém para me acompanhar.

– Presente – responderam Pertsas e Taskinen, ao mesmo tempo, e, ao invés de escolher entre eles,

combinei de encontrar com os dois, às 16h30, no comissariado.

Depois, peguei uma fatia de torta e um folhado de arroz e ovos no bufê e saí em direção à estação de táxi mais próxima, para seguir até Jorvi. Usei o celular de Pertsu, que tinha esquecido de lhe devolver, para ligar para a sede da Sociedade de Carpintaria Industrial Sahapuu, onde, depois de um momento de espanto, a exatidão das minhas informações foi confirmada. Também tive tempo de ligar para as informações internacionais, antes de chegar ao hospital. Tive que vasculhar metade do estabelecimento antes de encontrar Aira. Ela estava sentada em sua cama, folheando distraidamente uma revista. Ela já parecia menos frágil e a bandagem, em volta da sua cabeça, tinha diminuído de espessura. Ela esboçou um sorriso ao me ver.

– Inspetora chefe Kallio... Maria. Boa tarde.

– Boa tarde, Aira. Como você está?

– Melhorando, apesar de que pensar em Elina ainda é muito doloroso. Mas minhas dores de cabeça estão diminuindo.

– Você se lembrou de tudo? – Vi um raio de medo passar por seus olhos. – Não importa, na verdade. Suas lembranças antigas estão intactas, de qualquer modo. E Elina morreu por causa do passado, não foi?

– O que você sabe? – retrucou Aira.

– Muitas coisas. Mas ainda há alguns pontos que não consigo entender. Por exemplo, por que você não parou de direcionar minhas suspeitas para Joonas Kivistö? O que você tem contra ele?

Ela balançou a cabeça, como se nem ela soubesse a resposta. Talvez o tivesse simplesmente acusado porque sabia que ele era inocente e achava que isso não teria consequência.

– Por que o assassino de Elina tentou matar você? Você ameaçou contar tudo para a polícia? Porque você sabia, desde o início, do que se tratava, não é?

– Não teria dito nada. Mas ela não acreditou em mim. Ela... ela está bastante desequilibrada. Não acho que teve intenção de me matar, só me bateu no impulso do momento.

– Então, você se lembra do que aconteceu? – perguntei, de novo.

Sem olhar para mim, Aira confirmou. Propus lhe contar o que sabia dos acontecimentos, deixando que ela preenchesse as lacunas do meu relato. Queria fazer com que as coisas ficassem o mais fáceis possível para ela, por pena, pois ela sempre tinha vivido pelos outros e para os outros e, assim, quase tinha sido assassinada.

– Terei que testemunhar contra ela? – Aira se inquietou, e lhe revelei que esperava uma confissão. – Diga a ela que a perdoo. Em parte, também sou culpada do que aconteceu. Fui eu que decidi, há muito tempo, o que deveria ser feito. E, claramente, não fiz a escolha certa, tendo em vista as consequências fatais.

Então nós nos contamos juntas por que Elina tinha morrido. Tinha adivinhado os fatos, mas Aira estava mais apta a explicar os sentimentos que os tinham conduzido, por isso, deixei que ela falasse. Quando, finalmente, terminamos, seu rosto parecia feito de pedra cinza, mas seus olhos tinham reencontrado a serenidade que os habitava naturalmente quando eu a tinha visto pela primeira vez, na cozinha de Rosberg.

– Talvez eu facilite muito as coisas para você – ela murmurou. – Eles vão estar todos em Rosberg, esta noite, para preparar o enterro de Elina: Johanna, Tarja, Niina, Milla e até Joonas, se entendi direito. Vá à mansão. Vai encontrar as últimas respostas que faltam.

Dezoito

– Quer dizer, então, que você vai ter todo seu grupo de suspeitos reunidos em Rosberga? – soltou Pertsu, ao volante da viatura de polícia, tomando a estrada para Nuukio. – Parece que estamos em um daqueles policiais antigos.

– É verdade! Por sinal, talvez eu interrogue cada um mais uma vez, a começar pelo menos suspeito. O último será o assassino de Elina Rosberg.

– O babaca do Kirstilä vai estar lá também? – continuou Pertsu. – O local não é mais proibido para os homens?

– Isso não faria mais nenhum sentido, depois de todos os policiais que circularam por lá.

Na verdade, a ideia de uma grande cena de revelação não me entusiasmava em nada, mas queria esclarecer esse caso. E seria também uma coisa boa para as pessoas que estariam em Rosberga. Todos poderiam voltar a ter uma vida normal, apesar de a morte de Elina ter mudado a todos.

O portal da mansão estava novamente fechado. O controle remoto devia estar estragado, pois Tarja Kivimäki saiu da mansão para abri-lo.

– Três policiais? Espero que Aira... – ela me perguntou, antes mesmo de eu ter tempo de descer do carro.

Seu Volkswagen vermelho estava estacionado no pátio, ao lado do carro de Elina e do Volvo do pai de Niina Kuusinen – que, apesar de ter dito detestar dirigir no inverno, tinha se dado ao trabalho de vir, debaixo da neve, até Rosberga.

– Aira está bem – assegurei a Tarja Kivimäki. – Mas temos que conversar com todos vocês.

Na cozinha da mansão, o calor estava agradável. Niina, Milla e Joon Kirstilä estavam sentados à mesa. Ao nos ver, Johanna se apressou em colocar água para ferver para o chá, sem levar em conta nossa recusa. Pertsu e Taskinen tentavam manter-se distantes: sabiam que estávamos lá para prender alguém, mas deixaram a conversa por minha conta.

– Aira Rosberg mandou lembranças para todos – comecei finalmente, sem ousar olhar para ninguém. – Acabei de ter uma longa conversa com ela, e ela me confirmou o que eu já sabia: a identidade da pessoa que matou Elina Rosberg.

– Matou? Então não foi um acidente? – soltou Joon Kirstilä, com uma voz sufocada.

– Sim, de certa maneira foi. Não acho que o intuito era matá-la, pelo menos não no início. A mistura de uísque com Dormicum só tinha como objetivo deixá-la em um sono profundo. O assassino não sabia que ela estava tomando antibióticos e, menos ainda, que a eritromicina potencializa os efeitos dos soníferos e diminui a eliminação deles pelo organismo. Mas, com certeza, a ideia não era deixá-la morrer de frio, não é?

Dessa vez, ousei olhar para todos: Joon, com o rosto pálido, Niina, que brincava com os cabelos, Milla, cujos olhos desafiaram os meus, e Johanna, de repente, imóvel, com a colher de medição de chá na mão. Tarja Kivimäki falou primeiro:

– Não deu certo. Ninguém se levantou, gritando “não”.

– Então, vou ter que fazer a pergunta diretamente. Como Elina foi parar na floresta, Niina?

Ao ouvir seu nome, Niina deu um pulo, como se tivesse levado um tapa. Milla respirou fundo e se virou para olhar para ela.

– Merda! Por que você matou Elina?

Ela tinha falado com uma voz rouca, esboçando, em direção à Niina, um gesto agressivo, logo contido.

– Não tinha intenção de matá-la. Só queria que ela sofresse. Que ela sentisse frio, como eu senti por causa dela.

– Que história é essa? – reagiu Tarja Kivimäki, incrédula.

Estava aliviada por elas terem entrado na conversa. Niina falaria mais facilmente com suas amigas do que comigo.

– Elina era minha mãe – disparou. – Ela me abandonou quando nasci e fingiu não me reconhecer quando vim aqui, sendo que ela sabia perfeitamente quem eu era!

– Sua mãe? Mas você tem pelo menos 20 anos! Elina ainda era uma criança quando você nasceu – surpreendeu-se Milla.

– Ela tinha 16 anos.

Retomei a palavra, para explicar o que sabia das circunstâncias do nascimento de Niina, de acordo com o que Aira me tinha contado. Seu pai, Martti Kuusinen, trabalhava, no final dos anos 1960, para a Sahapuu, a empresa de carpintaria industrial do pai de Elina, Kurt Rosberg. Ele só tinha 25 anos e, bem novo, tinha se casado com uma colega de escola, Heidi. Kuusinen logo se tornou o favorito do patrão, que com certeza lamentava o fato de não ter tido um filho para quem deixar sua fortuna. O funcionário sempre era convidado a ir à mansão, e Elina se apaixonou loucamente por ele. Ela só tinha 15 anos, mas era muito precoce, alta e linda. Aira, que tinha voltado a Rosberga para cuidar da cunhada doente, descobriu sobre o relacionamento da sobrinha. Ela contou para seu irmão, mas o mal já estava feito. Elina estava grávida de Martti.

Certamente, ela nem sabia que estava grávida quando Aira percebeu, e já era muito tarde para pensar em um aborto. Além disso, a mulher de Martti Kuusinen também estava esperando um bebê. Kurt Rosberg, furioso, despediu o amante de sua filha. Lembrei-me de Aira, seu rosto exaurido e a voz vacilante, ao me contar sobre o nascimento de Niina e a terrível primavera que o tinha precedido. A mãe de Elina estava muito doente e Elina, terrivelmente deprimida e perturbada. Aira ainda não entendia o que a sobrinha tinha imaginado, se achou que Kuusinen se casaria com ela. Depois que seu pai o despediu, ela não lhe dirigiu mais a palavra. Aira, a única pessoa a quem ela ainda escutava, tomou as rédeas da situação e arquitetou um plano. O bebê nasceria em outubro. Elina, no final do verão, prolongaria as férias, teria o bebê no exterior e a criança seria dada para adoção.

Nesse meio tempo, Martti Kuusinen tinha encontrado um emprego no sul da França, o mesmo que ele ocupava hoje. Heidi, sua esposa, não tinha nenhuma vontade de sair da Finlândia e morar em um país cuja língua ela não falava, mas ele a convenceu a aceitar. Os dois filhos de Martti deviam, por ironia do destino, nascer aproximadamente na mesma data.

Aira não sabia muito bem o que tinha acontecido. Uma noite, ao voltar para casa, Martti Kuusinen encontrou sua mulher desmaiada em uma poça de sangue. Seu bebê, uma menina, tinha vindo ao mundo dois meses antes da hora e não tinha conseguido sobreviver. Então, Kuusinen escreveu para Aira e pediu que ela propusesse à Elina que Heidi e ele ficassem com seu bebê, como se fosse o

deles. Era uma boa solução, por um lado, e Aira convenceu a sobrinha a aceitar. Acompanhou-a até a França, no começo de outubro. Nesse ponto, a gravidez de Elina já estava bem visível e ela quase não saía mais de casa.

Os meses passados no sul da França tinham sido horríveis. O calor era sufocante, Elina oscilava a cada dia entre o amor louco e o ódio profundo por Martti. Heidi Kuusinen deveria ter tido um apoio psicológico, depois de ter perdido seu bebê e ter descoberto que uma adolescente estava grávida de seu marido. A morte do seu bebê não tinha sido declarada às autoridades finlandesas, que também não tinham nenhuma informação sobre a gravidez de Elina. A jovem não tinha ido a nenhuma consulta pré-natal. Foi por isso que Martti Kuusinen teve a ideia de dizer que ela era sua esposa, quando foram para a maternidade. Apesar de ser oito anos mais nova que Heidi, a gravidez tinha dado a Elina um ar tão adulto que ninguém suspeitou da trapaça. O médico que tinha acompanhado Heidi sabia que ela tinha perdido o bebê, mas Aira suspeitava que Kuusinen lhe tinha pago para ficar calado.

O parto tinha sido feito, a maior parte do tempo, sob o efeito de anestesia. Finalmente, foi necessário o uso de fórceps para retirar o bebê. Elina pediu para não vê-lo e pôde deixar a maternidade, no final de dois dias. Com Aira, foi a Paris, antes de voltar para a Finlândia, uma semana mais tarde. Depois das férias de Natal, ela retomou os estudos. Os Kuusinen ficaram na França e não mantiveram nenhum contato com ela.

O relato de Aira acabava aí, e eu não lhe tinha perguntado se Elina se arrependera de ter dado sua filha. Segundo ela, talvez a situação tivesse sido mais simples, se tivessem confiado a menina a pessoas completamente desconhecidas, mas, por outro lado, Martti Kuusinen era seu pai verdadeiro.

Niina me tinha escutado sem reagir, muda. Era hora de ela nos acompanhar, mas, antes que eu tivesse tempo de avisar a ela, Tarja Kivimäki perguntou:

– Quando você soube que Elina era sua mãe?

Niina se virou lentamente para ela; seus olhos estavam transbordando de lágrimas. Depois disso, a semelhança entre suas bochechas e as de Aira e de Elina era gritante.

– Mamãe... Heidi me deixou uma carta, para ser aberta depois da sua morte. Ela escreveu que, depois de ter hesitado por muito tempo, tinha finalmente decidido que eu devia saber a verdadeira identidade da minha mãe. Em que ela achava que isso poderia me ajudar? Teria preferido não saber, não saber que tinha sido abandonada quando era bebê! Talvez Heidi tenha pensado que eu choraria menos, mas estava completamente errada. Não tinha outra mãe e nunca pensei que poderia não ser filha dela...

Ela estava em prantos, mas isso não a impedia de falar. Talvez se sentisse aliviada em contar tudo, talvez precisasse que a compreendessem.

– Papai completou a história, me dando detalhes. Ele é quem entendo menos, praticamente cortei relações com ele, depois da morte de minha mãe. Ele me disse que Elina nunca retomou contato com ele depois que deixou a França, apesar de eu ser sua filha, de qualquer maneira. Como ela pôde fazer isso?

– Ela tinha 16 anos quando você nasceu. Não tinha nenhuma condição de criá-la – observou Tarja Kivimäki.

– Por que não? A família dela era rica, eles poderiam contratar uma enfermeira, se Elina quisesse continuar seus estudos. Ela não me quis, foi por isso que me abandonou.

– Foi isso que Elina lhe disse? – Joonas Kirstilä tinha ficado sentado todo esse tempo, petrificado.

– Ela me contou outra coisa bem diferente. Ela reclamou que não a deixaram ficar com o bebê, que ela não pôde decidir nada nessa história.

– Você sabia? – Niina e eu perguntamos, ao mesmo tempo.

– Não que era você. Achei que fosse a Milla... – ele deu uma olhada para a dançarina, um pequeno sorriso abriu em seus lábios. – Elina só me disse que ela tinha tido um bebê, quando era muito nova, e que ele tinha sido adotado.

– Lógico! Ficaria surpresa se ela falasse sobre mim – bradou Niina. – Durante anos, me perguntei se queria conhecer uma mulher que não se interessava em nada por mim. Com certeza, tinha ficado sabendo da morte de Heidi, seu obituário tinha sido publicado em pelo menos dois grandes jornais. Não teria sido uma boa hora para me procurar? Mas ela não veio.

A raiva em sua voz me apertava o coração. Tinha certeza de que a história, do ponto de vista de Elina, era bem diferente. Talvez ela pensasse que seria melhor não perturbar a vida de Niina.

– No final, acabei decidindo encontrá-la. No outono, eu me inscrevi no treinamento de autodefesa intelectual, em Rosberga. Quando lhe disse meu nome, ela não teve nenhuma reação. Para ela, eu não passava de uma mais uma cliente.

– Niina Kuusinen é um nome bastante comum – interveio Tarja Kivimäki. – E Elina não sabia, necessariamente, que lhe tinham dado o nome de Niina.

– Claro, seu interesse por mim não chegava nem mesmo a esse ponto. Durante o treinamento, mal tivemos tempo de nos conhecer. No entanto, ela me pareceu simpática à primeira vista, e a escolhi como psicoterapeuta. Nossa primeira sessão foi no começo de dezembro. Não houve muitas outras, só tínhamos consultas uma vez por semana. Desde o início lhe contei muita coisa sobre meus pais, para que ela não suspeitasse de quem eu era. Mas ela não dizia nada, só ficava lá, sentada, escutando, dá para acreditar?

– Pense um pouco! Ela era uma profissional. Viu que você estava delirante e que só pioraria as coisas se lhe contasse que, na verdade, era sua mãe. Foi você que começou com os segredos – Milla estava cheia de rancor. – Por que não lhe disse que sabia? Foi no Natal que você veio lavar a roupa suja, foi por isso que você veio?

O rosto de Niina estava inexpressivo, as lágrimas tinham ocultado nele qualquer emoção.

– No dia seguinte ao Natal, sim. No começo da noite, disse-lhe que precisava conversar com ela. Ela me olhou com um ar engraçado e só respondeu “É mesmo?”. Mas não estava disponível no momento, ia encontrar-se com Joonas Kirstilä. Fiquei com ódio. Com certeza, ela sabia o que eu tinha para falar, mas não queria me escutar! Tinha comprado uma garrafa de Laphroaig, porque a tinha ouvido falar com alguém, sem dúvida com você, Milla, que era o seu favorito. Amassei um comprimido de Dormicum e o dissolvi em um pouco de água. Não sabia exatamente o que ia fazer. Só queria mostrar à Elina que era eu capaz de matá-la – se quisesse. Mas com uma dose tão pequena, ela não corria risco de morrer.

Suas lágrimas tinham secado, e foi com uma voz firme que ela contou que, assim que o filme na televisão acabou, ela foi ao quarto de Elina, que já estava de camisola. Elas só tinham trocado algumas palavras quando Joonas ligou. Enquanto Elina atendeu ao telefone, Niina lhe serviu um copo de uísque.

– Ela o bebeu de um gole, depois de desligar o telefone. Certamente, precisava de coragem, e foi por isso que não percebeu que havia outra coisa lá, além do uísque. Entrei em pânico. Sabia que os remédios faziam efeito rapidamente. Falei... Falei com Elina que sabia que ela era minha mãe. Então,

saí correndo do quarto e da mansão, pela porta de trás, que dá para os campos. Não aguentava mais ficar neste lugar.

Elina a seguiu, descalça e sem casaco. Niina, que tinha saído um pouco à frente dela, distanciou-se ao chegar à floresta. Continuou a correr na noite gelada e, quando voltou a Rosberga, meia hora depois, dessa vez, pela porta principal, pensou que Elina já tivesse voltado. Voltou ao seu quarto e esperou, em vão, que ela fosse procurá-la.

– Por que você não nos acordou, sua idiota? – praguejou Milla.

Niina ficou calada e, sem dúvida, não havia o que dizer. Nunca saberíamos o que realmente tinha acontecido, como Elina tinha chegado lá, onde foi encontrada. Talvez ela tenha sentido o efeito brutal dos medicamentos e não teve mais condição de andar. Eu não quis pensar no frio que a envolvia, nem no que devia estar passando por sua cabeça, enquanto corria atrás de Niina, naquela noite de inverno. De qualquer jeito, parecia claro que a filha não tinha tido intenção de matá-la. Ela seria acusada, na pior das hipóteses, por não prestar socorro a alguém em perigo, e pelo ataque ou atentado de homicídio de Aira. Naquele dia, Aira lhe tinha telefonado e pedido que fosse a Rosberga. Queria lhe dizer que sabia de tudo e que queria ajudá-la, não denunciá-la, mas, antes que tivesse tempo de falar, Niina, que esperava por ela no portal, a atacou com a estátua de urso – sem ter planejado nada, assegurava ela. Só queria ganhar tempo.

– Acho que temos que ir – Taskinen finalmente disse. – A senhorita Kuusinen vai nos acompanhar, e ainda vamos interrogar todos vocês, em seguida.

– Vão me levar para a prisão? – perguntou Niina, com uma voz apagada.

Como ficamos em silêncio, ela voltou a soluçar. Pertsä olhou para Taskinen, sem graça. Andei em direção a ela, mas Johanna, que, até então, não tinha dito uma palavra, foi mais rápida do que eu. Passou o braço ao redor dos ombros de Niina e a confortou, falando com ela como se fosse uma criança. Em alguns minutos, ela tinha se acalmado o bastante para que pudéssemos lhe pedir para juntar suas coisas e nos seguir. Tarja lhe prometeu arranjar um advogado, Milla e Joona nos fizeram prometer que não seria maltratada.

Niina ficou calada, mal respondendo ao adeus dos outros, e se sentou ao meu lado no carro. Não sabia o que pensar dela, na verdade. De onde vinha esse terrível ódio a Elina? Não seria só uma defesa, com a qual ela tentava explicar os próprios atos?

O trânsito no cruzamento da estrada de Nuuksio estava intenso e tivemos que esperar para virar à esquerda. Niina se aproveitou da situação. Não tinha colocado o cinto de segurança e, num piscar de olhos, fugiu do carro e correu em direção ao lago Pitkäjärvi.

Taskinen e eu éramos corredores treinados, que não teríamos nenhuma dificuldade em pegá-la, mas nossas roupas nos atrapalhavam. Eu ainda estava com o vestido justo do enterro debaixo do casaco logo de inverno. Taskinen, por sua vez, estava calçado com sapatos de solas lisas, próprios só para o verão. Logo de saída, ele perdeu o equilíbrio e escorregou bonito até o meio da estrada. Quando finalmente conseguimos pegar um ritmo, Niina já estava longe, no lago gelado.

Atrás de nós, ouvimos Pertsä gritar alguma coisa e dar partida no carro. Aparentemente, ele pretendia pegar Niina do outro lado. Esperei que ele também tivesse tido a boa ideia de pedir reforços. Correndo, subi o vestido até minhas coxas. Ajudei Taskinen, que tinha caído de novo. Agora, Niina era só uma pequena silhueta, perdida na escuridão.

– O que ela acha que vai ganhar, fugindo por ali? Isso não leva a nenhum lugar – bufei para Taskinen.

– Certamente, ela nem pensou. Talvez ache que pode nos despistar na escuridão. Caramba! – grunhiu, quase torcendo o tornozelo em um buraco na floresta. – Espero que pelo menos não haja aberturas no gelo!

As luzes da margem do lago agora delineavam exatamente a sombra de Niina. Ela tinha diminuído a velocidade, andava com passos rápidos, como se procurasse um lugar seguro para subir à margem. O celular de Taskinen tocou, no bolso de seu casaco. Era Pertsas, que tinha descido sobre o gelo, um pouco antes de Solvalla, e tinha pedido reforços. De repente, na curva de uma enseada do lago, bem atrás de Niina, vimos a luz de sua lanterna.

– Estamos vendo você e Kuuninen – disse Taskinen, ofegante, ao telefone. – Vá com calma, essa garota não é perigosa. O mais importante é pegá-la, antes que faça uma besteira.

O gelo sob mim estalou, num sinal de mau agouro. Dei um pulo. A essa época do ano, era para acreditar que ele estaria suficientemente grosso, e não duvidei, por um momento, da sua solidez. Niina já podia nos ouvir.

– Espere! – gritei para ela. – Não piore sua situação! Fugir não resolve nada!

Nada, nada, nada... me respondeu o eco, enviado pelos rochedos da margem oposta. Niina viu que estávamos perto, assim como Pertsas, e olhou à sua volta, em pânico. A poucos metros, no meio do lago, em frente a Taskinen e a mim, uma cratera negra abria-se no gelo. Alguém tinha feito uma piscina no lago. Eu já estava tão perto que vi a expressão no rosto de Niina quando ela avançou em direção ao buraco.

– Não! – gritei, saindo correndo, ao mesmo tempo que Taskinen, que novamente escorregou e se esborrachou no chão.

Tive tempo de ver, com o rabo do olho, o sangue escorrer de seu lábio inferior, que ele mordeu ao cair, mas não tive tempo de socorrê-lo, pois Niina não tinha hesitado em pular na água. Sobre o buraco, havia uma fina cobertura de cristal de gelo, cuja fissura provocou um estalo que quebrou o silêncio, no momento exato do barulho ensurdecedor de seu mergulho. Pertsas, que chegava às pressas, da direção oposta, veio até à borda do buraco, ao mesmo instante do que eu.

Niina voltou à superfície, perdendo o fôlego, sua boca instintivamente inspirou uma pequena quantidade de ar, mas sua cabeça logo voltou para debaixo d'água. Se ela nadasse para debaixo do gelo, estaria perdida. Comecei a tirar minhas roupas, pronta para segui-la.

– Pare, está louca? – berrou Pertsas, rastejando até mim, e me afastou da beirada com tanta violência, que deslizei vários metros.

Ele pulou na água, sem perder tempo em tirar outra peça de roupa a não ser o casaco. De novo, me arrastei até o buraco, consciente da presença de Taskinen ao meu lado. Ainda ao longe, passos se aproximavam correndo. A cabeça de Pertsas surgiu, no meio da cratera, vermelha de dar medo.

– Peguei-a – disse, arfando.

Consegui segurar os punhos de Niina, mas, ao invés de subir, ela tentou me puxar para as profundezas do lago. Seus olhos amendoados me encaravam, tão vidrados quanto os de Halttunen. Seu corpo inerte, pesado por causa da água, parecia uma pedra, e ela apertava meus pulsos com seus dedos frios e unhas penetrantes. O gelo estalava debaixo de mim, agitado pelo movimento da água. Percebi que gritei ao me sentir caindo. Minhas mangas já estavam molhadas, meu corpo balançava com as ondas ameaçadoras.

As mãos de Taskinen me seguraram pelos tornozelos e me puxaram lentamente para trás. Tossindo e bufando, Pertsas empurrou para fora Niina, que ainda esperneava. Seus longos cabelos pretos

tocaram meu rosto, como tentáculos glaciais de polvo, enquanto eu me agarrava a seus pulsos magros, incapaz de fazer outra coisa.

Quando Taskinen subiu até onde estávamos para agarrar Niina pelas axilas, ela já estava dura de frio, sem condição de se debater. Pertsä, que tinha, apesar de tudo, conseguido voltar para cima do gelo, não estava muito melhor. Felizmente, não estávamos mais sozinhos. De uma casa vizinha, alguém corria para nos ajudar, e patrulhas de polícia vinham em nossa direção.

– Chamem uma ambulância! – gritou Taskinen.

Sua boca ainda sangrava; ele tirou o casaco e embrulhou Niina, que soluçava terrivelmente. Pertsä levantava os pés alternadamente, como se temesse fundir-se ao local. Quase dei meu casaco para ele, mas de que adiantaria? Estava molhado e era pequeno demais.

Ficamos lá, tremendo por uma eternidade, enquanto nossos colegas foram buscar no carro cobertas para Pertsä e Niina, incapaz de se mexer, para, só aí, levá-la até a casa mais próxima, para esperar pela ambulância. Pertsä, que tinha se livrado das roupas molhadas e vestido um uniforme emprestado de um policial bem menor do que ele, teimou que não precisava de médico, mas sim de um bom gole e de uma cabeça de alho inteira. Diante de sua recusa em acompanhar Niina ao hospital de Jorvi, Taskinen e eu o levamos até a sua casa, em Olari.

– Obrigada, Pertsä! – fui forçada a lhe dizer, quando ele desceu do carro.

Ao me preparar para pular no lago, atrás de Niina, tinha esquecido que estava grávida. Ele é que tinha pensado nisso. E havia poucas atividades realmente contraindicadas, em caso de gravidez, mas a natação de inverno com certeza era uma delas, principalmente sem treinamento.

– Já passou da hora de você aprender a pensar antes de agir – ele respondeu, ainda batendo os dentes, com um tom bem menos sarcástico do que o seu normal.

Nossa conversa deixou Taskinen intrigado, mas, felizmente, ao me acompanhar até minha casa, se absteve de fazer qualquer pergunta inútil. Apesar do aquecimento no máximo, e sem ter sequer tomado o banho de Niina e Pertsä, estava tão congelada que fiquei imaginando se derreteria um dia.

Dezenove

No dia seguinte, voltei à cabeceira de Aira, em Jorvi. Tinha visto Niina rapidamente de manhã, pois ainda havia algumas lacunas em seu relato da noite de 26 de dezembro. Ela estava sob o efeito de tranquilizantes, mas tinha conseguido falar comigo por cinco minutos, antes de cair em um meio sono. Tinha sido o suficiente.

– Será que eles me deixariam ver Niina também? – perguntou Aira. – Quanto tempo ela vai ficar aqui?

– Alguns dias. E você?

– Com certeza, vou poder voltar para casa amanhã. Você vai ao funeral de Elina, no sábado?

– Claro que sim – prometi, mesmo que dois enterros em uma mesma semana fossem demais para o meu gosto.

Nesse meio tempo, Johanna empurrou a porta do quarto, com um buquê de rosas cor de chá nas mãos. Usava um vestido novo, com flores vermelhas, um colete de lã no mesmo tom, e seus lábios brilhavam com um leve toque de cor artificial. Quando toda a timidez desaparecesse de seus olhos, ficaria magnífica. Ela nos cumprimentou e ouviu as notícias sobre Niina. Quando lhe contei como a véspera tinha terminado, ela ficou bastante emocionada.

– Você pensou na minha proposta? – perguntou Aira, em seguida.

– Pensei, é uma ótima ideia. Ainda preciso perguntar às crianças o que elas acham, mas não vejo por que recusariam. Elas certamente adorariam morar em Rosberga.

– Você pretende morar em Rosberga com seus filhos? Que boa ideia! – disse, aliviada, pois eu também, além de tudo, estava tentando encontrar uma casa para a penca.

Tinha contado para minha amiga Leena tudo que Minna e eu tínhamos visto em Karhumaa, e ela tinha dado uma dura em Leevi Sântti. Não ia mais haver processo sobre a guarda das crianças e todos que quisessem iriam morar com a mãe.

– Já estava passando da hora de termos gente jovem em Rosberga. Johanna e eu encontraremos tempo para levá-los à escola e aos outros lugares – disse Aira, feliz.

Eu já podia vê-la tomando conta dos pequenos Sântti, continuando a sua vida em prol dos outros. E por que não? Afinal, havia destinos piores. Aira prometeu também fazer o possível para ajudar Niina e já tinha pedido ao advogado da família para cuidar de sua defesa e reconhecê-la como filha de Elina Rosberg. A lei não a autorizaria a herdar nada da mãe, tendo em vista que Niina tinha causado a sua morte, mas talvez o mesmo não acontecesse quando Aira viesse a falecer. Não queria jogar um balde de água fria nas esperanças dela com relação a Niina. À primeira vista, ela ainda precisaria de cuidados por um longo tempo. Era difícil saber, no final das contas, quais seriam as acusações feitas contra ela, já que o caso era mais complexo do que se tinha imaginado.

Na recepção, liguei do meu celular para Kari Hanninen.

– Ah, bom dia! – ele exclamou, alegre. – Ia exatamente lhe telefonar para avisar que seu mapa astral está pronto.

– Posso ir buscá-lo agora mesmo, se não for incomodar.

– Acabei de me levantar, mas venha. Ficarei feliz em ter companhia para o café da manhã.

O apartamento de Hanninen, em Lauttasaari, cheirava a pão fresco e café com leite. Ele tinha vestido um jeans e uma camisa de flanela sem, contudo, abotoá-la. Seus olhos estavam visivelmente mais descansados do que os meus, que, como pude constatar no espelho do elevador, estavam envoltos por meias-luas escuras. Ele tirou croissants do forno e se serviu meio litro de café com leite, que bebeu enquanto me explicava o significado do meu mapa astral, aberto sobre a mesa. O mapa estava acompanhado de várias páginas de texto, mas ele parecia ter prazer em me mostrar meu temperamento profundo e o destino que a vida reservava para mim. Arregalei os olhos, quando ele me contou sobre uma grande mudança prevista para agosto, sobre a qual ele, felizmente, não me deu mais detalhes.

Hanninen era, sem dúvida, convincente. Quando revelou que eu tinha tendência a agir primeiro e pensar depois, lembrei-me das palavras de Pertsa, na véspera. Admiti também ter uma inclinação para a solidão, mas também me interessava pela vida e pelos sentimentos dos outros. Havia, afinal, alguma coisa no discurso de Hanninen que ele não poderia ter deduzido dos nossos encontros?

– Não é fácil conviver com a senhora. A senhora não consegue se adaptar aos outros, nem viver no ritmo deles, teima em fazer seu próprio caminho.

– Então não seria uma boa mãe? – perguntei, com um ar falsamente ingênuo.

– Não seria tão categórico. Talvez seja o compromisso que a maternidade exige, mais do que ela em si, que não seria fácil.

– Acha que uma mãe ruim pode estragar completamente a vida de seu filho?

– No que está pensando? – havia cautela na voz de Hanninen.

– Em várias coisas... em Niina Kuusinen, por exemplo.

– Por que nela? A mãe dela não era uma mãe ruim, apesar de ela ter sido, com certeza, protetora demais. Niina não conseguiu nunca se emancipar verdadeiramente.

– Não estava falando de Heidi Kuusinen, mas da sua verdadeira mãe, Elina Rosberg. O senhor sabia, não? Desde os anos 1970, ou foi Niina que lhe contou?

Ele não respondeu, mas começou a abotoar a camisa, com um gesto mecânico.

– Prendemos Niina ontem. Ela nos contou o que aconteceu em Rosberga, na noite de 26 de dezembro. Parabéns pela brilhante manipulação. Conseguiu reforçar sua neurose, com relação à mãe, no papel de seu terapeuta. Aonde queria chegar?

Hanninen olhou diretamente em meus olhos, de novo seguro de si.

– Então foi isso que Niina disse? Esse é exatamente o problema dela, sempre joga a responsabilidade de tudo nos outros, seja nos pais, ou nos demais. Ela quer, sem dúvida, que eu seja seu bode expiatório. É comum em uma relação entre um psicólogo e seu paciente. Ela transfere para mim o ódio que tinha de Elina.

– Apesar de tudo, o senhor é moralmente responsável pelo que ela fez. Com certeza, alimentou o ódio dela a fim de se vingar da sua colega. Os jornais sensacionalistas adorariam a revelação da existência de uma filha ocultada de uma psicoterapeuta feminista.

– Moralmente responsável... É um conceito que deve ser manipulado com cuidado, acredite em mim. – Hanninen se sentia novamente confiante, seu sorriso voltou a ficar conquistador. – A senhora deveria pensar duas vezes nessas questões de responsabilidade moral, antes de vir me acusar.

Ele se levantou, foi buscar um cigarro e um isqueiro, abriu a janela e acomodou-se no parapeito.

Apesar de ele ter tentado soprar com cuidado a fumaça para o exterior, o cheiro agrediu minhas narinas – sem contar que foi o suficiente para que meus cabelos ficassem com aquele cheiro horrível o resto do dia.

– Mas, no que diz respeito à morte de Elina, não se trata só de responsabilidade moral. Depois de ouvir o relato de Niina, eu me perguntei como Elina teria chegado à beirada daquela pista de esqui, sendo que nem uma, nem a outra tinha vagado por aquele lado. E de onde tinham vindo os machucados nas suas costas? Niina ligou para você, quando chegou à mansão. – Hanninen tentou negar, mas o interrompi. – Essa manhã, consegui o registro de ligações dela. O senhor foi a Rosberga. Talvez tenha encontrado Elina, na beirada da estrada, inconsciente e gelada, e pensou que matá-la seria a melhor maneira de vingar-se dos problemas que ela lhe causou. O senhor a arrastou pela floresta e a deixou morrer, e poderia deixar Niina levar a culpa sozinha.

Hanninen jogou a guimba pela janela, antes de responder, com um tom arrependido e piedoso.

– A senhora realmente precisa de descanso. Não tenho nada a ver com a morte de Elina.

– Como o senhor explica, então, o seu carro ter sido visto à 1h30 da manhã, na estrada de Nuuksio, na noite de 26 para 27? Nada mais marcante do que um Chevrolet vermelho antigo. Acontece que o jovem que o viu é um apaixonado por carros; ele tem absoluta certeza do modelo e do número da placa, que é particularmente fácil de guardar.

O Chevy de Kari Hanninen, registrado novamente alguns anos antes, ostentava a surpreendente placa KAR-199. Não esperava que confessasse e, realmente, ele não fez nada. Só declarou, sorrindo, que atravessar Nuuksio, de carro, não era crime e que eu não tinha provas suficientes para acusá-lo fosse do que fosse.

– Encontraremos, pode acreditar – retruquei, como despedida.

Eu me esforçava para me convencer daquilo, pois, de outra maneira, nem meu trabalho nem meu mundo fariam algum sentido. No estado de confusão em que estava, achei melhor não dirigir imediatamente e andei, sem rumo, pelas ruas de Lauttasaari. Ao passar por uma mulher que empurrava, com o rosto franzido, um carrinho de bebê, onde berrava uma criança de dois anos, me perguntei o que poderia levar uma pessoa a se transformar em um Halttunen ou um Hanninen. O horóscopo feito por ele, sem dúvida, estava certo. Para mim não seria fácil ser mãe. Frequentemente, penetrava tão profundamente na vida dos outros, que negligenciava a minha própria. Estava grávida só há 10 semanas, não era muito tarde para interromper a gravidez. Dando de ombros, espantei a ideia da minha mente: só via nisso uma piada de mau gosto. Tinha de fazer um esforço, aprender com meus encontros com as Millas e as Niinas, pelo menos, a evitar os erros de que tinha sido testemunha. Mesmo sabendo que não teria sucesso, que com certeza cometeria erros cujas consequências só apareceriam no final de dezenas de anos, começava a me preparar para enfrentar o desafio.

Cheguei a uma praça onde crianças, com gritos de alegria, desciam de bumbum uma rampa congelada. Olhei para elas por um momento, tentando desenhar em minha mente o rosto em que eu poderia, dentro de alguns anos, contemplar a felicidade. Então, liguei para Antti, na universidade.

– Sou eu. Vamos almoçar?

– Que prazer! Em quanto tempo?

– Em quinze minutos, se conseguir estacionar. Subo para buscar você no escritório?

Voltei para o meu Fiat e me enfiei no fluxo do trânsito. O sol de inverno enchia o mundo de luz, sugerindo que em alguns meses seu calor espantaria a neve. Ao passar em frente dos antigos

armazéns que abrigavam a Casa dos Jovens e da Cultura, liguei o rádio. Os punks da banda Kollaa Kestää cantavam “Adeus às Armas”:

*Hoje quero me levantar,
sair a conhecer o mundo,
seguir meu próprio caminho,
ver o que há do lado de lá dos muros.*

Juntei-me a eles, cantando alto o refrão, decidida a acreditar na sua letra, pelo menos pelo resto do dia.

Títulos da Vestígio

.....

SETE DIAS EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque

Algumas garotas escondem terríveis segredos...

Tradução: Fernando Scheibe

MEU PRIMEIRO ASSASSINATO | Leena Lehtolainen

Uma estreia de tirar o fôlego para Maria Kallio...

Tradução: Salma Saad

OS SETE CRIMES DE ROMA | Guillaume Prévost

Roma, 1514. Leonardo da Vinci conduz a investigação...

Tradução: Fernando Scheibe

A FERA INTERIOR | Lotte & Søren Hammer

Podemos fazer justiça com as próprias mãos?

Tradução: Márcia Guimarães

ESTAVA ESCRITO | Gunnar Staalesen

O que realmente sabemos sobre nossos filhos?

Tradução: Elisa Nazarian

NA MENTE, O VENENO | Andrea H. Japp

Diane Silver inicia sua caça ao serial killer...

Tradução: Vinicius Carneiro

VESTIDO DE NOIVO | Pierre Lemaitre

Ninguém está a salvo da loucura...

Tradução: Zéfere

ASSASSINATO NA TORRE EIFFEL | Claude Izner

Crimes em série transformam livreiro em detetive

Tradução: Elisa Nazarian

UM OUTONO EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque

Alguns garotos nunca perdoam...

Tradução: Fernando Scheibe

MULHER DE NEVE | Leena Lehtolainen

Tensão e ameaças na nova investigação de Maria Kallio

Tradução: Ana Carolina Oliveira

Copyright © Leena Lehtolainen, 1996

Edição original publicada por Tammi Publishers

Edição em português publicada mediante acordo com Tammi Publishers, Elina Ahlback Literary Agency, Helsinki, Finland, & Vikings of Brazil Agência Literária e de Tradução Ltda., São Paulo, Brazil.

© 2014 Editora Nemo/Vestígio

Título original: *Luminainen*

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

DIRETOR DA COLEÇÃO

Arnaud Vin

REVISÃO

Amanda Pavani

Eduardo Soares

CAPA

Alberto Bittencourt

(Sobre imagem de Istockphoto/Marina_Ph)

DIAGRAMAÇÃO

Danilo Jorge da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Lehtolainen, Leena

Mulher de neve : Tensão e ameaças na nova investigação de Maria Kallio / Leena Lehtolainen; tradução Ana Carolina Oliveira. -- Belo Horizonte : Vestígio, 2014.

Título original: *Luminainen*

ISBN 978-85-8286-095-3

1. Ficção finlandesa I. Título.

14-02356 CDD-894.541

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura finlandesa 894.541

A Vestígio é uma editora do Grupo Autêntica

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034-4468

Belo Horizonte
Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214-5700

Televentas: 0800 283 13 22
www.editoravestigio.com.br